



Eddie Van Feu

Alcateia

SOL NEGRO



Alcateia
Sol Negro

Eddie Van Feu

Alcateia: Sol Negro

Eddie Van Feu

Copyright © 2018

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma, ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto em casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

Direitos reservados

Editora Linhas Tortas

Rua Engenheiro Adel, 83/102

Rio de Janeiro - CEP: 20260-210

Tel: (21) 3872-4971

Endereço Eletrônico: *linhastortas@alcateia.com*

Site: www.linhastortas.com

Conselho Editorial:

Renato Rodrigues

Luciana Werneck

Ricky Nobre

Revisão: Josephine Samuelle

Capa: Carolina Mylius

Visite nosso endereço no outro plano (o virtual): www.linhastortas.com

Inscriva-se na nossa mailing para receber capítulos, curiosidades e novidades:

www.circulodefantasia.com

Conteúdo

[Capítulo 1](#)

[Naquele Quarto Frio](#)

[Capítulo 2](#)

[Uma Ausência Entre Nós](#)

[Capítulo 3](#)

[Na Escuridão do Calabouço](#)

[Capítulo 4](#)

[A Inesperada Companhia na Solidão](#)

[– Você sente que quebraram algo dentro de você e acredita que nunca mais se sentirá inteiro de novo. Mas não é verdade. Essa dor irá passar, como tudo passa na vida. Talvez demore, mas você vai se reerguer. Só precisa se afastar dessa melancolia que o puxa para baixo e compreender que há muito pelo que vale a pena viver.](#)

[Capítulo 5](#)

[Há 26 Anos...](#)

[Capítulo 6](#)

[Luto, Tristeza e uma Dose de Vingança](#)

[Capítulo 7](#)

[Crime e Castigo](#)

[Capítulo 8](#)

[Melhores Amigos](#)

[Capítulo 9](#)

[O Outro Lado do Rio](#)

[Capítulo 10](#)

[O Concílio das Lamentações](#)

[Capítulo 11](#)

[O Visitante da Noite](#)

[Capítulo 12](#)

[A Decisão](#)

[Capítulo 13](#)

[Diante do Rei](#)

[Capítulo 14](#)

[Mel, Flores e Nozes](#)

[Capítulo 15](#)

[Embate entre Irmãos](#)

[Capítulo 16](#)

[Uma Fada Triste por Companhia](#)

[Capítulo 17](#)

[Protegendo a Cidade](#)

[Capítulo 18](#)

[Escura Noite](#)

[Capítulo 19](#)

[Garras Negras](#)

[Capítulo 20](#)

[Inimigos nas Sombras](#)

[Capítulo 21](#)

[Cobras no Jardim](#)

[Capítulo 22](#)

[O Refúgio](#)

[Capítulo 24](#)

[Dança com o Sol, Dança com a Lua](#)

[Capítulo 25](#)

[A Batalha](#)

[Capítulo 26](#)

[À Traição](#)

[Capítulo 27](#)

[Corpos que Caem](#)

[Capítulo 28](#)

[Em Pedacos](#)

[Capítulo 29](#)

[A Bruxa de Gévaudan](#)

[Capítulo 30](#)

[A Floresta de Lors](#)

[Capítulo 31](#)

[No Castelo das Vertentes](#)

[Capítulo 32](#)

[Uma Teoria Assustadora](#)

[Capítulo 33](#)

[Insanos](#)

[Capítulo 34](#)

[Um Chocolate Quente](#)

[Capítulo 35](#)

[Os Últimos Minutos do Dia](#)

[Capítulo 36](#)

[Vivendo no Abandono](#)

[Capítulo 38](#)

[O Lenço Vermelho](#)

[Capítulo 39](#)

[Confronto na Praça das Roseiras](#)

[Capítulo 40](#)

[A Hora da Verdade](#)

[Capítulo 41](#)

[A Coroa aos Seus Pés](#)

[Capítulo 43](#)

[A Última Noite](#)

[Capítulo 44](#)

[A Carta de Selo Rubro](#)

[Capítulo 45](#)

[A Paz é um Cristal Frágil](#)

Capítulo 1

Naquele Quarto Frio

Houve aquele momento que definiu que nada mais seria como antes.

Todos possuem esse momento. O momento em que você olhou nos olhos da pessoa amada pela primeira vez. O momento em que você descobriu o que queria fazer pelo resto da sua vida. O momento em que você se admirou consigo mesmo ao ir mais longe do que achou que seria capaz. O momento que você percebeu que seria o último. O momento em que seu medo foi maior do que você e engoliu todos os seus sonhos...

Para Philippe, o momento exato foi quando presas afiadas se fincaram em sua carne e seu sangue começou a se esvaír. Antes disso, ainda tinha chance, ainda podia lutar, ainda podia esperar que alguém aparecesse e os impedisse. Porém, quando sentiu aquelas presas rasgando sua carne, quando sentiu várias bocas famintas sugando seu sangue enquanto seu coração batia rápido em desespero, foi ali que percebeu que tudo mudaria. Viu em vívida lembrança as poucas pessoas que amou profundamente em sua curta vida. Elle. Diderot. Emily. Celine.

Prateada...

Sentiu as lágrimas quentes rolando pelo rosto e parou de resistir. Tudo começou a escurecer. Agarrou-se à imagem dela, de sua bela Prateada. Sua amiga. Sua companheira. Sua cúmplice. Seu mundo inteiro. Ausentou-se da dor

e abandonou-se naquele indigno fim que seu pior inimigo lhe proporcionou. Ravin finalmente conseguira destruí-lo.

Prateada não tinha a menor ideia de como chegara ali. Estava diante de uma grande casa com duas imensas árvores diante de sua entrada. Olhou em volta, confusa, sentindo-se num sonho desconfortavelmente real. Nunca tinha estado ali antes, então, por que aquele lugar lhe parecia familiar?

Queria virar as costas e ir embora dali. Olhava para aquela casa e a via se contorcendo em dor, em sonhos perdidos e perdas irreparáveis. Suas janelas, como olhos, choravam sangue. Suas portas gritavam pela noite, assustando pássaros negros que voavam das árvores.

Mesmo sabendo que aquele lugar era feito de dor, sabia que precisava entrar. E rápido. Com uma urgência que não compreendia, abriu a porta e subiu as longas escadarias correndo, a camisola branca flutuando fantasmagoricamente junto com seus cabelos claros como prata. Correu pelos corredores de tapetes vermelhos e viu que as paredes choravam sangue. Foi até uma porta de madeira grande e brilhante e a empurrou.

Perplexa pelo que via, deu lentos passos para dentro do aposento.

Sobre uma grande cama de lençóis brancos, viu Philippe cercado por cinco pessoas que ela nunca vira e uma que ela reconhecera imediatamente.

– Michel? – chamou ela, se aproximando dele. – O que está fazendo?

O homem que lhe mostrara inocentes truques de magia no Château das Vertentes há menos de um ano não parecia se dar conta de sua presença. Um momento do passado brilhou diante dela, transportando-a para uma noite em que um charmoso desconhecido se apresentou a ela e Philippe, brindando-os com truques e histórias. Ele parecia um amigo, embora seus olhos refletissem um perigo sutil. De volta ao quarto, Prateada gritou pelo nome de Michel, mas ele continuava entretido com o que estava fazendo.

Ela viu Philippe nas mãos deles, mãos que se transformavam em garras. Viu seus rostos se transformarem em carrancas de dentes pontiagudos, presas que se fincavam na carne trêmula do rapaz que não tinha defesa.

Prateada sabia o que ele estava pensando, sabia que ele estava com medo. E sabia que ele estava pensando nela, com imensa dor e saudade, pois sabia que aquele era o fim para ele.

– Parem! Parem agora! – gritou ela, desesperada, sem ser ouvida.

Um vento frio e forte abriu a janela, tornando o aposento ainda mais gelado. Prateada gritou com todo o seu fôlego, mas sua voz já não saía, afogada

pelas próprias lágrimas, enquanto via a poucos centímetros dela seis vampiros sugarem o sangue de Philippe, enquanto lembranças doces enchiam de tristeza seu coração com um sabor de adeus e nunca mais. O toque de seus lábios, o som de sua risada, o carinho de seu abraço, o calor de seu beijo, os sonhos que construíram juntos, a dança que era só deles... E tudo se partia e se despedia naquele quarto frio...

Prateada acordou gritando em seu quarto no Château das Letras. Andersen e Marianne entraram correndo. Havia velas que tremulavam e criavam sombras no aposento. Marianne acendeu uma lamparina para iluminar ainda mais o quarto onde a moça dormia sozinha. Ela estava soluçando e chorando como uma criança e eles não entendiam o que ela estava dizendo.

– Eles o estão machucando! Ele estava tão assustado, Marianne, ele estava tão assustado! Eles vão matá-lo! Ele está morrendo! Ele está morrendo!

– Ele quem, Prateada?

– Philippe! Eles o estão ferindo, estão acabando com ele, ele não vai mais existir se eu não ajudá-lo!!

Quando Prateada se transformou, tornou-se a grande promessa de uma nova rainha que representasse o Clã dos Lobos Brancos no trono que governava toda a Alcateia, a união de diversos clãs de homens e mulheres que se transformavam em lobos e grandes feras na adolescência. Deixar Philippe foi a coisa mais difícil que Prateada já fez, mas ela sabia que era por pouco tempo e que era um passo necessário para que pudesse realizar os sonhos que sonharam juntos.

A saudade foi implacável, mas Prateada era agradável e logo conquistou muitos amigos no culto Château das Letras. Andersen recebeu a missão de cuidar dela o tempo inteiro, sendo seu mentor e professor, e a moça aprendera a respeitar e confiar nele. Marianne era sua ama e também uma amiga a quem confidenciava todos os seus medos e anseios. Para Prateada, eles eram as duas pessoas mais importantes daquele lugar onde vivia há alguns meses. E eles a conheciam o bastante para estarem acostumados a ouvir aquele nome. Philippe era um nome doce e constante nos lábios de Prateada e era como se já o conhecessem.

– Philippe está no Château das Vertentes, Prateada! – Andersen tentava acalmá-la. – Ele está bem!

– Não, não está! – a moça gritou, tendo dificuldades de falar enquanto chorava. – Ele está muito longe de casa! E está sozinho com aqueles... monstros!

– Prateada, foi só um pesadelo, querida! – disse Marianne, tentando

ajeitar o cobertor de flores sobre a menina.

Em um movimento súbito, a moça retirou as cobertas de cima de si mesma e saltou da cama. Abriu o armário e começou a jogar roupas no chão.

– O que está fazendo?! – perguntou Andersen.

– Pegando uma roupa! Tenho que ir atrás dele! Agora!

Andersen e Marianne se entreolharam como se estivessem na presença de uma pessoa louca. Nunca haviam presenciado nada parecido com ela. Então ele se levantou e segurou Prateada pelos ombros, chamando seu nome e obrigando-a a olhar para ele.

– Prateada! Ouça! É noite! E você não pode sair sem a autorização direta do duque de Valois.

– Mas...

– Sem mas, Prateada! Você não pode sair assim!

A moça pareceu perdida como se tivessem lhe dito que ela não podia respirar.

– Vamos fazer o seguinte: volte para a cama e durma. Amanhã de manhã bem cedo eu vou falar com o duque e veremos o que podemos fazer, está bem?

Ele a guiou de volta à cama, onde Marianne já tinha ajeitado as cobertas.

– Mas ele precisa de mim agora!

– Não pode ir andando para sei lá onde você quer ir, Prateada! Você ao menos sabe onde é esse lugar onde acha que ele está?

– Não, mas...

– Amanhã resolveremos isso! Eu prometo!

Eles a colocaram na cama, Marianne lhe deu um copo de água e depois de mais algumas palavras de conforto, a deixaram sozinha.

Mas ela não dormiu. Continuou com os olhos arregalados, o coração apertado dentro do peito, sentindo todo o terror de minutos antes e com a absoluta certeza de que aquilo não fora um sonho. Mas o que ela poderia fazer? Não saberia para onde ir. E não poderia sair sem a autorização do duque. Fora ensinada a obedecer, mas sabia que precisava ir atrás de Philippe. Os olhos brilhantes se destacavam na penumbra do quarto, até que, em desespero, começou a chorar com as mãos sobre o rosto.

– Olá, querida...

Levantou a cabeça assustada, pois sabia que não tinha ninguém em seu quarto um segundo antes. Mas o medo deu lugar a um sentimento de conforto imediato ao reconhecer o rosto amigo de Emily, a esposa do Capitão Diderot. Ela estava sentada na beirada da sua cama, parecendo mais bela e mais jovem.

– Emily?...

– Prateada... – disse ela. – Philippe precisa de você.

No dia seguinte, Andersen foi até o quarto de Prateada imaginando encontrá-la mais calma. Esbarrou com Marianne que saía correndo do quarto.

– O que aconteceu?

– Ela se foi!...

Ele entrou no quarto apenas para constatar a cama vazia e a janela aberta por onde o vento entrava, balançando levemente as cortinas.

Na noite seguinte, muito longe dali, Denis observava a Lua ainda vermelha pela janela de sua casa. Morava em um lugar afastado da cidade e o silêncio era seu companheiro nas noites. Poucos na região sabiam, mas ele era um homem-lobo, um membro da Alcateia, um lobisomem, como chamavam os humanos. Naquela noite, aguardava o retorno de um pequeno grupo que viera do Château das Vertentes para resgatar um jovem mestiço levado pelos vampiros. A rusga entre Lobos e Vampiros era antiga e a paz era sustentada por um acordo que parecia cada dia mais frágil. Ele mesmo preferiria que não houvesse uma nova guerra entre eles, mas reconhecia que os sequestros e ataques de vampiros a membros mais vulneráveis dos lobos era algo que o incomodava profundamente.

O pequeno grupo sob o comando do Duque de Versants, Jean Lamayer, trouxera o rapaz de volta, quase morto, mas agora precisava lidar com a difícil tarefa de eliminar o vampiro responsável por isso, ou a transformação de Philippe seria irreversível. Para isso, precisariam descobrir quem era e matá-lo naquela noite, antes que o sol nascesse. Isso poderia colocar um ponto final no acordo de paz. Poderiam provocar uma guerra, mas algo lhe dizia que já tinham ido longe demais para retroceder agora.

Som de coisas se quebrando vindo do quarto tiraram Denis de seu devaneio. Entrou correndo e se dirigiu ao aposento onde o rapaz estava. Deparou-se com uma cena que fez seu sangue gelar e o ar lhe faltar.

Talvez já fosse tarde demais...

Capítulo 2

Uma Ausência Entre Nós

Alguns objetos estavam caídos e a cama onde o rapaz estava desde que chegara naquela tarde estava vazia. Denis olhou em volta, não o encontrando, mas sentindo que não estava sozinho. Lentamente, ergueu a cabeça para o teto onde uma figura pálida de olhos vermelhos o observava de ponta-cabeça. Não podia acreditar que era o mesmo garoto que chegara quase morto. Estava preso ao teto de maneira impossível, os cabelos negros se misturando com a escuridão do quarto, os pés e mãos com garras fincados à madeira e os olhos vermelhos pareciam duas pequenas janelas para o inferno.

Denis balbuciou algo inaudível. Naturalmente já vira vampiros e lârnias, mas com a trégua, nunca se vira em perigo com nenhum deles.

– Isso não pode ser bom... – murmurou ele.

Denis se moveu lentamente na direção da porta. Com sorte, conseguiria fechá-la antes que o rapaz saltasse para fora e ganhasse o mundo na escuridão da noite, algo que certamente seria perigoso, tanto para ele quando para qualquer um que estivesse em seu caminho.

A criatura que estava no teto e que em nada se parecia com Philippe se movimentou rapidamente de maneira perturbadora, como uma aranha grotesca que você gostaria que não fosse tão ágil. Moveu-se para a porta, percebendo a intenção de Denis que se afastou quando a porta foi batida com tamanha violência que a casa inteira tremeu. O homem assustado percebeu então que a intenção da criatura nunca fora sair.

O vampiro deu um sorriso tenebroso. A pele estava branca, quase azulada, e seus dentes eram pontiagudos e longos. Ainda usava o camisolão branco que era muito maior do que ele e os cabelos escuros se grudavam na testa, emoldurando de maneira assustadora a face da morte.

Se Denis fosse apenas humano, Philippe, mesmo sendo um vampiro que não terminou sua transformação, o mataria facilmente. Mas ele não era um humano comum. Era um homem-lobo e era Lua cheia. Estava pronto para se transformar em uma fera bestial quando o rapaz saltou em cima dele. Denis caiu por cima da cômoda que tinha uma tina com água e alguns pertences, adiando a transformação por alguns segundos. As presas brancas e disformes tentavam alcançar seu pescoço e sentia uma fúria na criatura que não era comum em vítimas de vampiros. Enquanto tentava se proteger sem ferir o rapaz, recebeu um

golpe da garra que lhe deixou um corte na testa. Usou toda a sua força para empurrar o garoto para longe. O rapaz foi jogado contra uma parede, mas caiu de pé como um gato. Ia atacar novamente quando algo estranho aconteceu.

A criatura olhou em volta com surpresa e então o terror se refletiu em seus olhos. Agia como um animal encurralado e então olhou para as próprias mãos horrorizado. Com um grito que se assemelhava a um guincho de morcego começou a bater em si mesmo como se lutasse contra chamas invisíveis. Em desespero, saltou contra a janela que estava fechada, arrebatando-a, e correu pela noite adentro.

Denis correu atrás dele, tentando alcançá-lo e imaginando que aquela reação era um sinal da morte do vampiro que lhe passara a maldição. Isso queria dizer que logo tudo estaria terminado. Não teve tempo para se tranquilizar. O rapaz corria descalço pela grama úmida, afastando-se da casa e indo em uma direção perigosa. Denis percebeu que logo a frente Philippe encontraria um abismo e precisaria alcançá-lo antes da queda mortal.

Em um salto, Denis se transformou em um enorme lobo cinzento, rasgando roupas e deixando-as para trás, aumentando sua velocidade na tentativa de alcançar o rapaz. Mais a frente, Philippe era uma figura fantasmagórica que desaparecia conforme se aprofundava na escuridão, mantendo ainda uma enorme distância entre ele e seu perseguidor. Diante dele, terra escura e grama eram um tapete que o guiava diretamente a um precipício. De noite, naquela velocidade, cego pela loucura de algo que ninguém mais conseguia ver, ele voaria para a morte se ninguém o detivesse.

O grande lobo vinha atrás dele, esforçando-se para alcançá-lo antes que o chão desaparecesse sob seus pés. Denis sentiu o coração gelar quando começou a sentir que não conseguiria alcançá-lo a tempo de impedir uma tragédia. O rapaz estava apenas a alguns passos da morte e a única coisa que o lobo pôde fazer foi emitir um grito que se transformou em um uivo, esperando que isso pudesse chamar a atenção do garoto.

Philippe não ouviu, pois estava correndo em um lugar em chamas, vendo o próprio corpo queimar e virar cinzas, encarando a dor e a inexistência com um terror indescritível.

Quando o desfecho parecia infeliz e imutável, um vulto surgiu do nada e derrubou o rapaz antes que ele caísse para a morte. O lobo diminuiu a velocidade, sem compreender quem teria tamanha agilidade.

Alcançou em poucos segundos o rapaz caído e o vulto que o derrubara.

– Você? – disse Denis, reconhecendo o vulto.

– Olá, Denis... – disse o rapaz de cabelos escuros.

O lobo, talvez numa reação instintiva, mostrou os dentes, percebendo no

velho conhecido um inimigo natural nas atuais circunstâncias, mas o outro, ainda de joelhos no chão, não respondeu como uma ameaça.

– Não sou seu inimigo... Nunca fui.

Olhando nos olhos do jovem vampiro que poderia ter mais de 100 anos, o lobo viu sinceridade e mudou sua expressão, voltando então o olhar para o jovem caído no chão. Philippe não se movia, a não ser por uma respiração mais pesada. As presas desapareceram, assim como a aparência monstruosa.

– Está terminado – disse Louis. – A transformação foi interrompida.

Louis ergueu o rapaz desacordado e gelado nos braços e seguiu o lobo que o guiou de volta até a casa de madeira desenhada contra o céu iluminado pela Lua cheia. Em poucos minutos, Philippe estava de volta à cama e parecia que nada daquilo tinha acontecido.

– Então o vampiro que o transformou está morto... – comentou Denis, terminando de se vestir já em sua forma humana e colocando uma camisa.

– Está... – respondeu Louis. – Está terminado.

– E posso perguntar qual a sua participação nessa história?

Louis era um jovem de olhos tristes. Elegante e discreto, era do tipo que fazia as moças suspirarem, o que certamente o tornava um vampiro muito perigoso.

– Eu sei que seu povo acha que somos monstros...

O silêncio foi a resposta.

– Alguns de nós são – continuou. – Mas não todos.

Ele se dirigiu à porta, dando as últimas instruções.

– Tirem o rapaz daqui o quanto antes e não partam enquanto não tiverem certeza de que não houve testemunhas. Se o príncipe souber disso será uma clara violação do Acordo e vocês terão problemas.

– E por que seu príncipe se importaria com um vampiro que violou a lei?

– E por que seu duque se importa tanto com um mestiço a ponto de violar a lei?

E então ele saiu, deixando as duas perguntas sem resposta. Na verdade, Louis sabia mais do que disse. Sabia que Michel Decartier era um velho amigo do príncipe. Sabia que ele engendrara toda aquela situação com o jovem mestiço e, uma vez que a transformação tinha sido interrompida, era certo que Michel encontrara a inexistência. Se isso chegasse aos ouvidos do príncipe, a história estaria longe de terminar. Louis caminhou pela estrada que levava à floresta sentindo a solidão e o vento da madrugada. A ideia de que Michel estava finalmente morto começou a preencher seu peito. Foram amigos e muitos dos seus melhores momentos foram ao lado de Michel. Porém, quando o amigo começou a ir longe demais, quando o amor a si mesmo e o desamor a todo o

resto começou a crescer como uma erva daninha que toma conta de tudo, a distância entre eles começou a se transformar em um abismo. Michel forçava os limites de quem fora, enquanto Louis não ousava se despedir de era. Eram caminhos em direções opostas.

Quando chegou ao pé do grande salgueiro, ainda tinha a lembrança de Michel com ele.

– Michel fez sua escolha – disse a voz feminina de Nicole, como se soubesse o que ia em seu coração. Ela e Louis sempre souberam ler a alma um do outro.

– E estou feliz que tenhamos feito a nossa – Beatrice parecia ter saído do nada, os cabelos escuros caindo sobre o colo alvo.

Os três se olharam, sabendo que, mesmo sendo vampiros, se recusavam a enterrar de vez sua humanidade.

– Os lobos vieram até mim para informações... – confessou Beatrice, os cachos brincando com o vento emoldurando seu rosto de boneca. – E eu dei.

– O rapaz sentiu a morte de quem o criou e ia cair num precipício – disse Louis, fazendo também sua confissão. – Eu o salvei.

– Eu vi quando eles estavam no caminho para a casa de Michel... – disse Nicole. – Eu os deixei passar.

– Que belos vampiros nós somos... – concluiu Louis. – Que isso fique em segredo. Ou estaremos todos encarcerados.

Começaram a caminhar, sabendo que agora teriam que sair da cidade, pois seria muito arriscado permanecer ali onde o ninho fora destruído pelas chamas.

– Para onde vamos? – perguntou Nicole, o rosto delicado emoldurado por cabelos lisos e loiros.

– Sempre gostei de Paris!... – disse Beatrice.

– É um bom lugar... – respondeu Louis.

Por alguns minutos, apenas seus passos nas folhas foram ouvidos, enquanto pensavam que uma ausência caminhava entre eles. Até que Louis disse o que ia no coração de cada um deles.

– Vou sentir falta de Michel...

Naquela mesma madrugada, o duque das Vertentes e seu pequeno grupo retornou de uma missão que não saíra exatamente como esperado. Acreditavam que os vampiros entregariam aquele que dera a primeira mordida em Philippe. Mas, para sua surpresa, seis vampiros fizeram isso. Eles acreditavam que nenhum Lobo de nenhum clã, por mais louco que fosse, se arriscaria a matar seis vampiros de uma vez. Isso violaria o acordo e poderia provocar uma guerra.

Michel tinha certeza de que nem mesmo Lamayer, que guardava tanto ressentimento pelos vampiros, arriscaria tanto por um mestiço do qual ele nem mesmo gostava.

Mas Michel estava errado. E naquela noite, os lobos do Château das Vertentes lutaram contra os vampiros e mataram cada um deles, colocando fogo à casa em seguida, matando todos os vampiros-crias, recém-transformados ou usados para alimentação, que estavam na casa. Assim como Louis aconselhara, Lamayer sabia da importância de não haver nenhuma testemunha.

Assim que voltou à casa de Denis, se prepararam para voltar para o Château. O rapaz estava debilitado, mas o risco de ficar ali era grande demais. Voltaram o mais rápido que puderam, sem saber que um homem torto escapara naquela noite. Borrel não era um vampiro, mas um corcunda de dentes tortos que servia aos mortos-vivos com leal assistência na esperança de um dia também se tornar um deles. Naquela noite, ele ouvira a conversa entre Michel e Lamayer e foi quando descobriu que sua lealdade tinha um limite. Pegou alguns pertences e saiu pelos fundos em silêncio. Se nada acontecesse, poderia voltar depois como se nada tivesse acontecido. Mas algo aconteceu e de onde estava, viu a grande casa de três andares arder em chamas. Pegou a pequena bolsa que surrupiara antes de ir e a abriu, vendo moedas de grande valor brilharem. Com aquele dinheiro, poderia comprar uma fazenda, algumas ovelhas, e viver seus dias em simplicidade.

Havia também um papel cuidadosamente dobrado. Abriu o documento que confirmava que Ravin D'Envier, um nobre, vendera o mestiço Philippe Du Noige à Michel Decartier. Viu a assinatura e percebeu que aquela carta poderia fazê-lo cair nas graças do príncipe. Sorriu seu sorriso torto, deixando a ideia da fazenda desaparecer com a fumaça da casa em chamas.

Capítulo 3

Na Escuridão do Calabouço

O caminho de volta foi frio, tortuoso e difícil. Forçaram os cavalos e forçaram Philippe, que em dado momento foi derrotado pela fraqueza e condições difíceis, chegando desacordado ao château. Suas condições eram preocupantes e o golpe que sofrera parecia ter sido grande demais. Examinado pelo doutor Marceau, não parecia dar sinais de melhoras. Era a melancolia. Uma tristeza que minava suas forças. A traição, a crueldade e o abandono imprimiam em sua alma suas marcas. E dessa vez, eram feridas profundas que talvez não cicatrizassem jamais.

Quando começavam a encarar a derrota naquela batalha, a única possível cura para o rapaz entrou milagrosamente no castelo. Prateada caminhou meio trôpega, com pedaços de galhos e folhas nos cabelos desgrehados, deixando pegadas de sangue por onde pisava com os pés descalços. Depois de algumas poucas palavras e de beber a água que lhe foi oferecida, ela simplesmente seguiu seu caminho escadas acima, ao encontro daquele por quem atravessara florestas e montanhas na forma de uma loba, parando apenas quando o cansaço, a sede ou a fome atingia seu limite.

E assim eles acharam que tudo se resolveria e logo tudo voltaria a ser como antes. Mas a roda do destino já tinha começado seu movimento e a verdade é que nada mais seria como antes.

O capitão estava no salão diante da janela que dava para o jardim. Observava a neve começando a cobrir as roseiras e algumas árvores sendo cobertas de branco. As palavras de Prateada flutuavam a sua volta como a neve lá fora. Ela dissera que Emily a avisara sobre Philippe e a acompanhara até ali. Emily, sua esposa, a mulher que amara desde sempre, sua companheira e cúmplice. Emily... Que morrera há alguns meses com uma traiçoeira flecha de ponta de prata...

– Já falou com ela?

Diderot se virou como se tivesse saído de um sonho e viu o duque das Vertentes, Jean Lamayer, parado a alguns passos dele. Já recuperara seu porte imponente depois de uma boa refeição e uma noite de sono.

– Ainda não... – respondeu o capitão. – Ela estava exausta e sinceramente não sei como ela vai receber a notícia.

Lamayer caminhou até ele, sabendo a dor de perder quem se ama. Ele

mesmo era viúvo há anos e ainda sentia a ausência da esposa. Não é algo que se esquece. E tinha dúvidas se, mesmo tantos anos passados, tinha superado a perda.

– Se quiser, eu falo com ela – disse ele, tentando aliviar um pouco o fardo que o amigo carregava.

Diderot meneou levemente a cabeça.

– Não, eu falo. Assim que ela descer...

O duque concordou com um movimento de cabeça e virou-se para sair quando o outro o chamou. Ele se virou e esperou.

– Eu não sei como agradecer o que fez...

Lamayer pensou por um instante, perdido no emaranhado de motivos que o levaram até aquele ponto. Quais as verdadeiras razões que o levaram a ir contra a Lei, quebrar o acordo que mantinha a paz entre Lobos e Vampiros e correr o risco de provocar uma guerra?

– Está tudo bem... Felizmente, ninguém nunca saberá o que fizemos.

Quando estava nos pés da escadaria acarpetada, deparou-se com uma figura descabelada e com cara de sono. Prateada descia os degraus lentamente, mancando um pouco e, sem aviso, abraçou o duque. Pego de surpresa, Lamayer levou alguns segundos, até colocar os braços em torno da menina e acariciar seus cabelos. Achou que ela iria lhe agradecer também por ter resgatado Philippe, mas surpreendeu-se pela segunda vez quando ouviu a voz da menina.

– Senti muito a sua falta... – disse ela.

– Eu também, Prateada... – respondeu ele, abraçando-a com ternura.

Quando se separaram, ele a olhou nos olhos, percebendo como gostava da menina como se fosse sua filha e como lamentava que seu coração tivesse que se partir.

– Diderot precisa falar com você.

Ela caminhou até o capitão que a chamou para uma mesa de madeira escura perto da janela. O duque ainda viu quando eles se sentaram próximos nas cadeiras de estofado de veludo vermelho. Subiu as escadas lentamente, olhando-os a cada passo. Eles estavam desenhados contra a luz opaca que vinha da grande janela. O capitão pegou nas mãos da menina para lhe dar algum conforto. Ela estava estática, paralisada com a notícia. Viu quando ela sacudiu a cabeça em negação. Levantou-se rápido, derrubando a cadeira atrás de si e então correu para fora.

Diderot foi atrás dela, deixando a porta aberta por onde o vento e a neve entraram, deixando o castelo um pouco mais frio.

Prateada correu pela neve sentindo o coração dilacerado pelas palavras

do capitão. Imagens de Emily vinham em sua mente enquanto lágrimas subiam aos seus olhos e eram levadas pelo vento. Com agilidade, correu por entre árvores secas e pequenos caminhos onde a terra ainda podia ser vista, até que chegou na casa que conhecia tão bem e que guardava tão boas lembranças de momentos que passara com Emily, Diderot e Philippe.

A porta não estava trancada. Entrou e chamou por Emily. Gritou seu nome enquanto corria pelos aposentos. Quando retornou à sala, viu o capitão parado na entrada. Ele também tinha a dor estampada nos olhos brilhantes e na voz falha.

– Ela se foi, Prateada... – disse ele, com certa dificuldade.

A menina olhou em volta, os olhos perdidos e o rosto lívido.

– Mas ela estava comigo! Ela me trouxe até aqui! Ela estava...

Diderot se aproximou, segurando-a levemente pelos ombros e olhando em seus olhos, permitindo que ela visse que ele também estava sofrendo.

– Emily morreu, Prateada...

E foi quando ela pareceu compreender que Emily tinha partido muito antes de encontrá-la em seu quarto e guiá-la pela floresta. Seus olhos se voltaram para seus últimos dias, voltando ao passado.

– Ela parecia mais jovem... – balbuciou a menina. – E estava sempre na minha frente. Às vezes, eu a perdia... E então ela surgia para me mostrar o caminho... Nós conversamos... Conversamos sobre várias coisas. E quando chegamos aqui, ela me deu a camisola, sorriu e disse...

Prateada olhou para o capitão diante dela.

– Ela disse adeus...

Seu rosto se contorceu de dor e seus dedos se crisparam no uniforme de Diderot. Suas pernas fraquejaram e ele a apoiou até o chão, onde ela o abraçou e chorou alto. Pela porta aberta, o vento frio trazia algumas últimas folhas mortas e pontos brancos de neve.

Seguiram-se três dias de silêncio. O castelo parecia coberto por uma fria cortina de chumbo. Prateada já estava exausta e enfraquecida pela longa viagem, mas a notícia da morte de Emily a atingiu como um golpe fulminante. Ficava muito em seu quarto, dormindo muito e comendo pouco. No começo, eles estranharam que ela não estivesse com Philippe, até que Celine descobriu o motivo.

– Ele a manda embora.

Estava na mesa do café com seu pai e Diderot que não compreenderam o

que ela disse. Celine colocou um pouco de leite no seu chá com pouco interesse.

– Ele não quer ninguém por perto – concluiu ela. – Nem mesmo Prateada. Então ele a manda embora sempre que ela tenta ficar perto dele.

Diderot olhou entristecido para seu próprio chá de tom amarelado. Gostaria de poder fazer algo que tirasse os dois jovens da profunda tristeza em que mergulharam. Mas não sabia como ajudar nenhum dos dois. Sabia o que Prateada estava sentindo e por mais horrível que seja o luto, sabia que era uma questão de tempo até que ela saísse daquele triste lugar onde as lágrimas e a dor são suas constantes companheiras. Mas quanto a Philippe, não sabia onde ele estava. Há muitos lugares tristes, alguns dos quais ele mesmo não conhecia. Philippe estava em um desses lugares. Como ajudá-lo a encontrar o caminho de volta? Se Prateada não foi capaz disso, quem seria?

O silêncio continuou na mesa, enquanto o tempo caminhava a passos lentos, como caminha o tempo em lugares tristes.

No mesmo castelo, em um lugar escuro e úmido, três jovens sentiam o passo lento e pesado do tempo, mas não com tristeza. Nas celas individuais do calabouço do castelo, havia remorso, ódio, rancor e medo. Mas não tristeza. Nenhum deles havia estado em um lugar como aquele. De famílias nobres, sempre tiveram facilidades e nunca foram cobrados por suas ações. Tudo lhes fora perdoado e para os sinais de seus problemas de caráter foram feitas vistas grossas. Se um pouco mais de pulso firme houvesse substituído a indiferença, talvez não estivessem ali agora. Mas o fato é que estavam.

Cinco dias antes, Ravin caminhara muitas vezes na cela de cerca de três metros quadrados com uma porta de madeira grossa. Em um canto, um balde para suas necessidades e nada mais. O jovem estava furioso e nas primeiras horas berrou para os guardas e exigiu a presença de seu pai, homem importante no chateau. Recebeu uma refeição de restos que em um ataque de ira arremessou contra a parede. Talvez não tivesse feito isso se soubesse que aquela seria sua única refeição do dia.

As horas passam muito lentamente quando sua única companhia são as lembranças do que você fez. Quando percebeu que ninguém o ouviria, Ravin se deixou escorregar contra a parede e sentou-se, o silêncio de sua cela contrastando com o tumulto que ia dentro dele. Não podia acreditar que estava no calabouço. O cheiro era úmido e fétido, as paredes gelavam suas costas e ele olhava para o balde que em breve teria que usar. Seus olhos castanhos brilharam, o cenho franzido, alguns fios do cabelo castanho claro caindo sobre o rosto. Como o duque podia tê-lo jogado ali como um criminoso comum por causa de um mestiço? E por quanto tempo ele o deixaria ali?

Ouviu um choro através das paredes. Concentrou-se e conseguiu identificar algumas palavras.

– Carlo? É você?

– Ravin? – respondeu a voz chorosa. – Vamos morrer aqui... Não devíamos ter feito aquilo...

– Não seja chorão, Carlo! – ralhou Ravin. – Não vamos morrer aqui! É claro que o duque só está mostrando sua autoridade. Logo alguém virá nos soltar...

– Eu gostaria de ter essa sua certeza... – disse uma terceira voz do lado oposto que Ravin imediatamente reconheceu como Albert.

Separados por uma parede, eles podiam se ouvir, o que amenizou o pânico de Carlo. Mas o que diziam não estava ajudando muito.

– Nós sabíamos que o duque não perdoaria o que fizemos – continuou Albert. – Por isso era fundamental que ninguém jamais descobrisse. Se não fosse seu amigo Jacques, o mestiço estaria longe e nós estaríamos gastando o que ganhamos com ele.

Albert parecia calmo, mas estava apenas pensando alto. Vindo de outro chateau, seus pais sempre acobertaram o que chamavam de suas travessuras. Perdeu dinheiro no jogo, os pais pagaram. Espancou um menino três anos mais novo e ficou tudo bem. Espalhou boatos maldosos sobre uma moça que não correspondeu aos seus avanços, destruindo sua reputação, mas os pais lhe deram cobertura. Engravidou uma moça da criadagem e os pais o mandaram para estudar em outro chateau para que não tivesse que assumir nenhum compromisso. Agora, estava no calabouço e seus pais estavam longe demais para lhe dar cobertura. Finalmente, ele se dava conta de que suas ações podiam ter consequências desastrosas para ele mesmo.

Depois de algumas palavras trocadas, os rapazes ficaram em silêncio. Olhar as paredes frias e escuras era a única coisa que lhes restava. A única iluminação vinha tênue de um facho de luz de archotes no corredor, que escorregavam pelas frestas da porta e pela sua pequena janela gradeada.

Algumas horas depois, um rosto fino surgiu através das grades da pequena janela da porta de Ravin, sussurrando seu nome. O rapaz se levantou rapidamente e foi até lá, vendo os olhos verdes da criada Brigitte. Apaixonada por ele, ela sempre fizera tudo o que ele pediu, incluindo preparar uma cilada para o mestiço. Achou que depois que ela foi descoberta e acabou indo parar no tronco diante de todos, seu amor por ele terminara. Mas, ali estava ela, como um cão que sempre volta para um dono que nunca lhe dá valor ou amor.

– Brigitte! Que bom que você veio!

A moça sorriu. Era muito magra e sem grandes atrativos. Um rosto

comum onde brilhavam olhos grandes e verdes de poucos cílios e sobrancelha rala.

– Diga-me, quando o duque vai nos soltar?

– O duque deixou o castelo com um grupo de homens, incluindo o capitão e Jacques – disse ela. – Foram atrás de Philippe!

Ravin não conseguiu evitar um queixo caído.

– Não posso acreditar nisso!

– Ninguém tem permissão de vir aqui... – disse ela. – Só consegui porque o guarda é um velho amigo...

– Brigitte! Você tem que fazer com que meu pai venha me ver!

– Ele já tentou! Ninguém pode vir aqui até que o duque retorne, eu sinto muito.

Ela olhou para o lado, percebendo alguma coisa.

– Não posso ficar muito tempo. Só queria ver se estava bem! Quando puder, virei de novo!

Ravin a chamou, mas ela já tinha desaparecido. A notícia de que o duque em pessoa tinha ido atrás do mestiço revirou sua cabeça. Não podia imaginar que alguém desse tanta importância a alguém tão insignificante. Não poderia ser por Prateada, já que ela está longe do chateau há meses. O que teria levado o duque a fazer isso?

Depois de uma noite mal dormida em um colchão de palha no chão, mais um prato de restos foi servido. Dessa vez, Ravin não jogou o prato na parede. Sentou-se num canto e comeu, fazendo careta com a aparêncianojenta e gosto duvidoso, mas faminto demais para fazer mais uma malcriação.

E assim se passaram cinco dias naquela cela fria, quando seu próprio cheiro se tornou um horrível incômodo. O balde fora trocado duas vezes e já começava a perder peso. Às vezes, Carlo cedia ao pânico e gritava alto, chorando e pedindo perdão. Albert ficava em silêncio na maior parte do tempo. Brigitte aparecia de vez em quando com novidades e Ravin ficou mudo quando ela disse, com certa alegria, que o grupo tinha voltado com Philippe. Percebendo que ele não compartilhava de seu alívio, ela tentou lhe mostrar o que isso podia significar.

– Não vê, Ravin? Se ele sobreviver, será mais fácil para o duque perdoar você!

– Sobreviver?

Brigitte desmanchou o sorriso e assumiu um ar mais preocupado.

– Ele não está bem. Parece que os vampiros fizeram um estrago... Não sabem se ele vai conseguir...

Ravin então sorriu, imaginando a dor de seu inimigo.

– Pois espero que ele não consiga...

Depois que a moça foi embora, Ravin contou aos outros e manteve durante todo aquele dia um sorriso de satisfação. Sabia o que os vampiros faziam com suas vítimas e imaginava o que o mestiço tinha passado. E isso lhe dava uma alegria reconfortante.

Naquelas três celas, foram cinco dias de medo, frustração, raiva, autopiedade e desejo de vingança. E no meio de tantos sentimentos, nenhum deles se parecia em nada com remorso.

Capítulo 4

A Inesperada Companhia na Solidão

Jean Lamayer fez de tudo para evitar ter qualquer tipo de conversa com os nobres do Château que exigiam uma posição sobre seus filhos que se encontravam trancafiados na fria prisão do castelo. A verdade é que estava cansado, não só da viagem e da luta, mas da cegueira daqueles homens sobre seus filhos. Prateada, no final, estava certa o tempo todo. Ela ainda não perdera a capacidade de ver além das roupas bonitas e bons modos à mesa. Houve uma época em que eles também eram assim. Sabiam valorizar as pessoas pelas suas virtudes traduzidas em ações, e não por suposições baseadas na maciez da seda.

Depois do café da manhã, o duque voltou-se ao seu escritório. Ficou sozinho por muito tempo, recusando-se a receber quem quer que fosse. Fingia-se de ocupado, mas passou boa parte do dia olhando para o nada. Pensava no que Celine dissera. Toda aquela situação com o jovem mestiço revirara as areias de sua memória. Coisas que aconteceram há muitos anos e que o tornaram quem era voltavam à sua mente com riqueza de detalhes.

Coisa estranha é a mente. Podemos nos esquecer de coisas por anos, mas algumas lembranças guardam cheiros, cores e detalhes. Esquecemos nossa própria idade, mas não esquecemos aquela flor, aquele beijo, aquele dia de sol. Sim, lembramos com riqueza de detalhes a textura da pétala, a doçura dos lábios e o amargo da traição.

Já tinham se passado muitas horas depois do jantar. Era tarde e o castelo estava mergulhado em silêncio profundo. Lamayer não estava em sua cama. Assombrado pelas lembranças de noites sombrias, ele agora estava de pé perto da cama de Philippe.

Philippe já se sentira infeliz antes. Com a morte da mãe e as constantes decepções que tivera, era muito fácil cair naquele profundo abismo onde qualquer chance de luz e calor é tão distante quanto a Lua. Mas dessa vez era diferente. Faltava-lhe qualquer fiapo de forças para se erguer dessa queda. Tentava dormir, mas tinha o sono leve e sentidos aguçados. Percebeu que alguém entrara no quarto e sabia que já era muito tarde. Imaginou que fosse Prateada, e sentiu o coração pesar ao imaginar que teria que mandá-la embora de novo. Não a queria vendo sua derrota ou sendo arrastada com ele para esse rio contra o qual não conseguia lutar. Temia que terminassem ambos se afogando.

Ficou imóvel, esperando que ela simplesmente se aninhasse ao lado dele, como costumava fazer, mas nada aconteceu. Imaginou que fosse Diderot, o amigo e protetor fiel que o destino colocara em seu caminho. Mas não fazia sentido que fosse o capitão àquela hora da noite.

Sentiu que a pessoa se sentara em sua cama. Um aroma amadeirado familiar flutuou até ele. A curiosidade o fez se virar e ver quem afinal estava em seu quarto.

– Senhor? – murmurou, a voz ainda meio rouca que não disfarçava a surpresa.

Jean Lamayer estava sentado em sua cama, de costas para ele. Os cabelos cor de marfim caindo em suas costas. Sua voz, sempre austera e firme, fluiu leve e baixa, como se ele mesmo não estivesse de fato ali.

– Algumas coisas nos mudam para sempre... – disse ele, sem se mover. – Não sabemos lidar com a perda. Com o luto. Sabemos que perdemos algo. Que algo nos foi tirado. Mas não sabemos como reagir a isso. Pensamos em todas as coisas que poderíamos ter feito diferente. Em uma solidão profunda, você escolhe abraçar a culpa, sua única companhia, enquanto alimenta o amargor do que foi mudado para sempre dentro de você.

Ele deu um longo e pesado suspiro e continuou, inclinando um pouco o rosto, mas sem se virar para o rapaz que se ajeitara para se sentar na cama.

– Você sente que quebraram algo dentro de você e acredita que nunca mais se sentirá inteiro de novo. Mas não é verdade. Essa dor irá passar, como tudo passa na vida. Talvez demore, mas você vai se reerguer. Só precisa se afastar dessa melancolia que o puxa para baixo e compreender que há muito pelo que vale a pena viver.

Houve uma pausa. Philippe olhou para algum ponto perdido no tempo com o rosto impassível. E então, fez a pergunta que pulsava em seu peito a cada palavra do duque.

– Desculpe, senhor... Mas como pode saber?

Lamayer então se virou para ele, os olhos cinzentos cravados nos olhos magoados do rapaz, que, no entanto, não os desviou.

– Como pode saber o que sinto? – continuou Philippe, a voz baixa de um espírito derrotado.

O duque o observou na penumbra. Olhar para o rapaz foi como ver um

triste espelho. Por todas as vezes em que olhou para Philippe viu nele seu irmão, Pelouse, pai do menino. Agora, via no rapaz uma versão sua do passado. Os mesmos olhos traídos, a mesma sensação de humilhação, dor e derrota.

O homem então se ajeitou para ficar de frente para o jovem. A única luz no quarto era de uma Lua esmaecida em um céu cor de chumbo e uma tremeluzente luz de vela em um castiçal sobre uma mesa. Naquele momento, tudo no quarto parecia azul e os detalhes dos móveis e dos quadros eram preenchidos pela imaginação.

– Eu era alguns anos mais jovem que você. Meu irmão mais velho, Pelouse, seu pai, éramos então inseparáveis...

Philippe arregalou os olhos, não só por ouvir o nome de seu pai pela primeira vez em anos, um nome que parecia ter sido banido e que ele mesmo às vezes se perguntava se não tinha sido um nome inventado por sua mãe quando ele era pequeno. As palavras ainda flutuavam a sua volta enquanto ele também tentava entender o que o duque dissera. Como se compreendesse sua confusão, o próprio duque confirmou o que tinha dito.

– Sim. Pelouse, seu pai, e eu... Éramos irmãos.

Capítulo 5

Há 26 Anos...

As colinas eram verdes na primavera e a beleza do caminho era exuberante. Um juvenzinho de cabelos claros e olhos grandes parecia amuado dentro da carruagem.

– Ora, vamos, Jean! Desfaça esse bico! – ordenou a mulher de rosto angular e cujo perfume de lírios preenchia o carro. – Não pode ser tão ruim passar um tempo com sua mãe!

– Eu deveria estar lá fora com os homens! – respondeu o menino cruzando os braços e se sentindo menos do que deveria ser.

– Você mal completou 14 anos! Terá muito tempo para acompanhar os homens em seus cavalos no futuro!

– Mas Pelouse está lá fora! – reclamou o rapazinho apontando para a janela.

– Pelouse é três anos mais velho, Jean! Você sabe o quanto seu pai gosta de tê-lo por perto. Logo será você! Então, deixe-me aproveitar o tempo que eu tenho com meu querido menino.

Isso não pareceu amolecer o coração do garoto, que voltou a cruzar os braços.

Uma menina um pouco mais velha que ele e que estava ao lado de sua mãe saltou para o seu lado. Era Monique Apollinaire, que viera do Château dos Damascos um ano antes para fazer companhia para sua mãe. Ela era esperta e divertida e se tornara amiga dos dois muito rápido, passando também muito tempo com eles em suas brincadeiras pelas colinas do Château das Vertentes.

– Você não sabe mesmo, não é, seu bobo?

O jovem Jean virou-se para ela com uma expressão entre o intrigado e o indignado.

A moça então se inclinou para ele como se contasse um segredo, colocando a delicada mão enluvada em torno da boca.

– É uma tática de defesa colocar um jovem guerreiro junto com as mulheres mais importantes de um Château quando os lobos viajam.

O rapaz franziu as sobrancelhas, incrédulo. Ela prosseguiu na explicação.

– Em caso de uma emboscada, os homens lá fora estão muito mais vulneráveis. Se formos atacados, essa carruagem deve correr o mais rápido possível para se afastar do conflito, para manter a Duquesa Lamayer a salvo.

Porém, alguns bandidos são covardes e perseguem a carruagem para roubar as joias. E é aí que eles são surpreendidos! A carruagem é sempre guardada por um jovem guerreiro do Clã dos Lobos Brancos que os atacará assim que abrirem a porta!

A essa altura, o menino estava totalmente envolvido pela emboscada hipotética e se via como herói, como denunciava o brilho em seus olhos.

– Fique tranquila, mãe! – disse ele, empertigado com a mão na pequena espada que trazia na cintura. – Eu cuidarei de vocês!

A duquesa sorriu e trocou um olhar de agradecimento e cumplicidade com a jovem Monique.

Um solavanco fez com que todos na carruagem sacolejassem e o menino imediatamente saltou para o lado da mãe com a espada em punho.

– O que aconteceu? – perguntou a duquesa, olhando pela janela.

– Eu cuidarei desses ladrões de joias, minha mãe!

Ágil, ele escapuliu dos braços da mãe e saltou para fora da carruagem com a espada em punho, berrando e brandindo a lâmina como se fosse um mouro na jihad.

– O que está fazendo, Jean? – perguntou seu pai, de cabelos castanhos e curtos e barba bem feita.

– Não fomos atacados? – perguntou o menino, vendo que os homens, já desmontados, olhavam para ele com ar divertido.

– Fomos! – respondeu Pelouse. – Este vilão surgiu na nossa frente sem aviso e interrompeu bruscamente nossa viagem!

O garoto então se aproximou com ar grave.

– Onde ele está? Eu mesmo acabarei com ele!

– Será ótimo! – continuou Pelouse. – Ele merece mesmo uma lição! Ali está ele! Bata nele até que se arrependa!

O garoto caminhou e se deparou com um buraco onde a roda da carruagem se afundara. As risadas dos homens logo deixaram clara a peça que seu irmão lhe pregara. Enrubescido, olhou bravo para Pelouse, que o abraçou com camaradagem.

– Fique calmo, Jean! É só um inconveniente, logo estaremos de volta à estrada.

Infelizmente, isso não era verdade. Uma averiguação mais atenta da roda deixou claro que ela rachara bem perto do eixo com o impacto. Se tentassem prosseguir, em poucos metros ela quebraria de vez. Porém, um conserto ali levaria horas e teriam que pernoitar em um acampamento para não viajar de noite.

Resolveram tentar mover a roda como um todo em um esforço conjunto.

As mulheres já haviam saído, deixando a carruagem mais leve. O duque retirou um anel e entregou ao filho mais novo.

– Tome conta pra mim!

O menino ficou olhando a bela joia de ouro com uma pedra de rubi que brilhava e refletia com qualquer fonte de luz, fosse o sol ou fosse uma vela. Por dentro, uma inscrição:

Les petits ruisseaux font les grandes rivières.

“Os pequenos córregos fazem os grandes rios”, algo que nunca deveriam esquecer. As pequenas coisas podem se tornar muito importantes e não devem ser subestimadas. Isso valia para as coisas boas e as más.

Sempre que seu pai ia fazer algum trabalho pesado, retirava o anel e o deixava sob sua guarda. Jean sabia a história daquela joia que estava há mais de cinco gerações na família, sendo passado de pai para filho. Ele esperava um dia ser digno de herdar tal tesouro que representava a linhagem dos Lamayer. Mas sabia que provavelmente o anel terminaria no dedo do irmão Pelouse, que, além de mais velho, sempre fora o favorito do pai.

Faziam um grande esforço que não estava surtindo efeito, quando um homem bem vestido em um belo cavalo preto passou pela mesma estrada. Depois de cumprimentos e alguns minutos de conversa, este se apresentou como um conde que possuía uma casa de campo nas imediações.

– Vou mandar uma carruagem buscar as damas! – disse o homem. – Insisto que fiquem em nossa casa enquanto meus homens consertam sua carruagem.

– Tem certeza de que não iremos atrapalhar? – perguntou o duque.

– Minha esposa adora receber visitas e fica muito entediada quando está aqui. Ela adorará receber vocês!

E assim foi feito. Uma noite agradável os esperava, com vinho, comida quente e boa conversa. A carruagem foi consertada e estariam prontos para partir no dia seguinte. Infelizmente, uma decisão ruim faria com que a visita ao Château dos Damascos jamais acontecesse.

Foram muito bem recebidos pelo conde Gustav Valmont e sua esposa, Marielle. Naturalmente não faziam ideia da natureza de seus convidados. Considerando o nível de solidão e tédio da condessa, provavelmente não faria diferença se soubessem. Depois do jantar, os jovens foram conduzidos aos seus

aposentos enquanto os adultos permaneceram em conversas e bebidas.

Jean se preparava para tirar o gibão e ir dormir quando o irmão mais velho apareceu na porta.

– Ei, irmãozinho! Não vá dormir ainda! Temos uma festa para ir!

– Festa? Mal chegamos! Ninguém nos conhece! Que festa? – perguntou o mais novo com seu ar inquisidor.

Pelouse entrou no quarto. Tinha 17 anos e seu garbo atraía as meninas por onde passavam. Tinha riso fácil e Jean nutria a adoração típica que os irmãos mais novos nutrem pelos irmãos mais velhos, que às vezes se misturava com um pouco de inveja da atenção que o outro sempre recebia.

– Conheci uma moça! Ela trabalha no castelo e disse que há uma casa aqui perto repleta de música, comida e bebida!

– Você acabou de comer! E mamãe não vai querer nos ver bebendo!

– E é por isso que ela não nos verá! Iremos escondidos, voltamos antes do amanhecer e ninguém ficará sabendo, a não ser que você abra sua boca enorme!

Pelouse lhe deu um tapa na nuca. O pequeno não parecia muito inclinado a ir.

– Vamos, logo! Deixe de ser o filhinho da mamãe!

Algo lhe dizia que não deveria ir. Mas a provocação do irmão mais velho foi mais forte que o aviso. E, assim, os dois meninos se esgueiraram pelos corredores e encontraram, nos fundos da mansão, uma jovem da criadagem. Seu nome era Melissa e tinha cabelos escuros e lisos. Estava usando seu melhor vestido e um manto sobre os ombros. Sorriu para Pelouse e Jean revirou os olhos. Sabia que todas as moças caíam de amores pelo irmão, embora não visse o que ele tinha demais.

– Estão prontos? – perguntou ela.

Ele lhe estendeu a mão e o casal foi na frente. Jean foi logo atrás, ouvindo a voz que lhe dizia para voltar para sua cama ficar cada vez mais aflita. Passaram pelo bosque da propriedade e logo encontraram uma estrada por onde viajantes passavam. Mais adiante. Jean olhou para o alto, vendo a lua em um sorriso perfeito no céu estrelado. Seguiram por uma colina e todos eles escorregaram algumas vezes.

– Falta muito? – perguntou Jean, quando chegaram ao topo do monte e de onde podia ver o mar de escuridão que os cercava.

– Shhhh! Ouçam! – disse a moça.

Eles apuraram os ouvidos. Lá longe, por trás do vento, ouviram música. Era música animada de violinos e alguns tambores.

Ela correu e os rapazes a seguiram. O manto e o vestido dançavam com o

vento enquanto ela corria. Quando alcançaram uma floresta, o riso dela se misturava ao farfalhar do vento e tudo parecia um sonho estranho. Quando Jean começava a se perguntar se estava realmente ali, e não em sua cama, sonhando que a roda da carruagem quebrara, a música ficou mais alta e do meio das árvores surgiu uma grande casa de janelas de vidro e portas abertas, toda iluminada.

Melissa se virou com um grande sorriso.

– Chegamos!

Timidamente, entraram e logo sentiram um forte aroma de bebida. Homens e mulheres bem vestidos riam, enquanto assistiam um rapazote dançando ao som dos violinos e um tambor. Eles nunca tinham visto aquela dança, em que os braços ficavam imóveis e os pés sapateavam na madeira fazendo parte da música e olharam com curiosidade.

– É uma dança irlandesa! É bastante curioso, não? – disse um homem que se aproximou deles sem que notassem. – Oh! Olá, Melissa! Que bom que veio!

– E eu trouxe amigos, como pedistes!

– Estou vendo!... – seus olhos percorreram os dois garotos com agradável surpresa. – Sejam bem-vindos, senhores! Bebam o quanto desejarem! É uma bela noite, divirtam-se!

– Eu sou Pelouse Lamayer e esse é o meu irmão, Jean. Pedimos desculpas por chegar sem aviso e agradecemos a hospitalidade, senhor...

– Ah, que cabeça a minha! Nem me apresentei! Meu nome é Sasha Juliard Monchard. E eu sou seu anfitrião nesta noite! Comam, bebam, dançam! Fiquem à vontade!

E logo duas mulheres de vestido de brocado e lábios vermelhos colocaram copos em suas mãos. Jean cheirou a bebida e fez uma careta. Comentou sobre não ter idade para beber aquilo, mas falou sozinho. Pelouse já estava no meio da sala, cercado por mulheres de joias brilhantes e comentários nem tanto.

Colocou o copo sobre uma bancada e caminhou entre as pessoas. A música continuava, agora mais suave, e alguns casais se entregaram a beijos longos e úmidos. Em um outro aposento, havia uma mesa onde vários tipos de carnes, pães e algumas frutas estavam finamente arrumadas sobre um rico tecido branco. Melissa entrou e se surpreendeu com toda a fartura. Começou a comer e, sem se dar conta de que Jean a observava, colocou alguns pães e perdizes dentro de sua bolsa.

Jean percebeu que a caminhada lhe abrira o apetite e ele também estava com fome. Pegou um cacho de uvas verdes e caminhou pela casa, observando os

detalhes. As paredes tinham cores estranhas, um pouco escuras. O teto era alto com carrancas em risos sinistros em um lustre de velas suspenso por correntes escuras. As cortinas eram vermelhas e o chão era de madeira brilhante.

Um homem de rosto fino e cabelos finamente penteados para trás se aproximou dele.

– Parece muito jovem para andar sozinho por aí... – comentou ele.

– Não estou sozinho – respondeu Jean, sem sorrir. – Estou com meu irmão.

– Ah!

O homem olhou para o rapaz do outro lado da sala rindo com as moças que lhe davam atenção.

– Sim, vejo semelhanças...

Jean sentiu um aroma que sobrepujou a bebida, os perfumes e a comida. O cheiro estava ali quando entrou, mas era só um traço. Agora, o sentia mais forte. Era como ferro e flores mortas.

– Está sentindo esse cheiro?

O homem parou de sorrir.

– Não. Vá se divertir, menino! Você é jovem demais para parecer tão preocupado.

E então o deixou, indo falar com o homem que os recebera, Sasha.

O menino comeu mais uma uva, continuando a olhar a casa, tentando ver o que havia de estranho nela. O cheiro começava a incomodá-lo, causando um leve mal estar. Se pudesse se ver, provavelmente estaria verde. E foi então que percebeu o que havia de estranho na casa. Olhou em volta mais uma vez, como se buscasse a certeza. Não havia espelhos. Nenhum espelho numa casa daquele porte não era comum. Lembrou que a mesa onde havia comida não possuía uma única baixela de prata. Tudo era servido em porcelana. E, apesar da fartura, ninguém ali estava comendo. Ninguém a não ser Melissa e ele. O coração se acelerou. O cheiro que sentia não era de ferro. Era de sangue. Largou as uvas restantes no chão e caminhou rapidamente na direção de Pelouse. Mas logo dois rapazes e uma moça o interceptaram, como se estivessem meio embriagados, abraçando-o em algum tipo de dança confusa que o impedia de prosseguir.

Chamou pelo irmão, sentindo o perigo. A música abafou sua voz. Olhou para um canto e viu Melissa abraçada com Sasha. Viu quando o corpo dela ficou mole e a bolsa escorregou pelo seu ombro, caindo no chão e revelando os pães que pegara. Chamou Pelouse de novo, mas ele estava entretido com as moças. Viu os olhos de Sasha brilharem e o sangue manchar sua boca, enquanto os outros três o arrastavam para longe do irmão. E foi quando usou todo o seu fôlego e gritou!

– Pelouse, são vampiros!

E, dessa vez, Pelouse ouviu. Virou-se para ele, um pouco confuso. Vendo que o arrastavam, partiu em sua direção.

– Ei! Larguem o meu irmão!

As três moças o agarraram e o puxaram com força, batendo suas costas na parede, mostrando dentes monstruosos e olhos vermelhos e brilhantes.

Jean pisou no pé de um dos rapazes que o seguravam, deu uma cotovelada em outro e se desvencilhou da mulher. Ágil, correu para debaixo de uma mesa, mas logo alguém o puxou de volta. Pelouse lutou com as mulheres, batendo a cabeça de uma contra a parede, empurrando a outra e usando o corpo de um abajur para deter uma mordida fatal da terceira.

O lugar estava repleto deles, que surgiam com suas faces monstruosas. Arrastado por um grupo deles, Jean gritava pelo irmão, que lutava contra os muitos oponentes. Empurrado com muita força pelo homem que há pouco falara com ele, Pelouse foi lançado sobre uma cortina que arrebentou e caiu junto com ele. Como não se movesse, parecia ter desacordado com a pancada, mas não era possível saber com certeza, pois a cortina o encobria totalmente.

Sasha deu uma ordem para que parassem e caminhou tranquilamente até o local.

– Vez por outra, um nos dá trabalho! O que só aumenta a diversão!

Os outros riram e quando Sasha mandou que o trouxessem, dois deles se aproximaram.

Algo saltou do meio do tecido vermelho, jogando os dois vampiros para trás com o susto e o impacto. Um lobo branco saltou sobre uma mesa mostrando os dentes alvos. O silêncio cobriu a sala, mas Sasha não pareceu surpreso por muito tempo.

– Ora, vejam só... Lobos Brancos em nossa casa! Isso torna essa noite realmente memorável...

O homem assumiu sua face monstruosa, preparando-se para uma batalha injusta, posto que eram muitos contra um. O lobo olhou para Jean, a criança presa nas garras do inimigo. E então, ele saltou na direção da janela mais próxima, espatifando o vidro e desaparecendo na escuridão.

Três homens avançaram para persegui-lo, mas Sasha os impediu.

– Deixe que vá. Já temos o pequeno...

– Mas, senhor... – disse uma vampira, timidamente. – E o Acordo?...

A resposta foi uma gargalhada.

– São viajantes, ou fugitivos! Ninguém dará por falta deles e teremos desaparecido daqui pela manhã, de qualquer jeito.

Então, ele caminhou calmamente até o menino, que ainda olhava

perplexo a janela partida. Não podia acreditar que Pelouse o abandonara à própria sorte. Ele sabia que a Transformação ainda não chegara para ele. Como ele pôde deixá-lo para trás?

O vampiro surgiu diante dele, o sorriso horrível que parecia separar a mandíbula do resto da cabeça, como se fosse uma caveira deformada.

– Que belo menino temos aqui... Melhor aproveitarmos... Ouvi dizer que Lobos Brancos são especialmente saborosos...

Não sabe quanto tempo durou. Pareceram horas. Lembra de gritos, gargalhadas, sua pele perfurada, suas roupas arrancadas para que outras bocas procurassem mais sangue. A escuridão o envolvia, mas não o deixava partir. Eles tinham cuidado para não matá-lo, posto que sangue de mortos lhes fazia um terrível mal. As lágrimas banhavam o seu rosto e um vampiro as lambeu, rindo de sua dor. Era passado de mão em mão, era manuseado e sugado, sem respeito, sem cuidado, sem nada. Porque, para eles, ele era isso. Nada.

A porta foi arrombada e um grupo de homens entrou. Tinham espadas brilhantes e os vampiros não atacaram. Reconheceram o brasão que o homem no comando trazia. Era o Duque das Vertentes.

– Devolvam meu filho agora! – disse em voz rouca.

Os vampiros, a maioria recém-criada e temerosa de quebrar as regras, deram passos para trás, deixando à vista o corpo inerte do menino em uma liteira carmim. O rosto do duque empalideceu, vendo seu menino naquele estado.

– Quem foi o primeiro? – perguntou em tom baixo.

Os vampiros se olharam, sem saber o que responder.

– Quem foi o primeiro? – bradou, fazendo com que os vampiros se assustassem.

Uma clareira se abriu em volta de Sasha. Todos se afastaram dele lentamente. Por último, o jovem de rosto fino olhou seu mestre e se afastou também.

– Até você, Michel?... – murmurou o homem, desapontado.

Então, vendo que não podia mais se ocultar, caminhou até o duque.

– Lamento muito pelo ocorrido, senhor... – disse ele. – Não tínhamos ideia de que o menino era um lobo, senão é claro que honraríamos o acordo!

De trás dos homens, um jovem surgiu, fazendo o vampiro interromper suas mentiras. Pelouse foi até o irmão. Enrolou-o em seu manto e o pegou nos braços, deixando o olhar de rancor para Sasha. E esse olhar foi a última coisa que ele viu. A lâmina da espada do duque passou tão rápido que quase ninguém a viu. Para alguns, foi uma surpresa quando a cabeça do vampiro caiu no chão, fazendo um som oco. Um leve tremor nas mãos no corpo ainda de pé foi uma

visão bizarra, até mesmo para os vampiros. E então, o corpo tombou.

Em silêncio, os homens se retiraram, deixando a casa mergulhada em silêncio atônito.

Capítulo 6

Luto, Tristeza e uma Dose de Vingança

A vela tremulou, embora não houvesse vento. Philippe e Jean Lamayer estavam tão estáticos que poderiam ser confundidos com estátuas naquela penumbra. O duque podia ver o espanto no rosto do rapaz, cujos olhos violetas permaneciam brilhantes e arregalados. Foi a primeira vez que contou aquela história e de repente se sentia leve, como se as palavras tivessem levado com elas o peso que sempre trouxe, desde aquela noite.

– Eu lamento que tenha acontecido com você – disse o duque.

A seguir, ele se levantou para deixar o quarto. O rapaz o chamou e ele se virou para ouvir quando já estava perto da porta.

– É por isso que odeia o meu pai?

Lamayer ergueu um pouco a cabeça. Deveria esperar essa pergunta, mas não esperava. Deu um suspiro, ainda fitando o menino.

– Não. Não foi por isso. Ele era apenas uma criança também.

E então saiu do quarto, fechando a porta silenciosamente atrás de si, deixando Philippe perplexo com a história que ouvira de um passado que não era mais contado há mais de duas décadas no Château das Vertentes.

Philippe não dormiria mais naquela noite. E não era o único. No calabouço, Ravin estava insone. Estava frio, a cama de palha no chão gelado era horrivelmente desconfortável e estava com fome, uma vez que se recusava a comer o que lhe davam. Ouviu passos e murmúrios e se levantou, vendo uma chama tremulante se aproximando. Sua porta se abriu e ele viu seu pai acompanhado do guarda que cuidava deles. Este carregava um lampião.

Ravin sorriu e deu um passo, acreditando que seu suplício tinha chegado ao fim.

– Enfim! Estava me perguntando por que estava demorando para me...

A frase foi interrompida por uma bofetada que explodiu no rosto de Ravin. Como não esperava, deu um passo para trás, desequilibrou-se e caiu no chão de pedras frias. Olhou surpreso para o pai, que entrou na cela, deixando que o guarda fechasse a porta atrás dele.

– Como pôde envergonhar nossa família desse jeito?

Ravin olhou sem ação para seu pai furioso. Levantou-se e se empertigou.

– Eu não quebrei nenhuma lei! O acordo diz que um lobo de sangue puro pode vender um mestiço!

Seu pai se aproximou feroz, fazendo-o recuar um passo.

– Essa é uma lei que prestigia os vampiros! Nenhum lobo que faz isso é respeitado, seu moleque insolente!

Seu pai andou na pequena cela jogando as mãos para o ar.

– E você tinha que fazer isso no Château das Vertentes! No Château dos Lamayer! Sua estupidez só não é maior do que a sua arrogância!

Ravin baixou a cabeça. Poucas vezes sofrera reprimendas de seu pai. De repente, o peso dos seus atos se abatia sobre ele com uma realidade que ele negara até o momento.

– O que vai acontecer? – perguntou timidamente.

Seu pai respirou, balançando a cabeça em desalento.

– Falei com o duque hoje. Ele estava disposto a deixar você mofar aqui por anos.

– Anos?!

Seu pai o fuzilou com os olhos, fazendo-o se calar.

– Mas eu o convenci a repensar isso – continuou o homem. – Quando o menino se recuperar, ele dará sua sentença.

Ravin ergueu os olhos que brilharam com a meia luz da lamparina.

– Como?

– Philippe foi o mais afetado. É a vítima. Pela Lei de Petrus, a vítima pode decidir a pena de seus algozes. E, pelo que eu soube, o rapaz tem uma índole boa... Diferente de você, tem compaixão.

– Isso é um absurdo! – gritou Ravin, que sequer podia imaginar estar nas mãos de Philippe.

– Cale a boca, imbecil! – seu pai ergueu a voz, fazendo-o se calar mais uma vez. – Você causou isso tudo! Você arrastou seus amigos idiotas para essa confusão! Eu errei em fazer vista grossa para suas falhas de caráter. Agora, todos nós pagamos! Pois não pense que a humilhação é só sua em ter o seu destino nas mãos de um mestiço! Eu, sua mãe, e todos os Denviers herdarão a sua vergonha! O duque vai esperar o rapaz se recuperar. Quando ele estiver pronto, eu quero que você lhe peça perdão, diante de todos!

– O-O que?!

– Exatamente isso que você ouviu! Você vai se humilhar e implorar misericórdia! E reze para que esse garoto consiga perdoar você o bastante para não bani-lo da Alcateia, porque ele pode fazer isso. O duque concordou em aconselhá-lo a lhes dar apenas uma pena física.

– Isso não pode ser sério... – a voz de Ravin estava falhando.

O pai se virou e bateu na porta, que se abriu com o guarda do outro lado.

– Algumas chibatadas no lombo talvez lhe façam algum bem...

E essas foram as últimas palavras do Sr. Denvier, que saiu sem olhar para trás.

A porta foi fechada, deixando Ravin perplexo, parado como uma estátua no meio da cela escura.

– É, Ravin... – disse Albert, na cela ao lado e que, como Carlo, ouvira toda a discussão. – Melhor rezarmos para o mestiço ter conosco a misericórdia que nunca tivemos com ele...

Os dias seguiram frios e nublados, até que o Sol resolveu aparecer, meio tímido, dentre as nuvens que cobriam as montanhas onde se encontrava o Château das Vertentes. Diderot se surpreendeu com o pedido de Philippe para dar uma caminhada lá fora, pedido que fora prontamente atendido.

Em silêncio, caminharam pelos jardins que cercavam o castelo. As flores haviam morrido há muito e vez por outra a brisa se apressava e virava um vento frio que não os deixava esquecer que estavam no reinado do inverno.

Os passos eram lentos e por mais débil que fosse o Sol, Philippe estava feliz em senti-lo em sua pele de novo. Bom, feliz talvez não fosse a palavra mais adequada. Ninguém vira Philippe sorrir desde que chegara e Diderot lamentava que a crueldade de Ravin tivesse finalmente quebrado o jovem.

– Você sabia da história de Lamayer?

A pergunta surgiu no silêncio e o capitão respondeu com um olhar confuso.

– Qual história?

Philippe começou a contar, mas logo perdeu o fôlego e precisou se sentar em um dos bancos de madeira que pontuavam o jardim. Passou alguns momentos respirando, e a expressão no seu rosto tinha um misto de confusão, frustração e raiva. Sentia o corpo inteiro enfraquecer por simplesmente andar.

– Eles tiraram quase todo o seu sangue. Agora, o seu corpo tem que se recuperar. Em pouco tempo você estará bem de novo.

Diderot se sentou ao lado dele, esperando o resto da história que ele nunca ouvira. Quando o rapaz terminou, o capitão finalmente entendera todas as decisões insanas que Jean Lamayer tomara e que culminaram no resgate do menino e na destruição de um ninho repleto de vampiros.

– Isso explica muita coisa... – murmurou o capitão.

– Então você não sabia? – surpreendeu-se Philippe.

O capitão meneou a cabeça.

– Se Jean tinha 14 anos quando aconteceu, eu tinha 7. Meu pai era o

capitão nessa época. Ele nunca mencionou nada. Acredito que pela delicadeza da situação, o assunto tenha sido abafado por todos esses anos.

– Devo minha vida a ele... – comentou Philippe, como se pela primeira vez pesasse os atos que salvaram sua vida.

– Deve, sim...

Ficaram em silêncio enquanto olhavam as folhas dançarem com o vento.

– O que vai acontecer com Ravin?

Diderot já pretendia conversar com ele sobre isso, mas esperava que ele estivesse um pouco melhor. Aquela parecia ser uma boa hora.

– Ravin, Albert e Carlo estão presos no calabouço até que você decida o destino deles.

Philippe se virou atônito para o amigo.

– Eu?

– Os nobres do Château convenceram o duque a apelar para a sua misericórdia.

– Devem estar muito desesperados...

Diderot sorriu.

– Ah, estão... Muito! O duque estava tão furioso que pretendia deixar os três no calabouço por anos!

– E o que há de tão ruim nisso? Eu acho é pouco! – Philippe se agasalhou e tinha um tom indignado na voz.

– É porque você nunca viu o calabouço. Ninguém vive muito tempo lá. É frio, úmido, cheio de ratos, não tem luz, não se sabe quando é dia ou noite. Muitos ficam loucos, outros perdem a vontade de viver. A maioria morre doente.

O rapaz ficou em silêncio por algum tempo, o cenho franzido.

– Por que acham que eu vou lhes dar uma pena mais suave do que a do duque?

– Porque você é inteligente. E saberá encontrar uma forma de atingi-los onde doer mais, sem matá-los no processo.

Philippe não respondeu. O capitão se levantou.

– Vamos! Está frio demais aqui para você. É hora de devolvê-lo ao seu quarto quente onde a sopa de beterraba de Chalise o espera.

Ele obedeceu, mas assim que levantou, perdeu um pouco o equilíbrio. O capitão o apoiou e o ajudou no caminho de volta, segurando seu braço.

– Sinto muito a falta de Prateada... – murmurou ele.

– Ela está no quarto ao lado! Por que não quer vê-la? – perguntou o amigo.

– Porque não quero que ela me veja assim... Eu prometi protegê-la. Como posso fazer isso se não consigo proteger nem a mim mesmo?...

– Está sendo duro demais consigo mesmo... – respondeu Diderot. – E Prateada está precisando de você nesse momento... Ela está sofrendo com a morte de Emily.

Philippe parou e olhou para o amigo, talvez buscando em seu rosto algum sinal de um truque para aproximá-los.

– Como ela está?

Diderot deu um longo suspiro antes de responder, os dois parados na alameda de crisântemos que no momento só tinha umas poucas flores quase mortas e muita folhagem verde escuro.

– Ela está infeliz... E confusa. E sozinha. Ela nunca lidou com a morte antes. Ou com a perda. E sua distância não diminui em nada a solidão que ela sente agora.

Philippe perdera duas mães. E se sentira destroçado nas duas ocasiões. Lembrou-se de como o coração doía, e de como se sentia sozinho e vulnerável. Lembrou a saudade que ainda batia em seu peito a cada lembrança de afago, de carinho e do sorriso. Como estava sendo egoísta! Como podia deixar Prateada passar por aquilo sozinha?

E foi assim que, pouco depois, ele entrou no quarto dela, deixando a sopa de beterraba de Chalise esperando mais um pouco.

Ela estava deitada encolhida em sua cama. Ele se sentou ao lado dela, tocando levemente em seu braço. A moça se virou, surpresa em vê-lo ali. Ele não sabia o que dizer. Não sabia como explicar por que a afastara. Não sabia explicar por que Emily morreria. Não sabia o que dizer sobre a dor que ela estava sentindo.

Os olhos dela se encheram d'água e ela o abraçou, soluçando. Ele afagou seus cabelos, e se lembrou das palavras do duque.

– Algumas coisas nos mudam para sempre... – disse ele, tentando se lembrar das palavras exatas. – É muito difícil lidar com a perda. Com o luto. Sentimos que algo nos foi tirado. Mas não sabemos o que fazer sobre isso, como preencher o vazio que ficou. Você sente que quebraram algo dentro de você e acredita que nunca mais se sentirá inteiro de novo. Mas não é verdade. Essa dor irá passar, como tudo passa na vida. Talvez demore, mas essa dor vai passar. Você só precisa se afastar dessa melancolia e lembrar que Emily não vai querer ver você assim.

Ela ficou abraçada com ele por mais algum tempo. Quando os soluços se acalmaram, ela se afastou e olhou em seus olhos.

– Eu sinto muito... – disse ela. – Eu entendo porque não quer me ver. Sei que foi culpa minha o que aconteceu. Se eu não tivesse ido embora, isso jamais teria acontecido. Entendo porque me odeia...

Atônito, ele a segurou pelos ombros e a fez olhar em seus olhos.

– Prateada, nada disso foi culpa sua! Nem minha! A culpa é de Ravin e dos sádicos que o acompanham!

– Mas, por que não quis me ver mais?

Ele deu um suspiro e segurou as pequenas mãos delicadas.

– Porque eu estava com dor. E perdido. E humilhado. E não queria que você me visse assim. E porque tive medo de arrastar você para a minha dor. Me perdoe por ter afastado você...

Eles se recostaram na cabeceira da cama e ficaram abraçados por algum tempo em silêncio. Até que Prateada falou.

– Gostaria que as coisas fossem como antes...

E ele percebeu que nada mais seria como antes. Esse era o motivo real da tristeza de toda a perda. O mundo que conheciam era agora uma lembrança cruelmente doce que nunca mais poderiam visitar, a não ser em suas memórias.

Quando o coração cansou de doer, encheu-se de fúria. Philippe tinha um forte desejo de vingança. E saber que o destino de Ravin estava agora em suas mãos podia não fazê-lo se sentir melhor, uma vez que não desfazia o que fora feito. Mas, ao menos, lhe dava algo para pensar que o distraía da dor que ainda latejava em sua alma.

Capítulo 7

Crime e Castigo

Os três rapazes foram trazidos diante de todos. Apesar do frio, toda a cidade estava presente para ver a execução da sentença dada pelo mestiço Philippe aos três nobres que o venderam aos vampiros. Os rostos estavam apreensivos, ansiosos por ver os condenados.

Ravin, Albert e Carlo vieram com correntes nas mãos e pés. Estavam sujos e mal cheirosos, os ombros caídos, os olhos assustados sem saber o que os esperava. Albert foi o primeiro.

Recebeu sua sentença, sem nada dizer. Ninguém falou em sua defesa, pois o jovem viera de um château distante e não tinha parentes por ali. Assim que a sentença foi proferida pelo duque, o capitão o levou até o pelourinho, prendendo suas mãos e sua cabeça. A população então começou a xingá-lo e jogar frutas e ovos podres em seu rosto. Podia não parecer muito, mas ficar naquela posição humilhante por dois ou três dias era insuportável. Sem poder se sentar, sem poder se erguer, ficaria ali, curvado e preso, sendo alvo de qualquer um que quisesse lhe atirar coisas. Uma mulher foi até ele e deu-lhe uma forte bofetada, não pelo que fizera à Philippe, mas pela forma como ele mesmo a tratara. Albert viera de outro château para escapar de um casamento com uma moça de poucas posses depois de tê-la engravidado. Não mudara seu comportamento desde então.

Então foi a vez de Carlo, que, como era de se esperar, ajoelhou e pediu clemência. Sua mãe falou em seu favor, assim como seu pai e sua irmã. Foi triste ouvir Bernardete, a moça que gostava dele, implorar por misericórdia. Mas ele recebeu a mesma compaixão que tivera com Philippe por todos aqueles anos.

Foi despido diante dos risos de todos. Philippe se lembrava das vezes em que eles o humilharam de maneiras semelhantes. Carlo foi amarrado pelos pulsos a um cavalo. Correu o quanto pode diante das gargalhadas de todos e, quando não aguentou mais acompanhar o ritmo do animal, caiu e foi arrastado pelo chão gelado e por pedras no caminho.

E então, finalmente chegou a vez de Ravin. Ele não pediu perdão e não demonstrou remorso. Apenas olhou para Philippe com olhos repletos de ódio. Rasgaram sua camisa e ele mal se moveu, mantendo o olhar fixo em Philippe. Foi amarrado ao tronco e as chibatadas começaram. No começo, ele não emitiu nenhum som. Mas quando a carne foi castigada e destruída e o sangue começou

a escorrer, ele gritou. A multidão gritou também, bradando palavras de ordem. O chicote subia e descia e gotas de sangue manchavam o chão até que seu corpo, não aguentando mais, desfaleceu.

Philippe fechou o livro diante dele. Não era um livro qualquer. Era um livro que contava histórias de crimes entre os lobos e as punições que os criminosos sofriam. O Livro da Condenação trazia em suas páginas sangrentas as sentenças que já foram dadas a criminosos dentro do Clã dos Lobos Brancos. Usou toda a sua imaginação para ver seus algozes sendo punidos, mas aquilo não o fazia se sentir melhor. Pela lei, toda pena era permitida, desde que não encerrassem a vida do condenado, posto que não havia pena de morte na Alcateia. Também não poderiam infringir ferimentos que tornassem o condenado inútil ou estéril. Muitas vidas foram perdidas durante a Guerra das Sombras. Era de senso comum que todo lobo precisava ser útil em caso de necessidade, e que todo lobo deveria procriar, se assim a Grande Mãe desejasse. Não poderiam haver castrações, ou membros decepados. Fora isso, poderia acontecer de tudo.

Leu sobre a condenação de um homem que teve suas mãos mergulhadas em óleo fervendo. Outro foi obrigado a andar em um caminho de pregos e cacos de vidros. Havia todo tipo de tortura medieval, horrível e capaz de destruir a alma de alguém.

Porém, por mais que amargasse dentro do peito um grande rancor, Philippe se perguntava se tortura e humilhação serviriam para alguma coisa.

O rapaz estava sentado em uma poltrona com uma manta sobre as pernas. Era cedo e Prateada ainda dormia no quarto ao lado. Os cabelos ngros soltos caíam sobre os ombros, pois há tempos não o prendia no rabo de cavalo baixo que lhe era costumeiro. Lá fora, o tempo continuava frio e ranzinza, dando a tudo uma cor esmaecida e cinzenta. Tentar imaginar qual daquelas penas deveria aplicar nas pessoas que tornaram sua vida um inferno desde que era uma criança era difícil. Ao mesmo tempo em que sentia um profundo amargor em seu peito, também se perguntava no que aquilo iria adiantar. Que bem estaria fazendo disseminando mais dor, mais ódio e mais crueldade no mundo que já tinha tanto daquelas coisas.

Uma leve batida na porta o fez erguer o rosto, imaginando quem poderia ser.

– Jacques! – disse, de certa forma surpreso em vê-lo.

O jovem entrou, com um sorriso tímido e caminhou até ele. Entregou-lhe uma pequena cesta que ainda estava quente.

– São biscoitos de gengibre! Minha mãe fez e pediu que eu entregasse a você.

Com um movimento de mãos, Philippe mostrou uma poltrona bem próxima e Jacques sentou-se enquanto o outro retirava o pano vermelho e olhava os biscoitos. Ofereceu ao amigo que aceitou um. Cada um mastigou o biscoito que estava realmente saboroso, com um gosto picante de gengibre ao fundo.

– Estão muito bons! – disse Philippe. – Agradeça a sua mãe.

Mastigaram um pouco em silêncio. Não tinham tido uma conversa de verdade desde que os vampiros o levaram.

– Eu gostaria de ter feito algo naquela noite... – disse Jacques, lembrando de como fora intimidado por Ravin num momento crucial.

Philippe colocou a cestinha sobre uma mesinha ao lado. Ele mesmo também pensara se haveria alguma diferença se Jacques tivesse se imposto. Olhou nos olhos dele, como se ainda procurasse a resposta.

– Eram maioria – disse finalmente. – E o capitão me contou o que você fez. Você e seu pai. Se não fosse por vocês...

Ele interrompeu a história dando um longo suspiro. O que teria acontecido? Achariam que ele fugira atrás de Prateada. Talvez alguém o procurasse. Talvez não. No final, passaria seus dias sendo alimento para vampiros. Com sorte. Com azar, seriam anos. Com muito azar, seria ele mesmo um vampiro que viveria exilado na escuridão se alimentando da vida alheia, longe para sempre de Prateada e de tudo que lhe era caro.

– Espero que me perdoe... – Jacques também pensara muito naquela noite e alimentava alguns remorsos de situações que começavam com “se”.

– Você é meu amigo – respondeu Philippe. – Um dos poucos. Não vamos deixar que as ações de Ravin atrapalhem isso.

Jacques sorriu timidamente. A amizade deles começara de forma estranha e fora forjada com tempo. No final, ele percebia que tinha mais prazer em estar com Philippe e Prateada do que com seus antigos amigos nobres. Então, o sorriso se desfez e ele retirou um envelope de dentro do casaco, entregando-o para Philippe.

– O que é isso? – perguntou ao receber.

– Madame Montaigne, a mãe de Carlo pediu para entregar...

Philippe ficou parado por um segundo, e então bufou.

– Essa mulher nunca me tratou com alguma consideração...

– Eu sei... Eu estava lá na maioria das vezes – concordou Jacques.

Philippe olhou para o envelope pensando seriamente em devolvê-lo fechado. Mas Jacques continuou.

– Mas ela é mãe. E está sofrendo. Ela sabe que o destino do filho dela

está em suas mãos. É uma mulher muito orgulhosa, escrever essa carta deve ter sido a coisa mais difícil que ela já fez na vida.

O outro continuou olhando o envelope. E então decidiu-se e abriu. Leu a carta em poucos segundos, tentando conter a turbulência das memórias ruins que começavam a voltar. Carlo podia ser um idiota. Mas sempre apoiou Ravin em todas as crueldades. E não foram poucas. No final, não era pelo seu último crime que ele os estava julgando. Era pelo conjunto da obra.

Sem responder, dobrou novamente a carta e recolocou no envelope, devolvendo para Jacques.

– Então?... – perguntou Jacques. – Já tem em mente o que vai fazer no Conselho da Lamentação?

Philippe voltou a olhar para ele, piscando algumas vezes e saindo de tempos mais sombrios de seu passado.

– Ainda não... Mas estou pensando...

A porta abriu sem que ninguém tivesse batido e Prateada entrou. Usava um vestido simples, mas de tecido pesado, pois estava frio. O cabelo, como sempre, parecia não ter visto um pente ainda.

– Jacques! – ela abriu um sorriso ao ver o jovem que se levantou para cumprimentá-la.

Ele fez uma mesura educada como se faz com as damas. Prateada deu grandes passos e o abraçou. Sabia o que ele tinha feito por Philippe. Jacques fechou os olhos e sentiu o perfume dela, deixando-se ficar um pouco naquele abraço confortante. Então, eles se sentaram e Prateada aceitou os biscoitos de gengibre.

– Sobre o que falavam?

Os dois rapazes se entreolharam, com dúvidas sobre levar à moça um assunto tão pesado quanto as nuvens de chuva lá fora.

– Sobre o Conselho da Lamentação – respondeu Philippe, que não queria mais esconder nada de Prateada.

– Eu sei o que é! – respondeu Prateada, orgulhosa de estar ficando menos estúpida a cada dia de estudo. – É quando um caso é levado a julgamento e a sentença depende unicamente da vítima. Mas não sei por que tem esse nome! As pessoas ficam se lamentando durante o julgamento?

Jacques riu, divertindo-se com a visão dela.

– Mais ou menos! – explicou ele. – Os acusados têm a chance de pedir perdão e implorar misericórdia. Se for permitido, pessoas próximas podem falar em seu favor.

– Então é isso mesmo! – concluiu Prateada. – É um bando de gente se lamentando.

Ela enfiou um grande pedaço de biscoito na boca, fazendo barulho ao mastigar.

– Você já sabe o que vai fazer? – perguntou ela.

Philippe se recostou na poltrona, cansado. Esfregou os olhos e deu um longo suspiro.

– Estou em uma encruzilhada...

– Fale conosco – sugeriu Jacques. – Talvez possamos ajudar.

Philippe olhou para o jovem sentado na outra poltrona e Prateada sentada na cama próxima, diante dele. Se o fardo da decisão estava pesado, talvez de fato pudesse dividi-lo.

– Quando Michel me levou naquela noite, paramos em uma cidade que tinha um tipo de bordel. Lá eu encontrei um rapaz que conheci no Château das Pérolas. O nome dele era Cazevielle. Tínhamos tido boas conversas quando estivemos por lá, meses antes. Eu lhe pedi ajuda. Ele poderia ter resolvido tudo ali mesmo. Ele não estava sozinho, tinha amigos. Mas, quando soube que eu era um mestiço, ele mesmo me entregou para Michel.

Philippe parou de falar, tentando entender como estava se sentindo de fato.

– Tudo o que ele conheceu de mim, todas as conversas, todos os momentos foram apagados a partir do momento em que minha condição de mestiço veio à tona. Isso nunca fez diferença para Diderot. Ou Prateada. Mas fez para todos que eu conheci, como se eu não fosse uma pessoa. Como se eu fosse só uma... coisa. Um objeto que pode se tratar de qualquer jeito. Ravin, Carlo e Albert são essas pessoas... Os outros me ignoravam. Mas eles, eles eram piores...

Ele olhou para algum ponto perdido diante dele, a tez branca, os olhos violetas brilhantes e escuros cercados por cílios muito cheios, o ódio fluindo em sua voz.

– Eu os odeio – confessou. – Do fundo da minha alma, eu os odeio e espero que eles tenham uma morte horrível e uma vida ainda pior.

O quarto estava em silêncio e só se ouvia a chuva lá fora. Prateada e Jacques não falaram nada. Não era comum ver Philippe naquele estado de espírito tão sombrio.

– Mas fico pensando... – continuou ele. – Se eu fizer isso, o que me tornaria diferente deles? Eles me odeiam, eu os odeio de volta. Eles me ferem, eu os firo de volta...

Jacques se inclinou um pouco para frente.

– Eles não merecem misericórdia, Philippe. Ninguém vai julgar você se quiser ter sua vingança. Não é a primeira vez que fazem coisas ruins com você.

– Eu sei... Mas me dá náuseas cada vez que me deparo com a

possibilidade de me tornar igual a eles...

Jacques pensou um pouco. Então se virou para o amigo.

– Para dar o que eles merecem você terá que descer ao nível deles... Mergulhar no lodo. Mas você não merece viver no lodo em que eles vivem para que tenham uma punição. Porque é o que vai acontecer. Se você se obrigar a lhes dar o castigo que merecem, terá que conviver com isso. E pelo que conheço de você, isso vai acabar por destruí-lo.

Philippe ouviu com atenção. Não sabia o que fazer.

– E se o castigo fosse algo ruim para eles, mas bom para outra pessoa? – pensou alto Prateada. – Assim, não seria só violência, sangue e dor, mas algo que tivesse uma função.

Os rapazes a olharam curiosos. Foi como se uma luz se acendesse numa sala muito escura. Philippe finalmente percebeu o que tinha que fazer. Ainda teria que pensar um pouco, mas o Conselho só aconteceria dali a dois dias, então ainda teria tempo. E agora contava com ajuda.

Capítulo 8

Melhores Amigos

A noite no calabouço era tão silenciosa quanto o dia. A noção de tempo só era medida pelas refeições compostas de restos que os três rapazes recebiam. Eram os únicos no lugar, o que os fazia sentir uma imensa solidão. Era tarde, pois a janta, uma mistura pouco atraente de vegetais em uma sopa com as piores partes de uma galinha,

fora servida havia várias horas.

– Estou com fome... – choramingou Carlo.

– Shhhh! Cale-se, Carlo!

Carlo estranhou. Em todos os dias em que estiveram ali, Ravin nunca respondia aos seus lamentos. Ouviu movimentação e se levantou, como se isso o ajudasse a ouvir melhor.

Ravin se levantara, olhando pela pequena abertura na porta. O coração acelerou quando viu uma chama de lampião pintar manchas nas paredes. Diante dele, surgiu o rosto fino e magro de Brigitte, a serviçal que lhe devotava amor incondicional.

– Você conseguiu! – disse ele, sorrindo.

A moça anuiu timidamente com a cabeça e se afastou. O som da tranca despertou Albert, que dormia na cela ao lado. Levantou-se e colocou o rosto na pequena portinhola gradeada por onde viu Ravin saindo de sua cela, o guarda Remi e a serviçal magricela que fazia todo tipo de favor ao jovem nobre.

– Então você achou a caixa! – disse Ravin, satisfeito em ver seu plano funcionando.

A moça anuiu com um balançar de cabeça, sem sorrir.

– Bem, então vamos logo! Remi, abra as outras portas!

– Nem pensar, Ravin! – respondeu o guarda. – O acordo só vale para você.

– Como? Mas você recebeu sua parte! E recebeu muito bem!

– Não há dinheiro no mundo que pague a fúria de Lamayer! – retrucou o guarda, pouco mais velho que ele e com quem já até tomara algumas cervejas no Presas de Prata. – Posso encobrir uma fuga. Mas três?! Ninguém vai acreditar nisso e terminarei do lado de lá dessa porta que acabei de abrir pra você.

– Está tudo pronto! – disse a moça, em voz trêmula. – Você só precisa ir!

Ravin olhou em volta, vendo Carlo com o rosto em uma janelinha, e

Albert na outra.

– Não, eu preciso deles comigo!

Ele se inclinou para o guarda, sussurrando nova proposta.

– Eu posso lhe dar mais!

Remi o olhou de lado, desconfiado.

– Quanto?

Ravin falou algo no ouvido da moça. Então ela tirou do vestido uma sacolinha. Ravin abriu e conferiu o conteúdo. Entregou ao guarda que fez o mesmo. Depois de um pouco pensar, colocou a sacolinha dentro do bolso e disse.

– Muito bem, pode escolher um!

– O que?! – indignou-se Ravin. – Eu lhe paguei uma pequena fortuna, isso vale pela saída de 20 presos!

Remi se inclinou para ele, fazendo-o se calar.

– Preciso de pelo menos um para aplacar a ira do Duque. Escolha um.

O jovem percebeu que não haveria negociação naquele caso e aquilo era o melhor que conseguiria. Virou-se para pensar, enquanto os amigos, que tudo ouviam, aguardavam sua decisão. Pensou por alguns segundos e então fez sua escolha.

– Albert. Liberte Albert.

Carlo, que o acompanhou desde que eram crianças e com quem crescera, perdeu a cor.

– Ra-ravin! – começou a balbuciar.

O amigo foi até a porta e olhou em seus olhos.

– Desculpe, Carlo. Mas uma fuga é pressão demais para você, de qualquer maneira. Espero que você tenha sorte no julgamento!

E virou as costas, sem olhar para trás enquanto ouvia seu nome ser chamado repetidas vezes.

Carlo ainda chamou pelo amigo de infância por algum tempo, mesmo quando o lugar mergulhou novamente na escuridão e no silêncio. Virou-se e recostou-se na porta, deixando-se escorregar até se sentar no chão. Lágrimas caíram pelo rosto enquanto seus olhos perplexos olhavam as pedras que o confinavam.

– Você era meu melhor amigo... – disse, antes de cair em um pranto convulsivo.

Em pouco tempo estavam fora do castelo. Remi os levara até a saída e Brigitte os acompanhou até o local no bosque onde escondera os cavalos com as provisões.

– Bem, agora não precisaremos de três cavalos... – comentou Ravin, vendo que Brigitte fizera tudo o que ele pedira.

– Pobre Carlo... – lamentou Albert. – Ao menos ele terá o dinheiro dele quando sair...

– Não, não terá – respondeu Ravin. – Eu pedi à Brigitte que pegasse tudo o que ganhamos na venda do mestiço. Eu segui vocês dois para saber onde esconderam.

Albert não queria parecer surpreso, mas estava.

– Eu esperava pagar a saída de todos nós... – explicou-se Ravin.

– Talvez você devesse ficar! – disse, de repente, Brigitte. – Philippe mostrou compaixão comigo, mesmo depois que eu o acusei de roubo! Ele pode ter compaixão por vocês também!

Ravin a pegou pelos braços com certa violência, os olhos brilhando na ira súbita.

– Eu prefiro morrer a ter a compaixão daquele mestiço!

Percebendo que assustara a moça, ele a soltou, voltando a ver se a sela do cavalo estava apertada. E então teve uma ideia.

– Por que você não vem conosco?

– Eu?!

– Temos um cavalo e provisões sobrando agora! – disse o rapaz. – Venha conosco, saia desse lugar sem futuro.

Brigitte enfrentou nesse momento uma tempestade de emoções. Apaixonada por Ravin desde que tinha 14 anos, ela nunca tivera a atenção dele. Sabia que não teria chance sendo uma simples serviçal sem nome, sem beleza ou outros atributos que lhe servissem. Mesmo assim, conseguiu atrair sua atenção ao ajudá-lo a ferir o mestiço. Ela mesma tinha pena de Philippe, que sempre a tratou tão bem, mas o amor que sentia por Ravin pedia alguns sacrifícios. Agora, Ravin, o amor de sua vida, a chamava para fugir com ela. Deixaria para trás tudo o que conhecia. Seu pai, seu irmão e o namorado que lhe devotava tanto amor, mas por quem seu coração nunca batera mais forte.

Em poucos segundos, deixou seu coração tomar a decisão mais importante de sua vida. Pegou na mão estendida de Ravin e uniu-se a ele em uma fuga. E assim, três cavalos partiram na noite, guiados apenas pela lua que mansamente observava o que ia no coração dos seus filhos e filhas...

Quando Brigitte não apareceu na cozinha, Chalise imaginou que ela tivesse ficado dormido até mais tarde ou que tivesse pegado um resfriado. Com o

inverno rigoroso, era comum que a criadagem perdesse a hora, ou cedesse a uma doença que vinha com o frio. Assim sendo, ela mandou Adeline levar a comida para os prisioneiros e para o guarda que ia substituir Remi. Pouco depois, a menina voltou correndo esbaforida, dizendo que encontrara Remi desacordado.

Um bafafá se formou no castelo e o capitão e o duque em pessoa foram imediatamente ver o que ocorrera. Remi acordara, meio grogue, e dizia não se lembrar de nada. O capitão pegou o prato sobre a mesa com as sobras do jantar e cheirou, sentindo um aroma peculiar que reconheceu graças ao conhecimento que absorveu de sua esposa Emily.

– Valeriana...

Lamayer andou irritado pelo pequeno aposento onde os guardas encarregados da carceragem ficavam se revezando. Olhou novamente para Remi, os olhos cinzentos perscrutando o jovem.

Por alguns momentos, Remi temeu que ele descobrisse tudo. Controlou-se para não sair de seu papel de vítima.

De fato, o maior desejo de Lamayer naquele momento era jogar o incompetente em uma cela, mas no momento tinha outras prioridades.

– Reúna um grupo de soldados. Iremos atrás deles.

Remi respirou aliviado. Escapara da fúria do duque. Mas se esqueceu do capitão.

– Recomponha-se – ordenou Diderot. – Você vem conosco.

Diderot não sabia se Remi tinha sido negligente ou cúmplice. Até que descobrisse, o manteria o mais próximo possível. A convivência costumava ser uma ótima estratégia para se chegar à verdade sobre uma pessoa.

Usando cães, logo encontraram o ponto onde os cavalos estiveram esperando. A partir daí, seguiram os rastros ainda frescos, antes que uma chuva destruísse qualquer chance de encontrá-los.

Quando Prateada acordou, Celine já estava a postos. Encontrou-a diante de uma janela que dava para a entrada do castelo.

– O que houve?

– Ravin e Albert fugiram!

Prateada não tinha tomado café ainda. Comida costumava ser sempre sua prioridade. Ela ficou alguns segundos parada, como se absorvesse a informação.

– Meu pai e o capitão saíram atrás deles com alguns homens.

Celine achou que Prateada ia fazer as perguntas que uma pessoa normal faria, como quando isso acontecera, se alguém ajudara, ou algo assim. Mas a moça continuou parada diante dela. Então, ela cerrou um pouco os olhos, ficando com uma aparência um tanto assustadora. Sem dizer uma palavra, virou-

se e seguiu na direção da porta.

– Prateada? – Celine deu alguns passos atrás dela.

A moça abriu a porta, saiu e continuou caminhando, aumentando a velocidade dos seus passos. Celine foi atrás dela, sem compreender o que ela pretendia. Os passos ficaram mais rápidos e Prateada começou a correr, o vento batendo em seu rosto, jogando seus cabelos em todas as direções como uma fogueira da cor do aço. E então ela se projetou para frente, correndo de quatro, já transformada em um grande lobo branco, deixando a leve camisola ser levada pelo vento.

Celine gritou seu nome e correu atrás dela, mas era tarde. A loba desapareceu no meio da floresta enquanto a camisola branca voava como se tivesse vida própria na direção do céu cor de chumbo.

Celine voltou correndo para dentro do castelo e fechou a porta atrás de si, o coração aos saltos. Como explicaria ao seu pai que perdera Prateada?

Passos sem ritmo chamaram sua atenção. Philippe se aproximou envolto em um roupão cor de vinho, o que só aumentava o contraste com sua tez absurdamente branca.

– Eu vi Prateada se transformar pela janela! – disse ele. – O que aconteceu?

Celine deveria saber que quando o pai a deixou encarregada do Château essas perguntas viriam e viriam dessas pessoas. E ela teria que responder. Mas tudo acontecera tão rápido que ela simplesmente não estava preparada.

– Ravin e Albert fugiram nessa noite – respondeu ela, sem muito pensar. – Meu pai e o capitão estão atrás deles. Contei isso à Prateada e... E ela saiu correndo!

Philippe arregalou os olhos e caminhou até a janela, de onde podia ver o ponto onde a amiga desaparecera em forma de lobo.

– Ela foi atrás de Ravin... – murmurou.

Celine foi até onde ele estava, olhando para o mesmo ponto que o rapaz, numa esperança vã de que a moça milagrosamente voltasse. Celine passou as mãos na cabeça e deu um suspiro.

– Meu pai vai me matar...

Capítulo 9

O Outro Lado do Rio

Só conseguiram correr um pouco mais quando o dia clareou. Antes, era manter o passo normal com atenção para buracos, troncos caídos e ribanceiras. Pararam na beira de um riacho para os cavalos beberem água e descansarem um pouco.

– Mal posso esperar para chegarmos em casa!

Albert estava confiante que chegariam em alguns dias ao Château dos Pinheiros, conforme combinaram no caminho.

– E você tem certeza de que o Conde de Lessay ficará do nosso lado? – perguntou Ravin.

– Claro que ficará! Meu pai sempre me apoiou! Ele falará com o duque e chegarão a um acordo, um que não envolva nos rebaixarmos a um mestiço ou apodrecer no calabouço.

Brigite se afastara para fazer coisas que só ela poderia fazer e não queria plateia. Foi o único momento em que Albert pôde falar sobre isso com Ravin.

– Tem certeza de que foi uma boa ideia trazê-la conosco?

Ravin deu de ombros.

– Ela sempre me ajudou... Pode ser útil ainda.

Nem mesmo Ravin sabia por que tinha trazido a moça com ele. Talvez porque a devoção que ela nutria por ele fosse algum tipo de conforto naquele momento em que todos lhe viraram as costas.

– Vamos, o duque certamente mandou um grupo atrás de nós... – disse Ravin, subitamente preocupado. – Temos que atravessar o rio para que percam nosso rastro.

Seguiram caminho pela floresta, forçando os cavalos para ganharem distância. Estavam muitas horas a frente e seria difícil que fossem alcançados, mesmo com bons cães farejadores. Mesmo assim, havia algo dentro deles que alertava para um perigo iminente.

Já passava das duas da tarde quando ouviram o som da água e sentiram o cheiro. Finalmente alcançaram o rio. Cavalgaram até sua margem e se depararam com uma extensão de mais de 100 metros de água revolta.

– As águas estão bravas... – comentou Albert. – Não conseguiremos passar por aqui.

– Meu pai me falou desse rio muitas vezes – respondeu Ravin. – Há um ponto mais a frente em que ele se torna mais raso e mais calmo. Só precisamos

seguir até esse ponto.

Um grito feminino chamou a atenção dos dois. Brigitte estava com os olhos arregalados e a mão na boca olhando para algum ponto atrás deles. Olharam na mesma direção e se depararam com uma imensa loba branca a encará-los. Ela estava no alto de uma encosta que ladeava a floresta por onde vinham. Entre eles e Prateada havia quilômetros de terra em declive e árvores castigadas pelo inverno.

– Temos que correr! – gritou Albert. – Se ela nos alcançar, estará tudo acabado!

Instigaram os cavalos e correram na margem do rio enquanto a loba os acompanhava em saltos largos pelo alto do monte. Com um olho no caminho a frente e outro na loba, Ravin trincava os dentes enquanto o vento gelado castigava seu rosto.

Quando Prateada começou a descer o declive, Ravin percebeu que era questão de minutos até que ela finalmente os alcançasse. Então, resolveu tomar uma medida drástica.

– Vamos atravessar o rio!

Albert e Brigitte o olharam apavorados. As águas violentas e geladas eram um convite à morte. Para Ravin, a morte seria melhor do que voltar ao chateau depois de uma fuga.

Ele foi o primeiro a tomar a iniciativa. O cavalo resistiu, mas logo entrou nas águas. Ravin, segurou o cavalo de Brigitte, ajudando a moça que não sabia montar tão bem quanto ele. Albert os seguiu, sentindo grande dificuldade em controlar sua montaria que relinchava e resistia conforme a água ficava mais funda.

Quando Prateada chegou na margem, uivou. Não sabiam se ela estava frustrada ou se queria alertá-los do perigo. Quando não estavam transformados, não tinham a conexão mental que lhes permitia uma conversa. A loba então começou a ficar ainda maior, erguendo-se sobre as duas patas traseiras e se transformando em uma fera de mais de três metros de altura. E então, ela entrou nas águas, os dentes à mostra, as orelhas para trás e toda a expressão de fúria que a tornava ainda mais assustadora.

As águas turbulentas se tornaram mais fundas e mais perigosas, já chegando nas coxas deles. Estavam na metade do caminho quando Albert caiu. Ravin gritou seu nome e o amigo se segurou em uma pedra para não ser levado pela correnteza. Brigitte pegou as rédeas do cavalo de Albert, que estava ao alcance de Ravin. Bastava que lhe estendesse a mão e o puxasse.

Ravin olhou para trás e viu Prateada no meio do caminho. Estava parada, de orelhas em pé, olhos atentos ao que estava acontecendo com Albert. E foi

quando lhe ocorreu. O quanto Prateada queria sua pele? O quanto ela sacrificaria para levá-lo à justiça? Considerando sua índole e tudo o que aprendeu, ela deixaria um deles morrer apenas para pegar um criminoso?

– Ravin! – gritou Albert, se engasgando com a água. – Me ajude!

– Brigitte, me dê as rédeas!

Ravin pegou o cavalo de Albert e continuou seu caminho para o outro lado do rio. A luta contra a correnteza foi desgastante e desesperadora e pareceu durar horas. Até que conseguiram finalmente sair da água e pisar em terra firme. Ravin se virou para ver o que tinha acontecido.

Prateada enfrentou as águas, determinada a caçar Ravin até o fim do mundo, mas quando chegou perto de Albert, percebeu que o rapaz estava se afogando. Quando suas mãos escorregaram e ele soltou a pedra, as grandes patas da fera seguraram seus braços. Com esforço para não ser levada também pela correnteza, ela puxou o rapaz que estava engolindo água.

Ravin viu Prateada retornando à margem contrária apoiando Albert, quase desacordado. Quando os dois chegaram em terra, ela o deixou cair e se virou. Viu Ravin do outro lado e ele estava rindo, sentindo-se vitorioso. Furiosa, ela rosnou e urrou, mostrando os dentes, enquanto os via desaparecer na floresta do outro lado.

Era início da noite quando Lamayer retornou ao château. Com ele estavam o capitão e a maior parte do grupo que saíra de manhã. Não poderiam prosseguir noite adentro. Além da falta de provisões, não podia deixar o Château das Vertentes sozinho. Por isso designara seis homens para continuarem na busca pelos fugitivos.

– Em algum momento, eles irão parar em algum château – disse o capitão.

– Enviarei mensageiros para todos os Châteaux do Clã dos Lobos Brancos com ordem de prendê-los se aparecerem – concluiu Lamayer, cansado do dia longo sobre um cavalo.

Os homens foram dispensados logo na entrada do castelo, mas Lamayer pediu que Diderot o acompanhasse no jantar.

Assim que entrou no castelo, encontrou Philippe e Celine no salão principal e logo estranhou uma ausência que era facilmente sentida.

– Onde está Prateada?

Celine começou a balbuciar.

– Foi atrás de Ravin e Albert – respondeu Philippe.

– O quê?!

Antes que o duque administrasse seus pensamentos sobre o ocorrido, a porta da frente se abriu e uma fera enorme adentrou o aposento arrastando consigo um fardo.

Jogou Albert no meio do salão. O rapaz estava trêmulo, molhado e sujo de terra. Ficou de joelhos em silêncio, os cabelos escuros colados na testa.

A fera então começou sua transformação, voltando a ser em poucos segundos a jovem que conheciam. Já sabendo do hábito de Prateada de não se importar com a própria nudez quando se transformava, Diderot retirou seu manto no momento em que a fera começou a diminuir de tamanho e num rápido girar, cobriu completamente a moça, que estava mesmo morrendo de frio.

– Sinto muito... – disse ela. – Ravin escapou.

Philippe foi até ela e a abraçou.

– Não importa... – disse ele.

– Então Ravin está sozinho... – comentou Lamayer. – Isso vai tornar sua fuga um tanto pior.

– Ele não está sozinho! – corrigiu Prateada. – Brigitte, aquela criada que acusou Philippe de roubo ano passado, está com ele.

Lamayer mandou que Prateada fosse se vestir e se aquecer, já que a menina estava tremendo. O capitão ficou encarregado de cuidar de Albert. Ele foi devolvido à sua cela com uma nova muda de roupas, mais seca e mais quente. Não disse uma palavra quando chegou. Não disse uma palavra quando a porta se fechou e ele voltou a mergulhar na escuridão da cela. Dessa vez, estava na cela de Ravin tendo ao lado Carlo.

– Ele deixou você para trás também, não é? – ouviu o outro dizer.

Albert deu um longo suspiro, sentindo-se um tolo. Deveria ter sabido disso. Ravin deixaria qualquer um para trás se isso o salvasse. Estava decepcionando consigo mesmo. Achou que era mais inteligente que isso...

– Cale a boca, Carlo...

Capítulo 10

O Concílio das Lamentações

O grande salão do castelo foi preparado para receber quantas pessoas quisessem acompanhar o julgamento. E era praticamente todo mundo. Não era todo dia que nobres de famílias tradicionais e ricas eram julgados pelo tipo mais rejeitado de lobo: um mestiço que nunca se transformara.

Em um tablado acarpetado, Jean Lamayer, o duque das Vertentes, estava sentado em sua grande cadeira vermelha que se assemelhava a um trono. Ao seu lado, Celine ocupava uma cadeira menor à direita e Prateada ocupava outra à esquerda.

Fora do púlpito elevado onde estavam, outras pessoas importantes ao julgamento estavam em suas cadeiras, como Fernand, que possuía uma mesa com um grande livro onde anotaria tudo o que visse e ouvisse, documentando assim o caso detalhadamente. À direita, uma cadeira foi colocada para um pálido Philippe, que ainda sentia fortes ondas de fraqueza se ficasse de pé por muito tempo. Ao seu lado, o capitão Diderot estava de pé, observando o movimento.

Uma pequena multidão lotou o salão. Muitos ainda ficaram de fora e esticavam seus pescoços para tentar ouvir alguma coisa. Havia burburinho e curiosidade. Era um caso complicado. Por mais que lobos puros não dessem atenção a um mestiço ou ao que ocorresse com ele, como a existência de Philippe naquele lugar bem podia comprovar, nenhum lobo em sã consciência estaria de acordo com o que Ravin e os outros fizeram. Vender um deles aos vampiros era considerado mais do que um crime, mas uma traição e uma humilhação. Considerando o clima geral, não havia muitas pessoas que apoiassem os rapazes que seriam julgados naquele dia.

A multidão abriu um corredor quando dois guardas trouxeram os dois rapazes. O burburinho cessou e o silêncio foi ainda mais constrangedor.

Foram colocados diante do tablado onde permaneceram de cabeças baixas. As roupas imundas não se assemelhavam em nada com os gibões de tecido nobre e detalhes em brocado que costumavam usar. O deboche e a arrogância deram lugar a ombros curvos e olhares baixos.

O capitão se aproximou e leu as acusações.

– Estão hoje aqui para serem julgados Albert de Lessay e Carlo de Montaigne para serem julgados pelo crime de traição ao venderem um membro do Clã dos Lobos Brancos para os vampiros. Ravin Denvier, tendo fugido

ontem, será julgado à revelia e cumprirá a pena quando for capturado. Seu julgamento também acontece hoje diante do duque das Vertentes.

O duque então se levantou. Desceu imponente do tablado e olhou para os rapazes que mantinham os olhos voltados para o chão.

– É deprimente que tenhamos que passar por isso. Vocês são uma vergonha para seus pais e suas famílias! Vender um de nós para os vampiros denigre os Lobos Brancos como um todo. A única coisa que nos manteve vivos na Guerra das Sombras e em todas as guerras que vieram antes dela, e em todas que ainda virão, é o fato de podermos contar uns com os outros quando enfrentamos o inimigo. O que acontece quando fazemos uma emboscada e entregamos um de nós aos inimigos, e ainda aceitamos dinheiro por isso? O que vocês fizeram foi degradante e imperdoável!

A voz do duque ecoava no salão com um misto de ira e indignação. Ele lhes lançou um olhar de desprezo.

– Espero que tenham usado seu tempo na prisão para rezar aos deuses para que o jovem que vocês vitimaram tenha mais compaixão do que eu. Pela lei, o Conselho da Lamentação está aberto. Se houver alguém que deseje falar em favor de Albert de Lessay, que se aproxime agora.

O duque voltou para sua cadeira e aguardou. Philippe não tirava os olhos dos dois. O rosto duro, o coração acelerado, todo o processo provocava um turbilhão de lembranças ruins dentro dele. Os cabelos estavam soltos, caindo pelos ombros e pelas costas, dando-lhe um ar selvagem e assustador.

Albert não era dali e chegara havia pouco mais de um ano. Fizera alguns amigos superficiais entre a nobreza. Desprezara todos que não lhe dessem alguma vantagem. Não foi surpresa que ninguém se apresentasse. O duque já ia dar prosseguimento, quando alguém se aproximou. Uma senhora de baixa estatura e cabelos grisalhos cobertos com um lenço preto se apresentou. Era Madame Marie Déon.

Lamayer ergueu o rosto, reconhecendo-a. Ela vivia reclusa e poucos a viam. Vivia do que plantava e pouco interagiu com os outros. Ele se lembra de sua triste história. Há mais de 20 anos, uma doença misteriosa assolou a casa de Marie. Em apenas seis semanas ela enterrou o marido, a filha de 3 anos e o caçula de 8 meses. Foi um golpe que a destruiu. Ainda era jovem e bonita, mas nunca mais quis se casar. Isolou-se e os boatos sobre ela ser amaldiçoada se espalharam por algum tempo, até serem esquecidos.

Ninguém entendeu o que aquela mulher que vivia à margem da cidade estava fazendo ali. Com o rosto cansado e marcado mais pela tristeza do que pelo tempo, ela retirou o lenço da cabeça, revelando o cabelo bem cuidado penteado graciosamente para trás e preso em um coque.

– Meu nome é Marie Déon e venho falar em favor do jovem Albert.

Um burburinho de surpresa se ergueu, mas o duque fez um movimento de mão, calando os presentes.

– Não sabia que se conheciam... – comentou o duque.

A mulher olhou para o jovem. Voltou a olhar para o duque.

– Não nos conhecemos.

– Então, o que pode falar em seu favor?

– Venho falar como mãe de filhos mortos.

As palavras fortes pareceram gelar o lugar. Philippe estava curioso, pois sabia pelas vestes que aquela mulher não era nobre e, se tinha posses, não ostentava. Logo, ela teria sido invisível para Albert. Por que defender alguém que nunca lhe deu sequer bom dia?

Com um movimento de cabeça, o duque lhe disse para continuar.

– Como o senhor sabe, há vinte anos perdi tudo o que era mais precioso para mim. Perdi meu marido. Perdi meus filhos. Nunca me recuperei. Nunca me recuperarei. Meu corpo está aqui, mas meu coração está enterrado sob uma árvore frondosa junto com eles. Eu conto cada respiração imaginando quanto falta para a última, a que vai finalmente me libertar dessa vida de solidão e saudade.

Ela fez uma pausa. Os olhos se encheram de água.

– Eu não conheço o jovem. Mas sei que ele é filho de alguém. Só posso imaginar o quanto ele o feriu, Philippe... Mas peço que não inflija a ele castigo que mate também sua mãe e seu pai. Porque nenhum pai ou mãe deveria viver para enterrar seus filhos. É o maior castigo que alguém pode receber. Sei que não há pena de morte entre nós, mas há o confinamento e o exílio, o que dá no mesmo. Para uma mãe, é se despedir para sempre de seu filho. Se eu pudesse fazer um pedido à Deusa, seria para poupar outras mães da dor que eu sofro até hoje. Obrigada.

Ela fez uma reverência com a cabeça, se virou mansamente e voltou para a seu lugar na multidão, enquanto recolocava seu lenço sobre a cabeça.

Philippe a acompanhou com os olhos. Era como se visse a dor em forma humana dando lentos passos pelo salão. Ele nunca tivera filhos para saber do que ela falava. Mas ele tivera mãe. E a perdeu com apenas 10 anos. E até hoje sente o vazio, a saudade e a ausência de seu perfume, seu toque, sua voz. Podia não ser a mesma coisa. Mas ele compreendia o que era dor.

– Mais alguém para falar em defesa de Albert?

O silêncio foi a resposta. O duque então seguiu adiante.

– Alguém deseja falar em defesa de Carlo de Montaigne?

A primeira a se apresentar foi Madame Montaigne. Tinha os olhos

vermelhos e o rosto inchado de tanto chorar. Seu discurso foi baseado no desespero de ver seu filho sofrer, ou ser tirado dela de alguma maneira. Não foi inspirado como o de Madame Déon, mas foi dramático. Chegou a se jogar de joelhos na frente de Philippe e implorar que tivesse misericórdia.

O jovem não tinha motivos para simpatizar com ela, ou para se comover com suas palavras. Apenas ouviu em silêncio o que ela tinha a dizer. Depois dela, foi a vez do pai de Carlo, que pediu, em poucas palavras que compreendessem que seu filho era inocente, posto que apenas obedecia as ordens de Ravin. Por último, foi a vez de Bernadete, a namorada de Carlo. De rosto redondo e sardento, a jovencinha se aproximou timidamente. Virou-se para Philippe.

– Eu sinto muito pelo que ele fez... E eu sinto muito nunca ter dito nada sobre isso. Se eu tivesse falado o quanto era errado o que ele fazia com os amigos, talvez ele não estivesse aqui hoje. E agora, todos nós pagamos por termos nos calado. Por termos fechado os olhos. Mas é um erro que nunca mais cometeremos! Por favor, Philippe du Noige, tenha compaixão!

Ela tentou ler nos olhos do rapaz se seu pedido seria atendido. Mas nada viu e se retirou.

– Há alguém para falar em defesa de Ravin D’Envier?

Imediatamente um pequeno grupo se formou. Não era só o pai de Ravin, mas alguns dos nobres mais influentes do château. Lamayer logo percebeu que tentavam fazer alguma pressão ao aparecerem todos juntos. Não se abalou e pediu que cada um falasse na sua vez.

Os argumentos deles foram em torno de todas as qualidades de Ravin e sobre como um único erro não deveria destruir a vida de um jovem tão promissor. Philippe sentiu o estômago revirar ao ouvir aqueles homens. Nenhum se deu ao trabalho de olhar para ele. Apelavam diretamente ao duque. Falavam das proezas de Ravin como se ele fosse um campeão, ignorando sua falta de empatia e civilidade. Não havia nenhum remorso neles.

O processo durou algumas horas e quando o último homem falou, Lamayer se virou para Philippe, chamando-o com um movimento de mão. O rapaz se levantou e foi até ele. Lamayer se inclinou para lhe falar em particular.

– Se estiver exausto, podemos fazer uma pausa. Mas se estiver pronto, podemos ir para a sentença.

Depois de mais de quatro horas de julgamento, estavam todos exaustos, mas Philippe não via motivos para prolongar aquela situação. Disse que estava pronto. Jean Lamayer então se levantou.

– Pela lei, as lamentações foram ouvidas e agora cabe à parte prejudicada dar sua sentença.

Ele voltou ao seu lugar, dando espaço para Philippe. O rapaz então caminhou até ficar de frente para Albert e Carlo, que desviaram o olhar.

– Olhem para mim – disse.

Os dois permaneceram olhando para o chão. Até que um grito os fez estremecer e obedecer, mesmo que involuntariamente.

– OLHEM PARA MIM!!! – vociferou Philippe.

E então eles olharam para os olhos violetas furiosos, a pele tão branca que podia-se ver pequenas veias azuis traçando caminhos erráticos, os cabelos negros soltos e a expressão de rancor profundo que nunca haviam visto antes.

– Vocês me perseguiram – disse, em voz mais baixa. – Me torturaram. Me espancaram. Me emboscaram. Me venderam. O mínimo que eu quero de vocês agora é que olhem nos meus olhos e me digam por quê.

Carlo e Albert ficaram confusos. Olharam um para o outro e novamente para o rapaz diante deles.

– ME DIGAM POR QUÊ! – gritou Philippe de novo.

Albert balançou um pouco os ombros parecendo nitidamente confuso.

– Eu não sei...

Philippe se voltou para Carlo, esperando a resposta dele. O juvenzinho começou a balbuciar coisas incompreensíveis, até que alguma coisa inteligível saiu.

– Era só uma brincadeira...

Philippe piscou várias vezes, atônito. Uma brincadeira... Era o que ele era para eles. Um brinquedo que não tinha importância se quebrasse. Balançou a cabeça, perplexo e virou as costas, afastando-se alguns passos.

– Albert de Lassay – disse, com voz alta e imponente. – Não vejo mérito em prendê-lo para sempre, embora essa seja a minha vontade no momento. Também não vejo nenhum bem nas punições típicas de enfiar suas mãos em óleo fervente ou chicoteá-lo no tronco. Essas coisas fariam, na melhor das hipóteses, você ter medo de ser um monstro na frente das outras pessoas. Na pior, o tornaria um monstro ainda pior. Por isso, eu o condeno a servir! Você será enviado ao Château das Pérolas, onde cuidará das crianças mestiças que lá estão. Não poderá usar seu dinheiro ou sua influência em benefício próprio. Viverá com elas, cuidará delas e as defenderá de quem quiser feri-las.

Albert estava tão confuso quanto todo mundo ali. Nunca ninguém ouvira uma sentença tão estranha.

– Por quanto tempo?... – perguntou Albert, compreendendo que nenhum château era um paraíso para se viver junto a mestiços, mas o das Pérolas era tão pior que era difícil imaginar.

– Depende. Se fizer um bom trabalho, e, acredite, eu saberei, ficará lá por

cinco anos.

– Cinco anos?!

– E agradeça à Madame Déon! Seria dez.

– E minha mãe?... – perguntou Albert, sentindo os olhos se encherem d'água.

Philippe o olhou por alguns segundos.

– Se seus pais quiserem, podem se mudar para lá para ficarem perto de você. Agradeça à Madame Déon por isso também...

E então, Philippe se virou para Carlo.

– Carlo de Montaigne, você sempre foi rude, mentiroso e covarde. O mesmo que eu disse sobre Albert se aplica a você. Então, eu o condeno, da mesma forma, a servir!

Carlo olhou para Albert ao seu lado.

– Vai me mandar para o Château das Pérolas também?

– Não - respondeu Philippe. – Você servirá a mim.

– O que?... – Carlo não entendeu.

– A partir de hoje, você será meu criado.

Os lábios de Carlo tremeram e nenhum som saiu de sua boca.

– Eu sei como você trata a criadagem. Pude conferir eu mesmo toda a sua cortesia. Então, acho que será interessante se vir como é estar do outro lado.

Madame Montaigne desmaiou. Imaginar ver o filho ser tratado como um criado era demais para ela.

– Por quanto tempo? – perguntou Carlo.

– Até que eu decida ou você morra. O que vier primeiro.

A voz de Lamayer foi ouvida.

– E quanto à Ravin?

Philippe olhou para o espaço vazio onde Ravin deveria estar. Ficou em silêncio por algum tempo.

– Ravin é a pessoa mais cruel que eu já conheci. Se não fosse ele, Albert e Carlo não estariam aqui. Ele não só me causou sofrimento a vida inteira, mas arrastou a vida desses dois para a desgraça. Não vejo nenhum tipo de punição que tenha a chance de tornar Ravin uma pessoa melhor. E o considero perigoso demais para estar perto de qualquer pessoa. Ele é venenoso e contamina tudo o que tocar com sua maldade. Por isso, eu o condeno ao caminho que ele mesmo escolheu. Eu o condeno ao exílio. Não receberá ajuda, alimento ou guarida em nenhum Château dos Lobos Brancos. Viverá como um párea, excluído. Espero que assim ele não prejudique mais ninguém.

O senhor Denvier se precipitou para fora do grupo onde estava e gritou para Lamayer.

– Vai permitir essa loucura?!

Lamayer ficou em silêncio. Todos olhavam para ele, esperando algum tipo de intervenção.

– Está bem – disse o duque. – Vou dar a minha sentença a cada um dos três. E cada um poderá escolher entre a minha sentença e a do garoto. Está bem para você, Philippe?

O jovem percebeu algo no olhar do duque que revelava cumplicidade. Concordeu com um meneio de cabeça, voltando para sua cadeira. O duque então se levantou e ficou de frente para os dois jovens maltrapilhos que o olhavam com esperança.

– Albert e Carlo, eu considero o crime que vocês cometeram um dos piores. Não havendo pena de morte, eu os condeno a 50 anos na prisão do castelo, só recebendo liberdade condicional em caso de guerra. Quanto à Ravin, que foi quem planejou tudo, a pena será de 100 anos, além de 50 chibatadas para cada um. Suas famílias deverão também dar uma compensação a Philippe. Trezentas moedas de ouro de cada um é o bastante.

O silêncio que se seguiu durou alguns longos momentos.

– Então? O que decidem?

Capítulo 11

O Visitante da Noite

A tarde no Château das Vertentes foi repleta de fofocas e comentários. Em um lugar tão pacato, o Conselho das Lamentações tinha sido um evento único que seria comentado ainda por muitas gerações. Nunca, em toda a história daquele château, se ouvira de um mestiço condenar três nobres de famílias tradicionais.

No castelo, o almoço fora servido com fartura de comida e escassez de conversa. Todos ali conheceram os rapazes desde crianças. Celine chegara até a noivar com Ravin. Mas apenas Philippe e Prateada conheceram o lado mais sombrio deles. O sentimento era conflitante. Era bom ter justiça. E, ao mesmo tempo, era vergonhoso que tenham chegado àquele ponto.

Diderot fora convidado a comer com eles e trocava algumas palavras com o duque, enquanto Philippe parecia distraído com sua sopa de beterraba reforçada, prato que Chalise o obrigava a comer todos os dias por orientação do doutor Marceau. Celine não estava animada e beliscava uma coxa de frango sem muito interesse. Prateada comia avidamente, olhando para os dois de vez em quando.

– Mandarei cartas a todos os châteaux informando sobre a sentença de Ravin – dizia Lamayer em sua conversa com Diderot – Amanhã mandaremos Albert para o Château das Pérolas. Escolha dois homens para acompanhá-lo.

– E quanto a Carlo?

– Bom... Depende de Philippe. Se ele quiser, pode começar sua pena agora mesmo.

Eles olharam para o rapaz esperando alguma resposta. O jovem deixou a colher cair e levou as mãos à testa, franzindo o cenho.

– É a tontura... – falou o duque, que se lembrava bem dos sintomas da perda de sangue grave. – É melhor terminar de comer e descansar.

– Me desculpem... – respondeu Philippe, virando-se para eles e parecendo realmente muito cansado. – Sobre Carlo... Eu já tenho tarefas para ele hoje mesmo.

Philippe estava com Prateada em seu quarto quando Diderot levou Carlo até ele. O rosto estava inchado e os olhos vermelhos. Os ombros curvados

traduziam sua derrota. Seu silêncio era uma anuência à sua nova vida.

– Muito bem... – disse Philippe, tentando parecer imponente e escondendo a fadiga que se tornava pior a cada minuto. – A partir de agora, você é meu criado e estará 24 horas por dia à minha disposição. Fará o que eu mandar, sem questionar. E caso fique preguiçoso ou faça algo estúpido, lembre-se da palmatória e do tronco.

Carlo sabia do que ele falava. Por causa de coisas que ele e Ravin fizeram, Philippe já tinha sofrido com a palmatória e com o tronco, mais de uma vez. Carlo estremeceu. Nunca imaginou que um dia os papéis se inverteriam.

– Farei tudo o que mandar, Philippe... – disse Carlo, de cabeça baixa.

– Senhor!

– Hã?

– “Farei tudo o que mandar, senhor”! – corrigiu Philippe.

Carlo engoliu em seco.

– Farei tudo o que mandar, senhor...

– Comece tomando um banho e se trocando. Você está fedendo mais do que um peixe morto no sol.

Philippe apontou uma pequena pilha de roupas da criadagem para ele.

– Alguém vai lhe mostrar seu quarto na ala dos criados – completou Diderot.

– Depois que estiver apresentável, quero que vá até Chalise, na cozinha, e a ajude no que ela precisar. Quando terminar, ajude Eponine. Depois, volte para a cozinha, pois Chalise vai precisar de você de novo. Quando ela o liberar, poderá ir dormir, mas esteja de pé cedo, para ajudá-la novamente na cozinha.

Carlo não reclamou. Pegou suas roupas novas e saiu.

Assim que ele saiu, Philippe desmontou, sentindo-se realmente mal.

– Você não parece bem, rapaz...

– Estou me sentindo um pouco pior hoje! – disse Philippe, passando a mão na testa suada.

Diderot tocou seu rosto e se espantou.

– Você está gelado! É melhor ir se deitar.

– Eu disse que você tinha que ir pra cama! – reclamou Prateada, que de fato dera esse conselho várias vezes, percebendo que ele parecia mais doente do que no dia anterior.

Deitou-se e se cobriu, sentindo frio e cansaço. Agradeceu pela ajuda e dormiu quase que imediatamente. Prateada retirou algumas mechas de cabelos negros do rosto dele, o cenho franzido e o coração apertado. Diderot, a chamou com um toque delicado e ambos saíram do quarto, deixando o rapaz descansar.

A menina saiu do quarto cabisbaixa e deu alguns passos pelo largo

corredor de tapetes vermelhos, até que se virou de repente com olhos brilhantes e desesperados.

– Ele vai morrer?

Diderot se espantou com a pergunta repentina e piscou algumas vezes.

– Não, Prateada! Ele só está exausto.

– Porque nós já perdemos Emily! Não podemos perder mais ninguém!

O capitão a olhou com compaixão. Ninguém mais do que ele sentia a falta da esposa, Emily. A ausência dela era um lembrete constante de que quem mais amamos pode partir a qualquer momento e isso era assustador. Ele podia compreender perfeitamente porque Prateada parecia apavorada.

Ele afagou o cabelo da menina carinhosamente.

– Ele vai ficar bem, Prateada...

Ela procurou o abraço protetor nos braços dele e deixou que o coração se acalmasse. Ele a guiou pelas escadas, esperando distraí-la um pouco. Ouviram o som do cravo e encontraram Celine tocando uma canção triste na sala de música.

O duque a ouvia, sentado confortavelmente numa poltrona com uma taça de licor. Chamou os dois que se sentaram e ficaram a ouvir a música, enquanto a chuva caía lá fora naquele dia fechado.

Carlo trabalhou pela primeira vez na sua vida. Todos os criados do chateau foram avisados que teriam uma ajuda extra e que não deveriam se deixar intimidar. Tudo, no final, chegaria aos ouvidos de Philippe e Prateada. Foi um dia difícil e quando terminou, caiu na cama em seu quartinho e dormiu pesadamente. Ele, como a maioria dos criados, não viu quando uma pequena comitiva de soldados do rei chegou às portas do castelo.

De fato, quase todos já estavam recolhidos, pois o dia ranzinza com sua chuva e frio não inspirava mais nada além de ficar debaixo das cobertas. Jean Lamayer estava diante da lareira com uma taça de vinho na mão, imaginando como lidaria com os nobres do chateau a partir de agora. Apesar dos inimigos que fizera, sentia o coração tranquilo. Os olhos relaxaram, vendo as chamas dançarem na lareira. Tomou mais um gole de vinho, sentindo-se pronto para uma boa noite de sono. Foi quando Yve, uma das criadas do castelo, entrou correndo na sala. A moça parou, as mãos nervosas mexendo no vestido, o rosto lívido.

– O que houve, menina? – perguntou o duque.

– Senhor, uma comitiva real acaba de chegar! – disse ela.

Lamayer ficou alguns segundos parado. Voltou a si quando ouviu o quebrar da taça que deixara cair no chão ao se levantar. O som serviu como um

ímã que o puxou de volta à realidade e ele logo se recompôs. Respirou profundamente e empertigou-se, caminhando resoluto na direção do salão principal, onde os homens aguardavam.

Enquanto andava, pensava no que faria, antecipando os fatos. Lógico que não era coincidência que os homens do rei estivessem à sua porta tão tarde da noite e apenas algumas semanas depois do resgate de Philippe e extermínio de um ninho de vampiros. Em sua mente, ouvia sua própria voz perguntando repetidamente o que faria agora.

– Senhores!

Sua voz imponente preencheu o lugar, chamando a atenção de um grupo de seis soldados com uniformes vermelhos e brancos. Todos eles, que pareciam muito cansados, saudaram o senhor do castelo. Um deles, um rapaz alto de cabelos loiros e curtos, retirou um documento de dentro do gibão e entregou-o ao duque.

– Meu nome é capitão Claude de Malleville e estou à serviço de sua majestade, o rei Antoine Arnaud.

O duque abriu a carta com selo real e leu.

– Temos ordens para levar o mestiço Philippe de Noige até o castelo, onde o rei o entregará a quem ele pertence por direito.

Lamayer ficou em silêncio por um momento, ainda com a carta nas mãos. Ela dizia que um documento de venda, assinado por Ravin Denvier, fora entregue ao rei e isso garantia a posse do mestiço aos vampiros. No caso, quem reclamava a posse era ninguém menos que Lucien Valéry, o príncipe regente dos vampiros.

Ele ergueu os olhos cinzentos para os homens diante dele.

– Yve! – chamou.

A moça logo veio.

– Acompanhe esses senhores até a cozinha e chame Eponine e Chalise. Peça-lhes para alimentar esses homens, devem estar famintos. Arrume boas acomodações e roupas secas para que possam descansar essa noite.

A satisfação no rosto dos guardas foi evidente, mas o capitão ainda aguardava uma resposta.

– Senhor, precisamos levar o mestiço. O rei pediu urgência.

– Falaremos disso amanhã. Não vão a lugar nenhum no meio da noite e com esse tempo ruim. Descansem. Amanhã pela manhã, resolveremos o assunto.

Yve seguiu para a cozinha e os rapazes a seguiram, ávidos por alguma comida e um vinho que pudesse lhes aquecer os ossos naquela noite friorenta.

Lamayer então retornou com a carta para seu escritório, onde entrou e fechou a porta. Foi até bela cadeira de estofado em veludo e detalhes em madeira

e dourado e sentou-se, deixando escapar um suspiro enquanto colocava a cabeça sobre as mãos, apoiadas nos cotovelos sobre a mesa de mogno. O que faria agora? O que poderia fazer?

Relembrava a carta que largara sobre a mesa. O rei exigia a entrega do jovem. Mas não falara nada sobre ele ou qualquer outro membro do Château das Vertentes. Que tipo de acordo o rei dos lobos teria feito com o príncipe dos vampiros? E como diabos esse contrato de venda foi parar nas mãos deles? E, mais importante... O que faria agora?...

Recostou-se na cadeira, fechando os olhos. Quais eram suas opções? Se não entregasse Philippe, seria desobediência a uma ordem do rei. Ele seria destituído dos títulos e terras e seria preso. Se entregasse, perderia o respeito por si mesmo. Abriu os olhos e pegou uma garrafa de rum sobre a mesa. Derramou um pouco em uma taça e tomou alguns goles e começou a pensar.

Lucien, como príncipe dos vampiros, era ardiloso como se espera que qualquer vampiro seja. Se ele tem em mãos o documento, tem também noção de quem destruíra seu ninho. Porém, sem provas ou testemunhas, a vitória seria pouco provável. O que ele decidiu então? Exigir a entrega do mestiço. Por quê? Porque isso ele poderia ganhar com certeza. Com o documento como prova, bastava exigir seu direito. E ninguém seria louco de se recusar a entregar um mestiço. E o que faria então? Sabendo que o mestiço em questão tinha sido importante o bastante para mobilizar um resgate envolvendo a morte de vampiros e a quebra do acordo, Lucien o usaria como um estandarte. Ele seria a prova da supremacia dos vampiros sobre os lobos. E todos veriam isso.

O duque cerrou os olhos, franzindo o cenho, enquanto compreendia as motivações do príncipe. Se entregasse Philippe, o rapaz teria uma vida miserável. Se não entregasse, perderia tudo e soldados viriam e levariam Philippe do mesmo jeito.

Foi quando Lamayer percebeu que estava encurralado. Não havia saída para ele, ou para Philippe. Tudo tinha sido, no final das contas, em vão.

Nesse momento, a porta se abriu. A maçaneta girou e Lamayer ergueu a cabeça, imaginando quem poderia estar acordado àquela hora da noite.

– Yve?

A porta se abriu lentamente, bem diante dele. E simplesmente não havia ninguém.

Intrigado, ele se levantou e foi até a porta. Olhou para a antessala mergulhada no silêncio e não viu ninguém. Sentiu que havia algo estranho e olhou mais atentamente. Um vulto passou em um corredor mais distante e Lamayer o seguiu em passos rápidos. Talvez um dos guardas reais estivesse perambulando por aí. Ao chegar no corredor, caminhou mais um pouco e chegou

no salão de entrada. Olhou em volta atentamente e no andar de cima, viu um homem de cabelos loiros longos seguindo para o corredor onde haviam os quartos.

O duque subiu rapidamente as escadas, perseguindo o homem. Assim que chegou no segundo andar, viu uma das portas se fechando lentamente. Era a porta do quarto de Philippe.

Foi até lá sentindo o coração apertado. De alguma forma, sabia o que iria encontrar, mas não queria pensar nisso. Abriu a porta com cuidado e viu um homem de pé ao lado da cama do rapaz. A janela estava aberta e as cortinas finas flutuavam diáfanas com o vento. O homem estava de costas para ele, que entrou devagar, reconhecendo alguém que não via há mais de vinte anos.

– Pelouse?... – murmurou, incrédulo.

O homem se virou. O rosto era jovem, como ele se lembrava. Os olhos estavam mais maduros, talvez pela tristeza que traziam. Trajava um gibão de veludo verde. Ele lhe sorriu.

– Olá, irmão...

Capítulo 12

A Decisão

Lamayer deu alguns passos lentos na direção do irmão. O quarto inteiro parecia mergulhado em um silêncio quase opressor. Até a chuva lá fora parecia ter se calado.

– Como...?

Diante da confusão de Jean, Pelouse sorriu e começou a falar.

– Eu deveria ter vindo há muito tempo... – disse. – Desculpe...

Quando ele disse isso, estava olhando nos olhos do irmão. E aquela pequena palavra se tornou muito mais abrangente. Havia, decerto, muito o que perdoar entre aqueles dois irmãos.

Pelouse olhou em volta.

– Nada mudou por aqui... – ele caminhou até um quadro na parede. – Eu ainda me lembro quando eu e você inventávamos histórias sobre quem morava naquela casa à beira do riacho.

– Eram apenas histórias de crianças... – disse finalmente Jean, dando um tom mais amargo à conversa.

Pelouse baixou a cabeça por um momento e então voltou a olhar para ele.

– Desculpe por ter levado você até aquele covil de vampiros... – tornou ele. – Desculpe por tê-lo deixado para trás.

Pelouse se aproximou dele sem desviar o olhar.

– E, mais do que tudo, me perdoe por ter levado Monique naquela noite.

Os olhos de Lamayer brilharam num misto de ódio, mágoa, rancor e tristeza. Naquela noite infeliz perdera a mulher que amava, o irmão e um pouco de si mesmo.

– Eu só posso imaginar o quanto o fiz sofrer... – continuou Pelouse. – Mas saiba que minha cota de sofrimento nunca foi pequena.

Pelouse se virou e foi até a cama onde Philippe dormia pesadamente. Sentou-se em uma poltrona muito próxima e pousou a mão sobre cabeça do rapaz em uma carícia terna e saudosa do tempo que não teve.

– Eu nunca tive um minuto sequer ao lado do meu único filho... Nunca o peguei no colo quando bebê. Nunca pude defendê-lo quando ele precisou. Nunca pude lhe dizer que pessoa maravilhosa ele se tornou.

Houve uma pausa. E então sua voz ficou trêmula e mais rouca.

– Eu cometi erros... Erros terríveis. Erros fatais. Mas eu nunca neguei

ajuda a você. E jamais deixaria ao abandono sangue do meu sangue...

Lamayer sentiu o coração apertar, a ira dando lugar à vergonha dos próprios atos. Pelouse se virou para ele, os olhos brilhando com lágrimas que não caíam.

– Se soubesse que trataria tão mal minha mulher e filho, jamais os teria mandado para cá... Eu confiei em você, Jean, para tomar conta do que eu tinha de mais precioso.

– Eu também confiei em você para tomar conta do que me era mais precioso... – retrucou Jean com rancor em sua voz.

– Eu sei.

Pelouse se levantou e deu um longo suspiro.

– Mas, diferente de você, eu nunca dei as costas a quem você amava. Eu lutei até o fim... Infelizmente, eu perdi. Tenho muitos remorsos, Jean... Mas abandono não está entre eles.

Ele se inclinou e puxou a pesada coberta de pele de carneiro até os ombros do menino. Caminhou até a janela que estava aberta e por onde um vento frio entrava.

– Mas isso tudo ficou para trás... – disse fechando a janela. – O tempo acabou para mim. Eu não posso desfazer o que fiz. Nem posso fazer mais nada... Só posso lamentar meus erros e procurar o perdão dentro da minha alma.

Então, ele caminhou até Lamayer, ainda parado no mesmo lugar.

– Mas não é tarde para Philippe...

Ele ficou diante do irmão.

– E não é tarde para você!

Pelouse tocou a testa de Jean e algo estranho aconteceu. O chão sob seus pés cedeu como se a madeira tivesse apodrecido em apenas alguns segundos. Ele caiu pelo buraco, gritando e tentando se segurar em alguma coisa, até que acordou de sobressalto em sua mesa no escritório.

Seus olhos estavam arregalados e a testa estava suada. Respirou, olhando para os lados e passando a mão no rosto, imaginando quando teria pego no sono.

Olhou a porta que tinha certeza de ter fechado quando entrou e ela estava totalmente aberta. Parou de respirar por um momento, sentindo um *déjà vu*. Levantou-se e caminhou até o corredor, sem ver nada de estranho. Seguiu o mesmo caminho que seguira no estranho e realista sonho. Subira as escadas, passo a passo, sentindo as pernas tremerem.

Caminhou até o quarto de Philippe e entrou silenciosamente. Olhou em volta, o quarto iluminado por uma vela de chama débil que lutava para ficar acesa em uma luta inglória contra o vento. Foi até a janela aberta e a fechou, exatamente como Pelouse fizera.

Tentou compreender o que tinha acontecido. Não era incomum que Lobos tivessem contato com espíritos. Mas ele relutava em acreditar.

Foi até o rapaz adormecido e o olhou longamente. Puxou a coberta até seus ombros. Ficou mais alguns momentos, pensando nas palavras de Pelouse. E então saiu do quarto e voltou para o escritório. Tinha coisas a fazer antes de dormir algumas horas. O dia seguinte seria... complicado.

Quando o capitão Diderot entrou no castelo parecia surpreso. Encontrou um jovem com patente de capitão da guarda real logo na entrada. Antes que este o cumprimentasse, Jean surgiu parecendo calmo e renovado.

– Bom dia, capitão! Deixe-me apresentar o capitão Claude de Malleville, da comitiva real que chegou aqui ontem à noite.

Ambos fizeram um cumprimento formal.

– Então, senhor, quando podemos... – começou o guarda, sendo imediatamente interrompido pelo duque.

– Meu amigo, por favor, não antes do café da manhã! Chalise preparou uma farta mesa para você e seus homens. Comam que alimentaremos também seus cavalos. Teremos um dia muito longo pela frente.

O rapaz pareceu confuso e não sabia se ficava satisfeito ou não em não ter sua resposta.

– Yve! Leve o capitão Malleville até a mesa do café – ordenou Lamayer.
– Capitão Diderot, venha comigo.

Os dois homens saíram da sala e atravessaram o corredor e a antessala em silêncio, até entrarem no escritório ricamente mobiliado. Assim que a porta foi fechada, Diderot não se conteve.

– Por que não me chamou assim que eles chegaram?!

– Eles chegaram tarde e eu precisava pensar – respondeu o duque pegando um envelope grande em uma gaveta em sua mesa.

– O que eles querem? – perguntou o Capitão.

– Philippe – respondeu Lamayer. – O documento de venda que Ravin assinou chegou às mãos do Príncipe Lucien. Eles reivindicam posse do menino e o rei Antoine aceitou.

Diderot perdeu a cor enquanto ouvia. Precisou apoiar-se na mesa, tendo agora a certeza de que perderia seu único filho, pois era o que Philippe sempre fora para ele e Emily.

Lamayer ficou em silêncio, enquanto assinava um outro documento. Levantou-se com o papel assinado.

– Este documento lhe dá direito de comando sobre o Château das Vertentes. Celine será a senhora das terras e você a ajudará no que ela precisar. Se alguém contestar, esfregue esse papel na cara deles.

Enquanto Diderot ainda tentava entender o papel que o amigo colocava em suas mãos, ele lhe entregou outro.

– E este envelope contém uma declaração assinada de que Philippe é filho de Pelouse Lamayer, meu irmão. Portanto, Philippe é meu sobrinho e, por conseguinte, um nobre. Guarde isso e use se for necessário.

O capitão começou a se preocupar com o rumo da conversa.

– Jean, o que você vai fazer?

Leves batidas na porta soaram e quando esta se abriu, surgiram Celine e Prateada com ar confuso por terem sido chamadas tão cedo.

– Prestem atenção! – disse o duque. – Temos pouco tempo!

Não demorou muito para que o capitão Malleville estivesse de prontidão no salão principal, junto a seus homens, esperando pelo duque. Este logo se apresentou elegantemente vestido e acompanhado pelo capitão e pelo doutor Marceau.

– Senhores! – disse o duque. – Estão bem alimentados?

– Sim, senhor! – respondeu Claude. – Agradecemos a hospitalidade. Mas agora precisamos levar o mestiço, conforme ordens do rei.

– Ah, sim!... Eu entendo... Mas, infelizmente, não poderei permitir.

– Como? – retrucou confuso o capitão real.

– Entenda, o rapaz perdeu quase todo o sangue de seu corpo. O tempo frio e a longa viagem não ajudaram e ele está muito doente, conforme o doutor Marceau aqui pode atestar.

O médico, um homem mais velho de cabelos já grisalhos e óculos deu um passo a frente com autoridade.

– Estamos fazendo o possível e ainda não sabemos se ele vai resistir – confirmou o doutor. – Mas levá-lo em alguma viagem, mesmo uma curta, nesse tempo e nesse estado, é morte certa.

– E é por isso que não posso deixar que o levem – finalizou Lamayer.

O capitão Claude Malleville parecia um tanto desprovido de criatividade e ficou desorientado com esse novo desenrolar de sua missão.

– Eu entendo... – disse finalmente – Mas não posso simplesmente voltar ao rei de mãos vazias.

– Você não voltará de mãos vazias – respondeu Lamayer. – Eu irei com

você. Explicarei o que houve e responderei qualquer pergunta que o rei venha a ter.

O homem hesitou diante da nova proposta. Até que tomou a única decisão que poderia tomar.

– Quando estiver pronto, senhor!

Celine e Prateada se despediram de Jean Lamayer com abraços. Ele sussurrou em seus ouvidos segredos que só elas e o capitão saberiam. Afagou-lhes os cabelos e sorriu, passando confiança. Cumprimentou Diderot com um forte aperto de mão e uma firme troca de olhar. Então, montou em seu cavalo e seguiu com a comitiva de guardas reais.

Capítulo 13

Diante do Rei

D epois que o duque saiu, Diderot tinha suas ordens e foi cumpri-las. Pegou os envelopes com o selo do duque e, em um lugar longe de olhos curiosos nos jardins dos fundos do castelo, entregou aos seis homens de sua confiança.

– Não parem para nada, a não ser para descanso dos cavalos. Isso deve chegar o mais rápido que puder.

Os rapazes aquiesceram às ordens e montaram em seus animais, já preparados para a longa viagem, cada um com um envelope e cada um com um destino. O capitão viu os rapazes desaparecerem no bosque e se virou, caminhando em outra direção.

Contornou o castelo, até ficar na porta de frente onde viu dois guardas chegando com Albert. Estavam prontos para irem até o Château das Pérolas. Não houve despedidas ou cerimônias. Apenas algumas últimas instruções para os homens. Prateada observava um pouco mais afastada. Os cabelos selvagens caindo sobre os olhos que o fulminavam. Quando estavam prontos para partir, ela se aproximou.

– Ô, palhaço! – chamou ela.

Albert a olhou um tanto perplexo.

– Cuide bem daquelas crianças. Porque nós vamos saber se não o fizer!

O jovem estava com roupas simples, mas limpas. Não poderiam viajar com ele parecendo um mendigo, não só por ser desagradável, mas também por ser algo estranho se encontrassem viajantes no caminho. Albert parecia atordoado. Concordeu com um movimento de cabeça e sem desviar o olhar, o que frustrou um pouco Prateada. A moça estava nervosa e esperava que ele lhe desse alguma resposta atravessada. Assim ela poderia dar uns socos em sua cara.

E ela deveria mesmo esperar isso. Albert, assim como os amigos, nunca a levou a sério. Ela sabia que eles a consideravam uma idiota e se não diziam isso na sua cara era pelo medo que ela alimentou quando lhes deu uma surra na taberna Presas de Prata.

O condenado subiu na montaria e seguiu em silêncio o longo caminho até o Château das Pérolas. Prateada e Diderot observaram os três homens partirem até que desaparecessem na estrada. Prateada não sabia, mas Albert quase morrera afogado. Ele tinha consciência disso. E tinha consciência de que fora ela que o salvara e o carregara por todo o caminho de volta.

Em uma janela alta, sem que fosse percebido, Carlo parava a limpeza da vidraça para observar o amigo seguindo de cabeça baixa entre dois guardas para cumprir sua pena. Carlo sempre se sentiu um pouco só. Mas a solidão naquele momento pareceu opressora e uma presença que lhe roubava o ar. Os olhos se encheram d'água e se perguntou se algum dia se sentiria parte de alguma coisa novamente.

No castelo, Celine estava nervosa. Confiava em seu pai que sempre se mostrara um líder inteligente, mas agora se flagrava roendo as unhas quando não havia ninguém por perto. O que faria se ele não voltasse? E se o rei exigisse que entregassem Philippe aos vampiros? E se não tivessem mais escolha a não ser fazer o impensável?

Quando Diderot e Prateada entraram na sala de música onde ela estava, caminhou nervosamente até o capitão como se ele fosse um farol.

– O que vamos fazer? – perguntou.

– O que seu pai ordenou – respondeu calmamente Diderot.

– Mas... E o que vai acontecer se...

Diderot a interrompeu com um “shhh” e uma mão erguida.

– Celine, não vamos nos ocupar de problemas que ainda não existem. Respire fundo e vamos fazer o que tem que ser feito até que seu pai volte.

– Como sabe que ele vai voltar? – perguntou a moça com o rosto preocupado.

Diderot sorriu.

– Ele vai voltar.

Uma leve batida na porta o fez se virar no momento em que Yve entrou timidamente, seguida de outras pessoas que Diderot mandara chamar.

– Estão todos aqui? – perguntou ele, enquanto Yve fechava a porta após o último entrar.

Na sala de música estavam reunidos, além de Diderot, Prateada e Celine, as criadas Yve, Eponine, a cozinheira Chalise, Constance, Dr. Marceau e Fernand.

– Muito bem... Nessa sala estão todos que sabem o que realmente ocorreu – disse Diderot. – O duque deixou ordens expressas. Uma delas é que ninguém deve saber sobre os guardas reais que vieram aqui ontem e partiram com ele hoje pela manhã. Todos nessa sala devem manter segredo sobre isso.

– Mas... – perguntou Fernand, o administrador do castelo, parecendo um tanto inseguro. – O que diremos sobre a ausência do duque?

– Diremos que ele foi à outra cidade para resolver alguns problemas sobre documentação de propriedade. O assunto é entediante o bastante para desinteressar os fofoqueiros e não deixa de ser verdade.

O capitão tirou mais algumas poucas dúvidas e logo estavam todos esclarecidos sobre como deveriam se portar.

– O duque deverá estar de volta em alguns dias, então basta que se comportem normalmente.

Uma vez que o recado foi dado, as pessoas foram dispensadas e deixaram o aposento. Prateada já saía de cabeça baixa quando o capitão a chamou. Ela se virou com os olhos amendoados brilhantes. Celine ficou ao seu lado, esperando para sair também.

– Ninguém deve saber sobre isso, Prateada. Você entendeu, não é?

– Nem mesmo Philippe?

Diderot deu um passo na direção dela.

– Principalmente Philippe! Nenhuma de vocês duas deve lhe dizer nada.

As moças se entreolharam.

– Eu prometi que não esconderia mais nada dele... – murmurou Prateada.

– Prateada, ele está doente. O julgamento foi um aborrecimento que causou uma piora considerável. Contaremos a ele quando estiver mais forte. Vamos deixar que se recupere primeiro. Entendido?

A moça anuiu com a cabeça e deixou a sala. Diderot ficou alguns minutos ainda, colocando a cabeça em ordem e se preparando para ser tudo o que Lamayer esperava que ele fosse. Deveria ser a fortaleza e a razão que manteria o château de pé e seguro. Custasse o que custasse.

Em uma das paradas que precisaram fazer para esticarem os corpos e comerem alguma coisa, Jean Lamayer olhou em volta. Os guardas não eram de muita conversa, mas ele sabia como ser agradável quando queria.

– Imagino que estejam ansiosos para chegar em casa – disse, bebendo um pouco de água do odre. – O que pretendem fazer quando chegarmos?

– Um trago no Lobo Faminto, é o que farei! – respondeu David, sem pensar muito.

Os outros logo concordaram, aquecendo-se no pensamento de uma taverna quentinha os esperando com bebida e comida de verdade.

Lamayer olhava em volta discretamente, vendo um vulto passando entre as árvores.

– Lobo Faminto, então... Espero poder acompanhá-los depois de falar com o rei...

Foram quatro dias de viagem. Cansativos, mas sem maiores surpresas.

Até que chegaram ao château mais importante e mais bem guardado das cidades secretas. Local onde o rei decidia o destino de todos os clãs junto ao Conselho dos Sábios. Era uma cidade secreta visivelmente mais rica do que a maioria das outras. Lamayer, assim como a maioria dos chefes de châteaux, já estivera ali para algumas decisões importantes e duas vezes para ver o novo rei assumir. Passou pela entrada da cidade que era marcada por duas grandes estátuas de representações de deusas. Uma segurava uma espada e a outra segurava uma tocha, simbolizando que a luta e o conhecimento estariam em todos os caminhos dos que ali viviam.

A cidade era grande, bem maior do que a do Château das Vertentes, fazendo-se passar facilmente por uma cidade grande dos humanos. Na verdade, não era incomum que algum viajante encontrasse o caminho até suas terras. Como todas as cidades secretas, o Château Real sabia se manter discreto. O acordo entre os Lobos e a Igreja era mantido há mais de 400 anos e assim continuaria, enquanto ambas as partes tivessem mais a ganhar do que a perder.

O castelo era imponente e ficava em uma colina, com torres brilhantes apontando para o céu e janelas que refletiam a luz do sol platinado daquela tarde de inverno.

O capitão Claude de Maulleville guiou o duque até o salão principal do castelo e o anunciou. Um guarda saiu, deixando-os no local com mais dois homens que estavam de prontidão na porta. O duque observava o local onde estivera quando criança.

– Parecia maior naquela época... – comentou consigo mesmo.

Pouco depois, o guarda voltou e os guiou por corredores finamente decorados por tapeçarias e estátuas em mármore de homens, mulheres e animais. Chegaram na sala do rei, onde este estava sentado em seu trono. Um criado acabara de lhe servir uma taça de vinho e guardas estavam espalhados pelo local, como de praxe. Todos se ajoelharam diante de sua majestade.

– Duque das Vertentes, que surpresa vê-lo aqui – disse o rei Antoine. – Achei que tivesse deixado claro que bastava que mandassem o garoto. Sua presença não era necessária, e nós dois sabemos que isso é uma coisa boa perto do que poderia ser. Então, onde está o pivô de toda essa confusão?

O rei procurou com os olhos alguém mais vindo pela porta, mas ninguém veio e o capitão Claude explicou com a voz mais firme de que foi capaz naquela situação.

– Nós não o trouxemos, sua majestade!

Os olhos do rei brilharam e ele colocou a taça sobre uma bandeja próxima. Quando um rei perde o interesse em seu vinho é sinal de problemas.

– Como?

– O rapaz estava debilitado demais para a viagem e não sobreviveria. Então, o duque se ofereceu para vir lhe falar pessoalmente.

– Certamente eu gostaria de lhe falar, majestade... – disse Lamayer sem desviar o olhar do rei.

Houve uma pausa tensa. Então Antoine ordenou que todos se retirassem. Menos o duque.

Quando todos saíram, o rei desceu de seu trono e caminhou até Lamayer. Antoine era um homem mais velho, mas muito saudável e imponente. Tinha roupas finas, um medalhão no peito e um anel de rubi no dedo. Quando ficou de frente para o duque, esboçou um sorriso.

– Lembro quando você era apenas um moleque presunçoso...

– Agora sou um adulto presunçoso – respondeu o duque com um sorriso.

O rei ficou sério por alguns segundos. Então riu, tocando no ombro de Lamayer, convidando-o para caminhar com ele. Ali havia muitos olhos e ouvidos, mesmo que não vissem nenhum.

Caminharam um pouco, até que o rei entrasse em uma sala guardada por um guarda.

– Esse é o meu gabinete. Aqui podemos falar livremente.

Era um aposento grande com uma parede repleta de livros e outras com grandes quadros coloridos. No teto, sancas em gesso cuidadosamente pintadas em dourado exibiam pássaros de cores vivas. O rei o convidou a se sentar em uma cadeira, enquanto ele se sentava em outra. Entre eles, uma mesa de madeira brilhante com uma bandeja dourada ostentava uma garrafa de cristal belíssima com pequenos cálices cor de âmbar.

– Eu o trouxe aqui porque imagino que saiba que não sou nenhum idiota – disse o rei, perdendo um pouco de sua inicial cortesia. – Eu sei que você invadiu o ninho daqueles vampiros e matou todos para não deixar pistas.

– Eu não matei todos para não deixar pistas – respondeu Lamayer. – Eu matei todos porque todos os vampiros daquela sala fincaram suas presas no rapaz ao mesmo tempo. Era a única forma de interromper o processo de transformação.

– Você não pode ser tão idiota! Não importa por que os matou! Você quebrou o acordo e agora o príncipe Lucien nos ameaça com uma guerra!

O rei se levantou, nervoso, e caminhou pela sala.

– Eu consegui convencê-lo a deixar você e seu château de fora... Nós sabemos da sua história e até ele concordou que Michel Decartier foi longe demais ao comprar um dos seus... Mas o negócio foi legítimo e ele tem o documento que prova isso. Tudo o que temos que fazer é entregar a mercadoria e isso ficará para trás.

E dessa vez foi Lamayer a se levantar, a indignação estampada em seu rosto.

– Mercadoria?! Você está falando de uma pessoa! De um dos nossos!

– De um mestiço! Um mestiço, Jean! – berrou o rei, batendo na mesa. – E não se iluda, o único motivo de eu não ter pedido sua prisão imediata foi seu pai ter me apoiado quando precisei quando éramos jovens. Mas minha gratidão tem limites e você está muito perto de rompê-los!

O duque não respondeu e o rei voltou a andar pela sala.

– Eu entendo. Tudo o que passou... Não é algo que se esqueça. Mas não temos outra saída, Jean. Temos que entregar o garoto.

Lamayer baixou a cabeça e ficou em silêncio por alguns instantes.

– Viver sem estar vivo... – disse ele. – Estar eternamente nos portões da morte, sem no entanto poder atravessar nem para um lado, nem para o outro. Servir de alimento e de fonte de prazer para qualquer um deles. Até se tornar um monstro que fará o mesmo com outros, perpetuando assim a maldição da crueldade e espalhando a dor como uma vingança...

Ele ergueu a cabeça e encarou o rei, os olhos brilhantes.

– Nós sabemos que ele não é o único, majestade... Sabemos que eu não fui o único. Nossos jovens são caçados, destruídos, prostituídos e então destroçados para que não haja pistas que nos levem a eles. E isso acontece há décadas!

– Não há provas que são os vampiros... Temos caçadores e membros mais radicais da igreja... – retrucou o rei, sem firmeza nenhuma.

– São eles! Sempre foram eles! São eles que estão quebrando o acordo nas sombras da noite, forçando os limites para que façamos exatamente o que temos feito! É isso o que eles querem! Que deixemos para lá! Que finjamos que não estamos vendo! E enquanto fazemos isso, eles voltarão e levarão mais de nós! Mais filhotes que se perderam, mais mestiços que não podem se defender!

– Como pode estar fazendo esse alarde todo por um mestiço?! – o rei se virou, incomodado com a conversa.

– Ele é meu sobrinho, majestade!

O rei parou, não escondendo o choque com a informação que ele não tinha.

– Philippe é filho de Pelouse, meu irmão... O senhor o conheceu.

O rei se virou lentamente em silêncio.

– Eu lamento...

Houve uma pausa na qual Lamayer teve uma forte esperança de ter conseguido o apoio do rei para contestar a proposta de Lucien.

– Eu lamento muito... – continuou Antoine. – Mas se não o entregarmos,

teremos uma guerra.

A esperança se partindo pôde ser vista no rosto do duque. O rei, então, não mudaria de ideia.

– Entendo que ele não possa aguentar a viagem, então avisarei à Lucien que pode mandar seus vampiros buscá-lo no seu château. Vocês devem entregá-lo.

– Sabe o que vai acontecer depois? – perguntou Lamayer, entredentes. – O que vão fazer com ele?

O rei o encarou novamente, resoluto.

– O que acontecer depois não é mais problema nosso.

Ele deu um suspiro, dando o caso por resolvido. Virou-se e caminhou até a porta.

– Vou pedir que o acomodem e poderá partir amanhã. Será melhor que você esteja lá quando a comitiva de Lucien chegar lá. Poderá jantar conosco antes de...

– Não.

A palavra pareceu cobrir o lugar com uma manta gelada. O rei se virou, sem acreditar no que ouvira.

– O que?

– Eu disse não! Não vou entregar ninguém.

Antoine caminhou perplexo até ele.

– Sabe que isso pode ser o fim dos tempos de paz...

– Prefiro uma guerra justa do que uma paz onde somos lentamente massacrados! – respondeu o duque. – Eu não quero mais essa paz falsa! Por isso, eu peço uma audiência com o Conselho dos Sábios!

– Está louco...

– Está na lei! – retrucou Lamayer. – Eu quero levar esse caso ao Conselho!

O rei avançou com ira e dentes trincados para o duque, mas este não se moveu. Continuou a encará-lo sem demonstrar qualquer traço de hesitação.

Antoine então passou a mão com fúria nas garrafas que estavam sobre a mesa, derrubando e fazendo um grande estardalhaço enquanto os belos cristais se partiam. Foi até a porta, que abriu com força.

– Guarda! Prenda este homem!

Surpreendido com a ordem e com o guarda que entrou no aposento, Lamayer repetiu.

– Eu solicitei uma audiência com o Conselho! É o meu direito! Está na Lei!

– Coloque-o na masmorra e certifique-se de que não fale com ninguém!

O guarda caminhou até o duque e o agarrou fortemente pelo braço, levando-o dali.

Quando foi jogado na cela escura na masmorra, Lamayer não demorou muito para compreender o que ocorrera. Se ele tivesse pedido a audiência com o Conselho diante de testemunhas, o rei seria obrigado a concedê-la. Por isso ele o levava para o seu gabinete onde um homem de confiança que faria qualquer coisa que ele ordenasse esperava. O duque socou a parede, irritado em ter sido tão tolo.

Capítulo 14

Mel, Flores e Nozes

O lugar era escuro e estava mergulhado em silêncio profundo, como uma cripta esquecida pelo tempo. Passos foram ouvidos no corredor de portas fechadas. Um assobio peculiar ecoou pelo lugar. Pequenas batidas atraíram os dois homens que caminharam rapidamente na direção de uma porta de madeira fosca. Na portinhola gradeada, o rosto de Jean Lamayer surgiu.

– Por que demoraram tanto?

– Os homens não saíam do Lobo Faminto! – respondeu [Thomás](#), tentando abrir a fechadura.

– Não se preocupe, duque... – falou [Octavien](#) olhando em volta. – Em alguns minutos estaremos fora daqui. Sinceramente, achei que era melhor guardado.

– Ele quis me esconder... – murmurou Lamayer, ouvindo o tilintar da chave mestra na fechadura.

Há alguns meses, bem antes de toda aquela confusão, o duque contratara [Thomas Sébillet](#) e [Octavien de Saint-Gelais](#), dois membros do clã que iam aonde fossem necessários. Na época, tudo o que o duque queria era que seus homens fossem melhor preparados não só em técnicas de luta corpo a corpo, mas também em luta armada. O encontro com uma fera híbrida enlouquecida que quase os matara em uma noite, mais um ataque de magos que vitimara Emily, a esposa do capitão, fez com que Jean Lamayer se apressasse em melhorar a qualidade dos soldados do Château das Vertentes.

Aqueles homens acabaram por se unirem a ele no resgate de Philippe e agora estavam ali, tirando-o da masmorra do rei. O mundo dá voltas estranhas.

Thomas e Octavien estavam vestidos como guardas reais, roupas retiradas dos homens que levaram Lamayer até o castelo. Junto com mais quatro homens de confiança do château, acompanharam o pequeno grupo a uma distância segura, conforme instruções de Lamayer. Se o duque não saísse em uma hora do castelo, era porque algo dera errado e deveriam agir conforme o plano rapidamente traçado antes de saírem. Thomás era especialista em armas brancas e armadilhas. Raramente propagava sua especialidade em abrir cadeados e portas, especialmente as de prisões. Era muito útil, mas preferia se manter discreto sobre esse seu talento.

A porta se abriu e Lamayer saiu de lá de dentro com passos firmes, quase

ansiosos.

– Suponho que sua majestade tenha recusado seus argumentos... – disse Octavien, o sorriso largo que demonstrava que já esperava por isso.

– Ele não gostou muito do que ouviu – respondeu Lamayer. – E os outros?

– No caminho, para garantir nossa saída – respondeu Thomas.

Voltaram pelos corredores escuros, passando por um carcereiro desacordado. Mais a frente, encontraram um guarda e estancaram. Era mais de três da manhã, o lugar estava em absoluto silêncio e tinham a impressão de que a batida de seus corações poderia denunciá-los. O guarda os olhou e fez um sinal com a mão para que prosseguissem. Respiraram aliviados e prosseguiram.

– Essa parte das masmorras está vazia – comentou Thomás. – Por que o rei o trouxe para cá?

– Para que eu não falasse com ninguém... – respondeu Lamayer, os olhos perscrutando tudo a sua volta em busca de algum perigo iminente.

– Puxa... Ele não gostou mesmo da sua conversa, hein? – comentou Octavien que raramente levava algo a sério.

O fato do rei ter tentado isolar Lamayer acabou saindo pela culatra. Com apenas um carcereiro no lugar, entrar e sair foi fácil. Lamayer só teria problemas se não tivesse ninguém para abrir a porta para ele. E, antes de sair de casa, ele se certificou de estar levando as chaves.

Assim, chegaram em poucos minutos em um grande portão gradeado na lateral oeste do castelo, onde os outros três homens esperavam. Mas não ficaram sentados sem nada fazer. Conseguiram entortar uma das barras o bastante para que os companheiros e o duque passassem, um a um.

Em questão de minutos, montaram em seus cavalos e fugiram pela floresta que ladeava o castelo, sabendo que era uma questão de tempo até que descobrissem sua fuga e enviassem homens atrás deles.

Era o terceiro dia desde que o duque deixara o Château das Vertentes. Para as pessoas comuns, o assunto ainda era a punição dos jovens no Conselho das Lamentações. A maioria nem sabia que o duque deixara a cidade de forma discreta. O inverno também afastava as pessoas das ruas, fazendo com que passassem a maior parte do tempo dentro de suas casas quentinhas.

Dentro do castelo, havia tensão e silêncio. Por mais que as tarefas cotidianas fossem feitas, Não era difícil perceber que havia algo estranho.

Celine estava em uma pequena mesa perto da janela. A delicada mão

girava uma colher de metal em um líquido quente e dourado na xícara de porcelana pintada com flores e pássaros. Observava a neve cobrindo tudo lá fora, transformando a paisagem como se pincéis invisíveis pintassem tudo de branco. Ouviu passos e virou a cabeça.

– Prateada! – chamou, animada em vê-la.

A moça de cabelos cor de prata deu alguns passos até ela sem parecer muito empolgada.

– Sente-se comigo! – convidou Celine. – Estou tomando chá.

Prateada olhou para a bebida com o interesse de uma pedra.

– Tem bolo! – lembrou Celine.

Dessa vez, Prateada ergueu as sobrancelhas e quase esboçou um sorriso. Caminhou rapidamente e sentou-se diante da jovem filha do duque. Celine lhe serviu chá enquanto ela mesma cortava uma fatia de bolo de nozes para si.

– E Philippe? – perguntou Celine.

Prateada fez um levantar de ombros.

– Tudo igual... Quando não está dormindo, está torturando Carlo lhe dando trabalho.

Celine suspirou.

– Ele só precisa de tempo para recuperar a saúde.

Ficaram em silêncio por um tempo, olhando a paisagem através da janela.

– Prateada?...

– Hum?

– Você não tem medo de que tudo mude para sempre?

A moça de cabelos loiros olhou para a outra que ainda olhava lá para fora, como se pensasse.

– Acho que tudo já mudou... – respondeu ela.

– Mudou... – concordou Celine. – Mudou, sim...

Por alguns instantes, as duas pensaram nas ausências. Emily, a esposa do capitão, cuja morte Prateada ainda sentia. Ravin, que para Celine fora alguém querido com quem quase se casou.

– Mas eu tenho medo de que mude ainda mais... – confessou Celine.

Prateada não entendeu. O bolo permanecia intocado no prato, o que já era algo impensável em se tratando de Prateada.

– Se meu pai não voltar – continuou Celine, – eu terei que cuidar de tudo isso sozinha, já que não tenho um marido para me ajudar. Se Philippe não melhorar, só a deusa sabe o que será de você que nem está comendo bolo. Se o rei Antoine...

– Se! Se! Se! – reclamou Prateada. – Tem muito SE nessa história!

Quando uma história tem SE ela nem existe! É uma possibilidade. Diderot disse isso.

– É que eu estou com tanto medo...

– Porque fica pensando em SEs! Pare de pensar. Pense no agora. No seu chá. No seu bolo. E você foi treinada para ser rainha! Claro que dará conta de ser uma duquesa.

Celine sorriu da simplificação da amiga e percebeu que gostava dela, por mais que brigassem constantemente por qualquer coisa. Prateada lhe sorriu de volta. Então Celine tomou seu chá, se concentrando no sabor de mel e flores, e Prateada comeu seu bolo, se concentrando no sabor das nozes. A dor, o medo e as dúvidas foram empurrados para o fundo por um momento para que pudessem contemplar a neve caindo com um gosto doce na boca.

No segundo andar do castelo, Carlo entrava no quarto de Philippe que estava sentado diante da janela olhando a mesma neve que caía.

– O que você quer? – perguntou o jovem de mau humor.

– Eu já limpei as janelas... – balbuciou o outro.

Philippe se virou para ele com olhos duros.

– É mesmo?

– Sim... Comecei ontem e terminei hoje.

– Estão sujas! Limpe de novo!

Carlo abriu a boca para retrucar, mas se deparou com Philippe a encará-lo e se lembrou que já fizera isso com ele mais de uma vez. Por simples prazer, denunciava que seu trabalho estava mal feito e sua mãe obrigava o mestiço a refazer. Anuiu com a cabeça e se retirou do quarto. Quando saía, quase esbarrou com Diderot que entrava.

O capitão fechou a porta atrás de si.

– Da cama para a poltrona! Estamos evoluindo – comentou Diderot, tentando melhorar o clima daquele quarto.

Philippe voltou a olhar a janela. O capitão então se aproximou.

– Sente-se melhor?

– Você sabia?

– Sabia do quê? – perguntou confuso o amigo.

– Que meu pai era irmão do duque.

Diderot parou por alguns instantes. Sabia que um dia essa conversa o alcançaria. Pegou uma cadeira e a colocou diante do rapaz, sentando-se a seguir.

– Sabia.

– E nunca me disse?!

– Eu não podia. Ninguém podia. Seu pai era nome proibido desde que o

duque o expulsou.

– Ele foi exilado?... – perguntou Philippe, timidamente.

– Não... Ele foi expulso. Não poderia voltar a ao Château das Vertentes. Mas era livre para viver em qualquer outro château. Mas, até onde sabemos, ele nunca foi a outro. Passou a morar nas cidades dos humanos. Até que se apaixonou pela sua mãe.

Philippe ouvia com atenção, tentando compreender um pouco do passado que sempre lhe fora negado. Ficou em silêncio por um tempo.

– Não posso culpar o pai de Lamayer por tê-lo expulsado depois do que houve no covil dos vampiros...

Diderot inclinou um pouco a cabeça de cenho franzido.

– Não foi o pai de Lamayer quem o expulsou. Foi o próprio.

– Mas ele era uma criança!

– Naquele momento, sim – explicou Diderot. – Mas Pelouse só foi expulso anos depois, quando os pais deles já haviam falecido.

– Não foi por ter deixado o irmão caçula nas mãos dos vampiros?

– Não. Na verdade, eu nem sabia dessa história até você me contar.

– Então por que meu pai foi expulso e seu nome proibido?

O capitão hesitou. Era uma história velha e enterrada há muitos anos. Perguntava-se que odor ela liberaria ao ser remexida.

– O que ele pode ter feito de tão grave? Que tipo de homem ele foi?...

Diderot respirou fundo. Alguém devia contar ao rapaz o que houve quando ele não era nem uma remota possibilidade. Se Pelouse não tivesse sido expulso, Philippe jamais teria existido. Perdeu-se por alguns momentos imaginando como teria sido a vida no château sem o rapaz que ele e Emily amaram como um filho. Seria um mundo sem Prateada e sem uma centena de conflitos, de risos, de sonhos e de ideias. Provavelmente não estariam na enrascada em que estavam agora, mas, mesmo assim, Diderot preferia o mundo com Philippe nele. Talvez por chegar a essa conclusão, decidiu lhe contar tudo.

Capítulo 15

Embate entre Irmãos

Diderot era apenas uma criança quando a família Lamayer teve sua primeira grande crise. Com o caçula de 14 anos entre a vida e a morte em uma cama depois de ter quase todo o seu sangue sugado por vampiros, as brigas de Etienne Lamayer, o duque das Vertentes, com o filho mais velho, Pelouse, de 17 anos, se tornaram cada vez mais frequentes e explosivas. Levou anos até que Diderot pudesse ter algum entendimento da estranha dinâmica da família Lamayer e, mesmo hoje, como homem feito, não podia dizer se a compreendia totalmente. Seu pai, Theodore, melhor amigo do duque na época, nunca contou o que houvera com Jean e ele nunca teve razões para perguntar, já que ninguém nunca tocara no assunto. Com o tempo, ele fez o que todos fizeram. Se acostumou.

Quando já era um guarda do castelo, pôde ver de perto o temperamento expansivo e irreverente de Pelouse, um contraponto com o taciturno irmão, Jean. Por vezes, havia competição e tensão entre os irmãos. Algumas brigas e trocas de soco ocasionais ocorriam. Para a maioria, era o comportamento normal de irmãos. O Château das Vertentes prosperava e pareciam uma família feliz com alguns fantasmas no armário. A maioria também consideraria isso comum em uma família.

Até que um dia, algo aconteceu e tudo mudou. Foi logo depois de um momento especialmente feliz: o casamento de Jean Lamayer com Monique Apollinaire, cuja amizade desde cedo servira de ninho para um amor verdadeiro e abençoado. A festa tinha sido memorável e, por algumas semanas, não se ouviram brigas no castelo.

Algumas semanas depois, Etienne deixou o castelo. Instruiu a esposa a cuidar de tudo em sua ausência, ao lado do capitão e amigo de confiança Théodóre Dubois. O duque ia para o Château dos Damascos, a apenas 2 dias de viagem, levando alguns planos que gostaria de discutir com Madame Margaux. Não era uma viagem incomum. O duque ia frequentemente a outros châteaux e, muitas vezes, como homem orgulhoso e de boa disposição, dispensava companhia de guardas, que preferia que guardassem o castelo e a cidade.

Na manhã seguinte de sua partida, seu cavalo voltou. Sozinho. O alvoroço se instalou rapidamente, especialmente quando viram que havia respingos de sangue em algumas partes da sela. O capitão Theodore rapidamente reuniu homens e partiram à procura do duque.

Diderot se lembra como se fosse hoje... A imagem do cavalo chegando sozinho até as portas do castelo lhe deu uma sensação de vazio tão imediato e tão forte que ele teve certeza de que nunca mais veriam o duque com vida.

E ele estava certo.

Buscas atrás de buscas e nem mesmo uma pista foi encontrada. Nunca encontraram um corpo, o que só fez aumentar a angústia da família. Mas, o tempo mostra a todos um caminho para continuar. Depois de meses, o assunto foi sendo lentamente abandonado, dando lugar à rotina, à saudade e a uma boa notícia. Monique estava grávida e logo daria a luz a uma criança.

A vida pareceu continuar para todos, exceto para Pelouse. Desde o primeiro momento do desaparecimento do pai, ele se mostrou obstinado em descobrir o que aconteceu. Acompanhou todas as equipes de busca e, quando estas pararam, passou a ir sozinho. Desaparecia por dias inteiros, dias que viraram semanas, para desespero de sua mãe.

Os assuntos do château não interessavam a Pelouse. Com isso, não chegou a ser uma surpresa quando a duquesa passou para o jovem Jean a liderança da cidade. Ela mesma se sentia cansada, com uma tosse insistente que começou a preocupar o ainda jovem doutor Marceau. Perdeu peso e uma fraqueza crescente a afastou das atividades que o château demandava.

A pequena Celine nasceu, parecendo uma florzinha cor de rosa que era amada e querida por todos. Foi como se o Sol surgisse entre as nuvens, trazendo calor e luz para o castelo das Vertentes.

Dois meses depois, a duquesa das Vertentes, mãe de Jean e Pelouse, morreu de tuberculose. À boca miúda, diziam que ela morrera de tristeza ao perder o marido.

Pelouse estava em uma de suas incansáveis viagens em que tentava descobrir o que acontecera com seu pai e não chegou a tempo de se despedir da mãe. Jean assumiu o título de duque, conforme um testamento que a duquesa deixara. Pelouse não contestou. Os irmãos voltaram a brigar. Dessa vez, Jean exigia que Pelouse abandonasse essa busca inútil e ficasse mais com sua família. No fundo, ele esperava que a pequena Celine de alguma forma comovesse o irmão e o convencesse a ficar.

Quando Celine tinha mais ou menos um ano, Pelouse chegou ao castelo parecendo um louco. Os cabelos esvoaçando na noite já escura. Jean e Monique o receberam e ouviram o motivo de sua excitação.

– Descobri um bando que serve à Igreja! Estão muito próximos daqui e tenho certeza de que eles sabem ou estão envolvidos diretamente no que

aconteceu ao nosso pai!

Pelouse esperava um pouco mais de empolgação por parte do irmão quando desse essa notícia. Ao invés disso, percebeu uma fria indiferença.

– Achei que ia ficar feliz em saber o que houve com nosso pai...

– Nosso pai está morto, Pelouse. Como isso aconteceu não é mais importante do que cuidar dos vivos! Você tem uma sobrinha que mal vê, e perdeu os últimos meses de nossa mãe. Ela chamou por você por tantas vezes!

Pelouse bateu nervosamente uma cadeira no chão e virou as costas, indócil e hostil.

– E por acaso você pensa que eu não sofri por isso?! – gritou o irmão mais velho. – Que eu não penso nisso a cada dia?! Mas ela se foi! O que você quer que eu faça?!

– Quero que você abandone essa obsessão que te afasta cada vez mais de nós! – berrou Jean.

Pelouse o olhou com olhos magoados.

– Então você não quer saber o que houve com nosso pai?... – perguntou em voz branda.

– Não... Não quero.

– Talvez se você mandasse Theodore com ele... – sugeriu Monique, calada até então na sala do embate entre os dois irmãos.

– Não! – vociferou Jean. – Essa loucura acaba hoje! Pelouse, se você quiser ir, vá! Mas não volte mais! Ao menos seja homem para assumir a sua ausência! É melhor do que viver com a sombra de uma falsa presença...

Jean saiu da sala e não olhou para trás. Monique, que conhecia os dois desde crianças, lamentava vê-los sendo consumidos pela discórdia e pela dor.

– Durma um pouco. Coma alguma coisa – disse ela, suavemente. – Eu vou falar com ele. Amanhã ele vai estar mais calmo.

Pelouse deu um sorriso triste.

– Amanhã já será tarde demais...

Ele beijou a moça carinhosamente na testa.

– Dê um beijo em Celine por mim.

E então ele partiu.

Era lua cheia. Antes de montar, ele olhou para ela. Ao menos teria isso ao seu favor. Se tudo desse errado, poderia se transformar em uma fera capaz de se defender de vários caçadores e ainda arrancar informações com a força do terror.

Ele cavalgou pela estrada que atravessava a floresta até o ponto onde vira o grupo de homens. Eram caçadores e mercenários à serviço da Igreja. Buscavam relíquias, ouro e seres considerados amaldiçoados, como bruxas,

magos, vampiros e lobisomens. Era um grupo de sete homens e, ao redor de uma fogueira, cinco deles dormiam. Dois deles estavam em guarda, conversando baixo enquanto se aqueciam com uma bebida.

Pelouse se aproximou com uma adaga em mãos. Então esperou que os homens se separassem. Logo, um deles se embrenhou mais no mato para urinar. Pelouse foi atrás dele sorrateiramente.

O homem se aliviava em uma árvore sem o menor respeito. Infelizmente, Pelouse sabia que a maioria dos homens havia se afastado tanto da natureza que não viam mais vida. Para eles, árvores, flores, animais... Eram apenas coisas.

Em um movimento rápido, Pelouse tapou a boca do homem, encostando ao mesmo tempo a fria adaga em seu pescoço. O homem paralisou.

– Não grite e eu não te mato. Temos um acordo?

O homem concordou com a cabeça. Pelouse então retirou a mão de sua boca lentamente, mantendo a adaga posicionada.

– Há seis meses, um homem desapareceu nessas florestas – sussurrou Pelouse. – Era um nobre e tinha o brasão com um lobo branco. O que seu grupo tem a ver com isso?

– Eu ouvi sobre ele – respondeu o homem com voz trêmula. – Disseram que um homem importante foi raptado nessa floresta. Mas não tivemos nada a ver com isso. Eu juro.

Pelouse apertou ainda mais a adaga contra o seu pescoço.

– Eu juro! – insistiu o homem – Alguém como ele teria chamado atenção se fosse capturado! Ser encantado ou não, era um nobre dono de terras!

Uma pancada na cabeça fez com que Pelouse cortasse acidentalmente o pescoço do homem. O sangue jorrou, enquanto ele segurava o pescoço e gritava por socorro, dando o alerta aos outros. Pelouse se virou, ainda tonto com a pancada, e levou um soco no rosto que o fez dar vários passos para trás e cair de costas no chão.

O talho no pescoço do outro não parecia grave, posto que este continuava a gritar. O homem que o atacara virou um mosquete contra ele.

– Quem é você? – perguntou.

Pelouse não respondeu e os outros chegaram.

– Ele quer saber sobre o nobre que desapareceu nessa floresta há alguns meses – explicou o homem que agora tinha um tecido para estancar o sangue no ferimento do pescoço, que tinha sido obviamente superficial.

– Dizem que era um encantado! – falou um deles. – Um homem-lobo!

– Então aposto que esse é um deles também...

O ergueram e seguraram seus braços. Suspenderam a manga da camisa e fizeram um corte com uma adaga de prata. O jovem trincou os dentes para não

gritar e eles viram a ferida queimar, como acontece com os homens-lobos e outros seres encantados. Eles o soltaram, chutando as dobras do joelho para que ele caísse.

– É um maldito encantado!

Isso era mais do que uma contestação. Era uma sentença. A arma de fogo voltou a ser apontada para ele.

Uma enorme fera branca saltou sobre o homem que errou o tiro. Pelouse se abaixou com o susto de ver lascas da casca da árvore atrás de si voarem pelos ares com o impacto da bala. No escuro, a criatura branca era um alvo. Os seis homens empunharam seus mosquetes e era certo que alguns deles estavam carregados com balas de prata.

Tiros foram disparados e a pelagem branca foi manchada de vermelho, mas a fera não parou de atacar até que sua presa estivesse imóvel. Virou-se para seus inimigos e grunhiu alto, emitindo um som apavorante. Três dos homens começaram a recarregar suas armas, enquanto os outros faziam mira.

Uma outra fera parecida com a primeira surgiu do nada, atacando os homens com as armas carregadas. Tiros espantaram os animais da noite na floresta, fazendo corujas e mochos voarem a esmo. Sangue esguichou para as árvores próximas, derramou-se no chão, até que só houve silêncio.

Pelouse, transformado em uma fera bestial, meio homem, meio lobo, se virou para aquele que salvou sua vida.

– Sempre soube que você acabaria vindo... – disse.

Um estampido inesperado ecoou na floresta. A fera que estava diante dele arregalou os olhos em um rápido estremecer. E então caiu pesadamente no chão, revelando uma figura humana atrás dela, segurando um mosquete. O homem com o pano no pescoço manchado de vermelho tentou recarregar rapidamente, mas a bala que brilhava prateada em sua mão nervosa não encontrava seu caminho para a arma. Quando achou que finalmente conseguira, já tinha a criatura diante dele com as presas proeminentes e hálito de ódio. Suas garras passaram com tanta violência em seu rosto que rasgaram sua bochecha e parte do pescoço. Ele caiu no chão, engasgando-se com o próprio sangue, e a fera abocanhou seu pescoço, sacudindo-o até que ele não se movesse mais.

Pelouse jogou o corpo no chão e se virou para a fera caída.

– Jean! – disse, transformando-se novamente em homem, roubando o manto de um caçador morto e cobrindo-se rapidamente nos poucos passos que deu até a outra criatura.

Uma poça de sangue se formara onde a fera caíra. Um ferimento nas costas vertia o precioso líquido vermelho.

Pelouse seguiu com cuidado a cabeça, vendo os olhos esmaecendo e a

respiração ofegante.

– Calma, Jean! Eu vou levar você de volta e o doutor Marceau vai dar um jeito!

E então a criatura pareceu se acalmar de repente. Os olhos perderam o brilho. A respiração parou. Pelouse puxou o ar, sentindo com os olhos cheios d'água, que seu coração tinha sido arrancado.

E como acontece com os homens-lobos quando perdem a vida em sua forma lupina ou bestial, os pelos desapareceram, o corpo mudou, e ele assume pela última vez sua forma original.

– Não...

Pelouse sentiu o ar lhe faltar, o coração gelar, a cabeça explodir ao ver os cabelos castanhos escuros. Em poucos segundos, tinha nos braços uma bela mulher sem vida. Uma mulher que fora sua amiga e a mulher de seu irmão, Monique.

Capítulo 16

Uma Fada Triste por Companhia

Philippe ficou alguns instantes paralisado depois que o amigo terminou a história. Recostou-se, olhando vagamente para o lado, imaginando toda a história que não vivera, mas que traçara seu destino.

– Minha mãe contava histórias do meu pai... – murmurou ele, ainda perdido no passado. – E, pelo que ela contou, nunca imaginei que ele fosse assim.

– Assim como?

O jovem voltou os olhos violetas para ele.

– Egoísta.

Diderot suspirou e se inclinou um pouco para frente. A neve continuava a cair e ele olhou a paisagem, esfregando as mãos para se aquecer.

– Eu o conheci, você sabe... – disse o capitão. – Não o conheci muito bem, mas o conheci. E eu não acho que ele era egoísta.

Philippe olhou para ele com curiosidade.

– Ele era diferente.

Diderot se levantou e caminhou pela sala, pegando um copo de água da jarra que estava em uma mesa. Levou dois copos com água e entregou um para Philippe.

– Pelouse nunca se contentou com a mesmice do château... – continuou, voltando a se sentar diante do garoto. – Ele tinha a mente aberta. Eu sempre o via discutindo com homens muito mais velhos, acostumados a fazer as coisas da mesma maneira. E ele queria tentar coisas novas. Acreditava que tínhamos que voltar ao contato com os humanos, nos envolvermos mais com a política, a ciência e a arte deles. E quando ele cismava com uma coisa, ninguém conseguia movê-lo. E acho que é por isso que Jean e você achavam que ele era egoísta. Mas ele pensava em todos. Pensava em como melhorar a vida para todos... A tragédia, infelizmente, o perseguiu. Perder o pai daquela forma foi demais para ele. Acho que ele tinha por companhia uma fada triste...

Philippe baixou os olhos, tentando decifrar os sentimentos que se debatiam dentro dele.

– O que aconteceu depois?

Diderot não gostava de se lembrar, mas aquilo ficou para sempre gravado em sua mente e quando se recordava, era como se tudo ocorresse em um ritmo

lento, como se estivesse dentro de um sonho. Jean descendo as escadas correndo, os cabelos claros esvoaçando com o vento enquanto ele saltava os degraus. Passou correndo por ele, o desespero nos olhos ansiosos, abrindo a porta da frente. A luz do sol que nascia invadiu o salão e desenhou sua silhueta.

Diderot o seguiu e viu quando Pelouse desceu do cavalo com o corpo de Monique enrolado em um manto. Ele a trouxe nos braços, o rosto cheio de caminhos de lágrimas que não pararam até aquele momento.

Jean olhou para ela e soube imediatamente que estava morta. Theodore veio correndo com alguns soldados e pararam ao ver os dois homens. Jean estremeceu e olhou para o irmão com tamanha dor que pareceu novamente uma criança. Pelouse não aguentou e desviou o olhar. Era o mesmo olhar que ele vira quando o abandonou naquela noite fatídica. Pelouse entregou o corpo de Monique para o irmão.

O duque a recebeu e soluçou, sentindo seu corpo frio. Seus joelhos se dobraram. No chão, abraçado à menina que o distraiu na carruagem, falando de sua importância. Abraçado à criança com quem ele e o irmão brincaram por anos nos bosques do château. Abraçado ao seu primeiro beijo, ao seu coração, ao amor da sua vida. As lágrimas caíram, e ele a apertou em um abraço que não a deixasse partir.

– Perdoe-me...

Foi o que Pelouse conseguiu dizer.

Um grunhido foi ouvido. E então repetido.

– Saia. SAIA! – gritou Jean, olhando-o furioso. – Vá embora e nunca mais volte! Como duque das Vertentes, eu o expulso!

Pelouse o olhou com a mágoa profunda que levaria para o túmulo. E a culpa que carregaria até depois da morte. E então, sem conseguir impedir que as lágrimas continuassem a cair, ele anuiu com a cabeça, se virou e caminhou até o seu cavalo. Cavalgou para fora do château sem olhar para trás. E essa foi a última vez que viram Pelouse Lamayer.

– Dois anos depois, Elle chegou aqui com você no colo.

Philippe não pensava nos primeiros anos de sua vida há muito tempo. Eram confusos e assustadores. Agora, tudo voltava. E, algumas coisas, com um sentido completamente novo.

– O duque nos visitou uma vez... – disse.

– É mesmo?

– Ele sentou-se na mesa da cozinha com minha mãe. E eles conversaram por muitas horas... Foi pouco antes dela morrer.

Ficaram em silêncio por algum tempo, até que Philippe retomou a

conversa.

– O que houve com seu pai?

Diderot ergueu as sobrancelhas. Ele também não pensava nisso há muito tempo.

– A tuberculose o pegou também... Depois que a duquesa morreu, muitos lobos infelizmente pereceram desse mal nos dois anos seguintes. Foi sorte a sua mãe ter chegado depois disso. Aliás, diria que ela trouxe sorte! Depois que ela chegou, não houve mais nenhum caso da doença no château.

– Eu não sei como meu pai morreu.

– Sua mãe não lhe contou? – perguntou o capitão.

– Ela evitava o assunto. Mas dizia que ele tinha sido um herói e salvo nossas vidas. Mas nunca disse como.

O capitão se levantou.

– Tenho assuntos a resolver e você precisa descansar. Nos veremos mais tarde.

Philippe lamentou que o amigo tivesse que ir, mas aproveitou o tempo para pensar em tudo o que descobrira desde que fora trazido de volta.

Alguns dias se passaram e a rotina continuou. Já tinha quase uma semana que o duque partira com os soldados do rei e a preocupação era uma constante para o seletor grupo que sabia o que ocorrera. O dia estava claro e parara de nevar. Ainda assim, era inverno e o melhor lugar para se estar ainda era dentro de casa.

Philippe finalmente saía do quarto, passando boa parte do tempo conversando amenidades com Celine, Jacques e Prateada. Por vezes, Diderot se unia à conversa. A ausência do duque fora sentida e Philippe naturalmente perguntara. A mentira oficial foi contada e, apesar de ter sentido algo estranho, ele não viu motivos para não acreditar.

– Não há mais janelas para limpar nesse castelo – comentou Celine. – O que vai mandar Carlo fazer agora?

– Já mandei – respondeu prontamente Philippe. – Ele agora é o responsável oficial por limpar todas as comadres do castelo, incluindo as da ala de criados.

Prateada deu uma risada divertida e ligeiramente cruel, enquanto Celine se mostrou horrorizada.

– Que nojento! Como pode mandá-lo fazer isso? – disse Celine.

– Eu sei que parece uma surpresa pra você, Celine, mas ALGUÉM fazia isso antes dele – respondeu Philippe. – Ou você acha que as comadres flutuavam sozinhas com suas asinhas até um barranco distante? É uma tarefa

inglória, mas necessária para que o castelo não se torne um monte de...

– Argh! Pare! Não quero essa imagem na minha cabeça!

– Carlo é um tolo... Mas é inofensivo sozinho. – intercedeu Jacques. – Tem certeza de que não está sendo muito duro com ele?

Philippe se voltou para os dois e se lembrou que eram nobres e naturalmente se solidarizavam com alguém da mesma classe. Percebeu como isso estava tão entranhado neles que nem notavam. Ele ia tentar lhes explicar isso quando Constance entrou correndo na sala.

– O duque voltou!

Todos correram até a entrada do castelo onde a porta escancarada deixava entrar uma brisa mais fria. Lamayer, Octavien e Thomás entraram, enquanto os outros que os acompanhavam seguiram levando os cavalos para o estábulo.

Celine correu e abraçou o pai que ficou feliz em ter a filha nos braços novamente. Prateada ficou perto com uma expressão ansiosa e, ao mesmo tempo, se sentindo um pouco abandonada, até que ele abriu o outro braço e a recebeu também no abraço caloroso. Beijou as duas meninas na testa e cumprimentou o capitão.

– É muito bom vê-lo, senhor!

– É muito bom ser visto, capitão! – respondeu o duque, imaginando que se não tivesse sido precavido, provavelmente ninguém nunca mais o veria novamente.

Lamayer ia falar algo, mas percebeu a presença de Philippe e Jacques. Estes o cumprimentaram também.

– Você parece melhor, Philippe.

– Obrigado, senhor. Como foi a viagem? Conseguiu contestar o título de propriedade?

O duque esperava sinceramente que Philippe não tivesse ideia do que fosse aquilo e não perguntasse muito mais sobre o assunto.

– Na verdade não fui muito bem, mas espero reverter a situação – respondeu Lamayer.

– Que propriedade era essa afinal? – tornou Philippe.

– Estamos cansados e famintos! – disse Octavien, percebendo que uma intervenção era necessária. – Felizmente, Chalise está preparando algo para comermos. Poderemos conversar melhor amanhã, depois de uma boa noite de sono.

– Mas são quatro horas da tarde!... – disse Prateada, que ainda não tinha compreendido as sutilezas da dissimulação. – Eu não estou com sono.

O duque olhou para a menina e riu.

– Ah, que diabo! – disse por fim. – Comam com a gente!

E foram todos para a sala de jantar onde sopa quente, carnes e pães foram servidos. O duque inventou respostas para as perguntas de Jacques e Philippe, os únicos ali que não tinham ideia de que ele viajara por vários dias para confrontar o rei, ser preso e fugir em sequência.

Depois de comerem, Philippe acabou indo para o quarto e Jacques se despediu, voltando para casa. Quando finalmente se viram livres para falar, Diderot foi o primeiro a perguntar.

– E então? O rei o recebeu?

– Recebeu – respondeu o duque tomando um gole de vinho.

– Falou com ele sobre Philippe? – perguntou Celine.

– Falei.

– E o que ele respondeu? – Prateada estava tão ansiosa que mal comera.

O duque olhou para os rostos cansados de Thomás e Octavien que comiam um pedaço de carne enquanto assistiam a sabatina.

– Nada – respondeu finalmente o duque. – Ele mandou me prender.

A mesa ficou em silêncio.

– O que... como... O quê? – Prateada estava muito confusa e temia ter parado de entender as palavras.

Lamayer limpou a boca com um guardanapo de linho e o jogou em cima da mesa.

– Eu fui até o rei, falei o que pensava, ele me jogou numa masmorra e eu fugi. Antes de partir, instruí um pequeno grupo de homens de confiança a me acompanharem a certa distância e, caso eu não saísse do castelo em uma hora, que tomassem as devidas providências. Então, com a ajuda deles, eu fugi.

Novo período de silêncio perplexo na mesa. Celine, Prateada e Diderot se entreolharam atônitos e preocupados.

– Talvez o rei não perceba... – disse Prateada baixinho.

– Ah, não, ele já percebeu e já deve ter mandando homens atrás de nós. Viemos correndo como loucos, mas eles podem chegar a qualquer momento. Mas não são eles nosso maior problema agora.

Prateada se remexeu na cadeira, nervosa, olhando para os lados.

– Como assim os soldados do rei não são nossa maior preocupação? Quem está vindo atrás de nós? Monstros? Fantasmas? Assombrações? Um terremoto?

– Pior – respondeu o duque.

Ele se inclinou um pouco sobre a mesa e olhou nos olhos de todos para que vissem o quão sério ele estava falando.

– Vampiros.

Capítulo 17

Protegendo a Cidade

Menos de duas horas depois, Prateada subiu até seu quarto. Apesar de tentar acompanhar a conversa dos homens sobre planos de defesa, não estava em seu melhor momento. Além de cansada, estava preocupada com a ideia de uma invasão de vampiros que tentassem levar Philippe. E havia uma coisa que o duque dissera que a assustara de verdade: eles eram numerosos. Por mais que os lobos pudessem se defender em uma Lua Cheia como feras, os vampiros dispunham de um contingente crescente e infinito de soldados de dentes pontiagudos. Bastava que infestassem uma cidade e pronto! Teriam um exército ao seu dispor. Havia leis que proibiam isso, mas eles não pareciam muito afeitos a seguir a lei, ainda mais agora que o duque das Vertentes oficialmente quebrara o Acordo.

A moça entrou em seu quarto pensativa, fechando a porta atrás de si. Sempre se sentira segura e o mundo, que antes lhe parecia repleto de possibilidades incríveis, agora estava cheio de perigos e lhe parecia assustador. E nem podia falar com Philippe sobre isso...

– O que está acontecendo?

Prateada deu um salto desajeitado e emitiu um som parecido com um ganido, tomando um enorme susto com a voz que surgiu dentro do seu quarto. Em um canto mais escuro, Philippe a aguardava sentado em uma cadeira.

– Qu-quê? – gaguejou ela, com mechas caindo sobre o rosto pálido.

O rapaz se levantou e caminhou até ela, vindo para a luz da lamparina sobre a mesa.

– Não sou idiota, Prateada – disse ele em tom sério. – Todos estão se comportando de maneira estranha e algo está acontecendo. Só preciso que me conte o que é.

Prateada mexeu com os dedos, entrelaçando-os nervosamente, enquanto emitia sons que não queriam dizer nada.

– Prateada! – falou ele, interrompendo o emaranhado de meias palavras sem sentido dela.

– Eu não sei! – conseguiu finalmente verbalizar.

Philippe lhe lançou um olhar de decepção.

– Achei que não mentíssemos mais um para o outro...

Ele se virou para sair. Quando chegou na porta, a moça o chamou.

– Diderot disse que você não deveria se aborrecer!

– Tarde demais – respondeu o rapaz, virando-se para ela e esperando, de braços cruzados, que ela falasse.

Prateada respirou fundo e então jogou os braços para o ar, assumindo a desistência.

– De alguma forma, o príncipe dos vampiros descobriu o contrato que Ravin assinou – contou ela, sem enfeites ou açúcar.

Philippe arregalou os olhos e sentiu o coração acelerar e o sangue gelar. Descruzou os braços lentamente enquanto ela continuava a falar.

– O rei Antoine reconheceu a quebra do Acordo e mandou uns homens aqui para levar você. Mas o duque não deixou! Ele foi até lá falar com o rei. Mas o rei não gostou muito e mandou prendê-lo. Aí ele fugiu. Agora ele está lá embaixo planejando a defesa do château, porque o rei deu ordem para os vampiros virem buscar você! E ele também vai mandar soldados. Então temos que nos defender dos vampiros e dos homens do rei.

Apesar de saber que algo estava acontecendo, Philippe jamais esperaria que fosse isso. Ficou tão atônito que, por alguns segundos, se esqueceu de respirar.

A sala de jantar não tinha mais pratos e copos. Na mesa de madeira escura, um grande mapa estava estendido. Velas acesas em elegantes candelabros cobriam o lugar com luz dourada enquanto os homens discutiam suas possibilidades. Mesmo cansados, não podiam esperar o dia seguinte para tomar alguma atitude. Na sala estavam Lamayer, Diderot, Thomás, Octavien, Bergére e Alain. Não só eram homens de confiança, mas homens de armas, cujo conhecimento era muito bem-vindo naquele momento.

– O Château das Vertentes tem uma localização abençoada – dizia Diderot, mostrando o mapa. – Temos uma única estrada para a cidade e, de carruagem, não se pode entrar ou sair por outro lugar. Ao redor, temos montanhas e florestas extensas, um terreno difícil para cavalos.

– Difícil, mas não impossível... – disse Thomás, que já vira coisas bem malucas em suas andanças.

Diderot concordou.

– Eu acredito que se os homens do rei vierem, vão vir pela estrada – continuou o capitão. – Entre nossa estrada e a floresta antes dela, temos uma faixa de campo aberto. É o melhor lugar para interceptá-los. Se chegarem à cidade...

– Os homens do rei podem demorar mais a chegar – disse Lamayer com a mão no queixo e sem tirar os olhos do mapa. – Virão a cavalo e será, com

certeza, mais do que meia dúzia de soldados, como ele mandou da última vez. Eu acredito que o príncipe Lucien já enviou seus vampiros para cá. E não acho que eles venham educadamente pela porta da frente.

– Sim – concordou Bergére. – São ardilosos! E muito ágeis. Quando bem alimentados, podem atravessar facilmente a floresta que nos cerca e entrar sem que percebamos.

– Então... – suspirou o duque. – Como podemos impedi-los de entrar?...

– Com as vertentes!

Todos se viraram para ver quem falara e viram Philippe, que entrara sem que notassem, tão concentrados no mapa que estavam. Atrás dele, uma nervosa Prateada roía as unhas.

Diante da surpresa de todos, o garoto se aproximou.

– Prateada me contou tudo – disse. – E eu sou grato pelo que estão fazendo por mim. Gostaria de ajudar.

Lamayer e Diderot se entreolharam. Então, o duque fez um movimento com a cabeça para que prosseguisse. Philippe então se aproximou e mostrou com o dedo vários desenhos de serpentes azuis no mapa cuidadosamente feito à mão há muitas décadas.

– Vêem? Esse lugar é repleto de vertentes – disse ele. – Cachoeiras, nascentes, riachos... É por isso que recebeu esse nome. Com o tempo, alguns desses riachos foram sendo represados. Mas se pudéssemos liberar a água para os veios que ainda estão lá...

Ele mostrou riscos mais finos que se ligavam uns aos outros. E conforme seu dedo percorria aquelas esguias serpentes no papel, a ideia se fazia clara para os outros.

– Podemos cercar o Château com água corrente! – disse Lamayer, surpreso com a ideia.

– Vampiros não atravessam água corrente – concordou Philippe, mansamente. – Então, estaríamos seguros.

Os homens da sala sorriram pela primeira vez naquela noite. Lamayer deu um olhar de aprovação para Philippe que gostaria de dizer que não significou nada para ele, mas estaria mentindo para si mesmo.

– Já é um plano – concordou o duque. – Vamos descansar e amanhã levantaremos bem cedo e começaremos a por em prática.

– Já enviei homens para o nosso ponto de vigília. Se alguém surgir no descampado, saberemos assim que saírem da floresta!

O duque o cumprimentou com um toque no ombro e todos se retiraram para uma necessária noite de sono.

Lamayer ficou por último, sentado em sua cadeira tomando mais um

copo de vinho. Philippe se virou para Prateada e tocou gentilmente seu braço. A moça olhou em seus olhos, temendo que ele estivesse chateado, mas ele a confortou com um olhar tranquilo.

– Vá dormir, Prateada... – murmurou ele. – Amanhã nos falamos. E obrigado por ter me contato.

A menina sorriu e deixou a sala também. Philippe então se voltou para a figura do duque, sentado diante da mesa ainda olhando o mapa. O garoto se aproximou, imaginando a situação em que o duque estava por causa dele.

– Eu lamento que isso esteja acontecendo... – disse o rapaz, um tanto constrangido em ser a causa de tanto transtorno.

– Eu também... – concordou o duque.

– Eu não queria começar uma guerra – tornou Philippe.

– Nem eu – sorriu cansado Lamayer.

– Talvez eu deva desaparecer... – sugeriu o jovem.

O duque não respondeu imediatamente. Olhou-o longamente e então colocou o copo sobre a mesa.

– É um mundo pequeno – disse ele. – Pequeno e muito mal frequentado. Os vampiros possuem infiltrados e informantes em todos os cantos. Cedo ou tarde, eles o encontrariam. Além do mais, você está fraco demais para atravessar esse castelo, quanto mais fugir. Mas não é por isso que não deve fazer isso...

O rapaz, que tinha baixado a cabeça, envergonhado em estar ainda tão fraco pela falta de sangue, ergueu o rosto esperando a conclusão. Deparou-se com os olhos cinzentos de Lamayer e pela primeira vez lhe ocorreu que poderiam ser parecidos com os de seu pai. O coração doeu um pouco quando percebeu que nunca saberia.

– O que Ravin fez foi errado, baseado numa lei errada, perpetuada por uma falsa ideia de segurança e paz – disse o duque com voz firme e baixa. – Permitir que continue a acontecer seria mais errado ainda. Não é o mundo que quero para Celine. Ou Prateada. Ou os filhos delas. Se você fugir, o erro continuará. Mas se ficar, vamos lutar por você. Por que é o certo. E porque é a única maneira de acabar com o erro.

Philippe considerou aquelas palavras longamente. Então o duque se levantou e lhe deu um amigável e confortante tapinha no ombro, deixando a sala em passos cansados. O garoto fez o mesmo pouco depois. Os dias seguintes seriam difíceis e imprevisíveis.

Capítulo 18

Escura Noite

O dia seguinte começou cedo, como previsto. A neve não caía há alguns dias e o céu estava cinzento, o que era ruim. Vampiros mais fortes podiam andar sob a luz indireta do sol e, se estavam a caminho, isso aceleraria sua chegada.

O primeiro ato do duque foi reunir os habitantes do château. Diante do castelo, homens, mulheres e crianças aguardavam curiosos o que era tão importante que precisava ser dito nas primeiras horas de um dia de inverno. O duque se apresentou, alinhado e imponente. Ao seu redor, o capitão e alguns guardas. Assim que se colocou diante dos habitantes, o silêncio se fez e olhos atentos pousaram sobre ele.

– Como vocês já sabem, um dos nossos foi levado por vampiros – começou ele. – Eu e alguns homens partimos na mesma noite e o trouxemos de volta. Um documento de venda de um nobre foi encontrado e os vampiros exigiram que entreguemos Philippe a eles, pedido que foi prontamente acatado pelo nosso rei.

O silêncio permanecia. O duque olhou para a multidão, sem saber exatamente o que esperar deles. E se não apoiassem sua decisão? E se houvesse uma rebelião? Não deixou nenhuma dessas dúvidas transparecer.

– E eu disse não! – gritou. – Eu me recusei a entregar o garoto e fui falar com o rei. Este me prendeu em segredo quando exige um encontro com o Conselho dos Sábios e enviou um recado para que os vampiros viessem buscar sua “propriedade”.

Ele fez uma pausa, olhando para os rostos de seus protegidos,

– Para mim, o mais simples de nós ainda é mais valioso do que mil deles! Eu não entregarei o jovem, sendo ele mestiço ou não, assim como não entregarei mais nenhum lobo a uma vida de escravidão nas garras dos vampiros! A partir de agora, temos que nos unir e defender o Château das Vertentes contra vampiros e contra os soldados do rei. Se alguém não estiver de acordo, sugiro que pegue suas coisas e parta imediatamente. Darei a cada um que partir uma carta que lhes dará guarida no Château dos Damascos, que fica a dois dias de viagem.

As pessoas continuaram em silêncio e se entreolharam por alguns instantes, até que uma voz foi ouvida no meio da multidão:

– Pro inferno com eles!

E outros começaram a emitir suas opiniões.

- Vampiros não vão me tirar da minha casa!
- Não deveríamos nunca ter assinado esse acordo!
- Vamos lutar!

O duque respirou fundo, sentindo o apoio crescente entre seus lobos.

– Vamos precisar do apoio de todos! – tornou Lamayer. – Durante o dia, vamos nos organizar e Diderot e seus homens lhes darão instruções!

E assim começou o dia no Château das Vertentes, com brados, gritos e movimentos de pessoas que tomaram a decisão de defender suas casas e a integridade dos seus.

Celine, Thomás e Bergère deram instruções às mulheres e adolescentes durante todo o dia, enquanto os homens foram guiados por Diderot e seus homens para os pontos em que barragens impediam rios e riachos de fluírem. Em alguns casos, foi fácil liberar a água para seguir o seu percurso, bastando retirar algum impedimento básico, como diques feitos por moradores da região.

Uma represa se mostrou mais desafiante. Um desmoronamento impedia o curso de um riacho e o trabalho durou horas, tendo que contar com o esforço de vários homens. Muitas horas depois, brados animados marcaram a comemoração quando a água límpida encontrou seu caminho pelo leito seco.

Já começava a anoitecer e ainda restava uma retenção a ser resolvida para que todas as vertentes voltassem a cercar o château. Um enorme tronco caído era o problema e não havia nada que eles tentassem que fizesse a pesada tora se mover. Tentaram amarrar com cordas e mesmo 20 homens não foram capazes de retirar a velha árvore morta que represava a água.

– Está anoitecendo... – comentou o guarda Alain. – Devemos continuar tentando?

- Vá até o castelo e traga Prateada! – ordenou o capitão.

O jovem correu e pegou seu cavalo. Diderot sabia que se aquela represa não fosse destruída, de nada teria adiantado aquele trabalho todo. Ainda estariam vulneráveis.

No castelo, Lamayer falava com Celine, Prateada e Philippe em seu gabinete.

- É possível que nos ataquem ainda hoje, então estejam preparados.
- Por que acha isso, meu pai?
- Porque amanhã é Lua cheia – respondeu o duque. – Não seriam idiotas de atacar uma cidade de lobos na Lua cheia. Hoje é a última oportunidade de

atacarem, ou terão que esperar. Então, precisamos estar preparados.

Ele tinha instruções específicas para cada um dos jovens, mas tinha certeza de que encontraria resistência de cada um deles.

– Philippe, você deve ficar dentro desse castelo e não sair em hipótese alguma.

– Mas...

– Não tem mas! – interrompeu o duque. – Você está fraco demais para arriscarmos e é você que eles querem. Não vamos lhes dar essa vitória. Você deve ficar aqui e ajudar Celine no que ela precisar.

Lamayer então se virou para a filha.

– Celine, na minha ausência, o castelo é seu! Você deve tomar decisões e algumas delas serão difíceis. Eu confio em você.

A moça concordou, tentando mostrar firmeza. Ele então se voltou para Prateada.

– Prateada, você é nossa arma secreta, apesar de imaginar que os vampiros saibam sobre sua capacidade de se transformar em qualquer momento, independente de ser dia ou noite, ou Lua cheia ou nova. Mesmo assim, eles não sabem onde você estará. Por isso quero que fique aqui. Sua missão é defender Celine, Philippe e o castelo.

Nesse momento, Alain entrou correndo.

– O capitão Diderot pediu que levasse Prateada até ele com urgência.

Lamyer não pensou duas vezes. Virou-se para a menina e disse-lhe:

– Vá e faça o que puder! Nossa segurança depende desse cerco.

Prateada concordou e seguiu o jovem guarda. Quase que por instinto, Philippe deu um passo na direção deles, mas o duque se interpôs entre eles.

– O que eu acabei de dizer? – perguntou, perplexo.

– Achei que era só a noite... – explicou-se Philippe.

– A noite já chegou!

Os preparativos prosseguiram. O duque estava no grande salão do castelo reunido com os homens que lhe passavam o relatório.

– Foram todos preparados e instruídos – disse Bergére.

– E as represas? – perguntou Lamayer.

– O capitão está com um grupo de homens e Prateada tentando liberar a última – informou Thomás.

Um guarda entrou correndo na sala, as faces avermelhadas de quem correu muito.

– Eles estão na entrada da cidade!

Um silêncio tenso que durou alguns segundos foi o tempo para a notícia

ser compreendida e absorvida. Lamayer se levantou.

– Então chegou a hora.

Um pequeno exército liderado pelo duque cavalgou até a entrada da cidade, onde uma pequena estrada adentrava um bosque. O céu estava escuro e trazia nuvens pesadas que se moviam com rapidez, deixando surgir vez ou outra a lua crescente que mais parecia uma grande fenda em um tecido negro.

Os cavalos pararam em um determinado local, diante de uma depressão no terreno. E então, aguardaram.

Pouco depois, uma carruagem negra foi avistada. Seus pomposos cavalos da mesma cor se agitaram e o cocheiro teve dificuldade em controlá-los.

– Você está entrando em terras proibidas – disse Bergére. – Identifique-se!

A carruagem parou a uns 10 metros e a porta se abriu. O duque se surpreendeu ao ver o príncipe Lucien em pessoa. Alto, com cabelos finos e escuros até os ombros, ele sorriu.

– Jean Lamayer, o duque das Vertentes... – disse. – Quem diria que seria você a quebrar o Acordo?...

O cavalo do duque rodopiou, também nervoso. Lucien se aproximou a pé, caminhando elegantemente na direção deles, uma vez que os cavalos se recusaram a ir adiante.

– Você e seu povo não são bem-vindos aqui, príncipe Lucien – disse Lamayer. – Peço que dê meia-volta e retorne para o lugar de onde veio.

– Entendo que não possa contar com sua hospitalidade... – disse Lucien, os dentes muito brancos em um sorriso pouco sincero. – E, considerando o que você fez com meu amigo Michel Decartier e seus amigos, eu também não acho que a aceitaria, se acaso me oferecesse. Mas eu não pretendo ficar mais do que o necessário. Basta que me entregue o garoto.

– Isso não vai acontecer – respondeu firmemente o duque.

O sorriso de Lucien se desfez e seus olhos se tornaram assustadores. Em um segundo, toda cordialidade desapareceu de suas feições.

– Não foi um pedido. Eu tenho comigo uma ordem do rei... SEU rei. É uma ordem direta para que devolva a propriedade que foi comprada por nós.

Lamayer não respondeu. Lucien se aproximou ainda mais, voltando a sorrir.

– Eu sei o que você fez, Jean Lamayer... Você matou meu melhor amigo e todas as crias dele. Incendiou o lugar para não deixar pistas. Tudo para resgatar um mestiço. Pois então, eu fui generoso e não pedi sua cabeça ao rei Antoine. Mas exijo o garoto. E não se preocupe, eu não vou matá-lo. Vou transformá-lo num exemplo. Vou fazer com que todos os lobos vejam o que faremos com ele.

Ele será a prova de que nós podemos dispor de vocês, lobos, como bem entendermos, pois nós vencemos a guerra, embora vocês gostem de pensar que fizemos um trégua de comum acordo. E farei tudo para que esse lembrete seja visto e ouvido por muitos e muitos anos...

O duque baixou a cabeça por um momento, apurando os ouvidos. Então sorriu.

– Você nunca colocará suas mãos nesse menino. E quanto ao que passou... Acho que já deve ter ouvido falar que águas passadas não movem moinhos... Mas águas presentes podem mover muitas coisas. Incluindo vampiros.

Enquanto ele falava, Lucien percebeu um som crescente de água. Quando se virou, viu uma tromba d'água vindo em sua direção e deu vários saltos que somente sua natureza vampírica e seus séculos de vida permitiriam. Um riacho se fez entre eles levando folhas, galhos e tudo o que estivesse no caminho.

Lucien depois de uma verdadeira acrobacia, aterrissara, apoiado em um joelho perto da carruagem, com a água passando rente aos seus pés. Levantou-se lentamente, deixando que o duque aproveitasse um pouco sua breve vitória.

– Você sabe que a mesma água que nos impede de entrar também nos impede de sair?

Então ele riu e caminhou tranquilamente de volta para a carruagem.

– O que ele quis dizer com isso? – perguntou Bergére.

– Eles entraram... – deduziu Lamayer. – Eles já estão dentro do château!

Viraram os cavalos e voltaram para a cidade, correndo como o vento, enquanto a carruagem desaparecia na escuridão da floresta.

Capítulo 19

Garras Negras

O tempo prega peças. Dentro do castelo, Philippe estava inquieto, andando de um lado para outro o tempo inteiro. Olhava pela janela a estranha calmaria da cidade. Uma ilusão, considerando o que sabiam.

– Já faz tempo demais que Prateada saiu! – disse ele, pressentindo que havia algo errado. – E já faz tempo demais que seu pai saiu também.

Celine estava de pé na janela como uma estátua de marfim, iluminada pelo candelabro da grande sala.

– Precisamos esperar – foi o que ela respondeu.

Philippe não estava disposto a esperar. Subiu as escadas e Celine sabia para onde ele estava indo. Olhou para os guardas que compreenderam a ordem implícita.

O rapaz pegou a corda e colocou no arco que recebera da rainha das fadas. Assim que a corda ficou firme, pegou a aljava. Das 25 flechas mágicas que tinha, algumas foram quebradas e perdidas. Restavam 21. Colocou a aljava nas costas e o manto a seguir. Quando se virou, deu de cara com Celine na porta.

– Onde pensa que vai?

– Preciso ir, Celine! Não posso ficar aqui parado enquanto outros correm perigo lá fora!

Ele se adiantou para sair e passou por ela, mas dois soldados se interpuseram. Celine se virou para ele com calma.

– Não pense que eu não posso impedi-lo. Eu posso! Meu pai mandou você ficar! Então você fica!

Philippe se aproximou dela, os olhos violetas brilhando.

– Seu pai pode estar precisando de ajuda...

A firmeza de Celine tremulou como uma miragem. Mas logo ela recuperou o olhar determinado.

– Você fica! Se andando livre pelo castelo ou trancado num cômodo, aí a escolha é sua.

Se encararam por algum tempo, até que Philippe desistiu. Voltou para o quarto. Devolveu o arco ao local na parede onde o pendurava, perto da janela. Foi quando algo lhe chamou a atenção. Aproximou-se da janela.

– Celine?...

A moça correu até a janela onde ambos viram um clarão alaranjado subir

a alguns quilômetros, junto com uma fumaça negra.

– FORÇA!!!

Os homens puxavam cordas que tentavam mover a imensa e pesada tora que impedia a passagem de água. Mas dessa vez não estavam sozinhos. Na frente deles, puxando a corda, uma fera de mais de três metros ajudava na empreitada. A tora se moveu, mas empacou em um ângulo de 20 graus e não se mexeu mais. Puxaram mais, com os gritos e ranger de dentes, até que uma corda arrebentou e a tora voltou a se espatifar no local onde estivera pelos últimos 10 anos.

Diderot tirou o suor da testa com as costas da mão. Estavam todos cansados, mas não podiam desistir agora.

– Isso não está funcionando... – disse Octavien.

– Temos que mudar de estratégia... – disse o capitão. – Algo pode estar prendendo o tronco debaixo d’água.

– Nenhum de nós vai aguentar a força das águas depois que o tronco sair... – analisou novamente Octavien. – A não ser Prateada.

Diderot olhou para a criatura imensa que os observava com atenção. A força das águas poderia ser forte demais até para ela e a ideia não o agradava. Mas sabia que se não liberassem aquele rio, não teriam defesa e o esforço do dia inteiro teria sido em vão.

– Prateada – disse ele, – preciso que vá até a água e tente retirar o que está prendendo o tronco. Assim que soltar, volte que vamos puxar daqui.

A criatura anuiu com a cabeça e começou a entrar na água, apoiando-se no tronco que era o seu desafio. Foi até a outra ponta, onde mergulhou por alguns minutos. Os homens observaram atentos, as cordas em mãos. Ela voltou à superfície numa explosão de água, apenas para pegar ar e mergulhar de novo. Dessa vez, demorou mais.

– Vamos! – ordenou o capitão.

Quando começaram a puxar as cordas, um grito foi ouvido e um homem caiu com um vampiro sobre ele.

Tão concentrados estavam na operação que não perceberam um enxame de vampiros que agora os atacava pelas costas. O capitão mal teve tempo de puxar sua espada, e assim que o fez foi atacado. Conseguiu cortar o braço de um, mas outros dois voaram em cima dele, derrubando-o. Prateada, ainda na água, rugiu e se apressou para ir até eles, mas Diderot, lutando contra os dois vampiros e evitando que suas presas rasgassem sua pele, a impediu.

– Não, Prateada! O tronco! Retire o tronco!

A fera hesitou por alguns segundos, vendo que a quantidade de vampiros que os atacava era superior e outros simplesmente passavam direto, adentrando o château. Mas decidiu-se rápido. Voltou sua atenção ao tronco. Agora, sem o galho grosso que estava preso em pedras e plantas, achava que conseguiria. Ouvindo os sons de gritos e luta, ela começou a erguer o tronco, que provavelmente pertencera a um carvalho de mais de 500 anos. Achou que seu coração ia explodir conforme fazia mais força do que jamais fizera. Ergueu o tronco até onde pode e começou a caminhar com dificuldade, lutando agora contra a força da água que passava por ela. Felizmente, a água batia na altura de sua cintura, mas sem o tronco como apoio, ela sentia que ia cair a qualquer momento. Então, em um último esforço, empurrou a tora com toda a sua força, emitindo um rugido assustador. O tronco ficou de pé por alguns segundos e ela rezou para que ele não voltasse e a esmagasse.

Como se a natureza soubesse – e sabia – o vento estava ao favor deles e o tronco começou a cair para o lado da luta.

– Homens!!! Abandonar a luta!!! – gritou Diderot, vendo que a tora ia cair sobre eles.

O impacto pegou um vampiro que não fora rápido ou esperto o bastante, esmagando-o imediatamente. O som pareceu um trovão e o chão tremeu. Muitos vampiros que ainda tentavam atravessar quando o leito ainda estava seco foram pegos quando Prateada começou a erguer a tora. Assim que a água corrente os alcançou, paralisaram e foram se entortando, ressecando como múmias, sendo levados pela água como folhas secas.

Prateada saiu com dificuldade da água e, assim que pisou em terra firme, deu um salto e abocanhou um vampiro de presas proeminentes. Apertou seu pescoço até separar cabeça do corpo. Diderot deu a ordem e todos voltaram a combater os inimigos que restaram, que ainda eram numerosos.

Octavien teve seu braço mordido e gritou com a dor e com o nojo de ver a criatura dependurada nele com presas que pareciam várias fileiras de agulhas. Pegou uma estaca e enfiou no peito da coisa que caiu no chão e se transformou em um jovem de feições finas.

Diderot usou a espada para cortar cabeças, outra forma eficiente de eliminar vampiros. O restante dos homens, camponeses e guardas, usaram o que tinham em mãos para matar os invasores, e os mais fracos foram ajudados por Prateada, que atacava as criaturas da noite com sanha e violência. Prateada nunca perdoaria o que fizeram a Philippe.

Pareceram horas, mas em poucos minutos, tudo estava terminado. Diderot olhou os corpos no chão e respirou aliviado ao ver que não havia

nenhum lobo. Reuniu os homens.

– Alguém foi mordido?

Três homens ergueram as mãos, dentre eles Octavien. Verificando que todos estavam em condições de combate, Diderot os comandou para dentro da floresta. Nenhum vampiro entraria no chateau a partir de agora. Mas precisavam ir atrás dos que já estavam lá dentro.

Prateada diminuiu de tamanho e se transformou em um lobo branco, indo na frente, farejando e guiando o grupo de homens. De repente, ela ganiu alto, como se tivesse sido ferida e correu a toda velocidade.

– Prateada! Espere! – gritou Diderot.

Eles correram na direção em que ela foi e logo perceberam o motivo da pressa. Um grupo de vampiros, impedido de entrar em uma choupana por conta de ramalhetes de alho e símbolos mágicos nas portas e janelas, jogavam tochas no telhado. Em saltos e gargalhadas, eles esperavam os moradores saírem para então destroçá-los. E isso aconteceu no exato momento em que os homens viram o fogo.

Um homem de idade saía da casa em chamas carregando três crianças pequenas, caindo de joelhos tossindo logo depois. Três vampiros avançaram, acreditando estarem diante de um banquete. Um cavalo passou em alta velocidade entre eles, jogando os três para longe. Caíram rolando e se ergueram rapidamente, garras à mostra, dentes ferozes ávidos por matar. Outros cavalos e cavaleiros surgiram, mas como já estavam mais preparados, os vampiros saltaram com agilidade e arrancaram os homens de suas montarias.

Lamayer, que tinha sido o primeiro a passar por eles, voltava com velocidade, quando foi abalroado por um vampiro que o jogou com cavalo e tudo no chão. Ainda se recuperando da queda, não teve tempo de se defender do monstro que avançava. O capitão Diderot apareceu entre eles e, usando a espada, defendeu o duque, enquanto este se levantava.

Usando as garras enormes como arma, o vampiro se defendeu de todos os golpes da espada do capitão, até arrancá-la e jogá-la longe. Prateada estava ocupada defendendo a família que estava à mercê das criaturas. Assumira novamente sua forma bestial, mas isso não pareceu assustar ou surpreender os vampiros. Quatro deles saltaram sobre ela de uma vez, e a fera gritou tentando arrancá-los de cima dela. Retirou um com os dentes e o jogou longe, mas os outros três a morderam, provocando uivos e ganidos.

Os outros homens estavam tendo problemas, pois esses vampiros pareciam bem mais difíceis de matar do que os outros. Diderot percebeu, um pouco tarde demais, que os que ficaram para atrasá-los eram buchas de canhão.

Os que passaram direto eram certamente vampiros mais antigos e fortes, e isso explicava as garras assassinas, característica que apenas vampiros mais velhos possuíam.

A espada de Jean passou diante de seus olhos, afastando o vampiro que tentava novo golpe. O capitão puxou então duas adagas afiadas e passou a lutar com elas. Dessa vez, era a espada do duque e as duas adagas de Diderot se chocando com as garras negras do vampiro que ria um sorriso macabro de dentes pontiagudos que se estendiam até os ouvidos.

– Prateada precisa de ajuda! – alertou o duque.

Diderot hesitou, mas o duque gritou a ordem para ir. Ele começou a correr e quando chegou perto, saltou em cima de um dos vampiros que fincava seus dentes dela e enfiou as duas adagas ao mesmo tempo em seu pescoço. A criatura a soltou, mas caiu retirando as adagas e em segundos estava de pé

– Isso não é bom! – disse o capitão para si mesmo, uma vez que agora não tinha arma nenhuma.

Irritada, Prateada deu um salto e caiu de costas no chão, esmagando os dois vampiros restantes. Um ficou no chão mesmo, atordoado com a pancada. O outro ainda agarrado nela foi arrancado com violência e jogando em cima de um terceiro que se aproximava correndo.

O vampiro que estava diante de Diderot parecia alheio a isso e continuava avançando, enquanto o capitão dava passos para trás sem tirar os olhos da criatura.

Uma flecha se fincou no peito do ser que parou atônito e caiu para trás. Diderot ergueu a cabeça e viu mais flechas voando e tirando os vampiros de ação. Os que não morriam de imediato, ficavam lentos e acabavam sendo mortos pelos seus oponentes.

E foi quando ele e Lamayer viram Phillipe chegando com o arco em posição, atirando mais uma flecha em uma última criatura. Atrás dele, mais seis guardas do castelo lhe davam cobertura, dois deles usando bestas que também tiraram alguns vampiros de cena.

Certificando-se que não havia mais nenhum que fosse ameaça, já que agora os poucos que restaram estavam sendo trucidados pelos lobos, Philippe apontou para o céu e atirou uma flecha que não voltou.

– O que ele está fazendo? – perguntou Lamayer, aproximando-se de Diderot.

Philippe não tinha certeza se iria funcionar, mas lembrara-se das palavras de Paralda quando lhe dera aquele arco e aquelas flechas naquela noite em que as fadas cearam com os lobos.

“Esta é uma arma feita no mundo das fadas – explicou a rainha. – Ela tem alguns segredos que certamente lhe serão úteis. Suas flechas são mais rápidas, pois o vento é seu aliado e as sílides o ajudarão a acertar o alvo. As fadas das nuvens e as dríades das árvores também o reconhecerão como um amigo quando precisar delas. O resto, deixarei para que você mesmo descubra...”

Então, ele usou seus instintos, e esperou estar certo. Em poucos segundos, uma pesada chuva se abateu sobre eles, apagando o incêndio que consumia a casa.

Capítulo 20

Inimigos nas Sombras

A pesar das poucas horas de sono, o castelo despertou pouco depois do Sol. Um café da manhã forte foi servido para guardas e voluntários no salão ao lado da cozinha, onde uma grande mesa de madeira recebia fartas tigelas de carne, queijos e pães quentes saídos do forno. Chalise, François e Eponine corriam de um lado para outro, servindo os homens e enchendo seus copos com uma forte mistura com cheiro de canela que espantava o sono, pois sabiam que o duque tinha pressa.

Prateada caminhou entre os homens e um deles esbarrou sem querer nela. O moço se desculpou, mas ela apenas piscou algumas vezes, sem entender muito bem o que ele falava. Philippe, logo atrás dela, continuou guiando-a na direção certa, até que finalmente chegaram em um outro aposento onde um mapa estava aberto sobre uma mesa iluminada pela luz do sol que entrava pela janela. Ao redor deles, Lamayer, Diderot, Thomás e Bergère discutiam.

– Não temos homens o bastante para cobrir toda essa extensão de terras – disse o capitão.

– Então vamos nos concentrar nas imediações de onde eles foram avistados – respondeu o duque.

Ele colocou uma peça de jogo de xadrez em cada um dos pontos enquanto mencionava sua importância.

– Aqui foi onde encontramos Lucien. É o principal acesso ao château. E aqui foi onde atravessaram. Podemos começar por aqui.

Prateada tropeçou em um banquinho e Philippe a segurou antes que caísse, chamando a atenção dos homens da sala.

– Prateada! – disse o duque. – Que bom que está acordada!

Pouco atrás dela, Philippe fez uma careta e balançou a cabeça e a mão, informando sem palavras que a moça não estava tão acordada assim.

– Mandaram me chamar... – respondeu a moça, descabelada e com olhos pequeninhos.

– Eu sei – respondeu o duque indo até ela. – Fui eu quem mandou chamá-la. Como se sente?

– Com sono! – respondeu ela. – Por que tão cedo? Não matamos todo mundo ontem?

Os homens riram e Lamayer a chamou para perto do mapa enquanto

explicava.

– O château está protegido, graças aos esforços de todos e da ideia de Philippe. Mas acredito que os vampiros ainda estejam por perto. O dia hoje amanheceu sem nuvens, tornando impossível que se locomovam, e por isso há chances de encontrá-los.

Ele a segurou pelos ombros, olhando-a nos olhos.

– Eu gostaria de deixá-la dormir até tarde hoje, Prateada, mas você é a única que pode se transformar a qualquer hora do dia ou da noite e um lobo com bom faro pode ajudar em muito a nossa busca.

– Está bem... – concordou ela no meio de um bocejo.

– Vão comer vocês dois. Um bom café da manhã vai ajudar – disse Lamayer.

Prateada andou tropegamente pela sala na direção da porta, mas Philippe ficou.

– Senhor, deixe-me ir também.

– Philippe, é melhor que você fique e descanse. Ainda está se recuperando.

– Eu estou bem! E posso ajudar!

Os homens se entreolharam e Lamayer cruzou os braços, olhando-o atentamente. O rapaz ainda estava pálido como a parede atrás dele, mas seus olhos tinham determinação. Talvez isso bastasse. Afinal, não acreditava que a missão daquele dia fosse de fato perigosa, uma vez que estariam em total vantagem.

– Você foi de grande ajuda ontem... – disse o duque, finalmente. – Vá comer algo e apronte-se. Sairemos em uma hora.

O rapaz agradeceu com um movimento de cabeça e correu atrás de Prateada que estava de pé no corredor aparentemente confusa sobre qual direção ir. Não duvidava nada que ela tivesse cochilado no meio do caminho e estivesse meio perdida agora.

Assim que saíram do alcance, Lamayer deu a ordem.

– A ordem é matar todo vampiro que encontrarmos.

Diderot fez a pergunta que flutuava acima deles desde cedo.

– E Lucien?

– Duvido que o encontremos – comentou Thomás.

– Também duvido – concordou o duque. – Mas, se o encontrarmos, tentaremos trazê-lo como prisioneiro.

– E se ele resistir?

– Se ele resistir... Arrancamos sua cabeça.

Thomás e Bergére saíram para organizar os preparativos da missão e

Diderot e Lamayer ficaram sozinhos.

– Jean?

O duque olhou para ele, esperando.

– Nesse momento, você ainda tem um fiapo de chance de ser visto como um lobo que defendeu os seus e cometeu uma desobediência para com o rei. Mas, se sairmos e matarmos vampiros fora das terras do château, será mais difícil explicar. A partir daí, não há mais retorno. Tem certeza de que quer fazer isso?

Lamayer pensou por alguns segundos para responder.

– Absoluta.

A comida definitivamente acordara Prateada que enchia a boca de pão. Philippe, comendo cogumelos com pedaços de queijo, observava a moça diante dele.

– Você está bem com o que houve ontem? – perguntou ele finalmente.

Prateada o olhou curiosa.

– Eles me morderam e doeu na hora, mas sumiu tudo enquanto eu dormi. Eu já lhe disse isso hoje.

– Não sobre isso... Sobre ter tido que matar. Você nunca gostou de matar. Antes da transformação, perseguia coelhos só para brincar com eles.

Ela parou de mastigar e olhou para cima por alguns instantes.

– Mas eles não são vampiros?

– São – respondeu Philippe.

– Então já estavam mortos! – concluiu a moça. – Eu só... Lembrei a eles! Acho que tinham esquecido.

E voltou a comer. Philippe riu e balançou a cabeça, pegando mais um pedaço de pão e imaginando como a cabeça de Prateada devia funcionar.

– Bom dia! Como estão?

Jacques se sentou ao lado de Prateada.

– Vocês foram embora ontem e eu não pude lhe entregar isso.

Ele estendeu para Philippe duas flechas de madeira branca.

– Nossa! Achei que tinha perdido essas! Obrigado!

– Eu vi que você recolheu as que conseguiu encontrar.

– Não pude procurar muito. Tive que voltar com Prateada para que ela fosse tratada.

– E você, Prateada? – perguntou Jacques com voz suave. – Acordou bem?

Agora saciada, ela já parecia mais consigo mesma.

– Acordei, sim, Jacques! Obrigada! O que aconteceu depois que fomos

embora? Teve mais algum ataque?

– Os homens recolheram os corpos dos vampiros e juntaram tudo numa grande fogueira. Não foi fácil pegar fogo por causa da chuva que Philippe causou, mas vampiros queimam como palha. Foi triste ver aqueles humanos que perderam suas vidas de maneira tão inglória, transformados em vampiros...

Jacques imediatamente percebeu que a imagem que trouxera em suas palavras não era das mais agradáveis ou inspiradoras para se começar um dia e tratou logo de mudar de assunto.

– Quantas flechas de Paralda ainda lhe restam?

Philippe respirou fundo.

– Havia 25 flechas na aljava quando ela me deu. Hoje tenho, com essas que você me entregou agora, 18.

– Espero que seja o bastante...

– Eu também – concordou Philippe, olhando para a flecha em suas mãos.

Três grupos de homens partiram naquela manhã armados de estacas, óleo e espadas. Um foi liderado pelo capitão, outro pelo duque e o terceiro por Bergère, que era o segundo em comando na guarda do castelo e homem de confiança de Diderot. Bergère era um homem de poucas palavras, rosto de linhas retas e cabelos castanhos e curtos. Desfrutava da amizade de Diderot desde que se conheceram quando jovens no Château dos Damascos. Acabou se juntando ao amigo quando este foi chamado de volta ao Château das Vertentes alguns anos depois. Diderot podia contar com bons homens, como Buffon e Alain, mas nenhum era tão confiável quanto Bergère, que também tinha um senso de humor ácido que o divertia muito.

Cada um foi em uma direção, indo além das fronteiras do Château das Vertentes, e, a partir daí, verificando grutas, construções antigas abandonadas e qualquer lugar que pudesse servir como abrigo dos mortos-vivos.

No grupo de Lamayer, Prateada, agora transformada em uma grande loba branca, ia na frente, farejando e dando a direção. O grupo tinha 10 homens, entre guardas e voluntários. Philippe seguia no cavalo ao lado de Jacques. Sentiu um suor frio no rosto e fechou os olhos por alguns segundos, esperando que ninguém notasse. Quando os abriu, viu um lenço de seda estendido para ele. Olhou para Jacques que o encarava.

– Não está tão bem assim, afinal... – disse o jovem.

Philippe pegou o lenço e secou a testa.

– Vai passar... – comentou, devolvendo o lenço.

– Se não está bem ainda, por que insistiu em vir? – perguntou o amigo, curioso.

Philippe o olhou sério.

– Vingança – respondeu secamente.

– Hum... Pensei que fosse algo mais nobre, como ajudar a proteger o grupo... – disse Jacques.

– Não... É só vingança mesmo...

Jacques riu, achando divertida a sinceridade do amigo.

Algumas horas depois, um uivo foi ouvido.

– Prateada achou alguma coisa! Vamos!

Mais adiante, a loba se agitava diante de algo no chão. Lamayer e o capitão desceram de suas montarias para averiguar. Diderot usou um pedaço de graveto no chão para olhar melhor.

– É um pedaço de camisa com manchas de sangue – disse. – Ou um caçador desavisado virou presa ou é um dos vampiros de ontem.

Observaram os rastros enquanto Prateada continuava farejando.

– Marcas da carruagem! – gritou Alain a alguns metros.

Foram até lá e não foi difícil deduzir que Lucien já estava longe. Provavelmente não esperava resistência quando chegou para fazer sua cobrança, uma vez que tinha o apoio do rei dos lobos.

– Quantos vampiros cabem em uma carruagem? – perguntou Diderot.

Certamente, os outros vampiros não tinham essa regalia e tiveram que se abrigar em algum lugar. Continuaram o caminho, seguindo a loba que continuava determinada a encontrar os mortos-vivos.

Pararam para comer e descansar os cavalos, prosseguindo logo depois. Foi um dia inteiro e o Sol já se punha quando Prateada saiu correndo. Eles se apressaram atrás dela, até a encontrarem rosnando, cabeça baixa, olhos atentos à escuridão de uma gruta.

Os dez homens desmontaram e se aproximaram. A entrada tinha mais de cinco metros de largura e estava na base de algo muito maior, o que sugeria que ela era muito maior por dentro.

O duque olhou para o Sol avermelhado se pondo entre montanhas distantes. O céu perdia seu azul claro para um azul acinzentado mesclado por nuvens cor de abóbora. Os homens esperavam uma decisão. Poderiam voltar dali mesmo para a segurança do seu lar, ou entrar na gruta e enfrentar o que guardava suas trevas.

Lamayer puxou a espada da bainha, fazendo um som metálico.

– Lembrem-se! Cortem a cabeça ou enfiem uma estaca no coração. De preferência, ambos.

Eles começaram a caminhar e foram entrando na caverna escura, até que saíram completamente do alcance do restinho de luz daquele dia.

Três deles levavam um lampião cada, iluminando o caminho. Philippe andava com o arco em punho e Prateada estava ao seu lado, ainda como uma loba. O lugar era úmido e não cheirava bem.

– Que cheiro é esse? – sussurrou Jacques.

– Sshhh! – interrompeu Philippe. – Ouvi alguma coisa!

Eles pararam e Alain ergueu o lampião para o alto. O teto negro se moveu, como a face de um lago movida pelo vento.

– Isso é...

E milhares de morcegos se agitaram, soltando guinchos assustadores e voando sobre suas cabeças e entre eles. Protegeram-se com os braços e deixaram que a algazarra passasse. Quando apenas alguns retardatários voavam sem direção na caverna, respiraram fundo.

Uma criatura saltou sobre Alain que deixou o lampião cair. Imediatamente, Diderot e Mathias, um de seus guardas, puxaram a criatura de cima do rapaz e a jogaram longe. Jacques ergueu o lampião, aproximando-se para ver melhor, enquanto ajudavam Alain a se levantar.

A luz amarelada do lampião iluminou a parede da caverna onde uma criatura estava. Os olhos vermelhos acesos como tochas, a boca distorcida com presas à mostra e garras afiadas nas mãos. O vampiro andou rapidamente pela parede como se fosse um inseto, até desaparecer nas sombras.

Alain tinha uma mordida no braço. Eles se entreolharam, sabendo que agora precisavam mesmo matar aquele vampiro.

Continuaram caminhando com as espadas prontas e os sentidos aguçados para perceber qualquer movimento. Passaram por um corredor de pedras estreito e então ele se abriu em uma reentrância, uma outra gruta, ainda mais ampla que a anterior.

O vampiro que atacara Alain estava bem no meio. Mas havia algo em seu rosto, uma arrogância, uma certeza de que não corria perigo algum.

– Pessoal... O jantar está servido!

E atrás dele surgiram mais de 30 vampiros com suas presas em sorrisos sinistros.

– É... – disse Lamayer. – Acho que não conseguiremos fazer isso de um jeito discreto... Prateada, fique com Philippe.

Lá fora, a o Sol tinha partido. E a Lua tinha chegado.

Capítulo 21

Cobras no Jardim

As criaturas saltaram sobre o grupo como um enxame. Philippe estava atrás e preparou o arco, disparando três flechas seguidas. Mas eles eram muitos e se não acertasse na cabeça ou coração, provocava apenas desconforto e uma lentidão, pois eram flechas do mundo das fadas. Os lampiões caíram e quebraram e a luz era errática. Também não duraria muito tempo. Um vampiro o atacou pela direita, mas uma gigantesca Prateada surgiu e o jogou contra a parede. Aproveitando que tinha a proteção dela, Philippe continuou tentando acertar o máximo de vampiros que pudesse enquanto ainda conseguia ver alguma coisa.

De repente, os vampiros que se amontoaram em cima do grupo voaram longe. Nove feras de pelos brancos e presas afiadas surgiram no lugar dos homens. Alguns vampiros se surpreenderam. Talvez acreditassem que ainda fosse de dia, ou que não fosse a Lua cheia. Tentaram fugir, mas se o lugar era uma armadilha para quem entrava, também era para quem tentava sair. Havia uma única entrada e Philippe estava nela, ao lado de uma Prateada muito raivosa. Os lobos atacaram suas presas, saltando pelas paredes e caçando-as atrás de pedras. Havia gritos, esguichos de sangue, rosnados e baques surdos de corpos caindo no chão. Tudo durou apenas alguns minutos, até que só restou o silêncio. Philippe estava pálido, segurando o arco um pouco trêmulo, arfando e com os olhos brilhantes tentando ver com o pouco de luz que um lampião caído emanava.

Até que ouviu um uivo. Outros o acompanharam. Era um uivo de vitória.

Mais uma vez, eles chegaram de madrugada. Roupas rasgadas cobertas com os mantos, sempre providenciais. Manchas de sangue, alguns arranhões e boas notícias. Os outros dois grupos já haviam retornado. Um deles encontrou um vampiro que foi eliminado. O outro não encontrara nada. Deduziram que os vampiros que encontraram na caverna fossem o efetivo que Lucien deixara para trás.

Celine ainda estava acordada e correu para abraçar o pai. Estavam todos exaustos e o duque considerou que o chateau estava seguro. Tomaram uma sopa encorpada e quente preparada por Chalise e se retiraram. Em poucas horas,

amanheceria. Jacques se despediu de Philippe com um tapinha nas costas.

– Você foi valente! Podia ter saído da caverna e esperado lá fora quando os vampiros atacaram.

– Minhas pernas não se mexeram! – explicou Philippe.

Jacques riu mais uma vez da honestidade do rapaz e seguiu para sua casa onde sua cama o esperava. Prateada subiu as escadas usando um vestido que Philippe levava para ela e um manto que a protegia na noite fria. Ela falou algumas palavras incompreensíveis, deu um beijo no rosto de Philippe e arrastou os pés para o próprio quarto. O rapaz ficou na dúvida se não entendera nada porque ela estava cansada ou se era ele. Os olhos ardiam e sentia uma fraqueza tomando conta do corpo inteiro. Foi para o seu quarto e abandonou-se em uma noite de sonhos turbulentos.

Naquele dia, todos conseguiram dormir até um pouco mais tarde. Foi um sono restaurador e necessário depois de duas noites de batalhas contra vampiros. Lamayer convidou o capitão para acompanhá-lo no café da manhã enquanto o colocava a par das atualizações.

– Alguma baixa? – foi a primeira pergunta do duque, antes mesmo de comer alguma coisa. Sempre havia uma possibilidade de alguém ser mordido por um vampiro que não foi eliminado.

– Não, nenhuma – disse com confiança o capitão. – Ontem os corpos foram queimados e uma patrulha de lobos percorreu toda a área do château. Nenhum outro vampiro foi encontrado. Os feridos estão bem, sem nenhum sintoma de contágio.

Aliviado, Lamayer tomou alguns goles de chá. O capitão continuou.

– Alguns corpos mumificados foram encontrados nas margens dos rios que agora cercam o château. Foram queimados também. Mas eu vi muitos mais sendo levados pela correnteza quando Prateada desbloqueou o caminho. Acredito que os vampiros os tenham resgatado do outro lado da margem.

– É possível...

Não era difícil ver que o duque parecia um tanto distante e preocupado. Ficaram em silêncio por alguns instantes, até que Diderot perguntou o que estava na garganta desde o dia anterior.

– Não é fácil a decisão que tomou. Ninguém vai culpá-lo se...

Lamayer o olhou, esperando o fim da frase, mas esta ficou simplesmente suspensa no ar desenhando hipóteses como ilustrações abstratas de uma fumaça.

– Se o que? – perguntou o duque.

– Se mudar de ideia.

Sua voz não tremeu quando falou. Mas seu coração, sim. Verbalizar uma mudança de direção abria a porta para que o duque realmente considerasse isso.

– Acha que eu deveria entregar o menino? – perguntou Lamayer.

Diderot respirou fundo e cruzou os braços. Nem tocara no chá que esfriava diante dele.

– Não quero nenhum mal a Philippe e você sabe disso – respondeu o capitão finalmente depois de pensar. – Mas também não quero nenhum mal a você. Ou à Celine. Estamos desobedecendo ordens do rei. Isso é traição. E ontem começamos uma guerra com os vampiros. Ou seja, estamos entrando em guerra com os vampiros e com o nosso povo ao mesmo tempo. Isso não parece bom.

Lamayer comeu um pedaço de pão e se inclinou um pouco para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa forrada por um tecido de linho cor de marfim.

– Eu não acredito que eu tenha alguma escolha a essa altura, Diderot... Mas, mesmo que tivesse... Eu não conseguiria viver sabendo que entreguei o garoto aos vampiros por causa de uma lei torpe.

Ele se recostou na cadeira de novo, deixando transparecer um pouco de medo do que o futuro de suas ações lhe reservava.

– Mas eu sei que o preço será alto. Rei Antoine não deixará barato... Nem Lucien.

– Eu o apoiarei, Jean – disse Diderot. – Até o fim, jamais duvide disso. O duque anuiu com a cabeça, agradecendo silenciosamente a lealdade.

Fernand, o administrador do castelo, entrou na sala acompanhado por Claude de Condillac, pai de Jacques. Seu semblante sério denunciou que problemas estavam a caminho.

– Claude? Junte-se a nós no café – convidou o duque, sendo cortês.

– Lamento interromper, Jean, mas temos um problema sério.

Decerto que eles não esperavam ter problemas tão cedo, mas nenhum dos dois se surpreendeu quando Claude lhes contou que Thibaut e Giacomo, pais de Ravin e Carlo, estavam reunindo os moradores do Château das Vertentes para um levante.

– Isso é motim! – disse o capitão, levantando-se da mesa. – Não podemos permitir que conspirem contra o duque!

Lamayer estava sério e não se pronunciou por alguns segundos. Ele parecia olhar para o reflexo em uma leiteira de porcelana, mas na verdade estava

olhando as possibilidades.

– Na verdade, os amotinados somos nós – deduziu calmamente. – Eu fui contra as ordens do rei.

E então se levantou tão serenamente quanto falou.

– Mas se ele quiser apoiar o rei, que o faça fora das minhas terras.

Um grupo de mais de 200 pessoas estava reunida diante da casa da família Denvier. Diante deles, Thibaut discursava. Ao seu lado, Giacomo, que claramente o apoiava. Ao largo, outros nobres observavam. Em conversas anteriores, quando Thibaut e Giacomo lhes pediram ajuda para derrubar o duque, tinham dito que não ofereceriam seu apoio a menos que tivessem a maioria do povo ao lado deles. E era isso que estavam tentando agora.

– Nenhum de nós está feliz com a decisão do duque! – começou ele. – Estamos sendo atacados por vampiros, com quem vivemos em paz até agora! E, ainda por cima, o duque ousou desobedecer nosso rei! A casa de Luc de Clapiers foi incendiada! Se não fizermos algo agora, logo serão as casas de vocês! E tudo pelo quê? Por um mestiço!

Ele fez uma pausa. Esperava que houvesse alguma reação nesse momento. Mas não houve. As pessoas o olhavam, parecendo esperar por alguma outra informação que não tinha vindo. Até que uma voz se ergueu no meio da multidão.

– Nós concordamos em apoiar o duque!

Um murmúrio de concordância se alastrou. Para lobos brancos, dar sua palavra era algo sério.

– E juramos lealdade ao rei! – respondeu Thibaut com eloquência.

Um burburinho se espalhou, até que outra voz se ergueu, dessa vez de um homem mais a frente da multidão.

– Tudo isso só está acontecendo por causa do seu filho!

– Sim!

– É!

E outras vozes se juntaram ao coro que começava a ver outro culpado nessa história e não era exatamente o duque das Vertentes. Thibaut tentou falar algo, mas foi interrompido.

– E onde ele está agora? Ele deveria estar aqui, respondendo pelo que fez!

E a multidão começou a proferir acusações. Thibaut tentou argumentar, mas sua voz foi afogada no meio das outras. E as pessoas simplesmente começaram a ir embora. Ele se voltou para os nobres e não os encontrou mais. Quando finalmente viu-se sozinho, ouviu a voz do duque.

– Nunca esperei ter que prender seu filho. E agora me vejo obrigado a prender você.

Ele se virou e encontrou Lamayer, acompanhado do capitão e um pequeno grupo de guardas.

Apesar da surpresa, Thibaut não negou o que fazia.

– Alguém precisa parar sua loucura – respondeu.

Lamayer pensou um pouco.

– Não vou prendê-lo, Thibaut. Não que você não mereça, mas fomos amigos por muito tempo. Em nome dos anos que você esqueceu, eu não o prenderei.

Thibaut tentou manter a postura, mas seu alívio foi visível. Porém, o duque continuou.

– Mas não posso ficar com dois traidores dentro do meu château. É como ter cobras no jardim. Pegue o que puder levar e vá embora. Giácomo, o mesmo vale para você.

– Mas...

– Levem suas esposas! Levem o que quiserem.

– Mas para onde vamos? – perguntou apavorado Giacomo.

– Para qualquer outro château. Menos esse.

Sem dizer mais palavras, o duque se virou e montou em seu cavalo, sendo seguido por seus guardas.

Capítulo 22

O Refúgio

Philippe se levantou com dificuldade. A cabeça latejava tanto que ele levou a mão às têmporas assim que tudo rodou no quarto. Cambaleou até o balcão onde colocou água em uma caneca. Sua mão tremia, não conseguindo segurar com firmeza a jarra. Bebeu a água, deixando que ela escorresse pelos cantos da boca. Baixou a cabeça por alguns momentos, e quando a ergueu, viu diante dele uma figura horrenda, de cabelos desgrehados, olhos fundos com um brilho tão distante quanto estrelas mortas, a pele pálida se destacando como um fantasma.

Observou sua própria imagem no espelho por alguns minutos, imaginando se algum dia voltaria a ser a pessoa que era. Uma náusea o tomou e ele respirou fundo. Era óbvio que a cada esforço que fazia, sua recuperação dava um passo para trás. Por isso, deixara o café da manhã de lado e dormira até tarde. O sono ajuda na recuperação, como lhe disse o doutor Marceau. Não tinha ideia de que horas seriam, mas achou que já era hora de sair do quarto.

Trocou de roupa lentamente. Estava terminando de colocar a camisa quando a porta se abriu num arroubo, quase matando-o de susto.

– Diabos, Carlo! Não sabe bater?! – reclamou em voz alta.

Carlo entrou correndo, literalmente. Os olhos aflitos, o rosto pálido, a boca trêmula.

– Minha família foi expulsa do château!

Philippe franziu o rosto, tentando entender.

– O quê?

– O duque os expulsou, junto com os pais de Ravin! – Carlo gesticulava em desespero. – Vim pedir para me deixar ir com eles!

Philippe piscou várias vezes.

– E por que eu faria isso?

– Eu já lavei centenas de comadres! Já me humilhou! Não era isso que queria? Então, já consegui. Eu nunca fiquei longe da minha família antes. Por favor, me deixe ir com eles!

Lágrimas começaram a descer e era evidente que o rapaz estava desesperado. Talvez isso tivesse feito diferença para Philippe numa outra época. Mas não hoje.

Celine entrou, vendo a movimentação no quarto que ficou com a porta aberta.

– Philippe! Você está acordado!

– Carlo disse que o duque expulsou a família dele.

Celine cruzou os braços e olhou para Carlo.

– Por mais que meu pai seja duro, ele não sai expulsando as pessoas aleatoriamente de suas casas – explicou Celine. – O senhor Montaigne e o senhor Thibaut estavam organizando uma rebelião contra o meu pai.

Philippe deu um longo suspiro.

– Então, já vão tarde... – virou-se para Carlo com olhos duros. – Carlo, você já é grandinho, vai sobreviver sem seus pais. E seu pai deveria ter pensado nas consequências antes de se aliar ao pai de Ravin. Você tem a quem puxar...

O olhar de Carlo ficou embaçado por alguns segundos, como se não compreendesse o que tinha ouvido. E então ele baixou a cabeça e saiu.

– Coitado... – penalizou-se Celine.

– Coitado é o filho do rato que nasceu pelado no meio do mato! – respondeu Philippe. – Carlo está colhendo o que plantou.

Celine deu de ombros. Sua compaixão foi breve.

– Verdade! Como se sente hoje? Quer comer algo?

Ela o acompanhou até a cozinha onde ele tomou uma sopa forte de Chalise e um pedaço de carne. O almoço seria servido em uma hora, mas Chalise contava com um atraso dos comensais.

– As carruagens dos Thibaut e dos Montaigne estão partindo agora! – contou a cozinheira rechonchuda.

Carlo abraçou a mãe, o pai e a irmã. Bernardete estava com ele para a despedida. O moço não segurou as lágrimas e não houve muitas palavras. A mãe o achou magro e mandou que comesse melhor. O pai não disse nada. Entraram na carruagem e Carlo a viu se afastar. Seu coração estava partido e, ao mesmo tempo, transbordando de medo. Imaginou quando voltaria a vê-los e quanto tempo duraria a pena à qual foi condenado. Pela primeira vez, gostaria de nunca ter conhecido Ravin.

A tarde estava fresca e o céu, azul. Philippe concordou em sair em um passeio com Prateada. Praticamente, não tinham ficado juntos sozinhos desde que se reencontraram. Estavam em um dos lugares favoritos dele desde pequeno, quando subia naquela colina para ver o pôr do sol com sua mãe.

Prateada veio conversando sobre coisas amenas e ele apenas ouvia. Sentaram-se na relva e observaram o Sol se dirigindo para as montanhas ao

longe. Ficaram em silêncio por algum tempo.

– Eu faria qualquer coisa para você voltar...

Philippe olhou para a moça que o fitava com os grandes olhos amendoados e brilhantes.

– Voltar? – estranhou ele. – Como assim? Eu estou aqui, Prateada.

– Está. E não está. Antes, você era como o sol. Sua luz iluminava e aquecia tudo a sua volta. Agora, você parece ser um sol escuro. Um sol negro.

O rapaz a olhou com tristeza. Sabia que ela tinha razão. E não sabia como mudar isso.

– Me perdoe... – disse ele, encostando a testa com a testa dela e segurando em seus cabelos. – Eu só preciso de mais tempo. Emily dizia que o tempo cura tudo. Então, vai curar isso também.

A moça beijou seus lábios docemente. Ele a abraçou e ficaram assistindo o Sol se despedir em tons de vermelho e laranja. Durante aqueles momentos, Philippe tentou não pensar nas palavras de Prateada, mas era inevitável. Temeu nunca se recuperar e ser para sempre uma pessoa sem alma que ao invés de irradiar luz, espalharia tristeza e escuridão com um coração cheio de mágoas, rancor e medo.

E assim foi aquele primeiro passeio depois de tanto tempo. Não foi como nenhum dos dois esperava. Foi silencioso e um tanto triste. Mesmo assim, quando suas mãos se tocaram, seus corações se aqueceram.

Voltaram ao castelo e já estava escuro. Celine os encontrou assim que entraram.

– Eu os procurei por toda parte! Onde estavam?

– Fomos ver o pôr do sol – respondeu Prateada.

– Ah!... E por que não me chamaram? Gostaria de ter ido também. Da próxima vez, me chamem!

Houve um silêncio tenso que Celine não pareceu ter percebido.

– Venham, meu pai quer falar com vocês.

Seguiram Celine até o gabinete, onde o duque lia atentamente um documento.

– Prateada, Philippe... Me acompanhem. Celine, venha também.

Os três se entreolharam confusos. Qual assunto o duque teria que fosse pertinente aos três? Seguiram Lamayer pelos corredores acarpetados, até chegarem a um enorme quadro emoldurado de Monique, mãe de Celine. O lugar não era bem iluminado durante a noite, mas de dia recebia luz de uma janela em vitral, dando lindos efeitos na pintura. Celine se lembrava de ver longamente

aquele quadro, tentando imaginar como seria sua mãe que perdera ainda bebê.

– Algumas vezes, eu a encontrava dormindo aqui... – comentou o duque, olhando para a filha.

– Acho que era o meu refúgio... – lembrou Celine.

– E é exatamente isso...

Lamayer moveu o quadro para a direita até que ouviram um som oco. E então uma fresta surgiu, como se parte da parede tivesse se desencaixado. O quadro continuava torto enquanto a porta secreta continuava se abrindo. O duque terminou de empurrar a porta e mostrou a escada de pedras que seguia rumo à escuridão.

– Essa passagem vai levá-los a um túnel que cruzará os jardins e sairá no bosque – explicou o duque. – Se algo acontecer e o castelo for tomado, quero que vocês venham para cá e fujam. O capitão tem ordens para acompanhá-los até um lugar seguro, se for o caso.

Um calafrio correu a espinha de cada um deles, como se tivessem recebido uma má notícia.

– Mas isso não vai acontecer! – retrucou Celine. – Não é?

– Esperamos que não – respondeu seu pai.

Ele lhes mostrou a alavanca que fecharia a passagem por dentro, fazendo o quadro voltar ao normal. Quando terminou a demonstração, olhou seriamente para os três jovens.

– Um exército do rei foi avistado se aproximando daqui – informou ele. – Nós vamos nos encontrar com eles na pradaria, antes que adentrem no bosque. Devem chegar em dois dias.

– Haverá uma batalha? – perguntou assustada Prateada.

O duque não respondeu. Empurrou gentilmente os jovens, obrigando-os a andar e voltarem pelo mesmo caminho que vieram.

– Quero que se lembrem desse refúgio. Se houver necessidade, venham para cá e passem por aquela porta.

Celine o atropelou com perguntas nervosas, assim como Prateada, mas ele deu um basta.

– Fiquem alertas! – e assim encerrou todas as perguntas que as meninas faziam.

Deixou-os para trás, sabendo da frustração que as preenchia, mas tinha muita coisa a fazer. Philippe estava calado, ainda assimilando a notícia. Aquele homem que ele odiara e temera a vida inteira estava sacrificando tudo por ele. Nunca poderia ter previsto um defensor tão obstinado de uma fonte tão inesperada. Agora, se via como pivô de uma possível queda do chateau e do mundo que conhecera.

– O que nós vamos fazer?

Philippe saiu dos seus pensamentos com a voz aflita de Prateada. Ela e Celine estavam diante dele como se esperassem uma solução. E isso era algo que ele não tinha.

Em sua sala, Lamayer conversava com seus homens de confiança para traçar uma estratégia. Bergére estava com a mão no queixo ouvindo com atenção, enquanto observava o mapa sobre a mesa. Ele mostrava o avanço do exército do rei através de florestas, graças a informações que receberam de homens que o duque inteligentemente enviara para observar qualquer movimentação.

– Quantos homens? – perguntou Thomás.

– Mil, no mínimo – respondeu o duque.

– Mal temos quatrocentos – disse Diderot.

– Antes de eu ir ver o rei, enviei cartas aos châteaux que visitamos – disse Lamayer. – Antecipei que as coisas ficariam ruins e precisaríamos de apoio.

– Alguém respondeu?

– O Château das Flores respondeu com uma carta polida dizendo que preferem não se envolver... O Château dos Damascos vai nos apoiar. Madame Margaux enviou homens para cá e devem chegar amanhã.

– Quantos homens? – perguntou Octavien.

– 300.

Pareceram decepcionados. Ainda estariam em desvantagem.

– E os outros châteaux? – perguntou Bergére.

Lamayer deu um longo suspiro.

– O Château dos Pinheiros não deu nenhuma resposta, assim como o Château das Pérolas. O Château das Letras enviou seu apoio moral.

– Provavelmente vão escrever uma poesia sobre nós quando estivermos mortos – disse Octavien.

– O Château das Pérolas seria de grande ajuda... – comentou Diderot. – Mas duvido que Sarrazin venha. Quando estivermos lá, os mestiços eram desprezados.

– Então, senhores, é isso o que temos. Alguém tem alguma ideia?

– Eu tenho!

Eles se viraram para quem respondeu e viram Philippe parado na porta. Ele deu alguns passos para dentro da sala, pronto para dar a si mesmo uma sentença fatal.

– Eu não quero ser o responsável por uma guerra e pela morte de ninguém. Eu me entregarei ao rei, ou aos vampiros, ou ao diabo, ou para quem

eles quiserem.

– Não fale bobagens, Philippe! – ralhou Diderot.

Lamayer, no entanto, estendeu a mão pedindo silêncio. Olhou para o rapaz com seus olhos cinzentos.

– Você não é responsável por nada, Philippe – disse o duque. – Eu sou. Você não tomou nenhuma decisão que nos colocasse nessa situação. Eu tomei. Foram as minhas escolhas que nos trouxeram até aqui, não as suas.

– Ainda assim... – respondeu o rapaz. – Não quero uma guerra que vai derramar sangue de inocentes.

– Nenhum de nós quer – tornou o duque. – Mas agora está além de nós. Depois de tudo o que aconteceu, as exigências serão muito maiores do que simplesmente entregarmos um mestiço. E se chegamos até aqui, não podemos mais recuar.

O rapaz refletiu por alguns instantes. E, de repente, aquela realidade de assentou em sua mente. Ele finalmente aceitou que as coisas eram como eram e nada poderia deter essas engrenagens agora.

– Então, deixe-me ajudar.

Os homens se entreolharam sem ver motivos para recusa. O duque deu de ombros e ofereceu um lugar à mesa para o rapaz.

– Precisamos estar preparados. Não sabemos se eles vão querer dançar com o sol ou com a lua – lembrou Octavien.

– O que é isso? – perguntou Philippe que nunca ouvira o termo.

– Em batalhas com lobos, o exército que ataca pode escolher. Podem atacar como humanos e com armas durante o dia, ou como lobos e feras à noite – explicou Thomás.

– Para nós a vantagem é a luta à noite – confabulou Bergère. – Mas eles estarão mais preparados com armas. Provavelmente escolherão dançar com o sol.

– E o que acontece se vencermos o exército do rei? – perguntou Philippe.

– Esperaremos novos ataques – respondeu o duque. – Provavelmente o rei vai mandar um exército maior da próxima vez, caso consigamos vencer esse.

– Mas isso não resolve nada! – exclamou Philippe. – Se escaparmos dessa, seremos invadidos na próxima vez!

Os homens se entreolharam em silêncio. A verdade é que não viam muita saída daquela situação. Resistiriam até onde conseguissem e esse era o plano. Philippe então compreendeu por que o duque lhes mostrara a saída secreta. A questão não era se o chateau ia cair. A questão era quando.

– Há chance do rei mudar de ideia? – perguntou Philippe.

– Acho pouco provável – riu Thomás. – Ele jogou o duque numa cela

assim que ele pediu uma audiência com o Conselho dos Sábios.

– Também acho que o rei não vai ceder agora – concordou Diderot. – Ele vai fazer qualquer coisa para manter esse acordo de paz.

– Espere... – algo chamou a atenção de Philippe. – Vocês disseram que o rei o prendeu assim que ele citou uma audiência com o Conselho? Eu li sobre isso... Se alguém pede uma audiência com o Conselho o rei não pode negar.

– Tanto pode que negou! – respondeu Octavien.

– Não pela lei! – Philippe se levantou e procurou um livro na estante. Assim que o encontrou, trouxe o grande volume para a mesa e começou a procurar algo.

– A lei é clara! O rei pode decidir tudo, mas se um líder de um château exigir levar a questão para o Conselho, o rei deve permitir. Aqui está!

Ele apontou o texto que dizia exatamente isso. Havia muitas leis dentro dos clãs e a maioria dos lobos se detinha nas mais importantes. Lamayer sabia disso e se surpreendeu em ter deixado passar. Começava a ver rapidamente aonde Philippe queria chegar.

– Por que ele impediria o duque de ver o Conselho? – perguntou Philippe.

– Porque o Conselho poderia revogar o que ele ordenou... – deduziu Diderot.

– Provavelmente há dissidentes no Conselho – completou Thomás. – Membros que não concordam com a política do rei em ceder tanto aos vampiros.

– Madame Margaux é um membro do Conselho – lembrou Lamayer. – E ela está nos apoiando!

– Então, se conseguirmos levar o caso até o Conselho, passamos por cima do rei. Nesse momento, ninguém além de nós sabe o que está acontecendo aqui – continuou Philippe. – Os outros clãs de lobos estão no escuro sobre isso tudo. Aposto que o rei não está contando nada para eles, ou está contando alguma outra versão da história.

Um plano mais eficaz começou a se delinear diante deles. A madrugada chegou e foram para suas camas, as mentes fervilhando com a possibilidade de uma vitória que até então, seria impossível. Talvez, afinal, tivessem uma chance...

Capítulo 23

Antes da guerra

E ra meio-dia quando um contingente de soldados adentrou as terras do Château das Vertentes. Eles portavam um brasão em seus uniformes indicando sua procedência: cercado por firulas elaboradas em tecido dourado brilhante estava um leão vermelho, o símbolo do Château dos Damascos há séculos.

Os homens acamparam no mesmo descampado onde os ciganos estiveram há um ano. No castelo, o capitão do exército e seu segundo em comando se apresentaram ao duque.

– Bom dia, senhor! Sou o capitão Hector Rémond! Estou aqui enviado por Madame Margaux para unir meus homens ao seu exército na defesa do Château das Vertentes.

Lamayer lhe estendeu a mão em um firme e grato cumprimento.

– Seja bem-vindo, capitão. Chalise preparou algo para seus homens comerem, pedirei para que os criados levem até eles.

A sopa de carne e legumes de Chalise estava deliciosa e foi muito bem recebida pelos soldados famintos. Durante aquele dia, Hector se uniria à pequena cúpula do duque para compreender melhor a situação e ajudar no que fosse possível, como foi instruído pela duquesa do Château dos Damascos.

– É triste que tenhamos que lutar contra irmãos... – disse Hector em certo ponto.

Os homens concordaram em silêncio. Estavam em seus cavalos na floresta, quase chegando na campina de onde os homens do rei viriam.

– Gostaria que não tivesse chegado a esse ponto – falou finalmente o duque.

– Pelo que eu tenho ouvido, até que demorou muito – respondeu Hector.

Olharam curiosos para Hector, que certamente tinha muito mais acesso a informações da corte pela proximidade com Madame Margaux. Se ela o enviara era porque confiava nele.

– Há muita gente insatisfeita com as concessões que o rei tem dado aos vampiros... – explicou ele.

Hector comentou algumas situações que chegaram a ele sobre lobos

reclamando sobre perda de terras, desaparecimentos e situações aviltantes provocadas por vampiros. Ele era um homem maduro, mais velho que Diderot alguns anos. Era também muito charmoso, com cabelos até os ombros, uniforme impecável e olhos claros em um rosto que certamente lhe dava muita sorte com as mulheres. Sua conversa agradável logo conquistou os lobos do château que estavam felizes em contar com um aliado.

Chegaram no ponto em que, no dia seguinte, haveria o encontro. Depois de uma longa extensão de terras verdes havia outra floresta, de onde o exército do rei viria por um declive, outra desvantagem para eles. A localização do château tornava impossível qualquer invasão pelo outro lado, pois a floresta que o cercava se torna em vários pontos montanhas íngremes e perigosas. Aquele era o único acesso de onde um grande número de homens a cavalo poderia vir.

Depois de analisar o terreno, Lamayer contou a Hector sobre o plano. Um pequeno grupo iria até o Conselho dos Sábios, enquanto os dois exércitos protegeriam o château. Toda a esperança deles residia na resposta do Conselho. Já sabiam que tinham o voto de Madame Margaux, mas ainda haveriam outros dois representantes dos outros clãs para darem sua decisão. Hector lhes disse que Madame Margaux partira no mesmo dia que ele para o Château Real, onde o Conselho se reuniria para algumas decisões judiciais. Ele mandou avisar que se o duque conseguir chegar até lá, teria sua audiência com o Conselho dos Sábios.

Essa informação os encheu de esperança. Significava que Madame Margaux estaria articulando as coisas no Palácio da Justiça para que pudessem ser recebidos, pois uma audiência com o Conselho dos Sábios pode ter um longo período de espera. Somente os chefes de châteaux e militares de alta patente podiam pleitear uma audiência como essa.

Lamayer se afastou um pouco enquanto os homens traçavam planos e averiguavam possibilidades. Sua mente vagou para os tempos em que sua família, ainda inteira e feliz, passava semanas no Château dos Damascos. Madame Margaux e seu marido, na época ainda vivo, recebiam famílias de todas as partes para divertidos jogos. Lembrou-se de seu pai, com sorriso aberto e gargalhada fácil, participando com eles como se fosse também um dos meninos. Lembrou-se de sua mãe, com saúde perfeita e riso alto e espontâneo, a mulher mais bela que de todo o château. Lembrou-se de Monique ainda menina, correndo como moleca de cabelos em longas tranças. Lembrou-se de seu irmão, Pelouse, e de como eram inseparáveis. A vitória sempre lhes sorria quando estavam juntos. Jean suspirou, deixando as imagens partirem e os sons de risos e brincadeiras se afastarem. Não era hora para saudosismo. Mas ficou feliz em se lembrar de tempos melhores dos quais ele já tinha se esquecido. Sua gratidão por Madame Margaux só aumentou.

No Château das Vertentes, alheio a toda essa movimentação, Carlo limpava as janelas da biblioteca. Na verdade, há vários dias, ele “limpava” aquelas janelas. Olhou em volta e procurou seu cantinho que ficava entre uma estante e uma mesa de mogno. Dali, ninguém o veria se chegasse na porta. Por várias vezes, Eponine ou Constance o procuraram ali, chamando seu nome. Sem o ver, iam embora. E assim Carlo descobriu um lugar ideal para suas sonecas durante o dia e uma forma de escapar do trabalho pesado ao qual fora condenado.

Fechou os olhos e respirou fundo, ajeitando-se na almofada colorida que havia em uma das liteiras.

– Então é assim que você está trabalhando...

Carlo abriu os olhos e viu Philippe de braços cruzados olhando para ele. Levantou-se em um salto gaguejando uma desculpa, mas o jovem o interrompeu.

– Chega! Você não está levando isso a sério.

Philippe suspirou, frustrado. E então tomou uma decisão.

– Você vai se unir ao nosso exército na defesa amanhã.

– O quê? Espere, eu não quero ir! Eu limpos as janelas! Eu limpo!

Philippe já tinha se virado para sair quando ouviu a reclamação. Virou-se com olhos furiosos, mas conteve-se.

– Todos estão fazendo sua parte para defender o château. E você está procurando um lugar para dormir! Você, mais do que todo mundo, deveria estar fazendo de tudo para ajudar! Tudo isso está acontecendo por sua causa também!

O rapaz saiu irritado, deixando Carlo para trás. Sozinho na biblioteca, ele passou a mão na cabeça, sentindo-se desolado e um pouco amedrontado. Primeiro perdeu a família. Agora, tinha que sair da segurança do seu lar e entrar em um exército. Estava perdendo tudo o que conhecia e o mundo novo que estava se apresentando não parecia nada melhor.

Celine via a movimentação no castelo um pouco nervosa, dando as ordens necessárias. Estavam prestes a viverem um cerco e precisavam reforçar portas e janelas, além de trazer todos os víveres para dentro, caso o exército inimigo ultrapassasse suas defesas.

– Está tudo bem?

Celine se virou e viu Prateada a olhando com cenho franzido.

– Estamos em guerra com nosso próprio povo! É claro que não está nada bem!

Celine caminhou pelo salão até uma poltrona e jogou-se nela, sentindo-se cansada. Prateada a acompanhou.

– Eu nunca passei por isso... – disse Celine, sentindo uma súbita e implacável saudade dos tempos em que tudo era mais simples. – Estou com tanto medo de não saber o que fazer!...

Ela sentiu o toque quente em sua mão e abriu os olhos marejados. Ajoelhada no chão, Prateada segurava sua mão e lhe confortava com um sorriso.

– Eu sei que você nunca passou por isso antes. Nenhum de nós passou! E estamos todos com medo. Você é inteligente, Celine! E bonita! E alta! Vai fazer tudo certo!

Celine não entendeu como ser alta ia ajudar em alguma coisa, mas ficou feliz com o apoio da menina loba e lhe sorriu de volta. Ao menos, não estava sozinha.

– Estava procurando por vocês!

Jacques adentrou o aposento em passos rápidos e se aproximou das moças que se levantavam para recebê-lo.

– Eu soube do grupo que vai partir amanhã com o duque para encontrar o Conselho dos Sábios! – disse ele.

– Sim, é o plano! – contou Prateada que estivera presente em algumas das reuniões. – Eles precisam que o duque esteja aqui quando os homens do rei chegarem, porque ele precisa ser visto e receber a intimação. Depois disso, ele irá por dentro da floresta, contornando o exército inimigo e a batalha, indo em segredo para o Château Real. Ele disse que ninguém deve saber que ele está indo para lá!

– É por isso que você está contando pra todo mundo? – riu Celine.

– Achei que ele estava falando dos inimigos! – defendeu-se Prateada.

Jacques pensou um pouco, enquanto as meninas discutiam.

– São quatro dias até O Château Real, isso se correrem muito... – o rapaz pensava alto. – Pode ser mesmo um caminho muito perigoso se alguém descobrir e tentar interceptá-lo...

– O duque não vai sozinho! Alguns homens de confiança vão com ele! – explicou Prateada.

– Vou me oferecer para ir com ele – decidiu.

Prateada não esboçou reação, mas Celine arregalou os olhos e pareceu desapontada.

– Tenho certeza de que meu pai já tem muita gente para ir com ele, Jacques... – disse ela.

– Um a mais não vai fazer nenhum mal! – intrometeu-se Prateada.

Celine se virou para ela com uma expressão que uma pessoa normal já teria entendido, mas apesar do rápido aprendizado de Prateada, ainda lhe faltavam trejeitos sociais e compreensão das nuances do comportamento

humano. Ela nunca entendia uma indireta ou um olhar torto.

– Prateada, acabei de me lembrar que Philippe queria falar com você!

– É??? – perguntou a menina com olhos arregalados.

E assim que Celine começou a mover a cabeça para confirmar, Prateada saiu correndo estabanada, esbarrando em mesas e derrubando vasos, desaparecendo em poucos segundos e deixando a trilha de um pequeno furacão em seu caminho.

– Descobriu palavras mágicas para fazer a Prateada sumir? – brincou Jacques, vendo a moça desaparecer depois da porta.

Quando se virou para Celine, ela estava séria, olhando-o nos olhos.

– Algum problema?

– Todos que eu conheço estarão defendendo o château amanhã – disse ela. – Eu estarei defendendo o castelo. Se furarem o bloqueio e chegarem aqui, eu tenho que comandar os soldados.

O rapaz sentiu o peso da responsabilidade que recaía sobre ela.

– Eu sinto muito... – disse ele.

– Eu achei que Prateada e Philippe estariam comigo...

Jacques não disse nada. Ele sabia que nenhum dos dois planeja ficar. Celine o olhou de um jeito que demonstrava que ela também sabia. A moça cruzou os braços com olhar inquisidor.

– Você também já sabe o que eles estão planejando, né?

O rapaz confessou logo.

– Philippe me contou. E me pediu cobertura. Ele vai instruir Prateada a acompanhar o duque em segredo para protegê-lo, enquanto ele vai ajudar na defesa do château.

– Eu sei... Philippe me contou também – disse Celine. – Você já tentou fazê-lo mudar de ideia?

– Claro que tentei! – exclamou o rapaz com os finos cabelos claros caindo sobre o rosto. – É perigoso, especialmente para ele, que ainda não se recuperou totalmente.

A moça deu um suspiro.

– É... Ele não me ouviu também...

– Você conhece Philippe... É teimoso como uma mula!

Celine se sentou desanimada em um sofá, os ombros curvados e o rosto preocupado. Jacques se sentou ao lado dela.

– Terei que fazer isso sozinha... – murmurou ela, como se falasse para si mesma.

O rapaz pensou um pouco. Então, tomou uma decisão.

– Não terá, não – disse ele com um sorriso reconfortante. – Eu ficarei ao

seu lado.

A moça arregalou os olhos surpresa.

– Você vai defender o castelo comigo? – perguntou ela, ainda sem acreditar.

– Claro que vou! Você não estará sozinha, Celine.

A moça então respirou aliviada, abraçando-o com gratidão e feliz por ter alguém com quem contar.

Prateada levou algum tempo para encontrar Philippe, até que o achou nos jardins. Ele estava sentado no banco de pedra perto do chafariz onde costumava ficar em dias mais ensolarados, preparando cuidadosamente suas flechas. Como as flechas encantadas eram limitadas, ele usava também flechas comuns. Mas dessa vez estava passando as pontas em uma resina verde dentro de um pote. Graças aos conhecimentos que Emily lhe passara, ele aprendera um truque ou dois. Aquela resina era usada para relaxar e ajudar a dormir. Concentrada daquele jeito, ela tornaria o alvo cada vez mais lento, até que, literalmente, caísse no sono. Ele não tinha ideia se aquilo ia funcionar em feras de três metros de altura, mas se conseguisse dar alguma vantagem aos aliados, já estava bom.

– Philippe! Celine disse que me chamou!

Ela veio correndo e ficou diante dele com o rosto animado como se ele tivesse alguma grande notícia para ela ou fosse jogar uma bolinha.

Feliz em vê-la, ele a contemplou por alguns instantes. Tinha algo a falar e não sabia como ela ia reagir. Ele a pegou pela mão e a conduziu gentilmente até uma parte do jardim repleta de roseiras vazias de rosas. Enquanto caminhavam, ele foi explicando.

– Prateada... Amanhã de manhã, um exército virá. Provavelmente haverá confronto. Temos que proteger o château até que o duque volte, espero eu, com boas notícias.

– O duque me mandou ficar com Celine no castelo.

– Eu sei, ele me mandou ficar no castelo também.

Philippe suspirou.

– Mas eu não vou obedecer – disse ele. – Vou dar reforço das árvores com flechas. E ajudar no cuidado dos feridos.

Prateada sentiu orgulho dele. Ergueu o rosto com um sorriso confiante.

– Então eu irei com você!

– Não, você não deve! – interrompeu ele.

– Mas você...

– Prateada, preste atenção. Se o duque não conseguir chegar até o Conselho, estaremos todos perdidos. Será o fim! Ele precisa chegar lá! Por isso, você deve acompanhá-lo e protegê-lo.

A moça franziu o cenho.

– E você?

– Eu ficarei bem, Prateada! Confie em mim! Não sou idiota. Não vou me meter no meio de uma batalha de feras. Darei meu apoio de uma distância segura.

Ela ficou a fitá-lo com olhos tristes.

– Você sabe como é importante essa missão, não sabe? – perguntou ele.

– Sei... – respondeu ela com os olhos mais tristes que ele já vira. – Mas eu jurei que nunca mais ia deixar você...

Philippe relaxou o rosto, sentindo-se comovido pela preocupação dela. Abraçou a menina, confortando-a.

– São apenas alguns dias, minha Prateada... E eu vou ficar bem.

A moça suspirou e então olhou nos olhos dele.

– Vou falar com o duque – finalizou ela.

E então ela o deixou, indo na direção do castelo. Não foi correndo, como sempre fazia, mas andando firmemente com a cabeça erguida.

– Nem pensar!

Lamayer nem esperou ela terminar de pedir.

– Mas...

– Não tem mas, nem meio mais, Prateada! – disse ele com firmeza. – Você fica no castelo e ajuda Celine. Se, em algum momento, as coisas ficarem insustentáveis, você e os outros usarão a passagem que lhes mostrei.

Ela tentou falar mais alguma coisa, mas ele segurou seus ombros e olhou em seus olhos.

– Minha querida menina, eu agradeço a sua preocupação. Mas eu vou ficar bem!

Ele beijou-lhe a testa e saiu, voltando aos muitos assuntos que exigiam sua atenção naquele dia movimentado que logo se transformaria em noite. Prateada o observou em silêncio, pensando no que faria agora.

O céu se tornou violeta. Estrelas surgiram e o manto negro se estendeu sobre toda a cidade. Os vigias, transformados em lobos, perscrutavam tudo ao redor, garantindo o sono dos soldados. Partiriam ao amanhecer.

Capítulo 24

Dança com o Sol, Dança com a Lua

A madrugada estava fria e os quase 400 soldados do Château esperavam em formação na frente do castelo. Lamayer passou em seu cavalo olhando os rostos que ele conhecia, muitos rapazes que ele vira crescer. Parte deles estava em suas montarias, enquanto a maioria seguiria a pé.

Diderot deu a ordem e a formação começou a se mover. Quando os comandantes estavam lá na frente, duas figuras saíram das sombras das laterais do castelo e se uniram aos soldados. Philippe tinha uma mochila com todas as coisas medicinais que poderia usar para ferimentos. Trazia seu arco e muitas flechas extras, pois sabia que esta seria sua principal arma. Em todo caso, trazia uma espada na cintura. Era simples, comprada no ferreiro da cidade há alguns meses. Não sabia usá-la muito bem e esperava que não precisasse.

Ao seu lado, um rapazinho com chapéu e uma espada o acompanhava.

– Sabe, até que eu gostei de usar calças! É bem diferente!

– Shhhh! Alguém pode te ouvir, Prateada! – sussurrou ele.

Encontraram-se com o agrupamento do Château dos Damascos e seguiram a formação por alguns quilômetros de floresta. Havia o som dos passos e pequenas conversas entre os soldados. Prateada vestida de rapaz não chamou nenhuma atenção. Talvez todos estivessem preocupados demais para isso.

O céu cinzento começou a ficar mais azul e o frio era persistente, mas assim que o sol ficasse mais forte, ele cederia. Philippe e Prateada caminharam lado a lado em silêncio por algum tempo. Dentro de suas cabeças, havia tudo, menos silêncio.

Uma tempestade estava em pleno andamento dentro de cada um deles. Prateada não gostava de desobedecer, especialmente o duque. E também não gostava da ideia de se separar de Philippe. Prometera a si mesma que nunca mais faria isso. Tudo o que estava fazendo naquele momento era contra a sua natureza e ela precisava se forçar a continuar naquele caminho, como um pássaro que, contra todos os seus instintos, voa na direção de uma floresta em chamas.

Philippe não tinha a menor ideia do que iria acontecer. Tudo o que sabia era que ele era o motivo de toda aquela confusão. Mesmo depois do que o duque lhe dissera, sobre a situação ir muito além dele, sabia que se ele não era o início da discórdia, certamente era a gota d'água que faltava para o ódio transbordar. E agora, pessoas iam morrer por causa disso. Ele gostaria que isso não acontecesse, mas era como uma avalanche que não pode ser detida e vai destruir

tudo o que estiver no seu caminho. Então, o mínimo que poderia fazer era estar lá com as pessoas que estavam arriscando tudo para defendê-lo. E esperar que o plano do duque desse certo.

– O que acontece se não conseguirmos?

Ele se virou para Prateada. Ela o olhava séria esperando uma resposta. Philippe hesitou. Não queria assustá-la, mas achou que lhe devia a verdade. Ele deu um suspiro, imaginando as infelizes possibilidades que aquele dia podia guardar.

– Bem... Acho que vão prender o duque... Tomar o chateau. E me entregar para os vampiros...

A moça franziu o cenho e olhou para frente. Seguiu em silêncio pelo resto do caminho. Philippe estranhou, pois Prateada dificilmente parava de falar. Ela parecia séria e ficou imaginando o que se passava na cabeça dela. Mas logo seus próprios fantasmas apareceram para ocupar sua mente e ele também aproveitou o silêncio.

Passaram por um riacho em seu nível mais baixo, onde várias pedras proeminentes e arredondadas, eram um perigo para botas de sola mais lisa. Alguns derraparam e caíram, mas a maioria conseguiu. Philippe ajudou Prateada que sempre foi estabanada e conseguiram chegar juntos, inteiros e secos do outro lado.

– Isso até que foi divertido! – riu a menina que quase caiu um par de vezes.

Philippe, no entanto, olhava sério para trás, vendo o riacho seguir seu caminho com seu cântico das águas. Estavam agora fora das terras protegidas do chateau. Seguiu caminho, apertando o passo para acompanhar Prateada que já se adiantara. Afastou pensamentos sombrios da cabeça. Afinal, eles mesmos mataram mais de 30 vampiros que estavam escondidos nas imediações. Seria improvável que houvessem outros tão cedo.

Lá na frente, Diderot deu a ordem para o grupo parar. Estavam na floresta e Philippe viu ao longe o duque conversando com alguns homens que ele reconheceu como Bergére, Thomás e Octavien. Eles saíram logo depois, provavelmente para fazer um reconhecimento da área.

– Isso não vai acontecer.

– O quê? – Philippe estava distraído tentando entender a movimentação lá na frente.

Ele se virou para ela.

– Isso não vai acontecer! – repetiu ela, convicta. – Nós não vamos perder, ninguém vai prender o duque e o Chateau das Vertentes não irá cair. E você não

será entregue a ninguém! Porque você é meu! Meu Philippe! E para chegarem a você terão que passar por cima de mim! Entendeu?

Um tanto perplexo dela ter remoído o assunto por tanto tempo e por sua determinação, ele não respondeu de imediato. Então, com um semblante mais tranquilo, concordou com ela, sentindo-se confiante. Ela lhe dava força e coragem. E era exatamente do que precisava naquele momento.

As horas seguintes foram tranquilas. Os soldados se sentaram e conversaram, tentando passar o tempo. Philippe localizou Carlo no meio do grupo. Ele tentava se enturmar, mas era rejeitado. Depois da segunda tentativa, sentou ao pé de uma árvore sozinho. Por um momento, Philippe teve pena de sua solidão. Mas então se lembrou de tudo o que já tinha passado nas mãos dele e expulsou esse momento de compaixão.

Um som de corneta foi ouvido. O vigia tinha avistado a tropa do rei.

Em formação de dois regimentos separados por uniforme e brasões em estandartes, os defensores do château saíram da floresta e esperaram a tropa do rei se aproximar. Como de praxe, os soldados pararam, seus uniformes vermelhos colorindo a relva verde. O capitão se aproximou a cavalo.

– Eu sou o capitão Dimitri Aloir, a serviço do rei Antoine, líder supremo da Alcateia. Venho em seu nome cumprir as seguintes ordens.

Ele abriu um pergaminho e leu em voz alta.

– O duque Jean Lamayer está agora destituído de qualquer título, perdendo também suas terras e propriedades, assim como seus herdeiros. Ele deve ser preso imediatamente. O Château das Vertentes passa agora a ser propriedade e responsabilidade do rei que apontará um novo senhor de terras em momento oportuno. O mestiço chamado Philippe deverá ser capturado e entregue aos vampiros que detêm seu documento de posse. E, por todos os problemas causados que colocaram em risco o acordo e para aplacar a ira de nossos aliados filhos da noite, 30 crianças do Château das Vertentes devem ser entregues a eles.

Dimitri terminou de ler, voltando a enrolar o pergaminho que tinha a assinatura e o selo real.

– Esperamos que aceitem os termos. Caso contrário, haverá confronto. E, se houver confronto, o château será queimado e destruído depois que passarmos por vocês.

A montaria do duque bateu com a pata no chão, inquieta. O capitão Dimitri aguardava uma resposta impassível.

– Não vamos entregar ninguém – respondeu finalmente o duque. – Suas

condições são inaceitáveis.

Dimitri olhou os rostos atrás dele.

– Tem certeza? Vocês estão em menor número e a maioria não possui treinamento. Sua decisão estará condenando todos no château.

– Se a solução é entregar os mais vulneráveis de nós a inimigos sanguinários, então já estamos condenados.

– Se esta é sua insensata decisão, hoje, senhores, dançaremos com a lua.

Houve um certo alívio por parte de Diderot, Lamayer e Bergère. Por mais que ainda continuassem em visível desvantagem numérica, teriam ainda menos chances se escolhessem um confronto com armas humanas, nas quais os soldados do rei não só eram melhor treinados, como as tinham em maior número. Talvez Dimitri tenha ficado com pena e escolhido uma forma mais honrosa de morrerem.

Um som de muitos cavalos a galope vindos da floresta atrás deles chamou a atenção do capitão que ergueu as sobrancelhas. O duque não tinha ideia do que poderia ser e olhou para ver o que era. E, quando todos estavam olhando, veio da floresta um grupo de cerca de 400 homens, metade deles a cavalo. Eles traziam um estandarte com um tridente cruzado com uma espada. Era o símbolo do Château das Pérolas.

Fizeram uma organizada formação ao lado do agrupamento do Château das Vertentes. Liderando o exército, alguém que o duque não esperava. O próprio senhor do castelo, o duque de Sarrazin.

Dimitri não escondeu a surpresa e pareceu subitamente arrependido da escolha de se enfrentarem como feras. Empertigou ainda mais o peito e despediu-se com um cumprimento de cabeça. Ele se virou e cavalgou de volta para seu exército em formação a cerca de 200 metros de distância.

Lamayer cavalgou até o duque de Sarrazin que permanecia imponente com um sorriso.

– Sarrazin! Eu não esperava que viesse! Não recebi nenhuma mensagem de você.

– Eu não mando recados, Jean! Eu venho e faço! Bela confusão essa em que você se meteu, hein?

E ele deu uma sonora gargalhada, sendo imitado pelos seus homens, que pareciam estar achando aquilo tudo muito divertido.

Na floresta atrás deles, uma dupla observava em galhos altos.

– O que está acontecendo? – perguntou Prateada.

Philippe estava um tanto atônito ao ver o exército do rei em formação. Pareciam muito mais organizados e numerosos. Estremeceu, sentindo o medo da derrota que parecia certa.

– O capitão deles está fazendo as exigências – explicou ele.

Ficaram em silêncio e ouviram o que Dimitri disse em nome do rei. O rapaz perdeu um pouco a cor.

– Nossa... – disse Prateada. – Estou com tanto medo que estou me sentindo tremer toda...

E então Philippe percebeu que ele também estava tremendo.

– Não somos nós. É a árvore!

E um som crescente de cavalcada anunciou o exército de cerca de 400 homens que passou por baixo deles em velocidade, com homens a pé correndo logo atrás.

Viram o grupo se juntar ao duque e respiraram aliviados.

– Graças a Deus são aliados...

– Se não fossem a gente podia morrer aqui mesmo nessa árvore para poupar o trabalho... – comentou Prateada.

De volta ao acampamento na floresta, os homens de Sarrazin faziam grande barulho. Riam alto e às vezes brigavam uns com os outros. E aí riam alto de novo.

– Sarrazin, não tenho palavras suficientes para agradecer – disse Lamayer.

– Deixe disso! Você faria o mesmo por mim!

– Desculpe, senhor, mas achei que não gostasse de mestiços... – comentou Diderot, que se lembrava muito bem de sua passagem pelo Château das Pérolas e das crianças mestiças que eram abandonadas à própria sorte.

– Não gosto! – respondeu o homem. – São fracos! Mas não tolero que um de nós, mestiço ou não, seja entregue de bandeja para os sanguessugas, como uma prostituta! Nós sabemos o que eles fazem com suas vítimas! É imoral!

Ele deu uma cusparada para o lado. E então baixou o tom de voz.

– Muitos de nós têm desaparecido nos últimos anos – continuou. – Em todos os châteaux, jovens antes da transformação desaparecem misteriosamente. Mestiços também.

– Eu não sabia disso! – espantou-se Lamayer.

– A maior suspeita é que sejam os sanguessugas. Mas quando levei minhas suspeitas para o rei, ele disse que era uma bobagem e proibiu que se voltasse a falar desse assunto, pois isso poderia ofender nossos “aliados”.

– Parece que o rei Antoine tem problemas em lidar com a realidade –

disse Diderot.

– Já era tempo de alguém se impor! – falou Sarrazin. – Nós, lobos, nunca tivemos medo de uma boa briga!

A uma distância razoável, Philippe e Prateada observavam Sarrazin conversando com o duque e seus homens, sem conseguir ouvir o que diziam.

– Mas esse não é aquele homem daquele lugar horrível que trata crianças mestiças como lixo? – perguntou ela.

– É ele mesmo...

– Mas ele está do nosso lado?!

– Sei lá, Prateada... Eu estou muito confuso...

O duque então subiu em uma pedra e disse bem alto:

– Descansem! Hoje à noite, dançaremos com a lua!

Os homens urraram com punhos em riste. Aparentemente, não era só o duque de Sarrazin que gostava de uma boa briga.

Capítulo 25

A Batalha

A s horas passaram rápido e logo a tarde virou noite. Os homens usavam mantos feitos especialmente para essas ocasiões. Cobriam completamente o corpo, mas quando precisavam, em um movimento a vestimenta ficava para trás.

– O duque não vai na batalha de hoje! – disse Prateada, chegando com novidades.

– Como tem certeza? – perguntou Philippe.

– Ele está vestido com roupas normais, enquanto todo mundo tá ficando pelado!

Diante da observação inusitada da menina, Philippe riu. A moça o olhou encantada como se tivesse visto algo maravilhoso.

– O que foi? – perguntou ele.

– Eu não vejo seu sorriso desde que parti. E não o vi desde que voltei.

O rapaz franziu o cenho, incrédulo.

– Você está exagerando, Prateada.

O semblante dela ficou triste.

– Não estou, não... Eles roubaram seu sorriso. E, para mim, isso foi como murar as janelas de uma casa.

Ele parou e tentou se lembrar de alguma ocasião em que tivesse sorrido, ao menos por cortesia. E não conseguiu se lembrar.

– Você tem razão... – concluiu ele. – Eles roubaram meu sorriso... Mas você o devolveu.

E então foi a vez dela sorrir, iluminando o coração dele.

– Eu quero muito beijar você agora! – disse ela.

– Os homens aqui vão ficar muito confusos se você fizer isso... – riu ele, imaginando a reação dos soldados.

E então o grupo começou a caminhar na direção do campo de batalha, deixando para trás cavalos, roupas e equipamentos. Um rapaz de cabelos ruivos tocava um tambor que marcava o ritmo e acelerava os corações. Os homens do Château das Pérolas começaram a ganhar a dianteira, correndo animados. Philippe e Prateada ficaram para trás, observando. De longe, viram quando Lamayer, Thomás e Octavien, os únicos a cavalo naquele imenso grupo, se destacaram e foram para a esquerda, enquanto os outros seguiam em frente.

– Você vai se transformar em loba?
– Não, dá muito trabalho achar roupa quando eu volto a ser humana e tá muito frio pra ficar pelada...

– É agora, Prateada – falou Philippe, percebendo que chegara o momento da despedida.

Eles se olharam por alguns segundos e se abraçaram longamente.

– Por favor, tenha cuidado! – disse ele.

– E você, não morra!

Então ela o soltou e suas mãos se separaram lentamente. Prateada precisou de muita determinação para continuar, pois tudo em seu coração dizia para ficar. Ela pegou um cavalo e entrou pela floresta, na mesma direção dos outros três homens. Se o coração dela estava aflito, o dele também estava. Não sabia o que iria acontecer e tinha medo daquela ter sido uma despedida definitiva e dele ter cometido um grande erro.

Chegaram na planície, agora iluminada pela Lua cheia que surgia majestosamente por trás das árvores e começava sua jornada em arco pelo céu. A 200 metros, o outro exército também esperava. O exército do rei certamente seria mais preparado e contava com membros dos outros dois clãs de lobos, mas agora o Château das Vertentes não só tinha vantagem numérica, como também uma das famílias de lobos mais ferozes em sua forma bestial.

Philippe subiu com agilidade e leveza na mesma árvore de onde observara o encontro da primeira vez. Trouxera duas aljavas cheias de flechas e um saco com mais, caso precisasse. Também trouxera a mistura que tornaria os alvos sonolentos da maneira mais concentrada que conseguiu fazer, transformando o que seria um chá em um tipo de lama preta. De onde estava, não seria visto e tinha total visibilidade do campo de batalha.

No château, procurou se informar sobre os detalhes dessa escolha de batalha, pois não queria causar uma gafe quebrando alguma lei dos lobos. O que Octavien lhe disse é que quando a dança era com o Sol, não era de bom tom se transformar, embora acontecesse em casos mais desesperados (e ele concordou que o caso deles poderia facilmente entrar nessa categoria). Porém, quando era uma dança com a Lua, não havia proibição do uso de armas humanas. Alguns lobos, mais experientes em batalhas e com natureza mais guerreira, usavam armas como espadas e machados em sua forma bestial.

O vento balançou as folhas e ele ouviu aquele murmúrio do farfalhar por toda a floresta. Sentiu o coração bater mais forte quando o tambor parou e ficou apenas o silêncio. De um lado, soldados cumprindo ordens de um rei que não mais representava seu povo. Do outro, pessoas acuadas defendendo a vida, o lar e o direito de proteger os seus.

Foi Dimitri quem deu a ordem de avançar. Os soldados começaram a correr. Diderot deu a ordem e os homens saíram urrando e gritando, deixando os mantos para trás e correndo nus por alguns segundos enquanto, em um salto mudavam de forma e passavam a correr como lobos. E em mais um salto, se transformaram em criaturas enormes que podiam tanto correr em quatro patas quanto em duas. O exército do rei também começara sua transformação, mas diferente do château que só tinha lobos brancos ou cinzentos, os soldados do rei eram brancos, castanhos e negros.

Quando as feras colidiram, as presas afiadas e brancas se destacaram na luz da lua. Centenas de feras se atracaram em uma luta selvagem. Diderot lutava contra um lobo negro, clã cuja forma bestial era a mais forte que havia na Alcateia. Levou duas mordidas, mas usou a força do seu oponente contra ele mesmo, girando-o no ar e jogando-o no chão com força. A fera negra saltou sobre ele de novo com os dentes à mostra. Diderot se atirou de costas no chão e mais uma vez usou o impulso do inimigo contra ele mesmo. Usando suas patas dianteiras e traseiras, ergueu a criatura em um único movimento, jogando-a longe por cima de si mesmo.

Levantaram-se os dois em um salto ao mesmo tempo. A criatura mostrava os dentes quando algo a atingiu. Seus olhos amarelos olharam surpresos para a flecha presa em seu ombro. Diderot estranhou e virou-se para ver de onde ela viera, mas não conseguiu identificar. A besta arrancou a flecha como se fosse um palito e avançou para Diderot, mas bambeou. Sacudiu a cabeça e tentou de novo, mas só conseguiu dar dois passos antes de cair inerte no chão. Diderot olhou em volta e viu que outros estavam sendo atingidos e tendo o mesmo efeito. Quando aquilo terminasse, lembraria de perguntar a Philippe como ele conseguira ir com eles sem que ninguém o notasse.

A luta continuou, com pelos manchados de sangue e feras tão agarradas umas às outras que não se sabia onde uma começava e a outra terminava. Flechas voavam sem serem vistas e quando atingiam seu alvo, era questão de segundos para que a fera caísse pesadamente. Ganidos, urros e gritos eram ouvidos, enquanto pescoços, braços e pernas eram dilacerados por presas afiadas. A relva verde começou a se tornar rubra e as pelagens brancas eram as que mais se sobressaíam quando manchadas de vermelho, dando uma impressão preocupante de que estavam piores.

Uma flecha passou zunindo por vários lobos que nem a perceberam. Seu alvo era uma enorme fera negra que Philippe percebeu estar dando trabalho. Como se tivesse instintos sobrenaturais, a criatura torceu o dorso para trás no momento em que a flecha passou. Os olhos amarelos e brilhantes procuraram a origem do ataque. Philippe ficou paralisado, esperando não ser visto.

O duque de Sarrazin não deixou boa impressão em Philippe. Mas vê-lo lutando por ele mudou um pouco a imagem que tinha dele. Enquanto estava paralisado esperando que a fera negra se distraísse, Philippe viu um grupo de feras castanhas cercando Sarrazin. Ele usava eximamente a espada contra um oponente que estava claramente distraíndo-o para não ver que estava ficando isolado. Quando já estava perto o bastante, a fera que estava por trás dele saltou em um ataque que seria seguido pelos outros.

Uma flecha acertou a criatura que saltou primeiro, provocando um ganido e um baque quando ela caiu no chão. Sarrazin, uma grande fera cinzenta com várias cicatrizes de lutas passadas, virou-se e viu as outras feras antes que elas pudessem atacar. Urrou com os dentes a mostra, fazendo com que seus inimigos estremecessem, e saltou para o ataque, mesmo ainda em visível desvantagem. Enquanto ele atacava um oponente, outros três se lançaram contra ele. Outras duas flechas passaram zunindo. Uma errou, mas a outra acertou em cheio uma das feras que tonteou e caiu.

Com suor frio escorrendo pelo rosto, Philippe pegou outra flecha e puxou a corda do arco, mirando em mais uma fera. Seus olhos foram atraídos para uma grande mancha negra se movendo pelo chão em grande velocidade na sua direção. Voltou a atenção para o alvo, pois não conseguiria manter a corda retesada por muito tempo com a força física que isso exigia. Mirou, sentindo as mãos trêmulas, e soltou.

Diderot, agora uma grande fera branca com manchas de sangue seu e dos inimigos, viu um grande lobo negro passar correndo ao largo. Jogou um oponente mais jovem e bem menor longe e voltou a procurar o lobo negro. Viu que ele corria para fora da batalha, na direção da floresta. Nesse momento, ele viu uma flecha saindo de lá e acertando uma das bestas que atacava Sarrazin.

Rosnou uma maldição e começou a correr atrás do lobo negro, deixando ele também a batalha sangrenta para trás.

Assim que soltou a flecha que atingiu seu alvo, Philippe armou novamente outra flecha e apontou para a fera que se aproximava. Lançou a primeira, mas o lobo se desviou. Armou a segunda, sabendo que era sua última chance de tentar acertá-lo antes que estivesse perto demais. A flecha voou contra o vento e se fincou no chão de terra, e a fera continuou seu caminho com dentes que pareciam se abrir num sorriso mórbido.

O rapaz cruzou o arco no peito e desceu da árvore em que estava, saltando pelos galhos com rapidez. Assim que seus pés tocaram o chão, pôs-se a correr como um louco. Passou por árvores, desviando de seus troncos, saltando depressões no terreno que ele mal conhecia. Entrou em uma parte mais fechada da floresta, esperando que isso impedisse a criatura de segui-lo, pois os

caminhos eram estreitos demais para um animal tão grande.

Um barulho de madeira se partindo o fez olhar para trás. Para seu terror, viu o lobo, agora uma fera enorme, passar por árvores mais jovens das quais ele desviara, destruindo-as com o próprio corpo. Philippe tentou correr ainda mais, sentindo o coração saltar dentro do peito. Chegou em uma clareira e armou o arco com uma flecha. Virou-se, escorregando de joelhos no chão, para atirar, mas a criatura já estava perto demais e saltou sobre ele, batendo suas costas com força no chão.

Ouviu um baque surdo e em um segundo a fera desapareceu de cima dele. Outra criatura entre humano e lobo saltara e agora se engalfinhava com o a fera negra. Philippe se levantou, pegou o arco que tinha caído longe e puxou mais uma flecha. Fez a mira, mas a luta estava muito violenta e voraz. O lobo negro fincou seus dentes no ombro da fera branca, que perdeu o equilíbrio e caiu de costas no chão.

Subitamente, a criatura o soltou e esticou o pescoço. Levantou-se e puxou a flecha fincada nas suas costas. Olhou para Philippe de joelhos no chão com seus olhos amarelos brilhantes como lanternas. Mostrou os dentes e correu na sua direção.

Apavorado, Philippe puxou outra flecha e retesou o arco, as mãos trêmulas com o esforço repetido e pelo nervosismo, o suor caindo do rosto, o coração quase explodindo.

E então, antes que atirasse, a fera tropeçou e caiu, indo deslizando até meio metro dele. Relaxou o arco e recolheu a flecha que não partiu. Procurou a outra fera e correu até ela, sentindo as pernas bambas.

– Você está bem? – perguntou ele ao tocar a fera.

A criatura se virou para ele um tanto irritada. Ele reconheceu os olhos de Diderot.

– O que você está fazendo aqui?!

A fera se levantou, o sangue ainda escorrendo pelo corpo.

– Eu... não podia ficar sem fazer nada...

O semblante da fera serenou, permanecendo apenas o olhar duro.

– Vá para o acampamento e fique lá! Encontre um lugar seguro e se proteja.

E a fera voltou a correr em quatro patas, transformando-se em lobo novamente e sumindo na floresta.

O rapaz deixou-se cair, ficando sentado no chão, enquanto recuperava o

fôlego e as forças. Olhou a fera desacordada no chão e pensou que, se não fosse Diderot, ele estaria bem morto a essa hora. A primeira coisa que pensou foi em como Prateada ficaria sem ele e a ideia de deixá-la sozinha e infeliz o apavorou tanto que fechou os olhos por um minuto, falando baixinho para si mesmo:

– Está tudo bem... Está tudo bem...

No silêncio, ouviu o som da batalha que continuava ao longe.

Capítulo 26

À Traição

– E stamos sendo seguidos – avisou Thomás.

– Mas já?! – espantou-se Octavien, que esperava algum problema no caminho, mas não tão cedo.

Diminuíram a velocidade e se ocultaram com os cavalos entre as árvores. Um cavaleiro com um manto e um capuz ocultando o rosto passou direto por eles.

– Acho melhor mudarmos um pouco o caminho – disse o duque. – Talvez seja algum espião do rei.

Os outros dois concordaram e viraram a esquerda. Continuariam até tarde da noite, aproveitando a boa iluminação da lua cheia. Dormiriam pouco nesses dias, mas precisavam chegar o mais rápido possível ao Château Real. Não sabiam por quanto tempo o Château das Vertentes iria resistir.

Philippe chegou ao acampamento deserto dentro da floresta. Ainda abalado, precisava decidir se voltava ou não para a batalha. Ele também sabia que se algo lhe acontecesse, tornaria tudo aquilo inútil. Estava entre o desejo de ajudar e o instinto de autopreservação. Respirou fundo de olhos fechados por alguns segundos. Quando abriu os olhos violetas e brilhantes, já sabia o que devia fazer. Ajeitou o arco no peito e virou-se para voltar ao seu posto onde pudesse acertar mais alguns inimigos.

Os cavalos se agitaram e ele se voltou rapidamente para olhar com atenção em volta. Percebeu um movimento perto de uma árvore e preparou uma flecha, sem retesar o arco. Caminhou cautelosamente até o local, percebendo que havia alguém atrás da árvore. Puxou a corda assim que ficou de frente para quem quer que fosse.

– Carlo?! – exclamou, relaxando a corda.

Encolhido atrás de um velho carvalho, o jovem tremia abraçado a si mesmo.

– Eu não acredito que você ficou escondido aqui! – Philippe estava uma fera.

– Eu não consigo! Desculpe, eu não consigo! – e lágrimas desceram pelo

rosto rechonchudo.

Talvez ele fosse um caso perdido. Não se transforma uma maçã em uma pera, ou um gato em um cachorro. Pensando nisso, Philippe o deixou e voltou para continuar seu plano. Era melhor mesmo que Carlo ficasse. Apesar de tudo, não queria ser o responsável pela morte dele.

Uma movimentação na floresta o fez ficar em alerta mais uma vez.

– Ajudem aqui!

Philippe correu e ajudou um soldado que trazia outro quase desacordado. Ajudou-os a se deitarem.

– Como está lá?

O soldado apenas balançou a cabeça de forma negativa. Outros feridos começaram a chegar. O rapaz então retirou o arco e a aljava e procurou por sua mochila.

– Carlo! Seja útil! Ajude aqui!

Ele começou a limpar e tratar os que estavam chegando, passando o creme de pó da Caledônia e enfaixando com tiras de tecido limpo.

– O que eu faço?

Philippe olhou e viu Carlo parado ao lado dele com olhar ansioso.

– Pegue água fresca para eles e acomode os que estão chegando.

E assim foi feito. Eram muito mais feridos do que ele conseguia tratar, mas fez o que pôde, dando alívio com uma bebida anestésica que trouxera para misturar na água.

– Por favor, ajude meu amigo!

Philippe virou o rapaz que estava deitado de lado. O pescoço tinha um corte profundo por onde o sangue escorrera. Os olhos esgazeados e a frieza do corpo confirmaram que era tarde demais. Era um jovem de uns 17 anos, olhos negros e rosto de criança que ainda tinha a expressão de terror da hora da morte. O outro, ofegante, esperava ansioso por um milagre. Philippe fechou delicadamente os olhos do rapaz.

– Sinto muito... – foi o que pode dizer.

O jovem, com vários cortes nos braços e no rosto, olhou confuso para o amigo morto. E então olhou de novo para Philippe, balançando a cabeça, resistindo à infeliz realidade. Lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto e ele chorou como uma criança. Tão jovem quanto o outro, era exatamente o que eram: crianças.

De coração doído, Philippe se levantou para ajudar os que ainda podiam ser ajudados. Viu mais três chegarem mortos. E um deu o último suspiro em suas mãos. Sem esmorecer e sem deixar que a tristeza e o desespero o tomasse, ele continuou a fazer todo o possível. Carlo correu de um lado para o outro,

ajudando muito mais do que Philippe poderia esperar.

A Lua estava alta quando a floresta ficou subitamente em silêncio. Philippe sentiu um frio a percorrer-lhe a espinha. Parou o que estava fazendo e olhou em volta. Percebeu que a sensação de perigo também tomou os que estavam ainda despertos.

Criaturas da noite saltaram sobre eles, surpreendendo alguns que tiveram suas gargantas cortadas.

– Vampiros! – alguém gritou.

Parecia um enxame de seres deformados com garras enormes. Alguns estavam armados com espadas afiadas e se lançaram contra os homens feridos. Os que ainda tinham condições de lutar se transformaram imediatamente em sua forma mais assustadora e defenderam os feridos. Philippe viu dois vampiros cercando Carlo que caminhava para trás apavorado.

– Carlo! Transforme-se! – gritou Philippe.

E ele se transformou. Mas ao invés de ser uma criatura feroz de mais de três metros, ele se tornou um lobo e saiu correndo ganindo com os vampiros em seu encalço.

Philippe sabia que Carlo não teria a menor chance. Também já ouvira alguém dizer que quando um membro da Alcateia está muito assustado, não consegue atingir sua forma mais feroz.

Um grupo maior de lobisomens chegou e Philippe agradeceu por serem todos do exército de Hector. Isso tornou a briga mais igualitária. Correu até suas coisas e pegou o arco e aljava. Montou em um cavalo e correu na direção para onde Carlo e os dois vampiros foram.

Pouco depois avistou os dois vampiros e um ponto branco correndo na frente. Forçou o cavalo a correr mais para alcançá-los. Os vampiros começaram a saltar nos troncos das árvores e cada salto parecia um voo, o que lhes deu mais velocidade. Philippe não poderia atirar em alvos tão rápidos de cima de um cavalo, então precisaria parar se quisesse ter uma chance. Mas parar, naquele momento, não era uma opção.

O vento soprava frio, mas a adrenalina não o deixou sentir nada. Avançou atrás deles, até que desapareceram de seu campo de visão. Ele prosseguiu. Eles só poderiam ter ido para frente. E era para frente que ele continuava indo.

Temeu tê-los perdido, quando os avistou mais adiante. Os vampiros estavam parados, curvados como se fossem atacar. Diante deles, um lobo assustado estava encurralado contra uma formação rochosa íngreme demais para que ele pudesse subir. O pobre animal ganhava e tentava escapar, apenas aumentando o deleite de seus predadores.

Philippe continuou correndo em sua montaria, atropelando os vampiros que só o viram quando era tarde demais. A pancada não fez muito estrago, mas os distraiu tempo o bastante para que Philippe pudesse saltar do cavalo e armar o arco. Atirou duas flechas brancas que passaram direto pelas criaturas. Estas começaram a se aproximar com um sorriso sarcástico.

– Veja se não estamos com sorte! – disse um deles, magro e alto de cabelos muito curtos e loiros. – Teremos um jantar para dois!

– Que pena que você errou... – disse o outro com uma falsa lamentação.

Philippe permanecia parado, sem atirar mais nenhuma flecha, olhando-os firmemente.

– Quem disse que eu errei?

Um galho bateu em um deles e outro se enroscou como uma cobra no pescoço do segundo. Duas árvores saíram andando e atacando os vampiros, batendo-os contra o chão e outras árvores. Até que uma cabeça foi para um lado enquanto o corpo sem vida ainda se remexia em últimos impulsos preso em um dos galhos. O segundo vampiro tentou correr, mas acabou esmagado e partido ao meio, ficando cada metade em um galho. As árvores então voltaram aos seus lugares e retornaram para sua existência estática.

Philippe se virou para Carlo e abriu os braços.

– Por que você não se transformou numa besta assassina?!

O lobo ganiu com as orelhas para trás, envergonhado. O rapaz então olhou em volta. Não tinha a menor ideia de onde estavam. E o cavalo se fora.

– Que ótimo...

– Você não teria aí uma roupa extra com você, teria?

Carlo, agora humano, se escondia atrás de uma moita. Philippe respirou fundo vendo a cena patética. E então um corpo sem cabeça caiu lá das copas das árvores, fazendo um baque surdo quase ao lado dele.

– Acho que podemos dar um jeito...

O rapaz começou a retirar as roupas do vampiro morto, tentando não olhar para a parte sem cabeça que realmente não era uma boa visão. Jogou as peças para Carlo que começou a se vestir atrás da moita.

Enquanto isso, Philippe foi até as árvores tentar recuperar as duas flechas do mundo das fadas. Teve sorte e conseguiu as duas inteiras. Tocou nos troncos e encostou a testa, com pensamentos repletos de gratidão às duas dríades das árvores que salvaram suas vidas. Voltou ao local onde Carlo já estava vestido e calçado com roupas que evidentemente não eram dele, mas que já o poupavam de andar nu no frio numa floresta escura.

– O que fazemos agora? – perguntou ele.

Philippe olhava em volta um pouco confuso.

– Bom... Nós viemos de lá – ele apontou na direção de onde vieram. – Mas fizemos muitas curvas... Eu não sei se vou lembrar.

Sem mais o que fazer, eles se puseram a andar pelo caminho do qual vieram. Ficaram atentos aos sons, talvez pudessem localizar o campo de batalha. Mas todo o lugar estava silencioso, e tudo o que ouviam era um coachar de sapos e alguns grilos.

Caminharam em silêncio por algum tempo, até que Carlo perguntou:

– Por que veio atrás de mim?

Philippe o olhou de rabo de olho e continuou andando, pensando numa resposta.

– Vi que estava em apuros quando não se transformou no que devia.

Ele achou que o outro iria lhe agradecer, mas continuou ouvindo apenas sapos e grilos.

– De nada! – disse Philippe, continuando a andar.

Depois de cerca de meia hora de caminhada, pararam um pouco para respirar. No escuro, todo o lugar parecia igual ao local de onde saíram.

– Estamos perdidos, né? – disse Carlo.

– Você não pode virar um lobo e farejar o caminho de volta?

Carlo fez uma careta de ofendido.

– Eu não sei fazer isso! Por que acha que eu sei?

– Porque lobos costumam ter algum senso de direção!

– Não sou um simples lobo! – disse ele com o rosto empinado e cheio de orgulho.

Philippe não pareceu impressionado. Voltou a olhar em volta. E então continuou a andar.

– Vamos... Parados é que não podemos ficar.

Capítulo 27

Corpos que Caem

A batalha parecia durar horas e alguns corpos jaziam no chão. No começo estavam equilibrados, mas conforme a lua ia seguindo seu caminho, os lobos que defendiam seu lar e seus princípios começaram a ganhar terreno.

Diderot estava ofegante. Diante dele um outro lobo branco, mas este um oponente, um soldado do rei. Ambos estavam feridos e cansados. Diderot se empertigou e outros aliados seus começaram a chegar.

– Eu não quero derramar mais sangue de irmãos – disse ele.

A outra fera hesitou. E então virou as costas e transformou-se em um lobo, batendo em retirada. Foi como se todos os que restaram do exército do rei esperassem um sinal. Quando este fugiu, todos começaram a fazer o mesmo. O capitão Dimitri, uma fera com uma fita vermelha amarrada no braço para mostrar sua autoridade, urrou que voltassem. Ninguém voltou. Então, ele resolveu dar a ordem que já estava sendo cumprida.

– Retirada!

E assim, com a fuga dos inimigos que retornavam para o outro lado da campina, desaparecendo floresta adentro, os lobos brancos uivaram e comemoraram a vitória.

– Peguem os feridos primeiro.

E ainda em sua forma mais forte, os lobos começaram a levar os seus feridos para o acampamento na floresta. Alguns, já tinham se transformado em humanos. E isso queria dizer, na maioria das vezes, que já não tinham vida, ou estavam bem perto da morte. Ninguém ficou para trás.

Um lobo branco do lado inimigo agonizava no chão. Diderot se abaixou para vê-lo melhor e ouviu um ganido, um pedido de ajuda.

– Assim que sairmos, eles virão buscar seus mortos e feridos – falou Alain.

– Eu sei... – respondeu Diderot. – Mas esse aqui não pode esperar tanto...

E depois de pensar alguns instantes, Diderot pegou o soldado, colocou no ombro e o levou também. Depois que partiram, como previsto, o exército inimigo veio recolher os seus que caíram. Em poucas horas, havia apenas sangue na relva e a lembrança de uma batalha selvagem de criaturas que pareciam saídas de sonhos ou pesadelos.

Quando Diderot chegou no acampamento com seu destacamento se deparou com uma cena dantesca. Havia vampiros mortos espalhados pelo lugar. Os soldados já haviam se organizado e dado um jeito na situação.

– O que aconteceu aqui?

– Fomos atacados! – respondeu Buffon, com um corte na testa ainda fresco.

– Que filhos da mãe! – Diderot estava atônito pela covardia do ataque que visava os feridos.

Ele colocou o lobo branco inimigo, agora desmaiado, com cuidado em um tecido estendido no chão.

– É um soldado do rei?! – espantou-se Sarrazin, que tinha chegado um pouco antes.

– É um lobo branco – respondeu Diderot. – Se pudermos salvá-lo... Já somos tão poucos!...

Sarrazin balançou a cabeça de um lado para o outro com um repuxar de lábios. Deu um suspiro e chamou alguém.

– Stephan! Se você não morreu na batalha, venha aqui!

Um rapaz já com suas roupas convencionais se apresentou.

– Faça sua coisa! – disse Sarrazin, apontando para a criatura caída inconsciente.

O jovem se ajoelhou e colocou as mãos sobre o ferimento mais grave. Em alguns segundos, a ferida diminuiu e quase se fechou por completo.

– Ele é um desses que ganhou dons – explicou Sarrazin.

– Isso vai ser muito útil – concordou Diderot.

Pouco depois, todos já estavam em suas formas humanas, tratando seus ferimentos e ajudando a tratar os outros. Diderot caminhava pelo acampamento, vendo todo aquele estrago. Viu a fileira de mortos enfileirados, cerca de 15. Dependendo de como alguns feridos iam se sair, esse número poderia dobrar. Os vampiros também foram enfileirados do outro lado. Ele observou os rostos que pareciam de humanos perfeitamente normais. Homens, mulheres e até uma criança de uns 12 anos. Ele balançou a cabeça em desalento. Quando um vampiro morre, ele volta a ser o que seu corpo seria se o tempo tivesse sido contado. É como se o tempo cobrasse o que é seu em segundos. Vampiros mais velhos, viravam múmias ressecadas. Os muito antigos – e mais perigosos – viravam pó. Porém, quando eram recém-transformados, ao morrer, pareciam humanos que acabaram de dar seu último suspiro. Isso significava que eles estavam transformando pessoas e usando-as como aríete, mandando-as para minar as forças deles.

– Acha que estavam com os homens do rei? – perguntou Bergére, cuja

experiência o ensinou a desconfiar de todo mundo.

Diderot não sabia responder. A lógica dizia que sim. O coração torcia para que não. Porque se estavam juntos, aquele ataque vergonhoso e covarde era responsabilidade do rei Antoine.

De repente, ele se lembrou de algo. Ergueu a cabeça e olhou em volta.

– Onde está Philippe?

– Philippe? Ele veio? – riu Sarrazin. – Espere! Era ele jogando aquelas flechas? Há! O garoto tem bolas!

Diderot se colocou a procurar pelo rapaz, perguntando se alguém o tinha visto. Na hora da confusão dos vampiros, quase ninguém viu alguma coisa além do que estava acontecendo consigo mesmo. O capitão olhou para a Lua. Ela permanecia branca, o que era esperançoso. Sabiam que ela se tingia de vermelho quando um deles deixava de ser um lobo para ser um vampiro.

– Eu o vi!

Diderot viu o rapaz ruivo com sardas que estava sentado com uma tipoia no braço. Foi até ele e se ajoelhou para ouvi-lo.

– Aquele rapaz que virou vassalo dele, Carlo, não conseguiu se transformar em fera e foi perseguido por dois vampiros. Philippe pegou um cavalo e foi atrás deles. Por ali...

Ele apontou com o braço bom a direção. Diderot agradeceu e se levantou olhando para o lugar.

– Eu vou atrás dele, fique com os homens – disse Bergère.

– Leve seis soldados com você.

E assim foi feito. Diderot viu os homens transformados em lobos adentrando a floresta. Enquanto a lua estivesse cheia, teriam essa enorme vantagem. Poderiam saltar de forma em forma com facilidade, em questão de segundos. E isso fez com que as perdas com o ataque dos vampiros não fosse pior. Quando não tivessem mais a lua como aliada, seriam apenas homens e lobos. E nenhum dos dois era páreo para um vampiro, mesmo um muito jovem. Pensou em Philippe e Carlo e deu um longo suspiro.

– Como você não viu por onde veio? – reclamou Carlo depois de andarem muito.

Philippe o olhou perplexo. Recusou-se a responder e continuou andando. Carlo estava com um colete vinho e uma camisa branca bufante cheia de manchas de sangue na gola.

– Estamos andando há horas! – reclamou ele de novo. – Não podemos parar um

pouco?

– Somos alvos fáceis aqui. Temos que achar um lugar que nos dê alguma proteção. Ou o caminho de volta.

– Eu gostaria de estar na minha cama agora...

Philippe parou. Respirou fundo e se virou com olhos fulminantes.

– E é exatamente onde todos nós estaríamos se você, Ravin e Albert não tivessem me vendido para os vampiros como se eu fosse um pedaço de carne!

Carlo arregalou os olhos como se tivesse sido flagrado roubando.

– Ravin disse que estava dentro da lei! – defendeu-se ele.

Philippe deu passos na direção dele com tamanha veemência que Carlo andou rapidamente para trás.

– Como você... Como pode...

Philippe se engasgou com as palavras e terminou com um gruhindo de raiva e um movimento nervoso das mãos. Deu-lhe as costas e se afastou alguns passos, como se tivesse abandonado um caso sem solução. De repente, virou-se para o outro, um vulcão de ressentimentos em erupção dentro dele.

– Você me feriu, Carlo! A vida inteira! E eu sei que Ravin era o cabeça, mas você não era obrigado a segui-lo! Você escolheu isso! Você poderia ter dito não! E mesmo quando ele não estava por perto, você mentia só para me ver apanhando ou sendo humilhado, mesmo sabendo que não era preciso muito esforço para fazer Gerard me moer de pancadas.

Seus olhos estavam brilhando, seu coração estava descompassado e sua respiração estava ofegante. Todas as imagens de uma vida inteira de torturas que nunca pode compreender, em que uma criança solitária era o alvo de extremas covardias, onde seu orgulho era destruído a cada cilada e onde ninguém o defendia, caíam sobre ele como uma avalanche.

– E, mesmo depois de ter feito algo tão hediondo que provocou uma guerra... – sua voz tremulou como uma vela ao vento e lágrimas pesadas caíram.
– ...você continua agindo como se não tivesse feito nada! Como você pode continuar tão cego, tão surdo, tão indiferente ao sofrimento alheio?

Carlo abaixou os olhos e ficou em silêncio. Philippe balançou a cabeça, desmotivado, e se afastou alguns passos enquanto limpava as lágrimas.

– Eu não queria ficar sozinho... – murmurou Carlo. – Ravin era o único amigo que eu tinha.

Philippe se virou para ele, os olhos violetas brilhando com rancor e mágoa.

– E onde está seu amigo agora?...

Ele voltou a andar e Carlo o seguiu em silêncio por algum tempo. Não

sabem quanto tempo depois, mas já estavam cansados quando encontraram um riacho, o que foi uma bênção, pois estavam ambos sedentos. Beberam água sofregamente e se sentaram um pouco para respirar. Philippe olhou para a Lua brilhante no céu e pensou em Prateada. Esperava que ela já estivesse com o duque e os outros. Não a queria andando sozinha por aí.

– Eu não sou como você...

A voz de Carlo surgiu em seus pensamentos como o zumbido de um besouro. Respirou fundo esperando mais alguma ofensa à sua condição de mestiço.

– Eu queria ser... Mas não sou.

Intrigado, o rapaz olhou para Carlo sentado ao seu lado. O rosto estava sujo de terra e as roupas pareciam um pouco melhor no escuro do que certamente pareceriam de dia.

– Você sempre foi bonito... Todos viam isso. Todo mundo comentava. E mesmo em desvantagem, sempre foi corajoso. Eu sempre fui assim... Nunca vou ser bonito e garboso como você, mesmo sendo um nobre. E eu queria ser corajoso. Mas eu tenho medo. Tenho medo o tempo todo.

Philippe estava atônito. Nunca esperou ouvir isso daqueles que sempre se disseram superiores a ele. Não respondeu por algum tempo e por alguns minutos, houve apenas a canção do riacho perto deles.

– Você acha que eu não tenho medo? – disse Philippe em voz baixa, sem tirar os olhos do riacho diante deles.

Carlo o olhou surpreso com a pergunta. Philippe riu, tomado por um leve desespero de não conseguir fazer o outro entender.

– Eu sinto medo também, Carlo – disse, finalmente, olhando para o jovem sentado ao seu lado. – E em alguns momentos, não sinto medo. Sinto pânico. Fico tão apavorado que meu corpo inteiro treme e meu coração parece que vai explodir...

O outro o olhou como se custasse a compreender ou a acreditar.

– Todo mundo sente medo – Philippe voltou a olhar para a água que refletia a Lua em milhares de pontos iluminados em movimento. – O duque deve estar apavorado agora. Ter medo faz parte da nossa natureza. Ninguém quer se ferir, se machucar, sofrer ou morrer.

Carlo olhou para o chão como se algo não se encaixasse.

– Então...

– Todos sentem medo – Philippe voltou a encará-lo. – O que muda é como escolhemos reagir a isso.

Ele se levantou e começou a seguir na direção do riacho.

– Se esse é um dos nossos riachos, andamos tanto que voltamos para casa

– disse Philippe, observando o lugar para ver se alguma coisa ali lhe era familiar.

– Eu sinto muito...

O rapaz se virou lentamente e viu Carlo parado de pé no mesmo lugar.

– Eu sinto muito por tudo o que eu fiz... – disse Carlo, com lágrimas escorrendo pelo rosto. – Se eu pudesse fazer tudo diferente, eu faria...

Eles ficaram em silêncio, o vento frio fazendo as folhas farfalharem como se as árvores estivessem cochichando sobre o que estavam presenciando.

– Será que você pode me perdoar? – a voz de Carlo tremeu e quase não saiu.

Philippe não respondeu e o silêncio foi cruel para Carlo.

– Não... – respondeu finalmente o rapaz. – Ainda não.

Carlo sentiu algo se quebrando dentro dele. Mais lágrimas caíram enquanto ele mantinha um olhar de remorso para o menino que ele tanto maltratara. Ele queria dizer mais, muito mais. Mas as palavras não saíam e restou apenas a sensação de que algumas coisas simplesmente não têm volta.

Por vezes, guardamos muita coisa dentro de nós. Mas não as olhamos muito porque nem sempre são bonitas. Então, empurramos para um armário, um sótão, um porão. E, um dia, elas aparecem e nós nos surpreendemos e perguntamos: “Eu ainda tenho isso???”. Foi o que Philippe sentiu quando olhou para Carlo naquele momento. Todo o destrato, toda a humilhação, toda a dor... Tudo isso ainda estava lá dentro dele, em algum porão obscuro. Percebeu como seu coração estava amargo, como se o rancor tivesse transbordado e invadido tudo. Talvez não tenham sido os vampiros que roubaram seu sorriso, como disse Prateada. Talvez suas mágoas o tenham afogado.

O local estava iluminado pela lua, o tom de azul cobrindo as águas do riacho e as flores e vegetação ao redor deles. Talvez estivessem distraídos com seus próprios arrependimentos, assombrados pelo passado, ou talvez estivessem cansados demais para notar. Mesmo com toda a luz da lua, eles não viram o que os atingiu até ser tarde demais.

Capítulo 28

Em Pedacos

Um vulto saltou de trás de uma árvore e agarrou Carlo. Outro pareceu vir de cima, o que não fazia sentido. Ouviu o grito de Carlo e correu instintivamente para ajudá-lo, quando foi puxado para trás com violência por montes de braços e mãos com garras afiadas.

Ouviu Carlo gritando, um grito terrível, prolongado e doloroso. Debateu-se e conseguiu se livrar das mãos, mas assim que se virou, recebeu uma bofetada tão forte que o jogou no chão. Assim que caiu, eles voaram em cima dele. Seguraram seus braços e o mantiveram no chão enquanto um deles se aproximava o bastante para que ele pudesse ver seu rosto. Parou de se debater com a surpresa de reconhecer o homem torto diante dele.

– Ora, vejam só! Nos encontramos de novo! Será que você se lembra de mim?

Não era difícil lembrar do rosto de olhos esbugalhados e sobrancelhas grossas e desgrenhadas. E impossível esquecer a corcunda.

– Contemplem, irmãos! Foi por esse mestiço que mataram o meu mestre e todos dentro do ninho!

Ele estava se ajoelhando sobre o rapaz e se inclinou com um sorriso medonho.

– Eu deveria lhe agradecer, na verdade! – gabou-se ele. – Meu mestre me prometeu a vida eterna, mas nunca cumpriu. Quando eu entreguei ao príncipe Lucien o documento que prova que você foi realmente vendido como gado, ele me mandou escolher uma recompensa. Adivinha o que escolhi?

Com uma língua impossivelmente grande, ele lambeu o rosto de Philippe que se contorceu com asco. O corcunda então se transformou no vampiro mais monstruoso que ele já vira. Os dentes proeminentes, os olhos iluminados como lanternas vermelhas.

– Vamos ver por que afinal você é tão disputado!...

Os que o seguravam gargalharam, as presas brilhando na lua. O vampiro ergueu o rosto para a lua, preparando o golpe final com um sorriso de satisfação e vitória.

E então sua cabeça caiu.

As gargalhadas cessaram com o espanto de ver a cabeça ser cortada em um só golpe de espada, voando como se fosse uma abóbora. O corpo ainda ficou

na mesma posição por alguns segundos, esguichando sangue negro, até cair para o lado inerte. Em choque, Philippe viu Lamayer surgir atrás do vampiro, a espada manchada de sangue, o rosto duro e os olhos furiosos, indicando que ele tinha ouvido a confissão do corcunda.

Os vampiros soltaram o rapaz para se defenderem de Octavien e Thomás. Apavorado, Philippe se arrastou para se afastar do corpo ainda sobre ele, da cabeça e do sangue negro que se espalhava a sua volta. O som de gritos e se elevou e logo tudo ficou em silêncio. Em poucos movimentos, os outros três vampiros foram decapitados.

– Eles feriram você? – perguntou o duque.

Philippe não ouviu. Lamayer parecia estar falando dentro de uma concha. O rapaz continuava olhando apavorado a cabeça do corcunda no chão. Ela voltara a ser humana e estava de boca e olhos abertos como se olhasse para ele num fragmento de pesadelo.

– Philippe! Você está bem? – o duque o sacudiu levemente, fazendo-o desviar a atenção da cabeça na poça de sangue e olhar para ele.

O rapaz anuiu com a cabeça, percebendo que as palavras não estavam passando pela sua garganta. Thomás chamou o duque.

– Fique aqui! – ordenou Lamayer.

Philippe respirou várias vezes e se obrigou a levantar, as pernas trêmulas com o susto. Octavien estava de pé na mesma pedra onde Carlo estivera sentado com ele alguns minutos antes. Viu o duque pelas costas, agachado, vendo algo no riacho. Thomás também estava de joelhos, ao lado do duque. O rapaz caminhou até eles e em poucos passos, paralisou. A cena era tão dantesca que sua mente não conseguiu entender o que era.

“É um boneco”.

“É uma estátua”.

“É um sonho”.

E quando a realidade o atingiu, puxou o ar com tanta força que gemeu, levando a mão à boca para calar um grito de horror. Os homens perceberam sua presença e o duque se levantou rapidamente, tirando-o dali para que não visse aquilo. Mas mesmo enquanto ele se afastava, ele pôde ver o que restou de Carlo.

No riacho manchado de vermelho, o corpo de Carlo jazia. Um braço arrancado na altura do cotovelo. Uma perna arrancada na altura do joelho. A outra quebrada de uma forma bizarra e quase impossível. O outro braço preso apenas por alguns nervos no ombro, sendo quase levado pela fraca correnteza do riacho, enquanto filetes de sangue se desenhavam na água.

Nunca mais esqueceria aquela visão. Fecharia os olhos, e veria com

riqueza de detalhes aquilo que passaria o resto da vida tentando esquecer. Mas o que Philippe mais se lembraria era da expressão no rosto dele. O medo transformado em terror. A vida que se torna morte. A sensação de estar sendo arrancado do seu mundo. Os olhos estavam abertos, em pânico. A boca estava escancarada em um grito que emudeceu quando a escuridão venceu. Era como se sua alma continuasse gritando, mas ninguém mais pudesse ouvir.

Philippe tremia tanto que as pernas falharam. O duque o apoiou e o guiou até uma árvore, onde ele se sentou. Lamayer estava falando alguma coisa, mas ele não ouvia. Continuava ouvindo o último pedido de Carlo e seus gritos agonizantes.

– Philippe!

Olhou para o duque, ouvindo-o agora, como se ele tivesse saído de debaixo d'água.

– Respire.

E foi quando percebeu que estava ofegante. Obedeceu e fechou os olhos, tentando calar os gritos em sua mente e se concentrar apenas em respirar. Lágrimas desceram pelo rosto e uma escuridão cresceu ao redor dele. As vozes ficaram distantes. O cansaço se tornou tão absoluto que seu corpo, ainda sofrendo com a falta de repouso necessária, cedeu a esta última agressão.

Acordou com um pesadelo, debatendo-se e gritando. Quando alguém o segurou mais fortemente, é que conseguiu ouvir a voz de Lamayer.

– Acabou!

E então viu que estava na floresta. Lamayer o soltou, enquanto o rapaz se sentava, olhando em volta como se procurasse monstros nas sombras. Ainda ofegante, viu a fogueira a alguns metros e Octavien e Thomás o observando com certa preocupação.

– E Carlo? – conseguiu finalmente falar, esperando que a imagem que vira fosse só parte de um pesadelo.

A expressão do duque já trazia a resposta.

– Não havia nada que pudéssemos fazer por ele – respondeu.

Octavien lhe entregou um odre com água. Ele bebeu um pouco e devolveu. Os olhos estavam úmidos e quando menos esperou, lágrimas caíram.

– Pensei que não gostasse dele... – disse o duque, ainda apoiado em um joelho perto dele.

– Não gostava – respondeu o rapaz.

– Tome, coma alguma coisa – Thomás lhe entregou um pedaço de alguma coisa assada na fogueira.

Philippe segurou o pedaço de carne, mas não conseguiu comer. Respirou fundo e limpou o rosto com as costas das mãos, tentando se recompor.

– Então... Como diabos vocês dois vieram parar aqui?

Philippe olhou para o duque que esperava uma resposta para sua pergunta e ele nem sabia por onde começar. Tentou resumir e contou o essencial. Quando terminou, comeu um pedaço de carne que ficou embolando na boca.

– Eu mandei que ficasse no castelo – disse o duque, os olhos cinzentos fixados nos dele.

– Eu sinto muito...

Lamayer deu um suspiro de insatisfação, levantando-se e se afastando.

– E como estava a batalha? – perguntou Octavien, sentando-se numa pedra próxima do rapaz.

– Da última vez que eu vi estavam bem equilibrados... – respondeu Philippe.

Não era a notícia que eles queriam ouvir, mas era melhor do que nada. Ficaram em silêncio por algum tempo.

– E Carlo?...perguntou.

– Nós o enterramos. E prestamos nosso respeito.

E então, subitamente, Philippe ergueu a cabeça como se tivesse se lembrado de algo extremamente importante. Olhou em volta, os olhos violetas arregalados e brilhantes.

– Onde está Prateada?

O duque se virou lentamente com o cenho cerrado, a fogueira trepidando por trás dele como se pressentisse uma explosão.

– Como assim “onde está Prateada”? – disse ele em um tom quase ameaçador.

Philippe não respondeu. Olhou em volta de novo como se não acreditasse que a moça não tinha se juntado a eles, como o combinado. Lamayer começou a andar em sua direção esperando uma resposta.

– Prateada está no castelo... – disse o duque. – Não está?

O rapaz piscou algumas vezes e respirou antes de responder.

– Não.

– Eu não vou gostar disso. Mas fale – ordenou o duque com os braços cruzados de pé ao lado dele, parecendo um gigante para ele que estava ainda sentado na cama improvisada.

– Ela veio comigo até o acampamento e seguiu vocês assim que saíram. Ela viria como apoio, para proteger o duque.

– Por acaso ela estava vestida de rapaz usando um chapéu e um manto? – perguntou Thomás.

Philippe anuiu com a cabeça.

– O cavaleiro que estava nos seguindo e achamos ser um espião... – deduziu Octavien.

Lamayer fuzilou Philippe com os olhos antes de explodir.

– Eu dei uma ordem para você e para ela! Os dois me desobedeceram! E eu tenho certeza de que a ideia partiu de você porque ela faz tudo o que você manda!

Como o rapaz não se defendeu, a culpa estava assumida.

– Justamente quando eu estava quase gostando de você, você me lembra porque eu não deveria gostar!

O duque deu as costas sem imaginar que suas palavras tiveram um efeito muito forte no rapaz, que baixou a cabeça e deixou os ombros caírem. Thomás tocou em seu ombro gentilmente.

– Durma um pouco. Vamos levantar cedo amanhã.

Philippe estava física e emocionalmente exausto. O coração doía de tantas maneiras e por tantos motivos que ele não sabia dizer o que era pior: ver Carlo morrer, tendo-lhe negado o perdão segundos antes, saber que Prateada estava perdida por aí ou o duque ter se decepcionado tanto com ele. O cansaço foi mais forte que todas as coisas que brigavam por espaço em sua cabeça e logo ele fechou os olhos marejados e dormiu pesadamente.

A manhã jogou luz sobre o acampamento dos soldados que defendiam o château. Alguns tomavam chá forte esquentado nas fogueiras ainda acesas, enquanto outros conversavam. Diderot foi avisado de que o soldado inimigo que ele resgatara tinha acordado.

– Sente-se melhor? – perguntou ao ver o jovem que parecia muito confuso.

Era um rapazote de uns 20 anos, o rosto liso de traços harmoniosos denunciando a inexperiência com a vida e com a guerra.

– Você me trouxe... – lembrou-se o jovem.

– Você estava muito mal. Felizmente, temos um xamã aqui.

– Por que fez isso? – perguntou o garoto.

– Porque você é um lobo branco. E porque estava bem pior que os outros. Não queremos que mais dos nossos morram.

O rapaz abaixou um pouco o rosto, como se estivesse envergonhado.

- Sou seu prisioneiro? – perguntou.
- Não. Está livre para ir quando quiser.

E Diderot se retirou calmamente para ver outros assuntos. As buscas por Philippe e Carlo não deram em nada, então ele preferiu não pensar naquele assunto até ter mais informações. Ordenou que uma pequena escolta levasse os feridos que não estavam mais em condições de lutar de volta para o château, onde poderiam receber mais cuidados e se recuperarem mais rápido.

Alain surgiu ao lado dele e lhe ofereceu uma caneca de chá quente que ele tomou devagar. Quando olhou para o local onde o soldado inimigo estava, já não havia mais ninguém. Lamentou que ele tivesse voltado porque naquela noite estariam mais uma vez em campos opostos.

Sarrazin e Hector se aproximaram dele, e Diderot aproveitou que as lideranças estavam reunidas para traçar um plano. Não exatamente contra os soldados do rei, embora eles também fossem um problema. Mas contra os ataques de vampiros. Perderam três dos seus no ataque da noite anterior. Não podiam mais deixar a guarda aberta. E não podiam perder mais ninguém de maneira tão traiçoeira.

Capítulo 29

A Bruxa de Gévaudan

A cordou como se nunca tivesse dormido. O dia estava claro e fresco e Octavien colocou uma caneca de chá em suas mãos.

– Vai ajudar a acordar! – disse o homem alto de compleição forte e um sorriso simpático emoldurado por uma barba negra bem feita.

Thomás lhe entregou sua aljava e o arco enquanto Lamayer ajeitava a cela do cavalo.

– Não vamos atrás de Prateada? – perguntou ele.

Lamayer o olhou de relance e continuou ajeitando a sela enquanto respondia.

– Não. Temos pouco tempo. Cada momento que demorarmos é um momento a menos para os nossos homens que estão defendendo o châteu.

– Mas...

Lamayer se virou para ele. O rosto sério, mas sem o olhar zangado que vira ontem.

– Prateada é uma tonta – disse o duque. – Mas não é burra. E a deusa sabe que ela sabe se defender. Quando não nos encontrar, ela provavelmente vai voltar para o châteu.

O duque montou em seu cavalo.

– Agora vamos! Temos um caminho longo pela frente.

Thomás esticou a mão para Philippe que iria na garupa. E assim, partiram, deixando para trás lembranças ruins e um corpo enterrado.

O silêncio só era quebrado pelos pássaros e pelo trotar dos cavalos. Octavien até que tentou começar uma conversa fiada, mas ninguém acompanhou e ele acabou desistindo. Então, cada um acabou mergulhado nos próprios pensamentos.

Quando aceitou o convite do duque para treinar homens no Châteu das Vertentes, Octavien e Thomás estavam na verdade procurando um tipo de férias. Como lobos andarilhos, eles não tinham casa nem família para voltar. Viviam de serviços de châteu em châteu. Procurar pessoas perdidas, capturar criminosos, fazer a segurança de alguém muito importante e coisas assim. E, um dia, depois de tantos anos prestando serviços e vagando por aí, eles perceberam que estavam cansados. Quando chegaram no Châteu das Vertentes acharam que era um bom

lugar para ficar. Parecia calmo e seguro, perfeito para uma vida de serenidade sem sobressaltos e surpresas.

Octavien riu sozinho quando lembrou disso. Aquele poderia ser considerado o maior erro de julgamento do século... Percebeu que Thomás ficou um pouco para trás com o garoto e aproveitou para falar com o duque.

– Não seja tão duro com ele.

Lamayer o olhou de rabo de olho sem mudar a expressão do rosto. Talvez outro tivesse medo, mas Octavien, do alto de seus quase dois metros de altura, raramente tinha medo de alguma coisa. De porte grande e sorriso fácil, ele preferia resolver as coisas de maneira simples e não entendia muito meias palavras ou olhares nebulosos.

– No final, ele e a menina só queriam proteger o senhor... – ele olhou para a frente. – Eu nunca tive alguém que fizesse isso por mim.

O duque não disse nada. Voltou a olhar o caminho, mas as palavras de Octavien continuariam ecoando dentro dele.

Algumas horas depois, pararam em um riacho para que os cavalos bebessem água. Esticaram as costas e comeram alguns nacos de carne seca.

– Falta muito para chegarmos a Gévaudan? – perguntou Thomás.

– Não muito – respondeu o duque.

Philippe estivera calado por todo o percurso, mas ergueu a cabeça com ar curioso quando ouviu para onde estavam indo.

– Gévaudan não é uma cidade? – perguntou, a voz saindo meio rouca, talvez por causa da noite anterior, ou por falta de uso mesmo.

– Sim, uma cidade de humanos – respondeu prontamente Thomás que estava enchendo seu odre no riacho. – Não há zona cinzenta lá. A Igreja é muito forte e o lugar está cheio de inquisidores. Um perigo para pessoas como nós.

Philippe ficou confuso. Mas como ninguém dissesse mais nada, ele precisou perguntar.

– E por que vamos passar por lá mesmo?

– É um atalho – respondeu o duque. – Ganharemos um dia indo por lá.

– Não se preocupe – disse Octavien. – Entraremos e sairemos bem rápido.

Já era o meio da tarde quando chegaram em Gévaudan. Uma cruz os recebia logo na entrada da cidade. Entraram calmamente, chamando alguma atenção de pessoas que olhavam pelas janelas. Quando eles olharam de volta, as janelas eram fechadas.

– Estou preocupado... – confessou Philippe.

– Aja naturalmente – instruiu Thomás.

Passaram pela praça central onde uma havia um pequeno platô de madeira com uma grande estaca que apontava para o céu, cercada de gravetos e palha.

– Isso não parece bom... – disse Philippe.

Pararam na frente de uma taberna e amarraram os cavalos. A cidade parecia estranhamente vazia. Era um dia claro de céu azul sem nuvens. Esperavam ruas mais cheias. A taberna tinha apenas um bêbado e o taberneiro.

– O que você tem? – perguntou o duque.

– O melhor javali com mostarda da região.

– Já está pronto?

– Estará na sua mesa antes de você, amigo.

O duque então pagou com uma generosa gorjeta e sentaram-se em uma mesa nos fundos. O homem não mentira. Um belo pedaço de javali assado foi servido com molho de mostarda. Comeram rapidamente, pois estavam todos famintos. Quando Philippe terminou, o duque lhe jogou uma sacolinha de dinheiro.

– Enquanto terminamos aqui, vá lá fora e encontre alguém que queira lhe vender um cavalo. Você está nos atrasando.

– Sim, senhor.

O rapaz perguntou para o taberneiro onde poderia comprar uma montaria e este lhe indicou um homem que estava tentando vender sua égua. Ele disse que era um animal muito bonito. O rapaz agradeceu e chegou na porta da taberna, olhando para os lados, antes de sair. Havia algo de muito esquisito naquela cidade, além da fogueira armada pronta para receber alguém, claro. Era uma atmosfera pesada, infeliz e, mesmo com o céu azul, tudo parecia cinzento.

Em passos rápidos, seguiu as instruções do taberneiro. Ao virar em uma rua estreita, deparou-se com um homem que já vira antes. Alto, cabelos escuros e muito bem vestido, ele o reconheceria em qualquer lugar. Escondeu-se atrás da parede para não ser visto. Olhou mais uma vez e viu que um outro homem chegava pelo outro lado da rua. Percebeu que era um homem da igreja pela batina que usava. Trocaram algumas palavras que ele não pôde ouvir e o padre entregou-lhe uma sacola que parecia bem cheia de dinheiro. O homem alto conferiu e Philippe achou que já tinha visto o suficiente. Saiu dali o mais rápido possível.

Pegou outra rua para chegar ao homem que venderia sua égua e correu até lá. O animal era realmente lindo, mas Philippe mal percebeu. Se fosse um canguru ele não teria notado. Pagou o homem que sorriu sem dentes diante de todo aquele dinheiro. Philippe montou no animal já selado e voltou para a taberna para contar o que vira.

Antes de chegar percebeu uma movimentação estranha. Pessoas estavam correndo e gritando na rua. Desceu na porta da taberna de onde os outros já saíam curiosos com a algazarra.

– O mago está aqui! – disse Philippe.

Eles o olharam surpresos.

– O que nos emboscou! – explicou – O que matou Emily!

– Devemos essa ao capitão! – disse Octavien, sempre mais impulsivo que o amigo.

Lamayer não pode dizer que não se sentiu tentado a perseguir e matar o desgraçado. Sacudiu a cabeça levemente em negativa.

– Não – disse. – Precisamos continuar para o Château Real.

– Mas... – Philippe não podia acreditar que iam deixar aquela chance passar.

– Nossa gente está morrendo! – interrompeu Lamayer, com os olhos cinzentos brilhantes. – Eles dependem de nós...

A informação de Philippe foi tão impactante que eles se esqueceram por alguns minutos da confusão de vozes e gritos que agora estava tão perto que eles voltaram a tentar ver o que era.

Crianças vinham na frente gritando e gargalhando, como pequenos demônios. Adultos vinham também, gritando imprecções contra alguém que vinha logo atrás. Só conseguiram ver quem era quando passaram bem diante deles. Uma mulher de cabelos negros até a cintura era levada amarrada pelas mãos. Na frente dela, um padre levava uma cruz. Outros padres rezavam e jogavam água benta nela. Outras pessoas jogavam pedras, frutas, o que tivessem em mãos.

No momento em que ela passou, seus olhos se cruzaram com os deles. Foi como se o tempo congelasse.

A mulher foi arrastada e levada até a estaca, onde foi amarrada.

– Talvez ela nem seja uma bruxa! – disse Philippe.

– Não, ela é – respondeu Lamayer.

– Bruxa ou não bruxa, temos que fazer alguma coisa! – Philippe olhava horrorizado a sanha das pessoas que queriam ver a destruição de outro ser vivo.

O duque pareceu hesitante.

– São muitos... – observou Thomás. – Não há muito o que possamos fazer. E se fizermos, vamos parar lá na fogueira com ela.

O padre que vinha na frente pediu silêncio. Disse então quem era a mulher e porque ela devia ser queimada em praça pública.

– Essa mulher se achou acima das leis de Deus! – gritou ele. – É uma bruxa que invocou o demônio que agora vive na floresta! Três já morreram

destroçados pela fera. Cumprindo as leis de Deus, nós agora, seus servos fiéis, vamos destruir essa magia negra, acabando com a bruxa que a causou. Que o fogo purifique sua alma pecadora!

E um soldado acendeu a fogueira com uma tocha. O fogo se espalhou rapidamente, começando a fazer fumaça e a chegar perto da moça.

– Seus ingratos! – gritou ela. – Eu que curei tantos de vocês! Eu que salvei as vidas de seus filhos! Pois que vocês morram na doença e na miséria! Que venha um segundo dilúvio e varra essa cidade miserável da face da terra!

E foi nesse momento que uma luz se acendeu tanto para Philippe quanto para o duque. O rapaz se virou para ele para falar alguma coisa, mas percebeu que ele já sabia. Lamayer concordou com a cabeça, dando a permissão para que ele prosseguisse.

Philippe pegou a aljava e o arco no cavalo de Thomás. Correu ao redor da multidão até chegar perto da igreja. Dali, conseguia ver a mulher tossindo e o fogo crescendo rapidamente. Ele pegou a flecha branca e a posicionou no arco.

– Dríades das nuvens, eu preciso muito de vocês agora! Por favor, me ajudem!

Ele apontou para o céu e soltou a flecha. Era a segunda vez que usava a flecha de Paralda para aquele fim. Olhou para cima e sua flecha não voltou, o que era um bom sinal. Acontecera isso da primeira vez também.

A mulher gritou e o fogo avançou para ela diante dos gritos insanos da multidão. De repente, tudo escureceu. Houve um rápido clarão e um estrondo de um trovão que assustou todo mundo. Olharam para cima e no meio do céu azul se formou acima deles uma nuvem negra que não parava de crescer. Dentro dela, relâmpagos iluminavam tudo por alguns segundos, mostrando formas assustadoras.

Gotas pesadas de chuva começaram a cair sobre todos. A multidão ficou perdida, sem saber o que fazer, e se voltou para o padre que parecia tão surpreso quanto todo mundo.

– É a bruxa! Ela está fazendo isso!

O fogo começou a ceder com a chuvarada que caía.

– Matem-na! – gritou o padre. – Matem-na!

Os soldados se entreolharam e deram alguns passos para trás.

– Infiéis! Hereges! – gritou furioso o padre. – Deixe que eu mesmo faço o serviço do Senhor!

Ele pegou um mosquete de um guarda e apontou para ela. Houve um clarão tão forte que ninguém conseguiu enxergar nada. Um raio atingiu a praça, matando imediatamente várias pessoas. O padre foi jogado longe com o impacto. E todos saíram correndo esbaforidos, atropelando-se uns aos outros, gritando e

pedindo clemência.

Aproveitando o caminho livre, Philippe foi até a mulher e cortou as cordas que a prendiam. Lamayer, Thomás e Octavien apareceram com seus cavalos e a nova égua de Philippe, na qual ele e a bruxa montaram rapidamente. Cavalgaram como loucos pelas ruas que cruzavam a cidade, as patas dos cavalos explodindo poças de água e trovões ensurdecedores ecoando por todo o lugar. Os relâmpagos iluminavam o caminho por alguns instantes e a água torrencial caía como se estivesse com raiva daquele lugar.

Capítulo 30

A Floresta de Lors

Saíram da cidade como se realmente o dilúvio tivesse chegado. As pessoas corriam atarantadas clamando por misericórdia no meio da rua enquanto outras se ajoelhavam e rezavam desesperadas. Com maestria, conseguiram controlar os cavalos para não perder a velocidade e não atropelar ninguém. O céu escurecera tanto que parecia noite e as gotas de chuva eram tão grossas que pareciam pedras geladas quando atingiam o rosto. Foram poucos minutos, mas pareceu muito mais. Finalmente saíram da cidade e a chuva parou imediatamente. Mesmo assim, continuaram até estarem a uma distância segura, quando então puderam parar e olhar para trás.

A nuvem negra continuava flutuando morbidamente acima do lugarejo, com seus relâmpagos e trovões assustadores. A mulher desceu da garupa do cavalo de Philippe em salto gracioso, os cabelos molhados colando no rosto. Era muito bonita, com olhos negros e um vestido simples que desenhava seu corpo perfeitamente.

– Como poderei lhes agradecer? – disse ela com um sorriso.

– Você é mesmo uma bruxa? – perguntou Philippe incrédulo. Nunca tinha visto uma e aquela mulher parecia perfeitamente normal.

– Sou, sim! – ela assumiu sem nenhum constrangimento, como se alguém tivesse lhe perguntado se ela gosta de batatas. – Mas não do tipo que eles pensam.

– É uma gente muito raivosa! – comentou Thomás.

– A Inquisição está despertando o pior em todos...

– Precisamos ir – disse Lamayer, tirando o capuz do manto da cabeça. – Você vai ficar bem?

– Vou, sim! Tenho irmãs na cidade vizinha. A Inquisição é menos impiedosa lá. Terei que ser mais discreta ao ajudar as pessoas agora, só isso.

Ela pegou na mão de Philippe e olhou em seus olhos com um sorriso repleto de gratidão.

– Vocês salvaram a minha vida. Nunca irei esquecer. Se um dia precisarem, perguntem para Aine onde me encontrar!

Eles já estavam indo quando ela se lembrou de algo importante.

– Nesse caminho vocês irão para a floresta de Lors. Tenham cuidado. Eu não invoquei nenhum demônio como o padre disse, mas há um demônio lá.

Partiram, deixando que a bruxa seguisse seu caminho na outra direção.

– Quem é Aine? – perguntou Philippe.

– Você não sabe? – espantou-se Thomás. – É a rainha das fadas!

Atravessaram uma colina e logo avistaram a floresta. Ainda estava claro quando entraram e aproveitaram para avançar um pouco mais, até que escolheram um bom local para passar a noite. Era uma clareira onde uma fogueira não ia causar nenhum estrago e eles teriam uma boa visão caso alguém se aproximasse.

– Se eles acham que tem mesmo um demônio aqui, não virão atrás de nós – disse Thomás.

– E se houver mesmo um demônio aqui? – perguntou Philippe olhando em volta desconfiado.

– Então ele terá que se entender com três lobisomens – respondeu Lamayer, tranquilo, pegando algumas provisões na sua montaria.

Philippe concordou. Fosse lá o que fosse que andava assustando as pessoas de Gévaudan, não seria páreo para aqueles três na Lua cheia. A ação levantara um pouco os ânimos e Octavien mostrou orgulhoso uma garrafa de vidro escuro.

– Acho que merecemos um bom vinho hoje!

– De onde veio isso? – perguntou Thomás.

– De Gévaudan! Comprei na taberna antes da confusão.

Eles se sentaram em volta da fogueira e tomaram o vinho da garrafa que ia passando de mão em mão enquanto conversavam. Falaram um pouco sobre a Inquisição e como ela estava se espalhando rápido, tornando-se um perigo até para eles.

– Não tínhamos um acordo com a Igreja? – perguntou Octavien.

– Temos – respondeu Lamayer. – Mas estamos vendo que o rei Antoine não está administrando muito bem esses acordos...

– Soube que muita gente tem morrido sem ter nada a ver com bruxaria ou com os encantados... – comentou Thomás.

– A Inquisição acabou se tornando um bom negócio para todo mundo, menos para os condenados, claro – tornou Lamayer.

– Como assim? – perguntou Philippe, tentando entender como mandar pessoas para a fogueira poderia ser um bom negócio para alguém.

O duque tomou um gole do vinho e passou a garrafa adiante. Usando as mãos para ilustrar, começou a explicar como a Inquisição funcionava.

– Se você acusar uma pessoa de bruxaria e ela for condenada – e todas elas são – você poderá ficar com metade dos bens dela e a Igreja fica com a outra

metade. Assim, se um marido está cheio da esposa e quer se livrar dela, é só inventar que ela estava dançando nua meia-noite e pronto. O mesmo acontece com a moça bonita que é invejada, ou a mulher que não quis se relacionar com algum homem vingativo, ou a vizinha esquisita que não fala muito, ou um homem que rejeitou uma mulher.

– Que coisa terrível! – espantou-se Philippe. – Não existe um julgamento?

– Existe – respondeu Thomás. – Se você não confessar, será torturado e sob tortura qualquer um confessa qualquer coisa.

– Há outros métodos muito peculiares! – lembrou-se Octavien, sentindo o gosto apurado do vinho. – Eles acham que as bruxas quando caem na água boiam...

– Por quê??? – interrompeu Phillipe, não vendo lógica nenhuma naquilo.

– Ninguém sabe. Alguém disse e todo mundo acreditou – continuou Octavien. – Então, quando uma pessoa é acusada de bruxaria e eles querem ter certeza, eles a amarram de forma que ela não possa nadar e a jogam em um lago. Se ela boiar, é uma bruxa, vai pra fogueira e morre no fogo.

– E se ela afundar?

– Aí ela se afoga e morre na água! Mas o importante é que sua alma estará salva.

– Mas por que a alma dela não estaria salva antes de ser jogada na água?!

– Philippe estava exasperado tentando entender.

Octavien respondeu jogando as mãos para o ar.

Conversaram mais um pouco, até que Philippe, um tanto frustrado em não compreender a lógica da Inquisição, foi conferir suas flechas. As pretas eram as comuns. As brancas, as encantadas.

– Quantas dessas flechas incríveis você ainda tem? – perguntou Thomás.

– Apenas sete...

– Que pena!...

Philippe achou uma flecha negra com a ponta meio quebrada. Retirou da aljava e caminhou, procurando uma lasca pedregosa com a qual pudesse afiar a seta. Achou a alguns passos dos outros. Sentou-se numa pedra e pôs-se a tentar salvar aquela flecha. Era uma das comuns, mas preferia ter o máximo delas consigo naquela missão, fossem mágicas ou não.

– Cruzar Gévaudan nos poupou uma longa caminhada – Lamayer desenhava um mapa com um graveto no chão. – Teremos que atravessar essa floresta, que é bem grande e deve consumir o dia inteiro. Em bom passo, chegaremos no Château Real no terceiro dia, pela manhã. Procuramos Madame Margaux e ela nos coloca diante do Conselho.

Ficaram em silêncio por uns instantes.

– Será que o château aguenta todo esse tempo?

– Esperemos que sim – concluiu Lamayer.

Também estava preocupado, mas de nada adiantaria perder o sono pensando em hipóteses. Confiaria em Diderot e em Celine. Era o que podia fazer.

E foi quando Lamayer ergueu um pouco o rosto e olhou para Philippe. Sua expressão mudou em estágios. Primeiramente, seus olhos se apertaram como se ele estivesse vendo algo que não deveria estar lá. E então seus olhos brilharam num misto de espanto e incredulidade. Thomás e Octavien perceberam a mudança nas feições do duque e olharam também. Lamayer fez um movimento com a mão para terem calma. Os homens ficaram paralisados com a mesma expressão de surpresa.

– Philippe... – A voz de Lamayer era baixa e calma.

O rapaz estava sentado na pedra de frente para eles concentrado no trabalho de amolar a ponta da flecha e ergueu a cabeça para ver porque o duque o chamara.

– Não se mexa.

O rapaz franziu o cenho tentando entender as expressões dos homens que agora pareciam assustados. Foi quando sentiu que havia algo atrás dele. O coração acelerou com a sensação de perigo, mas ficou imóvel como lhe foi ordenado.

Os homens começaram a se levantar lentamente enquanto viam com olhos arregalados algo que Philippe não tinha ideia do que era. Ouviu um passo pesado sobre as folhas muito próximo e continuou parado, vendo Lamayer olhar para ele e lhe pedir calma.

Thomás foi por um lado e Octavien pelo outro. O duque permaneceu diante dele, aproximando-se com movimentos muito lentos e cuidadosos. Philippe sentiu algo grande se aproximar. Apertou a flecha na mão, tentando imaginar o que poderia estar atrás dele que provocara aquela expressão em homens que se transformavam em lobisomens enormes.

Lamayer mantinha a calma, mas a cada passo da criatura, ela entrava mais na luz da fogueira. Ela vinha de um pedaço da mata fechado pelas copas das árvores onde a luz da lua não chegava. O que eles viam era uma silhueta bizarra de alguma coisa assustadoramente grande se movendo lentamente na direção de Philippe.

A criatura finalmente entrou completamente no campo de visão deles, fazendo com que arregalassem ainda mais os olhos.

– O que diabo é isso?... – murmurou perplexo Octavien.

Philippe se mantinha parado, mas a tensão começou a crescer conforme sentia alguma coisa se aproximando a ponto de sentir seu hálito no pescoço. Estremeceu, sentindo urgência se sair dali para o mais longe possível, mas mantinha os olhos nos olhos de Lamayer que estava a apenas alguns passos dele.

A criatura esticou a cabeça a apenas alguns centímetros de tocar o rosto do rapaz e ele pôde ver o duque lhe dizendo com um movimento sutil para não olhar. Mas a curiosidade foi maior e ele virou os olhos para ver o que estava tão perto dele.

A primeira coisa que viu foram os dentes. Saíam de um focinho que parecia sem carne, com pedaços osso aparecendo, e eram protuberantes, os maiores que ele já vira, brancos e úmidos. Na bocarra aberta ele viu a língua grossa. No lugar do nariz, apenas um buraco.

Apavorado, ele começou a tremer, os olhos brilhando enquanto tentava controlar a respiração que começara a ficar rápida demais. Thomás remexeu em folhas secas, dando um assobio. A criatura imediatamente levantou a cabeça e ficou parada, o focinho monstruoso apontado na direção do barulho.

Philippe percebera que Lamayer estava bem mais perto agora que a criatura parecia distraída. Thomás então deu um berro e a coisa correu na sua direção ao mesmo tempo em que Lamayer puxava Philippe, tirando-o de perto da fera.

– O que é isso?! – perguntou o rapaz ainda trêmulo.

– Sei que é difícil, mas tente se esconder – disse o duque, deixando-o o mais perto da fogueira que pôde.

E de repente Philippe se viu no meio do acampamento sozinho com sons estranhos vindos da floresta a sua volta. Os cavalos estavam amarrados do outro lado e começaram a se agitar. Conseguiu voltar a se mexer e correu até seu arco e suas flechas. Procurou uma árvore em que pudesse subir e ter uma visão melhor para atirar. Um estrondo e um urro vieram seguidos de um dos lobisomens que foi jogado com violência bem na frente dele. Percebeu que era Octavien, o maior deles. Ele se levantou com manchas de sangue nos pelos brancos e sacudindo a cabeça para se recuperar da pancada. Mostrou os dentes e, rosnando, voltou para dentro da floresta.

A única coisa em que Philippe pensava era o que poderia jogar um lobisomem de quase quatro metros longe. Virou-se e correu para uma árvore, qualquer uma, mas antes que chegasse, a criatura saiu da mata fazendo um som horrível, que pareciam duas pessoas gritando ao mesmo tempo. Para que ela não esbarrasse nele, ele parou repentinamente e se jogou para trás. As outras feras saíram de dentro da floresta também, tentando cercar a coisa e foi somente aí que Philippe conseguiu realmente ver o que era aquilo.

Andava de quatro e era pesado, lembrando um urso, e era bem maior que um cavalo. Se ficasse de pé, seria um gigante. A pelagem era errática, com pedaços com pelos grossos negros e outros apenas no couro. E, ele finalmente entendeu porque a criatura parecia gritar como duas pessoas. Ela tinha duas cabeças.

As duas cabeças eram medonhas, sem nariz, com um esqueleto parcamente coberto de carne mostrando dentes horripilantes. Os olhos eram buracos vazios.

– Ele é cego! – avisou Lamayer em sua forma de fera.

Os três lobisomens saltaram em cima do monstro que mordia o ar tentando se livrar daquele incômodo, até que finalmente conseguiu pegar um. Agarrou Thomás e o jogou no chão, prendendo-o com a pata. Sacudiu-se e jogou Octavien longe. Restava Lamayer arranhando seu couro duro com suas garras afiadas. A criatura urrou de dor enquanto o vermelho tingia suas costas. As cabeças tentavam abocanhar Lamayer, que agarrado nas costas do bicho, se desviava.

Thomás estava ferido, mas com esforço se levantou e atacou. A criatura deu-lhe uma patada jogando-o contra as árvores mais próximas. E com as duas patas ela agarrou Lamayer e jogou-o por cima das cabeças. Uma flecha negra cravou-se na órbita vazia de uma das cabeças, que gritou para o ar.

Philippe pegou outra flecha. A criatura arrancou a primeira com a pata e correu furiosa na direção dele. O rapaz foi alcançado em fração de segundos, antes de poder soltar a segunda flecha. Caiu de costas com a coisa em cima dele. E viu as cabeças brigarem entre si para saber quem teria a refeição primeiro. Quando a que não levou a flechada pareceu ganhar, avançou em uma mordida e Philippe gritou de dor. Octavien e Lamayer se jogaram contra a criatura, tirando-a imediatamente de cima do rapaz, que se arrastou para trás com as mãos no ombro ferido.

Ele viu os três atacarem ao mesmo tempo e mesmo assim parecerem em desvantagem. Ofegante, pegou uma flecha branca e tentou puxar o arco, mas o ombro doeu demais. Lágrimas e suor se misturavam no seu rosto. Ele trincou os dentes e forçou o ombro a obedecer, gemendo com a dor. Com um esforço sobre-humano, puxou a corda vendo o sangue escorrer pelos dedos trêmulos. Solto a flecha no momento em que mais uma vez o monstro se livrara de seus oponentes.

Ela se voltou para Lamayer, que tentava se recuperar do último golpe, mal conseguindo se levantar. Assim que o monstro saltou em cima dele, galhos a agarraram, interrompendo seu ataque antes dele começar. Furiosa, a besta começou a se debater, fazendo de novo aquele som horrendo. Com uma ira

incontrolável, a criatura partiu os galhos. Vieram outros e ela os partiu também, até acabar quase que por completo com a árvore encantada pela flecha de Philippe.

Tudo que conseguira foi um pouco de tempo para que os amigos conseguissem se levantar. Um quarto lobisomem saiu de dentro da floresta e saltou em cima do pescoço de uma das cabeças, mordendo-o com força. A criatura se sacudiu e o lobisomem saltou para o chão, se juntando aos outros. Juntos eles começaram a rosar e avançar para ela lentamente.

O monstro hesitou. Balançou as cabeças monstruosas e emitiu um grito aterrorizante. E então ele começou a andar para trás, cedendo ao avanço das quatro feras diante dele. Virou-se e caminhou de volta para a floresta, como se preferisse deixar esse assunto para outro dia.

A visão de Philippe turvou. A dor era lancinante e ele tinha vontade de gritar, mas nenhuma força para isso. Foi se deixando terminar de cair, parando de lutar, enquanto tudo escurecia a sua volta.

Capítulo 31

No Castelo das Vertentes

Celine estava correndo entre pacientes em camas improvisadas no chão do castelo. Os lobos, felizmente, se curavam muito rápido. Mas quando os ferimentos eram muito graves, precisavam de mais tempo e de cuidados. Ela carregava uma jarra de água e ia enchendo as canecas que Jacques ia distribuindo aos soldados que ainda se acomodavam. Toda a criadagem do castelo estava voltada para atender aos que chegavam e ajudar no que pudessem, enquanto o doutor Marceau e algumas aprendizes de talento faziam curativos, colocavam ossos no lugar e detinham sangramentos.

Bergére surgiu diante dela. Ele era um soldado de confiança do capitão Diderot e Celine o conhecia bem, assim como sua família. Ele não era muito alto, mas era forte. Tinha os cabelos curtos castanhos e um sorriso cordial, parecendo aquelas pessoas com quem podemos deixar as crianças. Não era de falar muito e Celine sabia que se quisesse saber como estavam as coisas do outro lado do riacho, ela teria que perguntar.

– Nós já estamos voltando, duquesa.

– Bergére, como estão as coisas lá? Como foi a primeira batalha?

– Sangrenta, como todas as batalhas entre lobisomens em Lua cheia. Mas nós vencemos.

Celine e Jacques suspiraram aliviados e se olharam, compartilhando em silêncio a alegria da vitória. A moça percebeu que o soldado não estava tão feliz quanto deveria para quem teve uma vitória.

– Qual o problema, Bergére?

– Vampiros – respondeu ele. – O acampamento foi atacado de surpresa ontem antes dos homens voltarem do campo de batalha. O lugar tinha predominantemente homens feridos.

– Que horrível! Acha que eles estão com os homens do rei? – perguntou Jacques.

Bergére arqueou as sobrancelhas com um levantar de ombros. A verdade é que não sabiam. E talvez nunca soubessem. O homem se despediu e se dirigiu para a saída lateral do castelo onde outros soldados esperavam para voltar. Quando já estava do lado de fora, Celine o alcançou.

– Sabe como está Philippe?

A expressão no rosto dele não foi boa e Celine apertou as mãos

esperando uma notícia que não queria ouvir.

– Carlo estava sendo perseguido por vampiros e Philippe foi atrás dele. Não achamos nenhum dos dois. Lamento.

Celine perdeu um pouco a cor e como não dissesse mais nada, Bergère continuou seu caminho até seu cavalo. A moça correu atrás dele de novo.

– E Prateada?

Dessa vez, a expressão dele foi de surpresa.

– Prateada? Ela não está conosco!

Bergère subiu em sua montaria, resmungando entredentes que esperava que Prateada não tivesse feito uma besteira.

Celine viu os homens se afastando, levando algumas provisões para os que estavam no acampamento. Jacques se aproximou dela. O céu estava claro e o clima estava fresco, mas a tensão e a preocupação tiravam toda a leveza que aquele dia poderia ter.

– Perguntou a ele sobre os dois?

Celine deu um suspiro. E virou-se para o jovem de cabelos loiros e finos que emolduravam o belo rosto.

– Philippe foi salvar Carlo de vampiros ontem à noite – respondeu ela. – Ninguém mais os viu. E Prateada... Bem, eles nem sabem que ela foi para lá!

Celine levou as mãos nervosas à cabeça, apertando a testa, enquanto olhava na direção em que os homens foram.

– E se aconteceu alguma coisa com eles? – preocupou-se ela.

Jacques também estava chocado com as notícias. Por algum motivo, achou que Philippe e Prateada ficariam bem quando ele soube do plano. Agora se arrependia de não tê-los impedido. Tocou no ombro de Celine para confortá-la. Sem que ele esperasse, ela se voltou para ele e colocou a cabeça em seu ombro, soluçando. O cansaço, o medo e a tensão agora se juntavam a uma perda que ela não estava preparada para sofrer. Ele a abraçou e passou a mão nos cabelos macios.

– Calma, Celine... Eles estão bem. Eu tenho certeza de que logo teremos notícias dos dois...

Celine ficou ainda alguns instantes naquele refúgio que encontrara inesperadamente. Até que se afastou, limpando as lágrimas e ajeitando os cabelos loiros.

– Vamos! – disse ela. – Ninguém pode ver a duquesa desmoronando. Temos que ser a fortaleza deles.

Eles entraram e perceberam que a situação na enfermaria improvisada já estava controlada e que eles não eram mais necessários. Assim sendo, Celine e Jacques se retiraram. Os dois foram para a sala de música, onde Celine andou em

círculos algumas vezes, apertando uma mão na outra. Jacques achou que ela estava nervosa, mas ela estava só pensando.

– Temos que considerar que o exército do rei pode vencer o nosso – disse ela finalmente.

Jacques ergueu as sobrancelhas, surpreso. Celine nunca tinha mencionado essa possibilidade, como se a vitória deles fosse óbvia.

– Mas nosso exército venceu na batalha de ontem! – disse Jacques, que não via motivos para pânico.

– E foram atacados por vampiros. Se continuarem a ser atacados pelo exército do rei e por vampiros, é uma questão de tempo até que o exército inimigo passe pelo nosso bloqueio e venha para a cidade.

Enquanto falava, Celine começou a parecer mais centrada e madura, parecendo uma versão feminina e mais jovem do próprio pai.

– Bom... – Jacques passou a mão nos cabelos e andou lentamente na direção dela. – Se isso acontecer... Eles atacarão primeiro as casas que estão na entrada da cidade, até chegarem no castelo. Não terão tomado a cidade enquanto não tomarem o castelo.

Celine concordou com a cabeça lentamente e foi até a janela de onde podia ver uma vasta extensão de terras verdes.

– Felizmente, esse castelo é bem grande... – disse ela. – E é também uma fortaleza.

Virou-se para o rapaz com nova postura. Estava empertigada e com voz firme, nem parecendo a mesma menina que há pouco chorava em seu ombro.

– Temos muito trabalho a fazer – disse ela.

Jacques concordou com um sorriso de confiança. Esperava que não chegasse a tanto. Mas se chegasse, que os homens do rei tentassem passar por cima deles. Estavam dispostos a dar todo o trabalho que podiam e isso era uma certeza: não seria fácil tomar o castelo.

– Está feito, capitão!

Os 12 homens se apresentaram a Diderot com semblante de missão cumprida.

– Colocaram todas as armadilhas? – perguntou Diderot, só para confirmar.

– Cada uma delas – respondeu Alain. – Qualquer um que tente chegar ao acampamento de noite terá surpresas desagradáveis.

– Ótimo – respondeu Diderot com um balançar positivo de cabeça. –

Avisem aos soldados. Não quero nenhum idiota nosso caindo em nossa própria armadilha.

Os homens anuíram com a cabeça e saíram para fazer os avisos. Diderot gostaria que tivessem algo mais concreto com o que se protegerem. Como uma gruta. Uma caverna. Ou uma fortaleza. Mas não tinham nada disso. Ele designaria mais homens para acompanhar os feridos e permanecerem no acampamento. Eles também estariam mais atentos a partir de agora e não seriam pegos desprevenidos.

Era o segundo dia da Lua cheia e naquela noite teriam sua segunda batalha. Naquele momento estavam em igualdade numérica. Mas os homens do rei eram muito mais preparados para lutas. Os soldados do château nunca estiveram em um confronto antes. A maioria nunca vira nada além das terras verdejantes do lugar onde nasceram e viveram.

Uma movimentação de cavalos chegando chamou a atenção de Diderot que caminhou até Bergére que desmontava.

– Como estão as coisas no castelo? – perguntou o capitão.

– Melhor do que eu esperava. A duquesa está realmente no comando.

Os outros homens foram para suas tarefas e Bergére e Diderot caminharam juntos para falar sobre a situação.

– Está preocupado... – comentou Bergére, que já conhecia Diderot há tempo o bastante para ver que ele tentava ocultar.

– Estou, sim... Vencemos ontem porque Dimitri não sabia o que esperar. Achou que ia brigar com um bando de camponeses que já esqueceram como assumir a forma bestial. Ele achou que seria fácil.

– Não foi – respondeu Bergére.

– Mas hoje... Hoje ele pode usar táticas diferentes. Ele já sabe como lutamos. E não vai aceitar uma segunda derrota. Ele vai fazer tudo para vencer hoje.

Ficaram em silêncio por alguns minutos. Estavam nos limites da floresta, onde as árvores terminavam e a planície que se transformou no campo de batalha começava.

– Quando nós vencemos, eles apenas retornam para o outro lado da floresta – pensou alto Diderot. – Mas se nós perdermos, eles avançarão até o château...

– E é por isso que não podemos perder – concluiu Bergére.

A noite chegou e a Lua surgiu majestosa no céu. Os dois exércitos estavam mais uma vez de frente um para o outro. Um homem de cabelos longos e barba tocava um tambor que marcava o ritmo da guerra.

Os defensores do château nunca atacavam primeiro. Só se moviam quando o exército do rei atacava. Diderot também instruíra todos a evitarem golpes fatais. Os soldados do rei eram lobos também.

Em seu cavalo, Dimitri estava em sua forma humana e com uniforme impecável, o que indicava que ele não pretendia entrar na batalha, tamanha a confiança que tinha de que seus soldados resolveriam tudo. Ele deu a ordem e uma horda de lobos negros partiu na direção deles em velocidade. Os lobos negros eram os maiores e os mais bélicos, sendo naturalmente os soldados mais mortais numa guerra.

Diderot deu o comando e todos da primeira linha se transformaram em lobos, deixando seus mantos para trás. Quando se encontraram, em um salto, lobos brancos e negros se transformaram em feras gigantescas de presas afiadas. A luta era feroz e o sangue começou a correr.

Porém, alguns lobos não se transformaram em feras. Como lobos, continuaram a correr, desviando de seus oponentes que, pelo tamanho, eram menos rápidos que eles. Dimitri franziu o cenho e mandou um segundo grupo encontrar os lobos brancos que vinham na sua direção.

Dessa vez foi um grupo de lobos brancos e castanhos. Seu número era claramente superior e tudo indicava que seria uma chacina. Porém, pouco antes de se encontrarem, lobos brancos que tinham vindo pelas laterais sem que ninguém percebesse atacaram dos dois lados. Havia duas batalhas acontecendo agora e Dimitri estava tentando entender o que eles estavam fazendo.

Mandou o terceiro e último grupo e observou. Viu que os lobos negros estavam fazendo um estrago e sorriu. Um clarão chamou sua atenção e ele olhou para trás. O acampamento deles estava em chamas.

– Fogo! – gritou.

Chamou o terceiro grupo de volta pois estava mais perto. Correram para as labaredas que subiam alaranjadas para o céu escuro.

Os lobos brancos que não tinham mais oponentes, pois o terceiro grupo se retirara, voltaram para ajudar os que estavam tendo tempos muito difíceis com os lobos negros. A luta desequilibrou, com mais lobos brancos do que inimigos. Até que os lobos do rei começaram a recuar.

Os defensores do château os perseguiram até metade do caminho, quando então declararam vitória no segundo dia de batalha com urros e gritos. Pouco depois, retornaram com seus feridos e, infelizmente, mais mortos do que no dia anterior.

Diderot passou pelos corpos enfileirados e cobertos no acampamento.

– Perdemos mais de 80 homens hoje – disse Bergére, que tinha um corte

acima do olho direito.

– Mas conseguimos uma pequena vantagem – disse Diderot.

Um destacamento de lobos do Château das Pérolas comandados por Sarrazin atravessou a campina sem que ninguém os visse, passando ao largo da batalha que acontecia. Chegaram ao acampamento do exército do rei, com barracas perfeitamente armadas e enfileiradas com mantimentos de sobra. Ao incendiarem tudo e espantarem os cavalos, eles colocavam capitão Dimitri em uma situação muito menos confortável. Agora, além da sua segunda derrota, ele teria que conseguir novos mantimentos para seu exército. Ou voltar para casa. Eles torciam pela segunda opção.

Naquela noite não houve nenhum ataque de vampiro. Sem o elemento surpresa, não seria tão fácil agora. A Lua cheia também não incentivava os vampiros a atacarem as feras. Essas eram as teorias mais comentadas no acampamento, enquanto os feridos eram cuidados. Fosse como fosse, o fato é que nenhum vampiro se aproximou deles enquanto a Lua reinou no céu.

Capítulo 32

Uma Teoria Assustadora

Philippe abriu os olhos com dificuldade. Um rosto embaçado começou a ganhar forma e reconheceu Prateada com os olhos castanhos cravados nele, os cabelos da cor da lua emoldurando o rosto que ele tanto amava. Sorriu, cansado.

– Eu pedi tantas vezes para sonhar com você... – murmurou, fechando os olhos de novo para se manter conectado ao sonho e não perdê-lo de vez ao despertar.

Sentiu a mão dela na sua e ficou feliz por ser um sonho tão realista. Até que a realidade começou a se firmar e ele abriu os olhos de vez, piscando várias vezes para ter certeza de que a imagem que ele estava vendo não ia se diluir como fumaça.

– O que você está fazendo aqui? Eu não esperava encontrar você aqui! Você não tinha que estar lá? – disse ela.

– Prateada?!

Ele tentou se levantar, mas uma dor horrível no ombro o fez voltar a se deitar.

– Fique quieto – disse Lamayer. – Não quer que seu ombro piore.

Prateada lhe deu um odre com água e ele bebeu. A garganta estava seca.

– Como?...Quando?... E o que era aquilo??? – ele tinha tantas perguntas que elas não conseguiam achar seu lugar na fila.

Ainda estava escuro e Philippe deduziu que apagara por pouco tempo. A primeira pessoa que lhe deu uma explicação foi Prateada.

– Foi muito difícil seguir vocês! – reclamou ela. – Quando achei o rastro, por mais que eu corresse, vocês estavam sempre na minha frente.

– Ainda não falamos sobre o fato de você ter desobedecido – disse Lamayer, fazendo Prateada se encolher com olhos arregalados como um cão que roubou o frango da mesa. – Vocês dois tinham que estar no castelo! Philippe eu entendo que desobedeça, mas eu esperava mais de você, Prateada!

Então ele respirou fundo, relaxando o rosto diante dos meninos amedrontados.

– Mas já que veio... Chegou no momento certo.

– Ô! – concordou Thomás, que tinha o peito enfaixado com manchas de sangue.

Philippe notou que ele não era o único ferido. Lamayer tinha um corte no

braço já enrolado com um tecido. Um filete de sangue escorria discretamente pela lateral do seu rosto. Octavien estava com um pano molhado nas costelas. E todos estavam com hematomas pelo corpo todo e alguns no rosto.

Prateada estava inteira porque chegara por último. Foi quando ela se juntou aos outros três que a criatura decidiu que aquele jantar estava dando trabalho demais.

– O ferimento no seu ombro não é grave – explicou o duque, vendo que o rapaz tocava levemente o ombro enfaixado. – Não quebrou nada. Parou de sangrar, mas vai ficar bem dolorido nos próximos dias. Evite mexer esse braço.

O rapaz fez um esforço para se sentar e ver melhor tudo a sua volta. Olhou para a moça sentada ao seu lado com as roupas de soldado com que saíra, mas os cabelos prateados cascadeando pelos ombros e costas, como uma moldura.

– Eu fiquei preocupado com você! – disse ele.

Prateada o abraçou e ele gemeu.

– Desculpe!

Mas ele estava rindo. A dor não importava tanto quando a alegria de vê-la a salvo.

– Eu nunca vi nada tão horrível na minha vida! – disse Octavien. – Vou ter pesadelos para sempre!

Era muito preocupante ver um homem do tamanho de Octavien dizendo que algo lhe daria pesadelos para sempre. Algo que quebrou suas costelas.

Estavam todos perplexos com o encontro violento com a criatura hedionda. Não era nada sequer parecido com alguma lenda antiga.

– Sabemos que não foi a bruxa – disse Philippe.

– Alguém certamente abriu as portas do inferno para essa criatura sair – falou Thomás.

Lamayer estava em silêncio olhando para a fogueira com os olhos semicerrados. Ele estava se lembrando de algo que, de alguma maneira, parecia ser uma peça daquele quebra-cabeças bizarro.

– Vocês se lembram do lobisomem estranho que encontramos quando voltamos dos Chateau das Pérolas? O que se transformou fora da lua cheia?

Philippe e Prateada se lembravam muito bem de um dos episódios mais assustadores que já viveram. Até aquele, claro. Mas isso aconteceu antes de Octavien e Thomás chegarem ao chateau.

– Uma criatura nos atacou – explicou o duque, – ignorando o fogo e em plena Lua negra, quando é impossível para qualquer lobo, seja um puro, seja um humano contaminado, se transformar em uma fera.

– Ele também era diferente! – lembrou Prateada. – Tinha uma boca cheia

de dentes, era muito grande e seus pelos eram duros. Ele era meio torto e muito feio.

– E o que aconteceu com ele? – perguntou Octavien.

– Nós o matamos – respondeu prontamente Prateada.

– Acha que as duas criaturas estão relacionadas? Mesmo tão longe? – perguntou Thomás?

– Você disse que viu o mago na cidade, o mesmo que os emboscou e matou Emily... – disse o duque, virando-se para Philippe.

– Sim, ele estava se encontrando com outro homem, um homem da igreja, acho, que passou uma sacola para ele. Provavelmente dinheiro.

O duque suspirou, juntando as peças e não gostando muito da imagem que elas formavam.

– Quando contratei vocês para treinarem os soldados do chateau eu estava preocupado com algum tipo de ataque de outras feras como aquela – disse. – Um amigo humano me disse que François de Montrachet, o bispo de Luçon, estava de conluio com um mago negro chamado Charles Lemaire com o objetivo de criar um exército de lobisomens sob seu comando. Eles estão fazendo experiências com humanos contaminados e foi isso que nos atacou naquela noite. E se... E se eles estiverem fazendo outras experiências que não estão dando muito certo. Como essa?

Ele apontou na direção para onde a criatura foi.

– Ou pior! – arriscou Octavien. – E se isso foi um teste bem-sucedido e eles quiserem fazer mais dessas coisas?

Lamayer sacudiu levemente a cabeça que começava a doer novamente.

– Vamos descansar um pouco, amanhã precisamos continuar. Vocês dois podem ir dormir, eu e os outros vamos nos revezar em turnos de vigília.

Philippe queria muito se oferecer para fazer um desses turnos, mas além da dor latejante que começava no ombro e se estendia para o braço e para as costas, também estava fraco. Provavelmente perdera muito sangue, e sangue era algo que ele ainda não estava podendo perder.

Prateada foi atrás do duque que se levantara e caminhava para o outro lado da fogueira.

– Senhor? Eu sei que está desapontado comigo. Mas eu não me arrependo de ter vindo. Se algo lhe acontecer, estaremos todos perdidos. E eu não quero que nada lhe aconteça.

Lamayer olhou a menina nos olhos vendo a sinceridade simples que ela sempre trazia com ela. Com Prateada não havia meias palavras, meios termos, meias verdades ou meias mentiras. E ele percebeu como estava feliz em vê-la ali. Sem perceber, sorriu e ajeitou algumas mechas de cabelos que lhe caíam no

rosto.

– Está tudo bem, Prateada. Obrigado.

– Eu posso vigiar também!

Ele nem a deixou terminar.

– Vá dormir. Descanse, precisamos de você bem desperta amanhã.

E quando o duque achou que ela simplesmente voltaria para o lado de Philippe, ela o abraçou fortemente. Sem esperar, ele retribuiu lentamente o abraço.

– Eu não vou deixar nada lhe acontecer, pai... – disse ela baixinho com a voz trêmula.

Lamayer não soube como se sentiu. Foi um misto de surpresa, ternura e gratidão. Quando se afastaram, ele a beijou ternamente na testa e a mandou dormir com um sorriso.

Prateada chegou ao lado de Philippe e estendeu um pano que trouxera em seu cavalo que já estava com os outros. O rapaz estava dormindo profundamente e parecia exausto. Ela o cobriu com um manto grosso que Octavien lhe cedera e se ajeitou ao seu lado, cobrindo-se com o seu próprio. Em pouco tempo, estavam os dois dormindo. Os três homens então conversaram, assim que decidiram quem faria qual turno, sobre suas opções, que não pareciam nada boas.

– Temos um problema – começou Octavien. – Essa coisa é inacreditavelmente forte. Juntamos os três e a árvore encantada do Philippe e ela simplesmente saiu andando, enquanto nós estamos aqui todos quebrados. Incluindo a árvore! – ele apontou para uma árvore que parecia ter sido triturada de cima pra baixo. – O que faremos se a encontrarmos de novo?

– Talvez devêssemos voltar e pegar o caminho mais longo... – comentou Thomás. – Essa floresta é muito mais perigosa do que pensamos.

– Não podemos voltar! – disse o duque, falando baixo para não acordar os garotos. – Perderíamos mais tempo ainda e o château não vai aguentar tanto.

Os outros dois concordaram, mas estavam todos cientes de que o risco em atravessar aquela floresta era bem grande.

– Vamos ter que pensar em alternativas... – disse Thomás. – Porque se a criatura nos matar, vamos demorar muito mais...

Já estava claro quando eles começaram a se preparar para ir embora. Prateada se remexeu e gemeu muito durante a noite, provavelmente tendo pesadelos com o monstro de duas cabeças. Philippe dormira tão pesadamente que suspeita ter desmaiado. Estava sentado no chão com o braço numa tipoia

improvisada imaginando como poderia abstrair daquela dor quando o duque lhe entregou uma caneca com um chá.

– Você está horrível! – disse o homem. – Tome, beba isso. Vai ajudar na dor e na cicatrização.

O garoto tomou a beberagem amarga com uma careta.

– Acha que aquela coisa pode contaminar quem ela morde? – perguntou.

– Não... Teríamos ouvido algo na cidade se houvesse gente se transformando por aí. E o outro lobisomem esquisito que encontramos não causou nada depois que mordeu Prateada. Acho que são híbridos...

– Isso é reconfortante – disse o rapaz, terminando a bebida. – Porque assim como eu não queria me transformar em um vampiro, eu também não quero me transformar em um monstro de duas cabeças...

– Compreensível... – respondeu o duque.

Em poucos minutos estavam todos prontos para continuar. Prateada prendeu o cabelo dentro do chapéu que usava. Tinha gostado das roupas masculinas, pois as achava muito confortáveis. O chapéu protegia seu rosto do sol e deixava sua nuca livre para um frescor, pois ela era naturalmente calorenta. Lamayer ficou imaginando se ele teria trabalho para mudar esses hábitos quando voltassem e se teria muito trabalho para enfiá-la dentro de um vestido de novo.

Eles se reuniram para alguns direcionamentos. Algumas medidas seriam necessárias.

– Nós precisamos atravessar essa floresta e agora temos que ter cuidado redobrado. A criatura que nos atacou ontem está andando por aí e não sabemos se ela ataca de dia – instruiu Thomás. – Sabemos que ela é cega e não tem faro, o que é uma vantagem para nós. Ela será atraída pelos sons, então teremos que ser o mais silenciosos que pudermos. E quanto mais rápido nos afastarmos daqui, onde ela nos atacou, menores as chances de a encontrarmos de novo.

Thomás, Octavien e Lamayer traçaram um plano de emergência, caso tivessem o azar de dar de cara com a coisa de novo. Se acaso cruzassem com a criatura, a ordem era silêncio total. Tentariam despistá-la, evitá-la e ficar longe dela a todo custo. Não podiam correr o risco de se ferirem gravemente e não terminarem a missão. Se o duque não chegasse no Château Real e falasse com o Conselho, o Château das Vertentes estaria condenado, assim como todos os seus aliados.

Mas... Se ficar parado e em silêncio não fosse o suficiente, eles teriam que revidar. De dia, não podiam se transformar. A arma secreta era Prateada. Que distrairia a criatura enquanto os outros fugiriam. Se tivessem armas de fogo, seria de grande ajuda, mas os lobos raramente usam armas de fogo, preferindo armas brancas. Sem armas, não cogitavam atacar o bicho com espadas ou facões.

Se garras afiadas pouco estrago fizeram, o que faria uma adaga? Então, se nada desse certo e fugir não fosse uma opção, eles deveriam espantar os cavalos e subir em árvores o mais alto que pudessem. A criatura era forte, mas meio desengonçada e pesada. Certamente não teria agilidade para subir em árvores.

Com todos esclarecidos sobre o que fazer, começaram a se preparar para deixar o acampamento. Prateada então se lembrou de algo e chamou o duque.

– Quando eu passei na cidade, eu vi homens procurando pelo senhor!

Lamayer franziu o cenho, surpreso.

– Por mim?

– Sim, eles estavam mostrando um desenho do seu rosto e perguntando para as pessoas. Perguntaram pra mim.

– Como estavam vestidos? – perguntou Thomás.

– Com roupas de couro, botas altas e estavam bem armados – respondeu a menina. Eu contei três. Podem ser mais.

– São renegados – deduziu Thomás com anuência de Octavien. – Já encontramos alguns desses por aí.

– É a pior raça que tem! – disse Octavien.

Eles explicaram brevemente que renegados eram mercenários, lobos que fariam qualquer coisa por dinheiro. Não eram muito bem quistos na sociedade lupina e viviam à margem dos châteaux. Eles não prestavam serviços apenas para outros lobos, mas para qualquer um que pudesse pagar.

– Com certeza foram mandados pelo rei – concluiu Lamayer.

– Então é melhor nos apressarmos – disse Thomás. – Eles estão em nosso encalço.

A viagem foi silenciosa e tensa. Prateada por vezes queria falar, porque era a sua natureza. Se lembrava de algo que queria compartilhar, mas logo lhe mostravam um dedo sobre os lábios. As árvores tinham folhagem escura, deixando o caminho um tanto sombrio. Encontraram uma árvore de tamanho razoável partida violentamente. O tronco destruído estava caído para o lado. Marcas de dentes na madeira deixaram claro quem a derrubara.

– Que tipo de animal consegue derrubar uma árvore a dentadas?! – perguntou Prateada de olhos arregalados, muito impressionada.

– Acho que nosso plano de subir em árvores acaba de ir para o brejo... – comentou Philippe um tanto preocupado.

Tentavam ir o mais rápido que podiam, pois queriam evitar a todo custo passar mais uma noite naquele lugar tenebroso. Os homens já tinham se recuperado, graças ao sangue dos lobos que corria em suas veias, restando apenas algumas partes mais doloridas e o cansaço natural da viagem e do susto.

O chá que Lamayer lhe dera de fato ajudara na dor, transformando-a em uma lembrança incômoda. Philippe mantinha os olhos atentos a todo movimento, rezando a todos os deuses que conhecia para que não os colocasse no caminho da criatura mais uma vez.

– Destino, se tiver que nos matar... – murmurou para si mesmo – ...Nos mate na volta.

Capítulo 33

Insanos

Um juvenzinho chegou correndo no acampamento e foi direto ao capitão Diderot.

– Eles não se retiraram, senhor! – disse.

Bergère estalou a língua e o capitão pareceu especialmente decepcionado.

– Talvez tenham salvado os mantimentos... – sugeriu Alain.

– Nunca! – protestou Sarrazin. – Se tem uma coisa que eu e meus homens sabemos fazer muito bem é destruir e tacar fogo nas coisas!

Diderot suspirou.

– Então eles vão para o tudo ou nada hoje à noite. Podem passar um dia comendo mal. Se conseguirem nos derrotar hoje, chegam ao château e renovam suas provisões.

– Estamos em desvantagem numérica... – disse Sarrazin com sua voz rouca. – Muitos de nós estão morrendo, enquanto nós estamos seguindo suas ordens de não matar a não ser que seja necessário. Os nossos mortos não voltam para o campo de batalha, mas os feridos deles estão novos em folha na batalha seguinte. Acho que é hora de repensar essa atitude, por mais nobre que ela seja.

O capitão fez uma expressão de pesar e preocupação. Balançou a cabeça, inconformado com tantas mortes inúteis.

– Tem razão – concluiu. – Avisarei a todos. Hoje, não se segurem. Se tiverem que matar, matem.

O dia passou muito rápido e quando virou noite, os lobos defensores do château estavam mais uma vez em suas posições. Aquela era a última noite de Lua cheia e provavelmente a última batalha em sua forma mais forte. Já tinham usado todos os seus truques. A única diferença daquela noite é que dessa vez não segurariam a força, não evitariam golpes fatais, o que prometia uma batalha sangrenta.

Homens em seus mantos aguardavam a decisão de Diderot que estava em seu cavalo observando o movimento da tropa inimiga. Quando eles finalmente apareceram, enfileiraram-se ordeiramente, separados por seus clãs. Eram homens também que logo se tornariam bestas assassinas. Dimitri estava, como Diderot, em seu cavalo. Os dois estavam com mantos ao invés dos uniformes, o

que indicava que ambos entrariam na batalha. Diderot ainda acreditava que poderia haver alguma negociação, mas Dimitri não se aproximou.

– O que estamos esperando? – perguntou Sarrazin.

– Tem algo estranho... – respondeu Diderot.

Dimitri ergueu o braço e o manteve erguido por alguns segundos. Quando o baixou dando a ordem para o ataque, os lobos não se moveram. De trás deles surgiu uma horda de vampiros, correndo como loucos, atropelando-se, gargalhando e gritando, como um pesadelo apavorante. Eram como um enxame, muito mais numerosos do que eles.

Diderot levou poucos segundos para tomar a decisão.

– Recuar!

– O que?! – berrou Sarrazin. – Está brincando? Nós acabamos com esses sangue-sugas em dois tempos!

– É uma armadilha! – o cavalo de Diderot ficou nervoso e relinchou. – Não são vampiros, são *insanos*! Vampiros insanos só sabem matar. Querem nos cansar com os vampiros para terminarem o serviço depois! Dê a ordem aos seus homens!

– Não há honra em fugir! – indignou-se Sarrazin.

– Não estamos aqui pra defender honra de ninguém! – berrou Diderot. – Estamos aqui para defender o Château das Vertentes! Recuar! Atravessem o rio!

E ao seu comando, os lobos bateram em retirada, já transformados, alguns ainda com os mantos presos em seus pescoços. Do outro lado, uma onda de vampiros enlouquecidos corria com sede de sangue. Alguns tropeçavam e rolavam várias vezes para se levantarem no mesmo impulso como se nada tivesse acontecido.

Os lobos correram na direção do acampamento, pois era caminho para seguir até o riacho que delimitava as terras do château. Os que tinham cavalos, se transformaram em homens e saltaram em suas montarias. Alguns com mantos, alguns sem nada, cavaleiros e lobos corriam pela floresta como se fossem um sonho de um louco. Atrás deles, os vampiros se aproximavam e os sons que faziam geravam um terror, um gelo que corria nas veias e uma sensação de perigo maior que a morte, mesmo em criaturas como eles.

Saíram da floresta e viram o rio. Os mais velozes conseguiram chegar e começaram a travessia. Um ganido fez com que Diderot se virasse e visse que os lobos que ficaram para trás estavam sendo alcançados por vampiros. Imediatamente, eles se transformaram em feras e começaram a lutar vorazmente contra as criaturas enlouquecidas. Diderot saltou do cavalo e entregou Rayure para um cavaleiro que passava. Com sua montaria e puxando Rayure pela rédea, o homem começou a travessia das águas.

Diderot, Sarrazin, Bergère e outros ficaram para trás para dar cobertura aos que foram alcançados pelas criaturas ensandecidas. Lutaram com bravura, mas quanto mais matavam insanos, mais deles apareciam. Suas garras eram afiadas e manchavam de sangue a pelagem branca.

Com um corte na perna, Diderot perdeu o equilíbrio e caiu sobre um joelho. Por mais que tentassem, os insanos passaram por eles e perseguiram os que estavam se aproximando do rio. Diderot girou o braço e abalroou dois de uma vez. Com as garras da outra mão, rasgou o pescoço de outro que ficou com a cabeça pendurada para trás. E mais cinco pularam sobre ele.

Tentou procurar por Sarrazin, mas viu que todos estavam soterrados por vampiros. Eram seus melhores e mais fortes homens e estavam sendo engolidos pela horda de mortos-vivos. Diderot viu que da floresta vinha um destacamento de lobos brancos do rei. Ele se encheu com toda a energia que tinha e ergueu-se, jogando alguns vampiros pelos ares como se fossem de louça.

Estava ferido e sangrando, mas não deixaria que os lobos do rei passassem por ele, pois cruzariam o rio e matariam os que conseguiram passar. Sangue pingou sobre seu olho e as coisas ficaram um pouco embaçadas. Um lobo branco vinha correndo com grandes saltos na sua direção. Um vampiro se dependurou em seu braço e ele urrou, tentando se livrar dele. Outro mordeu sua perna e um terceiro saltou em suas costas. O lobo branco continuava vindo com dentes à mostra e em um salto se transformou em uma fera.

Sem conseguir se defender por estar imobilizado por vampiros, Diderot protegeu instintivamente o rosto. Ouviu sons de gritos e algo o empurrou. Esfregou o olho com a pata para enxergar melhor e não acreditou no que viu. Os lobos brancos do rei estavam atacando os vampiros.

Quando os insanos que o atacavam pereceram pelas garras do lobo branco, este se virou para ele. Pelos olhos castanhos, o capitão reconheceu o jovem que ele salvara no campo de batalha.

– Nós, lobos brancos, estamos do seu lado! – disse ele.

Antes de se recuperar da surpresa, Diderot viu mais vampiros sendo mortos e mais feras passando por ele. Perseguiram os insanos que quase alcançavam os lobos que iam na frente.

Diderot ajudou Sarrazin e começaram a retirada. Todos corriam para o rio. Vampiros que estavam na frente simplesmente tentaram continuar, ignorando que mortos não atravessam água corrente. Eles então caíam e se transformavam em múmias ressecadas, de boca escancarada, que eram levadas pelas águas como se fossem de papel.

Diderot ficou na beira do rio, vendo se alguém ficara para trás. Quando teve certeza de que o último lobo estava na água, ele também entrou.

O riacho ficou vermelho, lavando o sangue dos feridos. Quando todos conseguiram chegar do outro lado, se viraram para ver os insanos ainda insistindo em atravessar a água. Uma vez que viam seu alvo, não parariam por nada e era isso que os tornava especialmente apavorantes.

Cerca de 300 lobos brancos agora se juntavam a eles. Diderot, ofegante, deu a ordem de formação de batalha. Imediatamente, os lobos se reorganizaram, incluindo os novos aliados, e esperaram.

– Lembra quando eu falei que nós mataríamos esses sanguessugas em dois tempos? – perguntou Sarrazin como fera, todo lanhado ao lado dele. – Então... Acho que levaríamos um pouco mais de tempo...

E enquanto os insanos enchiam o rio de corpos ressecados, Dimitri transformado em lobo liderava o que restou do seu exército. Ainda eram muitos, mas quando ele se deparou com seus lobos brancos do outro lado do rio, urrou de ódio.

– Traidores! Vocês vão perder suas cabeças!

E então ele deu a ordem. Lobos negros e castanhos avançaram pelo rio como se nada pudesse detê-los.

Assim que chegaram do outro lado, foram recebidos com garras, socos e dentes. Os inimigos eram empurrados de volta, ou jogados no rio, mas retornavam. O rio começou a correr em vermelho. Agora, numericamente superiores por causa dos desertores que também eram mais preparados para a luta, os defensores do château estavam em clara vantagem.

Mesmo ferido, Diderot se atracou com Dimitri. Em movimentos rápidos, Diderot conseguiu segurá-lo por trás, usando o braço enorme para apertar seu pescoço e imobilizá-lo.

– Dê a ordem para recuar! – urrou ele.

A resposta foi um contragolpe que fez com que Diderot voasse acima da cabeça da fera que imobilizara. A situação se inverteu e agora era Dimitri que tentava rasgar o pescoço de Diderot. Ao redor deles, o caos imperava com gritos, dor, sangue e pelos voando com o vento. O capitão conseguiu dar um golpe na cara do oponente e virar o jogo de novo. Ficou por cima e imprensou a cara do outro contra o chão.

– Dê a ordem de recuar! – mandou de novo.

Dimitri balbuciou alguma coisa, até que finalmente deu a ordem. Os soldados do rei então começaram a voltar para o rio. Arrastaram seus feridos e tingiram mais uma vez as águas de vermelho.

Com a retirada do inimigo, os lobos que ficaram comemoraram com uivos. Os lobos brancos do rei foram recebidos com alegria e entusiasmo. Apesar de muitos deles estarem feridos, estavam felizes com a aparente vitória.

Diderot não parecia compartilhar dessa alegria e Sarrazin logo percebeu.

– Por que essa cara feia, amigo? Nós vencemos!

– É... – respondeu o outro sem nenhum entusiasmo. – Mas eles conseguiram nos empurrar para trás. Além de perdermos terreno, agora eles têm nosso acampamento e nossas provisões...

Sarrazin parou de sorrir assim que percebeu que aquela vitória trazia em si uma derrota embutida. E enquanto todos comemoravam, as duas feras olhavam os lobos inimigos desaparecendo na floresta.

Capítulo 34

Um Chocolate Quente

Fizeram poucas pausas naquele dia. O silêncio e o constante estado de tensão não deixaram aquela viagem mais curta. As horas demoravam a passar e já era início da tarde quando decidiram parar um pouco em um regato de água fresca.

Os cavalos saciaram sua sede e eles reabasteceram os odres. Aproveitaram para lavar os rostos e braços. Dividiram a comida que tinham com Philippe, o único que não estava preparado para aquela viagem.

– Nem sinal da criatura – comentou Octavien, bebendo um pouco de água.

– Talvez ela não ataque de dia... – comentou Philippe.

– Ou foi para outro lugar – argumentou Thomás. – Essa floresta é muito grande... Deve ter coisas menos indigestas por aí do que nós.

– Alguém devia matar aquilo – disse Prateada. – É feio e mata pessoas.

Todos se preocuparam por alguns segundos pelo fato dela colocar no mesmo patamar ser feio e matar pessoas, mas estavam cansados demais para pensar nisso agora.

De alguma forma, todos se sentiam mais seguros. Talvez fosse pela luz do sol a pino, ou pelo fato de terem se afastado consideravelmente do local do ataque. Aos poucos, começaram a respirar mais tranquilos e arriscando-se a ir mais rápido.

– Onde fica o Conselho? – perguntou Philippe, que não tinha ideia do que encontrar no Château Real.

– No Palácio da Justiça – respondeu Lamayer. – Fica bem no centro da cidade, na grande praça. O Château Real foi construído por ancestrais nossos dos tempos de Roma. Tudo lá é portentoso.

– Então não será difícil de chegar... – deduziu Philippe.

Houve alguns olhares e umas inclinações de cabeça.

– Eu tinha esperança de que não soubessem que estamos indo – confessou o duque. – Entraríamos na surdina na cidade, sem maiores problemas... Mas os homens que Prateada viu indicam que o rei já sabe.

– Como ele sabe? – perguntou Prateada.

Não tinham resposta para isso. Mas havia espiões, fofoqueiros e falastrões em toda parte.

– Sabe o que eu vou fazer quando voltar para casa? – disse Prateada, cuja

certeza inspirou os outros. – Vou comer um bolo de chocolate com merengue de limão. Vou pedir para Chalise fazer um bem grande! Assim posso dividir com vocês.

Um sorriso aliviou os rostos tensos e imaginar o que fazer quando voltar os tirou brevemente de suas pesadas preocupações.

– Pois eu vou tomar um longo banho quente – disse Thomás, já imaginando o aroma de lavanda subindo com os vapores da água quente.

– Eu vou aceitar um pedaço do bolo de chocolate de Prateada – sonhou Octavien. – Mas antes vou querer comer um pernil. Um bem grande, suculento e ainda quente da brasa. E você, Philippe?

O rapaz pensou com um sorriso que o que mais gostaria de fazer quando voltasse não poderia contar para ninguém. O que mais sentia falta era dos passeios com Prateada às escondidas, onde trocavam beijos e carícias, conversavam e riam, sonhavam e planejavam grandes mudanças quando ela fosse rainha.

– Eu ficarei feliz em dormir na minha própria cama de novo. E com um chocolate quente – respondeu o garoto, achando mais seguro ficar com sua segunda opção.

O duque permaneceu em silêncio, os olhos indo além das árvores e dos problemas. Acharam que ele não iria participar do faz de conta, quando sua voz foi ouvida com os passos dos cavalos ao fundo.

– Eu abraçarei minha... Minhas filhas – disse, sorrindo para Prateada cujo rosto se iluminou de alegria e orgulho. – E pedirei a Chalise que prepare um grande banquete. Terá um enorme bolo de chocolate, no centro da mesa, decorado com morangos e merengue de limão. Teremos vários pernis, todos dourados e suculentos. E boa bebida. E mandarei servir também um chocolate quente. Seus quartos serão preparados e todos poderão ter um banho quente e longo e depois dormir em camas confortáveis com lençóis limpos.

Conforme ele ia falando, a imagem ia se formando nitidamente na mente deles. Naquele momento, o chateau era um lugar de alegria, de fartura e bons amigos. Não sabiam se algum dia o Chateau das Vertentes poderia lhes oferecer um lar seguro de novo. Não sabiam nem se ele continuaria a existir. Mas, por alguns minutos, se abrigar em momentos felizes que ainda não aconteceram, inspirados por outros que já viveram, deu-lhes mais do que conforto. Deu-lhes esperança.

Um tiro foi ouvido e os cavalos se assustaram. O cavalo do duque empinou, mas ele conseguiu controlá-lo. Virou-se para os outros.

– Estão todos bem?

– Por enquanto, sim! – respondeu uma voz que vinha de algum lugar

mais a frente.

Um homem surgiu apontando um mosquete com uma baioneta na ponta. Outros dois surgiram armados nas laterais. E mais três surgiram atrás, uma mulher com uma besta e dois com pederneiras. Viram-se cercados por pessoas armadas.

– Se quiser que todos continuem bem, sugiro que o senhor se entregue, duque das Vertentes – disse o homem que tinha o rosto queimado pelo sol e um sorriso torto de quem tem intenções tortas.

Lamayer então ergueu lentamente as mãos, mostrando que não ia reagir. Prateada, que estava atenta observando qualquer sinal que diria que ela devia se transformar, ficou confusa e olhou para Philippe ao seu lado. O rapaz, discretamente, sacudiu a cabeça dizendo-lhe para não se transformar. E assim, os outros também ergueram as mãos em sinal de rendição.

Mandaram que desmontassem e, a contra gosto, foi o que fizeram.

– O senhor tem mesmo coragem!... – disse o que parecia o líder, que ainda apontava a arma para eles. – Enfrentar o rei da Alcateia assim não é algo que se vê todo dia.

Enquanto ele falava, olhando cínico para Lamayer, a mulher ruiva e um loiro de sardas mais jovem começaram a revistar todos, recolhendo as armas que encontravam.

– Se o preço por você não fosse tão bom, eu até pensaria em apoiá-lo... Amarrem todos!

Um homem alto sem um único fio de cabelo e um loiro grandão de cabelos compridos amarrados em um rabo de cavalo começaram a amarrar as mãos de todos na frente, para que conseguissem continuar acompanhando-os a cavalo. O careca que foi amarrar Philippe não se importou em puxar o braço que estava na tipoia, fazendo com que o rapaz trincasse os dentes com um gemido abafado, sentindo a dor pulsante no ombro retornar como uma série de facadas de fogo.

Prateada empinou o rosto, os olhos brilharam como fogo. Mas ela encontrou os olhos duros e impassíveis do duque e com um movimento quase imperceptível da cabeça, ele lhe disse para não reagir.

– Então, é assim que vai funcionar! – disse o líder, apoiando a arma no ombro displicentemente, agora que todos estavam contidos. – Vocês não aprontam nada e chegarão todos inteiros aonde temos que chegar, entendido?

Voltaram a montar. Com esforço, Philippe conseguiu, mas sentiu a testa umedecer com suor. Dois dos homens seguiram atrás deles. Dois iam na frente. E a mulher e o careca iam um de cada lado, fazendo com que o grupo de prisioneiros estivesse o tempo inteiro cercado.

– Para onde está nos levando? – perguntou Octavien.

– Não te interessa – foi a resposta do careca forte com cara de poucos amigos e muitos inimigos.

Seguiram em silêncio pela floresta, indo bem mais devagar do que estavam indo quando eram livres. Depois de quase meia hora nesse ritmo, Thomás arriscou-se a falar.

– Não podemos ir mais rápido?

Os homens riram.

– Por quê? Está com pressa de encarar o julgamento por traição? – perguntou o juvenzinho loiro.

– Digamos que não é muito sábio ficar nessa floresta a noite... – disse o duque, friamente.

E mais uma vez os homens gargalharam.

– Hoje ainda é lua cheia, idiotas! – riu o líder do bando. – O maior perigo nessa floresta somos nós!

Ninguém falou nada. Apenas se entreolharam, preocupados. Eles mantiveram silêncio enquanto eram escoltados pelos seus captores que falavam sobre como os Lobos Brancos estavam se tornando cada vez mais humanos e já não eram tão fortes. Conversavam de vez em quando em voz alta, gargalhavam e diziam o que iam fazer com o dinheiro que iam receber. Das coisas mencionadas, nenhuma que não envolvesse mulheres da vida e bebida.

– Eu posso dar um jeito neles! – sussurrou Prateada.

– Não agora... – respondeu discretamente Philippe. – Estão espalhados demais. Espere o momento certo.

Mantiveram os olhos atentos e os ouvidos aguçados, em busca de qualquer fragmento de oportunidade de fuga. Infelizmente, aquelas pessoas, quase todas entre 35 e 50 anos, eram experientes e sabiam o que faziam. Eles agradeceram por Prateada estar vestida como um rapaz e um chapéu guardar sua cabeleira da cor do aço. Assim, eles não saberiam quem ela era, o que a tornava um elemento surpresa de extremo valor.

As horas foram se passando e a tarde avançava. Em breve, seria noite e todos eles poderiam se transformar, tirando o poder do elemento surpresa. Eram seis renegados. Eles eram apenas cinco. Quatro, pois Philippe não se transformava. Ainda assim, se não tivessem oportunidade antes, teriam que arriscar. Não podiam entrar na cidade como prisioneiros, pois iriam direto para as masmorras e só sairiam para uma execução ou uma eventual tortura.

– Aqui é um bom lugar para passar a noite – disse o líder, um homem na casa dos cinquenta anos, cujo rosto trazia algumas cicatrizes que não acompanham a tez morena.

Os prisioneiros hesitaram. O dia ainda estava claro e era possível prosseguir por mais uma hora, até que o sol se despedisse.

– O que estão esperando? Andem logo! – gritou a mulher, que vestia calças justas e um colete de couro sobre uma blusa bufante. Ela tinha facas na cintura e trazia a besta perigosamente armada nas mãos.

Sem direito a voto, eles desceram. O único que parecia bem mais jovem do bando, com pouco mais de 20 anos, levou os cavalos para o outro lado, onde os amarrou em árvores finas. Outros dois captores entraram na mata, provavelmente para pegar lenha ou caçar algo para comerem.

Mandaram que se sentassem e foi o que fizeram. O homem careca olhou para Prateada e Philippe.

– Por que está levando esses dois filhotes com você? – perguntou.

O líder ouviu a pergunta e nenhuma resposta. E então franziu o cenho e se dirigiu ao pequeno grupo sentado no chão. Foi até Prateada e a olhou. A moça o encarou com ódio no olhar. Essa podia ser uma boa hora. Mas, alguns passos atrás dele, a mulher continuava atenta, com a besta preparada. Ao lado dela, um ruivo de pele muito branca lhes apontava um mosquete.

O líder deixou Prateada e passou para Philippe, ao lado dela. O rapaz estava de cabeça baixa, amargando a dor no ombro que tinha aumentado consideravelmente, conforme passava o efeito do chá. O homem então pegou grosseiramente seu rosto fazendo-o olhar para ele. E, depois de um instante de surpresa, abriu um sorriso de vitória.

– Vejam só isso! Esse é o mestiço que começou a confusão toda!

Philippe arregalou os olhos, sem conseguir disfarçar que tinha sido descoberto.

– Está brincando?! – exclamou o homem calvo incrédulo.

– Não há muitas pessoas com olhos violetas por aí... – disse o outro com contentamento – E a descrição bate.

Philippe tirou o rosto da mão dele, irritado. O homem apenas riu, levantando-se e dirigindo-se para os outros

.– Além da pequena fortuna que vamos receber pelo duque, ainda teremos uma bela recompensa por entregar o menino ao príncipe Lucien!

– Ah, eu estou adorando fazer negócios com reis! – disse o ruivo.

– Poderemos ficar anos sem fazer nada! – riu a mulher, que tinha traços retos e uma beleza peculiar.

– Isso vale uma comemoração! – o homem calvo pegou duas garrafas de vinho dentro de uma mochila no chão.

Eles começaram a beber e a gargalhar alto, embora a mulher e o ruivo nunca tirassem os olhos do pequeno grupo por mais do que alguns segundos.

– Agora pode ser uma boa hora para... – ia sugerir Octavien, mas foi interrompido por Lamayer que pediu silêncio.

– Estão ouvindo isso?

Prestaram atenção aos sons da floresta.

– Não – respondeu Thomás. – Só esses idiotas bêbados.

– Exato! É uma floresta. Onde estão os sapos, os grilos, as cigarras, os pássaros?

E então eles perceberam que, tirando a algazarra festiva dos renegados, nenhum som vinha da floresta. E todos sabiam que quando a floresta silenciava, a morte estava bem perto.

Mas os mercenários não ligavam. Acenderam a fogueira e continuaram a beber e a berrar seus planos, rindo e urrando pelo ovo surpresa, sem lembrar que ele ainda estava dentro da galinha.

Capítulo 35

Os Últimos Minutos do Dia

A sensação de perigo era clara para os prisioneiros. Olhavam em volta, procurando algum sinal da fera, mas apenas o vento fresco do fim de tarde balançava as folhas dando uma falsa sensação de paz.

– Talvez a criatura tenha ficado para trás... – sussurrou Octavien, mais movido por uma esperança cega do que pela lógica.

– Talvez... – concordou o duque, sem muita firmeza.

– De qualquer maneira, precisamos pensar em um jeito de sair daqui – falou Prateada. – Eu já poderia ter atacado!

– Eu sei, Prateada – respondeu o duque, em voz baixa. – Mas eles estavam espalhados e armados. Você não conseguiria neutralizar todos ao mesmo tempo. Além do mais, estavam perto demais e não errariam àquela distância. Se apenas um atirasse, poderia atingir você, ou qualquer um de nós. Se conseguirmos nos afastar uns 100 metros, já tornamos bem difícil a mira deles. A 500 metros é impossível nos acertar. Nesse momento, estamos a uns cinco metros dos homens armados. Como renegados, não duvido que estejam usando balas de prata, o que seria fatal para nós. Mas estamos com sorte...

– Jura? – disse Philippe, que não quis ser desrespeitoso, mas não conseguiu esconder o deboche.

Um olhar gelado do duque o fez se calar.

– Estamos com sorte... Menos Philippe... – continuou o duque. – Ele morreria com qualquer bala, não precisaria ser de prata. Estamos com sorte porque está entardecendo, mas a Lua ainda não surgiu. Isso significa que eles não poderão se transformar, mas você, sim. Espere os dois últimos voltarem do mato e ataque. Vá primeiro nos que estão armados. Renegados costumam reagir muito rápido. Enquanto isso, temos que dar um jeito de nos soltarmos dessas cordas...

– Feito – Thomás já estava livre e discretamente passava a lâmina que trazia escondida na bainha da manga para Octavien, enquanto ele mesmo mantinha as cordas por cima dos pulsos para que os renegados não percebessem que ele já estava livre.

– Enquanto Prateada os ataca, nós pegamos as armas e os rendemos – concluiu Lamayer.

Os dois homens voltaram da floresta.

– Está tudo tranquilo ao redor. Por que a comemoração, Charles? – disse o loiro de rabo de cavalo e barba se dirigindo ao líder que ria com uma garrafa na mão.

– Estamos ricos, amigos!!! – respondeu Charles. – O mocinho ali é o mestiço pelo qual o príncipe Lucien ofereceu uma recompensa enorme! Pegamos dois coelhos na mesma armadilha!

Houve mais celebração de uma riqueza de fonte duvidosa e mais bebida. O mais jovem pegou uma arma e atirou para cima, assustando vários pássaros.

– Posso ir agora? – perguntou Prateada, que já estava indócil.

Antes que o duque pudesse responder, uma coisa enorme saiu correndo da mata e atropelou dois dos homens que bebiam perto da fogueira recém-acesa. Os outros caíram para os lados, confusos com o que era aquilo.

Thomás e Octavien já estavam livres e assim que se recuperaram do susto de ver a besta aparecendo, começaram a desamarrar os outros.

Ver a criatura ali, diante deles, em plena luz do dia, era paralisante. E se o terror já os tomava de supetão, o que dirá os homens que nunca viram tal monstruosidade. Agora, no claro, podiam ver os detalhes escabrosos. Os ferimentos que causaram na noite anterior não existiam mais, mostrando que a coisa se curava tão rápido ou até mais do que eles. As cabeças monstruosas de órbitas vazias abocanhavam o ar, tentando pegar algo às cegas. O mais jovem, o loiro com sardas que atirara para cima, tentou correr, mas seus passos fizeram barulho. Uma das cabeças o agarrou e o balançou no ar como se fosse um boneco de pano, até jogá-lo no chão com as entranhas saindo e um olhar esgazeado para o nada.

– Denis! – gritou o Charles, vendo o jovem cobrindo a terra de vermelho.

O grito dele fez com que a fera se voltasse para seu novo alvo. Assim que partiu para ele, recebeu um tiro de mosquete no corpanzil. E as cabeças gritaram de dor, aqueles gritos horríveis, assemelhados a gritos de humanos quando estão a morrer.

Tudo acontecia muito rápido e enquanto Charles se recuperava do susto e se levantava para correr, os prisioneiros se encaminhavam silenciosamente para onde estavam os cavalos. Estavam no meio do caminho quando um tiro acertou uma árvore bem na frente de Philippe. Com o susto, o rapaz se protegeu com o braço e deu alguns passos para trás. Quando se viraram para ver o que tinha sido aquilo, viram o careca com o mosquete a poucos metros, aparentemente ignorando a fera e achando ser mais produtivo proteger seu investimento.

– Eles estão fugindo!

– Peguem o garoto! – gritou o líder. – E matem o duque!

Ao ouvir a ordem, o duque mandou todos correrem. Precisavam chegar

aos cavalos. Mais dois tiros foram ouvidos, acertando a árvore bem na frente de Lamayer, que estava liderando a fuga. Ele foi obrigado a parar e mandou que todos se protegessem.

Lamayer ficou atrás da árvore que recebeu os tiros. Os outros procuraram esconderijo atrás de pedras grandes e de outras árvores. Não demorou muito para ouvirem um grito.

Um dos homens que tinha atirado atraiu para si a fúria da besta, que avançou em sua direção em velocidade. Sem conseguir escapar a tempo, o ruivo foi erguido por uma das bocarras e agarrado pela outra. Enquanto ele gritava, as duas cabeças puxavam seu corpo, cada uma para um lado. Até que o corpo se partiu em dois em uma visão aterrorizante.

– Menos dois... – disse Octavien para si mesmo.

– Faltam quatro – completou Thomás que estava próximo.

Assim que tentou colocar a cabeça de fora, uma flecha passou perto dele, indo se perder na mata adiante. A mulher tinha, nesse momento, a maior das vantagens. Sua arma era silenciosa.

– Droga... – praguejou o duque, vendo que estavam acuados.

Enquanto isso, Charles e o homem calvo tentavam espetar a fera com baionetas e espadas, distraindo a criatura. Se havia a mulher com a besta, dois com a fera e dois despedaçados no chão, o duque logo deduziu que faltava um. Assim que percebeu isso, ouviu barulho de luta.

O homem que faltava era o loiro de cabelos compridos. Ele conseguira chegar silenciosamente e agarrar sua presa. Philippe se debateu e tentou escapar, mas o ombro ferido o traiu e o homem o segurou com uma chave de pescoço.

– Cale a boca e venha comigo ou eu te mato aqui mesmo! – disse, com uma pistola encostada nas costas do garoto.

Ele começou a arrastar o rapaz para o outro lado, pois também queria chegar aos cavalos. Porém, não tinha intenção nenhuma de passar pelo duque e seus homens. As pederneiras, assim como os mosquetes, não atiravam seguidamente, chegando a duas balas por minuto. Assim, se ele atirasse uma vez, não conseguiria recarregar. Talvez por isso ele achou que era mais inteligente atravessar a arena onde seus dois amigos tentavam encurralar a fera do que se arriscar a passar perto demais dos amigos do garoto.

A besta conseguiu dar uma patada que jogou o careca longe. Nesse momento, já estavam quase no meio do caminho para chegar do outro lado e Philippe deu um forte assobio. As duas cabeças monstruosas se ergueram e se voltaram na direção deles.

– O que está fazendo, seu idiota?

Seu captor era maior e mais forte. A única chance de Philippe era que ele

afrouxasse o braço que apertava seu pescoço para que ele pudesse escapar. Achou que uma criatura de duas cabeças correndo enlouquecida na direção deles poderia ser uma boa distração para o seu oponente. Se nem isso fizesse o homem soltá-lo, então ele teria um enorme problema já que estava na frente e seria facilmente usado como escudo.

Sentiu a arma ser empurrada nas suas costelas. O homem parecia hesitar entre atirar no seu refém ou atirar no monstro que em poucos segundos o alcançaria. Acabou optando por atirar no monstro. Assim que ele apontou a arma, Philippe escorregou por baixo do seu braço.

A fuga distraiu o loiro por uma fração de segundo, o suficiente para que ele pudesse apontar a pistola. Mas não teve chance de atirar. Ele foi abocanhado e a cabeça que o pegou continuou com sua presa na boca, deixando-o com a cintura para baixo de fora. Suas pernas se debatiam freneticamente, como uma rã sendo devorada por uma cobra, numa visão perturbadora.

A arma caiu ao lado de Philippe, que aproveitou para pegá-la. Porém, A outra cabeça se voltou para ele. O rapaz se arrastou para trás até bater numa pedra e não poder mais se afastar. Ficou imóvel, pensando se usava a arma ou não. Certamente não adiantaria muito. Mas ser devorado lentamente como o homem cujas pernas corriam pateticamente no ar era um fim assustador demais para morrer sem lutar.

Ficou parado, tentando controlar a respiração para não fazer nenhum barulho. A carranca de dentes tortos ficou bem de frente pra ele, olhando sem olhos. A cabeça deformada deu um grito horroroso, agudo e angustiante. Philippe começou a tremer, sentindo o coração pular dentro do peito. Ainda assim, não se moveu. A coisa então se aproximou mais, como se estivesse em dúvida. Abriu a boca lentamente e colocou os dentes no ombro ferido, começando a apertar bem devagar.

Philippe fechou os olhos, trincou os dentes, tentando conter a dor e o pânico. E então Alguém começou a gritar do outro lado. Era Octavien, que berrava ao mesmo tempo em que batia com um pedaço de pau numa caneca de metal, fazendo um alarde.

– Ô, sua coisa horrorosa! Vem aqui se você é homem! Ou mulher! Ou qualquer coisa! Eu vou lhe mostrar um soco de direita que vai deixar seu olho roxo! Você pode ter duas cabeças, mas não é dois!

A criatura ergueu a cabeça curiosa, liberando o rapaz e voltando-se imediatamente para o barulho que ouvia. Quando estava a duas passadas de alcançá-lo, um lobisomem enorme a interceptou e agarrou-se ao seu pescoço, fincando suas presas afiadas. A cabeça que tinha o homem na boca acabou por soltá-lo. Ele caiu sangrando profusamente na barriga, onde os dentes da criatura

o seguraram. Ainda estava vivo, e se arrastava pela terra, olhos apavorados e seu corpo coberto de baba.

Philippe estava ainda paralisado no mesmo lugar, enquanto via a criatura tentar se livrar de Prateada. O Sol começava a se por. Isso significava que em alguns minutos a Lua permitiria que todos os outros se transformassem. O problema é que eles não tinham alguns minutos.

– Está ferido?

O rapaz tomou um susto quando viu o duque ao seu lado. Ele balançou a cabeça negativamente, sem sentir nada além de pânico naquele momento. O duque o ajudou a se levantar e o apoiou para saírem dali.

– E Prateada? – conseguiu finalmente que sua voz saísse.

– Ela vai distrair a criatura para que possamos fugir.

Em poucos passos, eles saíram da clareira onde a besta ainda perseguia Charles, o líder do agora esfacelado bando de renegados, e o seu amigo calvo, que organizavam um ataque conjunto e dispararam mais dois tiros. Entre as árvores, a alguns metros de distância, Lamayer e Philippe se encontraram com os outros, já com seus cavalos. Octavien estava esperando para ajudar Philippe a montar, mas antes que ele falasse algo, a mulher com a besta surgiu bem na frente deles, com a arma pronta e apontada para o duque. Era possível ver a ponta da flecha brilhando, acusando que era feita de prata. Eles pararam e Lamayer e Octavien tomaram a frente, empurrando Philippe levemente para trás.

– Se quiserem que o duque viva, sugiro que vão embora, e deixem ele e o garo...

Um estrondo fez com que todos estremecessem. A mulher ficou congelada, os olhos arregalados, o belo rosto perdendo a cor enquanto uma mancha vermelha crescia em seu peito. Confusa, ela olhou para o ferimento, caindo de joelhos. Olhou novamente para seu assassino com surpresa nos olhos que começavam a perder o viço, e, num último esforço, disparou a arma. A flecha passou ao largo deles, sem causar nenhum prejuízo. A mulher então caiu para o lado ainda com sua arma na mão e não se moveu mais.

Atônitos, eles procuraram de onde viera o tiro e ficaram ainda mais surpresos. Philippe continuava empunhando a pistola, ainda apontada na direção da mulher que há pouco estava de pé. O rosto espantado, como se não compreendesse muito bem como aquilo aconteceu, estava pálido. Olhou para a arma em sua mão e a deixou cair como se fosse um animal peçonhento, as mãos trêmulas.

– Vamos! – ordenou o duque, buscando sua montaria.

Octavien ajudou o rapaz a montar e eles dispararam, afastando-se o máximo que podiam dali. A cada passo, Philippe ouvia o tiro que ele dera e o

som do corpo caindo. Sacudiu a cabeça, tentando se livrar da imagem, pois essa não era hora de lidar com assombrações. Preocupou-se com Prateada, sabendo que ela não era páreo para aquela criatura, e que ainda havia inimigos vivos por lá.

Quando o duque finalmente parou, Thomás explicou que agora esperavam que algumas coisas acontecessem:

Que Prateada conseguisse distrair a fera.

Que a fera não comesse Prateada.

Que os renegados não atirassem em Prateada.

Que Prateada se lembrasse da direção para onde deveria correr para encontrá-los.

Os segundos eram lentos enquanto esperavam. Mas onde a fera estava, eles passavam bem rápido.

Capítulo 36

Vivendo no Abandono

A fera se sacudiu, jogando Prateada longe. Charles surgiu de novo, pois conseguira recarregar a arma. Atirou na fera e correu imediatamente, pois já tinha percebido que ela seguia os sons. O tiro a acertou no peito, e ela urrou furiosa. Correu na direção do estrondo, mas não encontrou nada. Ela parou e ergueu as cabeças descarnadas e cheias de dentes tortos, tentando ouvir alguma coisa.

Quando caiu, Prateada rolou para dentro da mata. Transformou-se então em loba e andou furtivamente, farejando os renegados que estavam ocultos na mata, preparando suas armas para atirar na criatura. Se ela corresse agora, certamente a coisa iria atrás dela e isso não era bom. Precisava que o monstro ficasse ali, junto com os outros monstros que logo surgiriam.

Então, ela se aproximou de um dos homens que estava escondido, observando a criatura. Era o careca que tratara tão rudemente Philippe. Com certeza, ele serviria. Aproximou-se silenciosamente, os olhos castanhos afogueados, passo a passo, até estar próxima o bastante.

Deu uma dentada bem dada na batata da perna do homem que berrou de dor, virando-se com o mosquete e atacando-a com a baioneta. Ele foi tão rápido que conseguiu feri-la. A loba ganiu e se afastou. Furioso, o homem mostrou os dentes para ela e suas presas apareceram. O Sol finalmente se despedira e a Lua sugira totalmente. Ele se transformou em uma fera bestial, grande e furiosa. Prateada poderia assumir sua forma de fera também, pois ela era ainda maior. Mas não o fez. Ficou olhando com a cabeça baixa e as orelhas para trás o movimento das folhas e árvores atrás do lobisomem. Ouviu a criatura correndo e passando pelas árvores, partindo-as como se fossem galhos secos, e saltando em cima do lobisomem que se atracou com ela em uma luta de vida ou morte. Prateada não ficou para ver quem ia ganhar. Correu, o mais rápido que podia, ouvindo sons tenebrosos atrás de si.

Escurecera muito rápido e estavam todos nervosos, embora ninguém falasse nada. Olhavam atentamente para a direção de onde ela deveria vir, aguardando qualquer movimento.

– Temos que ir atrás dela! – disse Philippe.

Lamayer não respondeu. Apenas continuou olhando na direção. Philippe

estava a um segundo ir sozinho quando viram uma movimentação adiante. A loba chegou mancando com uma mancha de sangue crescente na pata direita.

– Prateada! – Philippe ia descer do cavalo quando ela se transformou em algo maior.

– Não desçam! – disse ela como uma fera de mais de três metros de altura. – Corram! Eu estou bem!

E eles obedeceram. Não era muito fácil correr por uma floresta desconhecida de noite, mas a Prateada ia na frente, pois tinha uma visão melhor e corria de quatro como um tipo de lobo gigante mostrando o caminho. Octavien levava a montaria dela pelo cabresto, emparelhado com o seu próprio cavalo.

Correram por cerca de quatro quilômetros, até que os cavalos começaram a perder a velocidade. Ela começou a parar, também ofegante.

– O que é aquilo? – perguntou Thomás, apontando para uma mancha escura mais a frente.

– Parece uma casa... – respondeu Lamayer. – Pode ser um bom abrigo. Vamos até lá.

Seguiram em trote até o local. Desceram dos cavalos e contornaram a casa, procurando algum sinal de vida. Ela estava fechada. Thomás logo abriu a porta da frente com rapidez e silêncio. Ela gemeu, abrindo-se para a escuridão. Octavien se aproximou com um lampião já aceso e iluminou o lugar. Havia alguns móveis de madeira no único aposento e camas de palha no chão. Tudo parecia estar ali há muito tempo.

– Alguém aí? – chamou Octavien, apenas para confirmar o que todos já suspeitavam.

– O lugar está abandonado – disse Lamayer.

– Tem um estábulo lá atrás! – disse Prateada, já como humana, ainda ofegante e abotoando a blusa de soldado que vestia.

– Ótimo! Levem os cavalos para lá e tragam as coisas. Vamos passar essa noite aqui.

Todos gostariam de estar mais longe da criatura, mas não havia como prosseguir. Os cavalos estavam exauridos. Prateada também. Ali ao menos teriam abrigo e poderiam ver caso algo se aproximasse. Outros dois lampiões foram acesos, iluminando o lugar. Octavien abriu as janelas para que o ar entrasse e se renovasse.

– Quem será que vivia aqui? – pensou alto.

Philippe foi até Prateada, preocupado.

– Você está bem?

– Estou... – disse ela, cansada.

– Você está sangrando! – ele viu o sangue no braço dela começar a

manchar a blusa.

Ela se assustou. Achou que tinha sido apenas um arranhão que logo cicatrizaria, mas continuava sangrando.

Ele a fez se sentar em uma das cadeiras e Lamayer e os outros se aproximaram. Ela abaixou a blusa mostrando o ferimento que parecia mais fundo do que ela pensara.

– Por que não está cicatrizando? – perguntou ela, acostumada a se recuperar rapidamente quando era ferida. – Foi só um arranhão!

– Por que é prata encantada – respondeu Lamayer.

Ele pegou alguma coisa em sua bolsa. Era um odre com conhaque.

– Tome, beba um pouco, vai aliviar a dor.

Ela bebeu fazendo uma careta.

– Isso é horrível!

E então ele jogou a bebida no ferimento dela, fazendo com que ela gritasse de dor.

– O que está fazendo?! – gritou ela.

– Fique quieta.

Ele pegou uma camisa limpa de tecido fino na bolsa e rasgou em tiras. Começou a enfaixar o ferimento.

– Algum mago encantou essa arma... Vai demorar mais para curar. Mas vai curar. Não é tão feio quanto parece.

Octavien serviu água para todos e Philippe ajudou a moça a se levantar e ir para uma das camas de palha que estavam nos cantos.

– Descanse... – disse ele suavemente, ajeitando a moça em um travesseiro improvisado com um manto enrolado e cobrindo-a com outro. – Você acordará melhor.

A moça sorriu, querendo ficar acordada, mas a bebida e o cansaço cobraram seu preço e seus olhos se cerraram.

Philippe acariciou o rosto dela e se levantou para ver se os outros precisavam de alguma coisa.

Octavien estava fechando as janelas, agora que estava bem fresco dentro da casa e o cheiro de sonhos guardados e sorrisos esquecidos já tinha sido levado pelo vento.

– Minha mãe diria que essa casa estava cheia de fantasmas! – disse ele, os olhos claros que contrastavam com a barba da cor da noite lá fora. – Mas minha mãe via fantasmas em tudo!

A noite estava fria, como costumavam ser frias as noites nas florestas, e aquele refúgio tinha sido uma bênção para os viajantes cansados. Thomás estava sentado na mesa tomando um gole de uma bebida que trazia e Lamayer vinha da

porta, depois de conferir se ela estava bem trancada.

– Precisa de algo, senhor?

O duque se virou para o rapaz e espantou-se com seu estado. Ele estava pálido e sangue cobria metade do seu corpo, escorrendo pelo seu braço e caindo pela sua mão, manchando o velho chão de madeira.

– Menino, você não está bem!

– Estou bem, só um pouco...

E então ele desmaiou. Em um movimento rápido, o duque conseguiu pegá-lo antes que atingisse o chão e os outros acorreram imediatamente ao garoto. Levaram-no para outro dos colchões e abriram sua camisa. O ferimento no ombro estava aberto e não parava de sangrar, numa visão preocupante.

– Minha nossa! – espantou-se Octavien. – Como não vimos isso?

– Todo esse movimento o fez piorar... – disse Thomás. – Se não fizermos alguma coisa, vai sangrar até a morte.

Thomás foi até sua bolsa e pegou uma pequena caixa.

– Tragam água e bebida. Vamos limpar isso antes de fechar.

O duque olhou para Prateada, dormindo do outro lado, para conferir que ela não estava vendo aquilo. Então pegou o odre e limpou o ferimento com um pedaço da camisa que rasgara. Entregou a camisa para Octavien.

– Corte mais tiras. Vamos precisar.

Thomás pegou uma agulha com uma linha. O duque molhou o ferimento com conhaque. Com o corte mais sério agora visível, Thomás costurou o ferimento, com cuidado, até fechá-lo completamente.

– Onde aprendeu isso? – perguntou Lamayer, mais acostumado a ver ferimentos serem fechados com ferro em brasa.

– Nas minhas andanças... – respondeu Thomás sem tirar a atenção do que fazia. – Encontrei pessoas interessantes que sabiam coisas interessantes...

Eles enfaixaram novamente o ombro com panos limpos e tiraram a camisa que já não tinha condições de ser usada. Thomás pegou uma das suas para o rapaz e quando terminaram, deram um suspiro e se sentaram à mesa, onde havia três cadeiras de madeira.

– Ainda bem que ele desmaiou... – disse Octavien, cansado.

Os outros concordaram com a cabeça.

– Achei que ia ser difícil... – disse o duque, parecendo pela primeira vez realmente exausto. – Mas não tão difícil...

Ficaram em silêncio. As coisas realmente não estavam indo bem. Tinham enfrentado vampiros, um monstro de duas cabeças duas vezes e sequestrados por mercenários. O cansaço aumentava o desânimo que começavam a sentir.

– Vão dormir um pouco – disse Octavien. – Eu fico de vigília e depois

acordo um de vocês. Tudo parecerá menos difícil pela manhã...

Apagaram os lampiões para que a casa continuasse do jeito que estava antes, camuflada na escuridão da noite. Octavien encontrou seu posto perto de uma janela que tinha uma fresta. Às vezes, olhava por ela. Às vezes se levantava para espantar o sono e ia até os fundos, ver por uma outra abertura de outra janela. Com a Lua cheia, não era fácil algo se aproximar sem ser visto. Felizmente, naquela noite, nada se aproximou deles.

Capítulo 37

Círculo de Fogo

D urante o dia, não viram nenhum sinal dos lobos do rei. Um grupo foi até o chateau para trazer mantimentos, mas Diderot, Bergére, Hector e Sarrazin estavam preocupados com as batalhas seguintes. O fato de terem usado insanos, uma qualidade de vampiros que nem os vampiros mais aceitáveis gostam, o rei mostrou que está disposto a tudo.

Os feridos foram tratados ali mesmo e um novo acampamento improvisado ia se formando. Por estarem dentro das terras cercadas por água corrente, não precisavam temer ataques surpresas dos súditos de Lucien. Mas os soldados do rei ainda eram um perigo, mesmo sem parte do seu efetivo.

– É uma alegria ver vocês do lado de cá do rio – disse Diderot para o jovem soldado que ele salvara, – mas confesso que estou também surpreso. O que fez com que mudassem de lado?

O rapaz que tinha traços gentis sorriu e apertou a mão que o capitão lhe estendia.

– Há muito tempo muitos de nós estamos insatisfeitos com algumas decisões do rei Antoine – explicou ele, agora sem sorrir. – Mas as coisas foram de mal a pior. Lutar contra nosso próprio clã só foi possível por lealdade ao rei. Mas como ser leal a um rei que parece mais leal aos vampiros do que ao seu próprio povo? Ver os insanos se unindo a nós no ataque a vocês ontem foi a gota d'água. Já tínhamos conversado a respeito. Quando os vampiros chegaram, nos decidimos.

– Eu e todos os soldados dos chateaus das Vertentes, dos Damascos e das Pérolas agradecemos. Nunca foi nossa intenção que as coisas chegassem nesse ponto.

Eles caminharam um pouco pela área onde as pessoas improvisavam seu novo local de concentração. Havia umas camas improvisadas feitas com tecidos para aqueles que estavam ainda feridos ou exaustos e fogueiras eventuais onde animais caçados na floresta eram assados em espetos.

– O que você pode nos dizer sobre o que seu capitão planeja? – perguntou Diderot, sabendo que era uma pergunta delicada que poderia ficar sem

resposta.

O jovem franziu o cenho e olhou para o céu como se estivesse tentando se lembrar de algo.

– Dimitri é arrogante e isso o torna meio louco às vezes. Ele não vai recuar. Se é isso que vocês esperam, podem esquecer. Mesmo em desvantagem, ele vai insistir e ele não tem problemas em torcer um pouco a lei quando lhe convém.

– Isso nós já percebemos... – respondeu Diderot, que percebeu que ainda não sabia o nome do rapaz. – Acho que não nos apresentamos devidamente. Eu sou o capitão Diderot.

– Griphin. Meu nome é Griphin.

Sarrazin gritou por Diderot, chamando-o para uma tenda onde ele e os outros capitães se debruçavam sobre uma mesa improvisada. Despediu-se do jovem e foi até lá em passadas largas.

– Temos um plano... – disse Hector, não parecendo muito confiante.

– É um bom plano? – perguntou Diderot.

– Não – responderam todos em uníssono.

– Mas é o único que temos – concluiu Bergére.

A noite chegou e eles se prepararam para receber as feras em seu último dia de lua cheia. Se conseguissem se manter firmes naquela noite, a partir da noite seguinte as batalhas seriam apenas de humanos contra humanos. Assim que a lua se ergueu no horizonte, o exército inimigo surgiu da outra margem do rio. O capitão Dimitri estava em seu cavalo, como Diderot ainda estava no seu.

Dimitri deu a ordem de avançar e os homens se transformaram em lobos. Quando chegaram nas margens do rio, assumiram sua forma de lobisomem, transformando-se em criaturas enormes que andavam em duas patas e podiam correr em quatro. Atravessavam a água com extrema facilidade, pois era apenas um regato raso para seus três metros de altura.

Uma vez do outro lado, eles se posicionaram. Diderot estava há cerca de 200 metros de distância e ergueu o braço em sinal de atenção para seus comandados. Os homens imediatamente se transformaram em lobos, deixando seus mantos caírem. Quando Dimitri deu a ordem, as feras partiram para o ataque como se fossem a visão de um pesadelo. O outro lado, no entanto não se moveu.

Quando já estavam quase no meio do caminho, Diderot desceu o braço, apontando para a frente e dando a ordem de atacar. Os defensores do castelo começaram a correr, ainda como lobos.

Dimitri observava de longe com um sorriso de vitória antecipado. Não

via o destacamento dos lobos brancos desertores entre os soldados, o que poderia significar que eles não tivessem aderido ao outro lado, mas apenas abandonado a guerra. Nesse caso, não era traição, mas apenas deserção. Ao menos, o efetivo perdido não tinha sido acrescentado ao exército inimigo.

As feras do rei corriam com dentes arreganhados, ávidas por alcançar suas vítimas, quando, de repente, eles afundaram no chão sob seus pés. Os de trás caíram sem saber onde. Quando viram os companheiros caindo, os outros tentaram parar, mas com a velocidade com que vinham, foram empurrados pelos que vinham mais atrás.

Os lobos brancos então pararam de correr com uma ordem de Diderot e ficaram a postos, esperando os que iriam saltar o fosso e os que iriam sair dele. Dimitri balançou a cabeça rindo.

– Esses idiotas não sabem que lobisomens podem saltar? Que raio de tática foi essa?

E, de fato, os lobos que caíram no fosso, e foram muitos, começavam a sair, impulsionados pelos companheiros.

Diderot desceu do cavalo e retirou o manto, deixando o corpo nu de músculos desenhados por segundos antes de se transformar em um lobo. Correu até saltar no meio da batalha transformando-se ainda no ar em um lobisomem cujas presas encontraram a garganta de um lobo negro que estava quase matando um lobo branco ensanguentado.

Dimitri ria sem se conter com a vitória que se aproximava. Achou que estava na hora de entrar nessa luta já ganha. Desceu do cavalo, e, tal qual Diderot, deixou o manto para trás e se transformou em lobo e, a seguir, em fera, correndo para a batalha.

Era evidente que os soldados do rei estavam vencendo. Mais violentos e mais organizados, eles não se detinham por nada.

– Recuar!

A ordem de Diderot foi seguida quase que imediatamente. Os que podiam se livrar de seus agressores correram, voltando pelo caminho que vieram. Os invasores com sanha de vencer, os perseguiram.

– Não deixem que escapem! Eles não podem voltar para o château! – berrou Dimitri.

Diderot cruzou os braços esperando para ouvir qual era o plano afinal. Foi Sarrazin quem pegou um pote de vidro bem tampado com uma gosma verde escura dentro.

– Eu peguei a bolsa do garoto mestiço, que a deusa o tenha! E encontrei isso!

Ele tirou a tampa de rolha e deu para Diderot cheirar. Logo que foi atingido pelo cheiro forte se afastou.

– Eu me lembro disso... – falou. – Parece uma versão mais forte de um tranquilizante que Emily fazia... Ela deve ter ensinado ao rapaz. Passavam muito tempo juntos.

– E ele adicionou uns truquezinhos! – continuou Bergére. – Temos certeza de que esse é o veneno que ele usava nas flechas. Não mata, mas diminui os reflexos até provocar um desmaio.

– E aqui tem o suficiente para o nosso plano – finalizou Sarrazin com um sorriso.

Foi quando muitos deles começaram a tropeçar, como se estivessem bêbados. Quando caíram no fosso e quando tentaram sair, eles se arranharam em diversas farpas que estavam espetadas por todo o lugar. Os efeitos demoram um pouco, mas sempre se manifestam. Vários lobisomens começaram a simplesmente desmaiar no caminho. Dimitri se virou, confuso, vendo o fenômeno, mas não teve tempo para pensar em uma solução, pois das laterais saíram dezenas de lobisomens brancos de fossos que também estavam camuflados com galhos e mato.

Com mais de 100 lobisomens vindo de cada lado, e os que tinham fugido agora voltando para o ataque, os soldados do rei começaram a sofrer suas perdas e sentir a desvantagem. Dimitri então deu um uivo. Poucos segundos depois, um grupo de cerca de 50 lobisomens avançou na direção do conflito. Eram diferentes dos outros, com cicatrizes e até pedaços de armaduras de couro sobre partes do corpo. Muitos usavam espadas e outros, machado. Eram poucos, mas quando chegaram, começaram a derramar sangue dos lobos do château.

Um lobo branco desertor deu um ganido e perdeu a pata. Outro perdeu a cabeça com um machado. O lobisomem que fez isso ergueu a cabeça decepada que se transformou em homem para que todos vissem, inspirando terror.

– Recuar!

Diderot não demorou muito para dar a ordem. Ele e outros mais fortes deram cobertura para que os mais fracos pudessem sair do campo de batalha.

– Matem todos! – gritava Dimitri.

Com todos já em retirada e sendo perseguidos pelos inimigos, Diderot deu outra ordem, enquanto rasgava a garganta de um inimigo com suas garras.

– Agora!!!

Os lobisomens do château correram o mais rápido que puderam, incluindo Diderot. Um rastro de fogo surgiu no chão e com velocidade cercou os lobisomens inimigos. Havia mais um fosso, esse muito mais raso, disfarçado no chão. Esse fosso estava cheio de palha, galhos secos e todo tipo de coisa inflamável, tudo embebido em querosene. A parede de fogo se ergueu em espirais e vários uivos e ganidos foram ouvidos.

Diderot olhou em volta.

– Onde está Bergére?

Ninguém respondeu e ele voltou a olhar para o círculo incandescente que avançava para o centro, onde os lobisomens, que normalmente têm horror a fogo, se amontoavam assustados.

– Peguem os corpos! – ordenou Dimitri.

Ele mesmo começou a pegar corpos de mortos e feridos dos dois lados e jogar no fogo atrás dele. Os que não estavam em pânico fizeram o mesmo, criando uma espécie de ponte de corpos que os permitiria voltar para o acampamento. Muitos saíram chamuscados, outros com queimaduras mais graves e um perdeu a visão por estar perto demais quando o fogo foi aceso. O cheiro de carne e pelo queimado se espalhou.

Quando o fogo começou a baixar, não havia mais ninguém lá dentro que não estivesse caído. Diderot chamou os outros para tentar resgatar algum sobrevivente. Torcia para que o amigo de confiança Bergére estivesse entre eles.

Os inimigos atravessavam o rio de volta para o outro lado. O château vencera mais uma vez. Mas ninguém sentia nenhuma alegria por isso. Lobos brancos encontraram velhos amigos, vizinhos, companheiros de armas e irmãos, já sem vida ou em seus últimos instantes. O fogo se tornara uma parca iluminação alaranjada em forma de círculo, enquanto os vivos choravam seus mortos.

Diderot encontrou Bergére caído ensanguentado. Correu até ele e viu que ainda estava vivo, apesar do grande rasgo em seu peito que emanava sangue na pelagem com poucas áreas brancas.

– Agente firme, amigo!

– Eu falei que esse plano era uma droga! – disse Bergére, tentando rir.

Diderot o levou para o acampamento correndo, enquanto outros faziam o mesmo com feridos. Havia aqueles que já estavam na forma humana, mostrando que a vida já tinha se esvaído. E eram muitos. Mas Diderot não olhou para nenhum deles. Primeiro, cuidariam dos vivos. Depois, pranteariam seus mortos.

Capítulo 38

O Lenço Vermelho

Os primeiros raios da manhã passaram pelas frestas da janela, despertando Thomás, que foi o último a assumir a vigília. Não percebera que cochilara entre o céu ficar cinza e azul. Olhou pela fresta e viu que o dia já estava claro.

Lamayer começou a se levantar. Já estava acordado, pensando em todas as implicações de suas decisões e como agora estava levando Philippe e Prateada para o lugar mais perigoso do mundo para eles. Se desse tudo certo, ótimo. Se não desse... Ele estava pronto para perder a cabeça. Literalmente. Mas não pretendia arrastar os dois com ele. E se surpreendeu ao perceber que há algum tempo o mestiço que nunca perdoara pelos pecados do pai ocupava um lugar constante em suas preocupações. Vendo que todos ainda dormiam pesadamente, apesar do ronco de Octavien, o duque continuou deitado. Que dormissem mais um pouco. Os últimos dias e noites não estavam sendo fáceis pra ninguém. Fechou os olhos e pensou na filha Celine e no amigo Diderot. Esperava que eles estivessem bem.

Prateada acordou com calor. O motivo era que a lareira estava acesa e Octavien esquentava café. A moça se levantou descabelada e bocejando. Ela já ia direto para o outro lado da sala, onde Philippe ainda dormia, mas o duque a chamou gentilmente e pediu que tomasse café com Thomás e Octavien. Havia uma possibilidade razoável daquele ferimento no ombro ter inflamado, ou do menino ter perdido sangue demais. Em ambos os casos, ele estaria fraco demais para acordar e isso apavoraria Prateada.

Enquanto os rapazes a distraíam com um café ruim e um pão duro, Jean foi até a cama de Philippe com uma caneca de chá. Tocou na testa do rapaz. Se ele estivesse quente ou gelado demais, era um mau sinal. Mas, felizmente, a temperatura parecia normal. O duque o chamou algumas vezes e os olhos se abriram pesadamente. Olhou confuso a sua volta tentando se lembrar de como chegou ali.

– Você tem um sério problema em manter seu sangue dentro de você – disse o duque lhe entregando a caneca com o mesmo chá amargo.

O rapaz não conseguiu se levantar por causa do ombro e Lamayer o ajudou a beber.

– O que aconteceu? – perguntou meio grogue.

– O ferimento abriu e você sangrou muito – explicou rapidamente o duque. – A bebida vai diminuir a dor.

– Philippe!

Prateada apareceu ao lado dele com ar de preocupação.

– Você está horrível! – disse ela.

– Estou ouvindo muito isso ultimamente... – respondeu ele. – Vai afetar minha autoestima.

Lamayer se levantou e foi falar com os rapazes que já estavam lá fora tentando descobrir onde estavam.

Philippe tocou na faixa que envolvia o braço dela e ela afastou.

– Ainda dói... – concluiu ele.

– Dói – respondeu ela. – Mas já está melhor que ontem. E você?

– Acho que qualquer coisa pra mim é melhor que ontem.

Lá fora, eles olhavam um mapa e a posição do sol.

– Acha que nos afastamos muito da rota mais rápida? – perguntou Lamayer.

– Acho que não... – Thomás não parecia muito seguro. – Mas pelo menos já descobri que temos que ir naquela direção.

– Então vamos – determinou o duque. – Aqueles idiotas nos atrasaram.

Haviam deixado os cavalos pastando enquanto tomavam o café e se preparavam. Deram água aos animais e em pouco tempo, estavam prontos para partir. Philippe tinha lavado o rosto e prendido o cabelo novamente no velho rabo de cavalo baixo. Isso e o chá lhe deram um aspecto melhor. Thomás o ajudou a subir no cavalo, pois ele estava novamente com a tipoia que não poderia ter tirado.

– Olha só! – comentou Octavien. – Você nem parece mais um moribundo!

– Vamos ver ao final do dia... – brincou Philippe.

Seguiram mais uma vez pela floresta e Prateada contou o que tinha acontecido depois que eles saíram, o que os levou a conjecturar sobre o resultado daquela luta.

– Acha que os três renegados conseguiram vencer o monstro? – perguntou Prateada.

– Três, não. Dois – corrigiu Thomás. – Philippe matou a renegada com a besta quando estávamos fugindo.

Prateada se virou para o rapaz atônita.

– Como foi isso? – perguntou ela.

– Foi perfeito! – contou Octavien. – Ela estava com a besta apontada para

o duque e antes que ela percebesse já tinha levado um tiro de pistola no peito. Acontece que o garoto tinha uma pistola nas mãos desde que o tiramos da boca da besta, literalmente.

– Eu não queria matar ninguém – disse Philippe, voltando a contragosto para as lembranças do dia anterior.

– Tarde demais – concluiu Thomás.

– Era ela ou nós – falou Lamayer. – Fez a escolha certa.

– Quem terá sobrevivido? A besta ou os dois renegados? – Voltou a imaginar Octavien.

– Renegados são muito ardilosos! – conjecturou Thomás. – Eles conseguiram feri-la com prata, talvez consigam derrubá-la.

– Acho improvável que dois lobisomens dessem cabo daquela coisa... – respondeu Lamayer. – Provavelmente a besta venceu.

– Então ela ainda pode aparecer??? – perguntou Prateada, genuinamente preocupada.

Ninguém respondeu. E seguiram em silêncio por mais algum tempo.

Passaram pelas últimas árvores e finalmente chegaram ao topo de uma colina. Diante deles, uma descida em relva verde que brilhava ao sol.

– Não sabia que estávamos tão alto! – surpreendeu-se Philippe. – A vista é incrível!

E era mesmo. De onde estavam podiam ver vales verdejantes lá embaixo com rios brilhantes que pareciam serpentes prateadas. Havia um grande lago azul na direção de onde o sol nascia. Mais ao longe, fileiras de montanhas distantes que iam mudando de cor conforme se afastavam.

– O Château Real fica bem ali! – apontou Thomás.

De onde estavam, não dava para ver nada além de belíssimas montanhas de formação rochosa. Como todas as cidades secretas, o Château Real não ficava à vista, evitando os humanos que tinham seus próprios reis, suas próprias leis e seus próprios problemas, com os quais preferiam não se envolver.

Desceram a colina rapidamente e seguiram na direção apontada por Thomás. A jornada estava, finalmente, chegando ao fim.

Era quase meio-dia quando avistaram a entrada do Château Real. Estavam agora em um monte com algumas árvores de onde viam, lá embaixo, a cidade que ficava em um lugar especialmente protegido pela própria geografia. Uma formação rochosa providencial fazia com que o chateau ficasse entre duas montanhas íngremes, tornando improvável que algum invasor viesse pelos lados, além de também escondê-la de olhos curiosos. De onde estavam, deitados na

relva para que não fossem descobertos, só conseguiam ver a entrada, onde duas estátuas enormes pareciam guardar o portal. Uma parede alta de pedras se unia às duas montanhas num trabalho impressionante. No meio do muro e entre as estátuas, largos portões de madeira escura de mais de cinco metros de altura estavam abertos para passagem de carroças, carruagens ou pessoas. De onde estavam, não viam nada além dos portões. Ao redor das montanhas, uma floresta fechada tornava a cidade ainda mais inacessível a algum humano curioso.

Eles observavam os portões de entrada, vigiados por uma dezena de guardas do rei com lanças e espadas. Eles inspecionavam carroças e cavaleiros que entravam e saíam.

– Como vamos entrar?

A pergunta de Prateada era a de todos. Ninguém respondeu.

– Nós podemos ir na frente e avisar ao Conselho que o senhor quer vê-los – sugeriu Thomás.

O duque balançou a cabeça negativamente.

– A essa altura, todos já sabem quem está andando comigo – respondeu Lamayer.

Philippe observou uma coisa que lhe chamou a atenção. Virou-se de lado, apoiando-se no braço que não estava na tipoia para ver melhor.

– Eu posso me transformar e entrar quebrando tudo! – sugeriu Prateada.

– E no que isso vai nos ajudar? – questionou Thomás.

– Pode ser uma distração, ué!

– Enquanto eles matam você, nós poderemos ser mortos tentando passar de fininho... – debochou Thomás achando aquela ideia estúpida.

– O que é aquilo?

Eles olharam para a direção em que Philippe apontou. Havia um pequeno lenço vermelho pendurado em uma árvore a alguns metros deles.

Com cuidado, foram até lá. Octavien, que era claramente o mais alto, pegou o lenço e entregou para o duque.

– Está perfumado! – comentou Prateada, que mesmo como humana tinha um faro incrível.

O duque cheirou e reconheceu aquele perfume que estava, realmente, muito forte, provavelmente colocado em excesso de propósito.

– É de Madame Margaux! – disse o duque.

– Ela deixou aqui para nós! – animou-se Prateada. – Deve significar alguma coisa!

– É, mas o que? – perguntou Philippe.

Lamayer ainda tentava decifrar a pista, observando o lenço nas mãos enquanto sentia a suave textura da seda.

– Participamos de muitos jogos no Château dos Damascos, meu irmão e eu. Eram grandes celebrações e vinham lobos de longe só para isso. Um dos jogos era disputado entre dois grupos. Nós sempre éramos do grupo vermelho e usávamos lenços como esse amarrados nos braços.

– Mas o que ela quer dizer com isso? – perguntou Octavien.

– Como era o jogo? – perguntou Philippe.

– Tínhamos que decifrar pistas e encontrar um tesouro... Passar por provas físicas – lembrou Lamayer. – Não sei no que isso ajuda.

– Talvez haja pistas por aqui – sugeriu Prateada, olhando em volta procurando por algo que não deveria estar ali.

– Não faz muito sentido... – disse Thomás.

– O que acontecia no final do jogo? – perguntou Philippe.

– O líder do time vencedor podia acender a pira dos jogos. Era uma tradição.

– E onde ficava essa pira?

– No alto de uma colina... – e Lamayer compreendeu a pista.

Acenderam uma pequena fogueira na colina onde estavam. Era dia, não chamaria a atenção de ninguém que não estivesse procurando.

– E agora? – perguntou Prateada.

– Agora é esperar – respondeu calmamente o duque.

Os minutos se passaram. A fogueira estava quase apagando e virou um risco de fumaça branca subindo ao céu.

– Acho que não era isso – disse Octavien.

– Olhem! – Philippe apontou para os portões da cidade.

Doze cavaleiros uniformizados saíram e pegaram o caminho que levaria até eles.

– Acho melhor nos escondermos! – disse Octavien.

– Não, esperem! – disse o duque. – Vejam os uniformes!

De fato, eles eram completamente diferentes dos uniformes que os soldados do rei usavam. Eram brancos e azuis, com uma árvore estilizada no peito.

O duque respirou aliviado e sorriu.

– São os guardas que servem exclusivamente ao Conselho.

Estavam bem à vista quando os soldados chegaram. O que vinha na frente falou primeiro.

– Duque das Vertentes?

– Sou eu.

– Eu sou o Capitão Lafayette. Madame Margaux pediu que nós os escoltássemos até o Palácio da Justiça.

O grupo se entreolhou. Com tantas dificuldades para chegarem até ali, aquilo pareceu simplesmente fácil demais. Mas não viam outra forma de entrar na cidade e tudo o que podiam fazer era torcer para não ser uma armadilha.

Lamayer então se virou para a pequena comitiva que o acompanhara até ali. Retirou uma algibeira e a entregou a Thomás, que não compreendeu.

– Quando contratei vocês dois para treinar meus homens, nunca imaginei que teriam tanto valor. Aqui está o pagamento, espero que seja o suficiente. Peço que acompanhem Prateada e Philippe de volta ao Château das Vertentes e, depois disso, estão livres de quaisquer obrigações comigo.

O grupo ficou em silêncio com expressões confusas.

– Está se livrando de nós? – perguntou Prateada.

– Acho que ele está... – respondeu Octavien.

– Não estou me livrando de vocês! – retrucou o duque.

Ele respirou fundo e aliviou a tensão do rosto.

– Não sabemos o que vai acontecer lá embaixo – disse ele. – Eu espero, sinceramente, que o Conselho me ouça. Mas, se mesmo assim eles decidirem em favor do rei, eu e todos que estiverem comigo estarão condenados. Não há motivo nenhum para que mais pessoas sejam punidas pela minha decisão.

Os guardas esperavam em silêncio o desenrolar da situação. Foi Prateada quem falou primeiro.

– Eu vou com o senhor! – disse resoluta de braços cruzados e cenho franzido.

– Eu também! – emendou Philippe. – Como pivô de toda essa bagunça, eu insisto em estar ao seu lado até o fim! E o senhor não vai me impedir.

Thomás e Octavien se entreolharam, concordando mutuamente com a decisão.

– Lamento, duque... – disse Thomás devolvendo-lhe a algibeira. – Mas nós não terminamos o serviço ainda. Pode nos pagar com um lugar para viver quando voltarmos para o Château das Vertentes.

O duque olhou perplexo para aquelas pessoas diante dele. Sacudiu a cabeça negativamente, um tanto inconformado.

– Vocês sabem o risco que estão correndo me acompanhando? – perguntou mais uma vez.

– Não – respondeu Philippe. – Mas não é maior do que o risco que o senhor correu quando me defendeu.

Lamayer percebeu que conquistara algo valioso. Não imaginava que seria capaz de despertar tamanha lealdade. Nunca fora o favorito do seu pai, nunca tivera o carisma e o espírito de liderança natural de seu irmão, Pelouse. Fazia o seu melhor, sem se importar se desagradava alguém, e, geralmente, era o que

fazia.

O duque anuiu com a cabeça e um sorriso muito discreto de puro orgulho.

– Então, está na hora de vermos o Conselho...

Capítulo 39

Confronto na Praça das Roseiras

Seguiram no meio dos soldados e quando se aproximaram no gigantesco portão de entrada, os guardas apontaram as lanças, visivelmente surpresos.

– Alto lá! Temos ordens do rei para levar qualquer visitante até a sua presença!

– Temos ordem do Conselho para levar esses lobos até o Palácio da Justiça.

O impasse estava lançado. Todos sabiam que a autoridade do rei da Alcateia era máxima. Exceto pelo Conselho dos Sábios. Eles tinham poderes de julgar, decidir e até mudar qualquer ordem do rei. Por isso eles tinham sua própria guarda, eximamente treinada e composta de nobres de vários clãs. Era uma honra servir na guarda do Conselho.

Os guardas do portão mantiveram suas lanças apontadas para eles. O capitão Lafayette, um homem garboso de barba bem feita, mantinha-se impassível. Um embate era bem possível, mas não havia entre os vigias uma patente que lhes desse uma direção. Reconhecendo o capitão da guarda do Conselho como a maior hierarquia ali, os guardas baixaram suas lanças e permitiram a passagem do grupo.

Adentraram a cidade e Philippe e Prateada se espantaram com o tamanho. Era, de fato, o maior chateau que qualquer um deles já vira, com ruas largas e casas muito próximas umas das outras. Eram menores do que a maioria das casas do Chateau das Vertentes, mas certamente muito mais numerosas. Havia muitas pessoas na rua que observavam curiosas a escolta passando com estranhos.

Prateada olhava encantada para aquela arquitetura diferente e as pessoas que se vestiam muito bem. Philippe dirigia sua atenção para o alto, onde montanhas rochosas se erguiam até mais de quatro mil metros, sendo uma visão impressionante. Ele percebeu que conforme adentravam a cidade, a rua se alargava e outras ruas perpendiculares surgiam com mais casas bem cuidadas. A entrada, mesmo com as duas belas esculturas, não dava ideia do tamanho ou riqueza do chateau. Isso acontecia porque os portões estavam em um afunilamento onde as formações rochosas se encontravam. Quanto mais se entrava, maior o vale que ela formava, enquanto as montanhas se afastavam. Era

como se a cidade fosse abraçada pela cordilheira que a protegia de invasores.

Passaram pelo centro comercial, onde barracas vendiam de um tudo, até que chegaram a uma enorme praça com grandes construções de arquitetura romana. Uma imensa biblioteca ficava ao lado de um anfiteatro. Do outro lado, um museu e, com estátuas de mármore na frente, o Palácio da Justiça. No meio da praça, apenas um jardim bem cuidado com bancos e flores.

– Alto lá!

Os dois estavam tão distraídos que não viram a chegada de um grupo de soldados do rei que bloqueou sua passagem. Os guardas do Conselho pararam.

– O rei exige que esses criminosos perigosos sejam levados até sua presença imediatamente.

O capitão Lafayette olhou para seu interlocutor longamente com ar curioso. Virou-se para observar as cinco pessoas que escoltavam que, de fato, não estavam nos seus melhores dias.

– Três homens cansados e dois meninos machucados. Esses são os seus criminosos perigosos?

– São ordens do rei! – retrucou o outro.

– Pois eu tenho ordens do Conselho para levá-los até sua presença.

Os cavalos se agitaram, talvez sentindo a tensão crescente. Estavam a poucos metros do Palácio da Justiça. Mas essa pequena distância se tornava intransponível com mais de 20 soldados tentando barrar sua passagem.

– É melhor entregá-los, Lafayette – alertou o outro, um homem de olhos pequenos e nariz aquilino, dando-lhe uma desconfortável aparência de predador.

– Lamento, Pierre. Eu tenho minhas ordens.

Como se já esperassem por isso, os homens passaram a frente, deixando seus protegidos atrás de uma parede de soldados montados que agora tinham a missão de abrir caminho até o Palácio. Pessoas na rua começaram a correr, pressentindo o confronto.

– Os soldados do rei são muitos... – disse Thomás.

Lamayer colocou a mão sobre a espada na cintura.

– Preparem-se – avisou. – Teremos que lutar se quisermos chegar ao Conselho.

Philippe tirou o braço da tipoia e procurou pelo seu arco que estava amarrado na montaria. Tinha quase certeza de que não conseguiria nem puxar a corda, mas precisava tentar.

Lafayette mantinha a mão sobre a espada, assim como seus soldados, apenas aguardando os oponentes iniciarem o ataque. Pierre fez um repuxar de lábios de raiva ao ser confrontado. Então, puxou a espada e deu a ordem.

– Tragam os traidores!

E foi quando algo aconteceu. Em plena luz do dia, um enorme lobisomem de pelagem branca saltou na frente deles, assustando os cavalos que empinaram. O lobisomem então começou a jogar os soldados surpreendidos pelos ares. Prateada arrancou um rapaz do cavalo e o jogou no meio de roseiras. Rosnou para outro, cujo cavalo se desesperou e saiu correndo.

Pierre se recuperou do susto e tentou acertar a fera com a espada, fazendo-lhe um corte nas costas. Prateada se empinou com a dor e se virou furiosa. Pierre tremeu, e tentou acertá-la de novo, mas ela se esquivou, agarrou o capitão e o jogou o mais longe que pôde. E assim continuou fazendo.

Ninguém vira quando ela se transformara, pois estavam concentrados no que acontecia a sua frente. Naturalmente ficaram momentaneamente confusos, mas Lafayette logo percebeu o que ela estava fazendo e deu a ordem.

– Passem! Protejam o duque!

Em uma nova formação, os soldados rapidamente os colocaram novamente no meio enquanto corriam. Iam passando enquanto Prateada ia jogando soldados para cima como se fossem bonecos. Ela pegou um e jogou em cima de outro que estava num cavalo, e se as pessoas não estivessem correndo atarantas, teriam notado que ela estava se divertindo jogando aqueles soldados para todos os lados, enquanto abria caminho.

Com tudo isso acontecendo muito rápido, alcançaram em poucos minutos o palácio. Todos desceram dos cavalos para subir as escadas brancas que levavam às portas de madeira escura.

– Protejam a porta! – ordenou enérgico Lafayette. – Ninguém entra!

Assim que chegaram, a porta se abriu e eles entraram imediatamente. Deram alguns passos para dentro do grande salão de mármore e Philippe se virou, procurando alguém que não tinha passado pela porta que já estava sendo fechada pelo capitão Lafayette e outro membro da guarda do conselho que a abria por dentro.

– Prateada!

Como se atendesse a um chamado místico, a porta se abriu com o impacto de uma fera que se atirou para dentro, quase derrubando os dois homens que tentavam fechá-la. Philippe e Lamayer estavam na laterais e bastou que se jogassem instintivamente para trás para saírem do caminho e evitarem serem atingidos pela fera. Thomás correu, vendo o que se aproximava. Octavien ainda estava olhando para frente e quando se virou para ver o que tinha sido aquele barulho, foi atropelado por Prateada ainda transformada em um enorme lobisomem. Ele foi jogado de costas no chão com o animal em cima dele.

– Desculpe, Octavien! – disse ela.

Mas a resposta foi apenas um gemido, pois o peso dela estava esmagando

seus pulmões. A fera então se transformou em um lobo, que apesar de grande, era bem mais administrável do que uma fera de 300 quilos.

Lafayette e o outro militar fecharam a porta e ouviram sons de luta do outro lado. Se entreolharam, sabendo que os problemas lá de fora agora pertenciam aos soldados e não havia muito o que pudessem fazer, além de continuar a missão que lhes foi dada. Voltaram correndo para os visitantes, vendo Lamayer e Thomás ajudando Octavien a se levantar. Foi quando eles perceberam que o outro guarda que acompanhava Lafayette e que lhes abrira a porta era uma mulher. De cabelos negros e olhos sérios, ela usava o mesmo uniforme, mas possuía algumas medalhas marcadas no peito.

– Eu sou a comandante da guarda do Conselho, Michelle Sanadier. Me perdoem pela recepção desastrosa. Venham comigo, por favor!

Eles caminharam apressados pelo imenso salão com piso de mármore e teto abobadado com desenhos coloridos pintados à mão. Colunas enormes sustentavam todo o lugar e a comandante os guiou por corredores largos até uma porta.

Assim que eles entraram, se surpreenderam ao encontrar uma sala de banhos, exatamente como tinham os romanos em seus tempos áureos. Era uma área considerável com uma piscina de água quente. Em uma mesa, várias toalhas devidamente dobradas aguardavam uso.

– O que é isso? – perguntou Lamayer.

– Madame Margaux está reunindo o Conselho e preparando tudo para que sua audiência ocorra nos próximos minutos – explicou a comandante. – Não é algo muito comum, mas compreendemos as circunstâncias emergenciais. Ainda temos algum tempo e não seria de bom tom que fossem diante do Conselho nesse... estado.

Eles olharam para si mesmos e entenderam que estavam sujos, talvez não muito cheirosos, um tanto descabelados e imaginavam que seus rostos também não estivessem grande coisa. Prateada, que tinha entendido perfeitamente, fez um som peculiar, como um cão que tenta falar ou reclamar de alguma coisa.

– Acho que ela está dizendo que preferia comida primeiro – deduziu Philippe, que conhecia o jeito de Prateada desde quando ela era apenas um filhote que ele criava.

– Eu imagino que estejam famintos – respondeu Lafayette. – Mas a audiência deve ser realizada o mais rápido possível.

– Nós entendemos e agradecemos os cuidados – respondeu Lamayer.

Alguns jovens entraram com roupas e as apresentaram para eles. Com a anuência, foram colocando as roupas em bancos. Uma moça veio e mostrou para Prateada um vestido, pedindo que ela a acompanhasse até outra sala.

– Há uma sala como essa para as mulheres – respondeu Sanadier. – Vocês têm 15 minutos.

Eles foram deixados sozinhos e começaram então a se despir. Philippe se sentiu constrangido, mas sabia que precisava de um banho e ninguém ali parecia estar prestando atenção um no outro mesmo.

Alguns minutos depois, eles estavam limpos, com perfume de lavanda, cabelos molhados e penteados e bastante revigorados. Encontraram-se com Prateada no corredor, agora não mais um soldado ou um lobo, mas a jovem de cabelos soltos em um elegante vestido esverdeado. Foram todos guiados por Lafayete. Seguiram o capitão em silêncio até que chegaram diante de uma porta fechada. O capitão se virou para eles.

– Estão prontos?

Lamayer concordou com a cabeça, não hesitando nem por um segundo.

– Então, cavalheiros e dama, boa sorte! – disse o capitão, abrindo a porta.

Estavam nervosos. Tudo o que fizeram os trouxe até aquele momento. E aquele momento trazia em si todo o peso de suas expectativas. Poderia ser o fim de tudo. Poderia ser uma mudança de curso dos eventos terríveis que estavam acontecendo. E agora, não havia mais nada a fazer a não ser seguir em frente e terminar o que começaram.

Nenhum deles jamais tinha estado presente em uma audiência com o Conselho, e, de alguma forma simplista, esperavam que fossem ficar de frente para três velhinhos. O que encontraram, no entanto, era bem diferente.

Capítulo 40

A Hora da Verdade

Entraram em um salão bem iluminado que lembrava de uma maneira desconfortável uma arena. Seus passos fizeram sons claros no piso impecável, pois o local estava mergulhado no mais absoluto silêncio, apesar de estar repleto de pessoas. Talvez fosse o cansaço dos dias turbulentos que tiveram, mas tudo ali parecia um fragmento de sonho.

Diante deles estava a tribuna com os três conselheiros vestidos de preto e sentados em cadeiras de encosto alto em um nível acima, separados deles por alguns degraus. À esquerda e à direita, havia bancos de madeira escura corridos que circundavam a sala sem interrupção, exceto pela tribuna dos juízes e pelo acesso de entrada por onde eles vieram. Dispostos em seis níveis, o lugar devia comportar cerca de 200 pessoas. E não havia um único lugar vazio.

As pessoas que estavam nessa plateia inesperada eram sérias e bem vestidas. Havia homens e mulheres, a maioria acima dos 40 anos, e se mantinham no mais absoluto silêncio, a ponto de não serem percebidos se não se olhasse para eles.

A pequena comitiva do Château das Vertentes chegou diante da tribuna. Fizeram um cumprimento formal com uma inclinação respeitosa.

– Agradecemos por essa audiência, conselheiros – disse Lamayer.

Seus olhos se cruzaram com os de Madame Margaux, que lhe sorriu discretamente. Ela sempre gostara da família de Jean. Estivera muito presente quando sua mãe morreu e, depois, quando seu pai desapareceu. Certamente ela tivera muito trabalho para reunir toda aquela gente ali para ouvi-los.

Na cadeira do meio estava Petrus Dion, um homem negro de olhos penetrantes e sorriso gentil, emoldurados por uma barba rala já grisalha. Era o representante dos Lobos Castanhos, geralmente conciliadores e defensores da paz. Ao lado dele, à direita, estava um homem alto de olhos duros e rosto quadrado. Era Honoré Bouchet, representante dos Lobos Negros, bélicos por natureza. Sabiam que Madame Margaux fizera de tudo para que fossem ouvidos. Mas ela não tinha poder sobre a decisão dos outros. Conseguir o apoio dos outros dois era agora uma tarefa do duque das Vertentes. O maior desafio era conseguir a unanimidade necessária, posto que um dos conselheiros faria tudo pela paz e o outro não evitaria a guerra.

– Seja bem-vindo, duque das Vertentes – disse Petrus com uma voz suave

e um sorriso acolhedor. – Soubemos que queria falar conosco. Vejo que seus filhotes estão feridos...

Lamayer olhou para o lado vendo Philippe e Prateada limpos, penteados, bem-vestidos, mas o rapaz ainda com uma tipoia no braço direito e a moça com uma faixa nova no braço esquerdo.

– Pois é... – disse o duque. – Se juntar os dois não dá um.

Petrus e Madame Margaux riram discretamente, quebrando um pouco a tensão. E Lamayer achou que era hora de começar.

– Eu venho ao Conselho porque temos uma questão muito séria ocorrendo nesse exato instante. Por defender esse jovem dos vampiros, meu chateau está sob ataque dos soldados do rei há três dias.

– Mas eu soube que os vampiros possuem um documento que prova a compra e que é assinado por um dos seus nobres – disse Honoré, sempre sério e com olhar que parecia investigar seus mínimos movimentos.

– É verdade – respondeu o duque. – Mas o documento em questão não tem nenhum valor. Ravin Denvier não tinha direito nenhum de vender esse rapaz a quem quer que fosse.

– Mas ele não é um mestiço sem nome? – perguntou novamente Honoré.

– Ele é um mestiço, mas tem nome. O nome dele é Philippe du Noige Lamayer. É filho de Pelouse Lamayer, meu irmão. Portanto, mesmo mestiço ele também é um nobre.

Honoré e Petrus pareceram perplexos e houve um murmurar de surpresa entre os expectadores.

– Mas isso não deveria significar nada – tornou Lamayer. – Mesmo que ele não tivesse sangue nobre, não deveria haver uma lei que permitisse a venda de um lobo a vampiros.

– São os termos do acordo... – disse calmamente Petrus.

– Então o acordo deve mudar – retrucou firmemente o duque. – O acordo nos dá mais deveres do que direitos. A cada ano, os vampiros avançam um pouco mais, testando até onde podem ir. Se não impormos um limite, vamos terminar exterminados. Nosso rei mandou atacar meu chateau e me perseguir para que eu não chegasse até aqui. Ele me negou o direito dessa audiência da primeira vez que pedi. Apoiar os vampiros e atacar seu povo não condiz com o que se espera de um monarca da Alcateia.

A porta se abriu com um estrondo.

– O tribunal está fechado! – disse Madame Margaux, sem ver quem se aproximava. – Ninguém mais deve entrar.

E então o rei Antoine caminhou pelo piso de mármore até eles, com uma capa vermelha e um gibão preto bordado em dourado.

– Se estão falando das ações do rei, então o rei pode se defender – disse ele.

Quando ficou ao lado de Lamayer, olhou para este com desprezo. Voltou-se então para a tribuna.

– Não apoiei os vampiros – disse então. – Apoiei a lei. Mantive nossa palavra. Nós assinamos a Trégua das Trevas há mais de três séculos. Se não cumprirmos o acordo, se o quebrarmos, estaremos jogando nosso povo em mais uma guerra que dizimará milhares de vidas. Eu estou mantendo a paz!

– Você está vendendo nossos jovens! – respondeu Lamayer. – Essa paz está sendo comprada com o sangue deles, literalmente!

– Estamos falando apenas de um mestiço – tornou o rei, impassível.

– Mas ele não foi o primeiro... – disse Madame Margaux. – Certo, majestade?

O rei se empertigou, incomodado com a pergunta.

– Apenas cumpra a lei – respondeu finalmente.

– Mas nós temos ouvido várias queixas de vários châteaux sobre desaparecimentos – tornou Petrus. – Há sempre vampiros na região quando isso acontece. São crianças, jovens, mestiços e até adultos que simplesmente desaparecem nas florestas e estradas... E aparentemente, nunca houve nenhuma investigação em nenhum desses casos. Pode nos explicar por quê?

– Não havia nenhuma prova de que os vampiros estivessem envolvidos nesses desaparecimentos e eu não podia arriscar enfurecer nossos aliados sem provas! – defendeu-se o rei.

Os três da tribuna se entreolharam.

– Vocês não veem? – indignou-se o rei. – Estamos vivendo em paz há 380 anos! Podemos perder tudo por um mestiço qualquer! Um mestiço com o qual o duque das Vertentes não se importava antes disso tudo acontecer! O que me parece é que o duque está armando um golpe para colocar no poder sua protegida, a tal pura Prateada.

– Ele está jogando a culpa disso tudo na gente? – murmurou Prateada para Philipe.

– É o que parece...

– Vamos aos fatos! – disse Honoré. – Duque das Vertentes, por que deveríamos desonrar um acordo que tem funcionado há tanto tempo com nossos antigos inimigos?

Lamayer não respondeu de pronto, pressentindo que Honoré não estava sendo convencido pelos seus argumentos.

– Porque hoje eles pedem um mestiço com quem vocês não se importam – respondeu o duque. – Se cedermos, vão pedir mais. Um dia, vão levar os filhos

dos seus vizinhos, dos seus amigos. Até um dia exigirem os seus.

– Isso nunca vai acontecer! – retrucou o rei com um sorriso arrogante.

– Já está acontecendo – tornou Lamayer.

– Mas não podemos confirmar se os desaparecimentos têm ligação com os vampiros... – argumentou Petrus.

– Não precisamos – falou o duque. – Há três dias, o capitão do exército do rei chegou com um documento assinado por sua majestade exigindo minha prisão, a entrega de Philippe e de mais 30 crianças do château como compensação pelos aborrecimentos que causamos aos vampiros.

Novo burburinho de perplexidade se elevou na sala e não se podia ignorar a reação dos conselheiros que estavam entre a surpresa e a incredulidade.

– Isso é verdade, rei Antoine? – perguntou Honoré.

O rei piscou algumas vezes.

– Nós estávamos lá! – disse Thomás. – O capitão Dimitri leu esse documento em voz alta e disse que se houvesse resistência, tinham ordens de queimar todo o château.

O burburinho de indignação cresceu e Honoré precisou pedir silêncio. Todos olhavam para o rei esperando uma explicação.

– É verdade que assinei esse documento... – disse, por fim. – Mas o capitão Dimitri estava ciente de que não deveria ferir gravemente ou matar qualquer lobo branco, a não ser que fosse absolutamente necessário. O documento nada mais era do que um blefe para impedir a revolta que pode acabar de vez com o acordo de paz.

– Duque das Vertentes, o senhor pôde comprovar se o capitão Dimitri seguiu essas ordens durante a batalha? – perguntou Madame Margaux.

– Na verdade... Nós saímos antes... – respondeu com certo embaraço o duque. – Precisávamos chegar aqui o quanto antes.

– Então nem da primeira batalha o duque participou? – perguntou com desdém Honoré, pois os lobos negros eram muito orgulhosos de serem exímios guerreiros e detestavam ações desonrosas e covardes, como fugir de uma luta.

– Eu estive na primeira batalha! – disse Philippe, dando um passo a frente.

– Você não tem direitos, mestiço! – berrou o rei, avançando sobre o rapaz e fazendo-o dar vários passos para trás. – Não pode falar nada!

– Eu gostaria de ouvi-lo! – Petrus falava de forma mansa, mas com tamanha firmeza que era impossível ignorá-lo, mesmo que ele só tivesse pedido para passar o sal. – Aproxime-se, menino.

Ainda com olhos assustados no rei que lentamente foi saindo do caminho, Philippe se aproximou da tribuna.

– Dá para entender porque os vampiros o querem... – disse Madame Margaux, com a concordância dos outros.

– Se você não pode se transformar, como esteve na batalha? – perguntou Honoré que parecia sempre estar procurando uma mentira ou falha na história.

– O duque me mandou ficar no castelo ajudando sua filha, Celine, durante o cerco – explicou Philippe, contando o que houve há três dias e já pareciam três meses. – Mas eu não podia permitir que pessoas... Lobos morressem por mim enquanto eu ficava na segurança do castelo. Simplesmente, não me parecia certo. Eu fui escondido com os soldados. Quando a batalha começou, eu subi em uma árvore de folhagens espessas de onde eu pudesse mirar e atirar minhas flechas.

– E o que suas flechas faziam a lobisomens? – riu Honoré.

– Eu embebi as pontas em uma mistura especial que causa lentidão e uma sonolência impossível de se resistir.

– Por que não as embebeu em veneno? – tornou Honoré. – Afinal, eram inimigos tentando invadir seu lar e ferir os seus!

O tom de reprovação na voz do conselheiro fez com que o garoto ficasse inseguro sobre suas escolhas. Mas se ateu à verdade, pois era o que podia fazer.

– Eu não queria que ninguém morresse... – explicou, hesitante. – O capitão Diderot sempre dizia aos seus homens para não matarem os soldados do rei, pois eram nossos irmãos e não tinham culpa de estar naquela situação. Mas, na hora da batalha, os soldados não tiveram a mesma cortesia. Eles avançaram com golpes fatais e perdemos vários dos nossos logo nos primeiros minutos. Eu procurei desacordar os que eram mais violentos.

– Bom, parece que seu capitão achou que o documento era para ser seguido à risca, rei Antoine. – disse Madame Margaux.

– E vocês vão acreditar na palavra de um mestiço? – desdenhou o rei.

– O que aconteceu depois, rapaz? – perguntou Honoré.

– Um dos lobisomens do rei percebeu minha presença e me perseguiu. Eu fugi, mas ele me alcançou e se não fosse o capitão Diderot, eu não estaria aqui agora.

– E como você veio parar aqui mesmo? – perguntou Petrus. – Pelo que

entendi, você pretendia dar apoio na batalha.

– Era a minha intenção – concordou Philippe. – Mas o capitão me mandou de volta para o acampamento para onde estavam levando os feridos e eu fiquei lá para ajudar. Quando os vampiros atacaram...

– Que vampiros? – perguntou Honoré.

– Eu não sei... Mas eles surgiram de surpresa no acampamento e atacaram nossos feridos. Perseguiram um dos nossos pela floresta e eu fui atrás para ajudar. Nos perdemos e o duque nos achou... Bem, foi assim que acabei aqui.

Os conselheiros então se voltaram todos para o rei.

– Não posso ser responsável pelo que os vampiros fazem, conselheiros! – argumentou, não muito seguro.

– Mas sua majestade disse que daria permissão aos vampiros de invadirem o château para pegarem sua “propriedade”... – disse Lamayer. – Pouco antes de me negar uma audiência com o Conselho e me jogar na masmorra, disse que era o que faria. E os vampiros realmente invadiram o château e atacaram selvagememente tudo o que encontraram no caminho. Até o príncipe Lucien estava lá!

O rei ficou sem palavras. O silêncio era constrangedor. Até que o rei recuperou sua altivez e voltou a falar.

– Talvez eu tenha cometido alguns erros... Mas lembrem-se de que tudo o que eu fiz foi pela paz. Por causa do duque das Vertentes e desse mestiço, estamos à beira de uma nova guerra. Lembrem-se de quantas vidas pereceram na primeira. Lembrem-se daqueles tempos negros de dor, lágrimas e insegurança, quando nossa população foi reduzida a um terço do que era! Os vampiros se reproduzem como moscas, enquanto nós ainda temos lobos irresponsáveis como Pelouse que se agregam a humanas que poluem nosso sangue e geram mestiços inúteis. Entregar os mestiços e fracos aos vampiros não só mantém o acordo, mas também nos livra do fardo de carregar e sustentar gente que não servirá pra nada, nem mesmo para procriar. Então, pensem bem ao decidirem. O que vale mais? A vida de um ou a vida de um milhão?

O silêncio que se seguiu foi preocupante. As palavras do rei tiveram um impacto nos conselheiros e na audiência. Foi Honoré quem falou primeiro.

– Já temos informação o suficiente para deliberar.

Alguém tocou um sino e todos se levantaram. Lamayer e sua comitiva se inclinaram quando os três membros do Conselho se levantaram para sair. Eles foram para algum lugar atrás das cadeiras e desapareceram atrás de uma porta protegida por dois de seus guardas.

O rei se virou para Philippe com olhos brilhantes de ódio e Lamayer

passou o rapaz para trás de si com o braço, passando a encarar o rei ele mesmo.

– Você vai nos mergulhar em sangue... – disse o rei entredentes.

– Você já nos mergulhou em vergonha – respondeu o duque.

A comandante Sanadier apareceu e retirou o pequeno grupo do salão, guiando-os para fora dali, enquanto o burburinho das conversas aumentava. Deixaram a tribuna para trás, esperando que o esforço tenha sido o suficiente.

Capítulo 41

A Coroa aos Seus Pés

E les foram guiados para uma sala acarpetada com cadeiras confortáveis e uma mesa preparada para eles. Estavam de fato famintos, mas a tensão inibira a fome que foi sobrepujada pela preocupação. Nem mesmo Prateada avançou na mesa com pães, queijo, bolos e chá. Entraram mudos e permaneceram no meio da sala perdidos cada qual em seus próprios pensamentos.

– Vocês foram muito corajosos – disse a comandante. – Com certeza vão levar isso em consideração.

– O que acontece agora? – perguntou Philippe.

– O Conselho vai deliberar e só vai sair da sala quando tiverem uma resposta unânime.

– E se não for unânime? – perguntou Prateada.

– Não existe essa opção – respondeu a comandante. – Pode durar horas, dias, semanas... Mas em algum momento, uma resposta unânime sairá de lá.

Sanadier lhes disse para ficar à vontade, comerem e descansarem um pouco, pois sabiam que estavam todos exaustos. Desejou-lhes sorte e deixou a sala.

Em silêncio, eles vagaram pela sala. Octavien foi até a mesa e pegou um pãozinho que mastigou sem sentir o gosto. Prateada foi até uma liteira e se deitou para descansar. Acostumada a dormir muito, aquela jornada estava exigindo demais dela, a ponto do cansaço se tornar mais pesado do que a fome. Bastou que se recostasse por um minuto para seu corpo relaxar, seus olhos se fecharem e cair em sono profundo.

Philippe foi até uma varanda e apoiou-se na grade observando o céu já negro pontilhado de estrelas. Não percebera que tanto tempo se passara desde que chegaram na cidade, mas já estava de noite, e outra batalha ia acontecer no château. Pensou em Diderot, em Celine, em Jacques, em Chalise e em Eponine. Seu coração se encheu de saudade dessas pessoas e um temor de nunca mais vê-los gelou sua alma.

Não sabe quanto tempo ficou ali absorto em seus devaneios e preocupações, quando percebeu que alguém se aproximara. Virou-se e ao seu lado estava o duque, apoiado na grade como ele, olhando o céu que cobria uma floresta escura e um lago ao longe.

– Vocês fizeram bem em vir – disse Lamayer.

– Prateada foi de grande ajuda mesmo – concordou o rapaz.

– Não só Prateada – corrigiu o duque.

Philippe se virou para o homem surpreso. Este o olhou sem sorrir, mas com olhos mais suaves.

– Você pensou bem... – concluiu. – E foi bom tê-lo conosco nessa jornada.

Philippe percebeu que isso era o mais próximo que o duque ia chegar de um “obrigado”, e já estava muito bom para ele.

– Mesmo que a decisão não seja a que esperamos? – perguntou Philippe.

– Fizemos tudo o que podíamos – respondeu Lamayer, parecendo tranquilo. – Agora não está mais nas nossas mãos.

Ficaram os dois em silêncio observando o céu, deixando os pensamentos flutuarem de estrela em estrela, indo do passado que viveram ao futuro incerto. Até que Philippe se virou para ele.

– Remorso? – perguntou o rapaz.

O duque respirou profundamente.

– Só um – respondeu finalmente.

Philippe aguardou qual seria, tendo uma lista de possibilidades, muitas envolvendo que ele e sua mãe jamais tivessem aparecido no Chateau das Vertentes, até que o duque concluiu a resposta.

– Não ter matado aquele corcunda filho da mãe antes.

Com certeza ele ouvira a confissão do corcunda e sabia que fora ele quem entregara o documento e contara tudo o que aconteceu para o príncipe Lucien, o que jogou por terra a tentativa de encobrir o que fizeram.

Philippe riu. E o duque também.

– O Conselho voltou!

Prateada acordou confusa sem saber exatamente onde estava e quanto tempo dormira. Levantou-se em um salto, pronta para fosse lá o que fosse. Haviam se passado muitas horas desde que o Conselho se reunira. A Lua que estava pouco acima do horizonte quando Philippe e o duque conversaram agora passava do meio do céu. O grupo se entreolhou. Sem nada dizer, seguiram a comandante de volta ao tribunal. Caminharam em silêncio, sabendo que agora, de uma maneira ou de outra, tudo terminaria.

Entraram no salão com a mesma sensação de sonho, como se tudo estivesse acontecendo lentamente. Os conselheiros já estavam em suas cadeiras. Ficaram diante dos três sábios e aguardaram. O rei Antoine estava sentado em uma rica cadeira decorada em uma área destinada aos nobres, quase ao lado da tribuna. Vê-lo ali, tão seguro e confortável, não deu uma sensação boa.

– Em primeiro lugar, eu gostaria de dizer que admiro sua coragem e determinação – disse Petrus, dirigindo-se a eles. – E que prezo a paz acima de qualquer coisa. A guerra causa feridas no povo que levam séculos para cicatrizar. Considerando todos os males que uma guerra pode trazer, não só para o nosso povo, mas para os outros que nada têm a ver com isso, como os humanos, não é uma decisão tão difícil. Basta sacrificarmos os mais fracos e fazer algumas concessões.

Petrus fez uma pausa. Houve silêncio e nenhum respirar se ouvia no grande salão repleto de pessoas que prestavam total atenção à audiência que poderia mudar o rumo da História. Philippe estava gelado. Se a decisão fosse contra eles, tudo aquilo teria sido para nada. Todo mundo sairia perdendo, mas ninguém teria um destino mais cruel do que ele. Prateada mantinha os olhos atentos, ouvindo cada palavra com tamanha ansiedade que tinha medo de não compreender o que diziam.

Octavien baixou os olhos, pressentindo a derrota. O duque, que também a pressentiu, não baixou a cabeça e continuou olhando Petrus nos olhos, disfarçando o coração que batia acelerado em seu peito. O rei sorria, vitorioso.

– O problema é que ao fazermos isso, perdemos nossa honradez, nossa dignidade e qualquer chance de nos orgulharmos de quem somos – continuou Petrus. – Como poderemos viver sabendo que sacrificamos tantos irmãos, filhos e esposas por que era mais cômodo para nós? A paz que é comprada e não conquistada costuma vir com um preço muito alto. Que tipo de povo somos nós que manda destruir um lugar inteiro porque estava fazendo o que era certo, defendendo os seus? Sinceramente, nós não merecemos essa paz se ela vai roubar de nós quem somos. E se ela vai fazer isso, então ela não é uma paz verdadeira. É só uma coleira.

Ele se levantou diante dos olhos espantados do pequeno grupo.

– Duque das Vertentes, nós já enviamos uma mensagem urgente para que o ataque ao seu château cesse imediatamente. Esperemos que chegue a tempo. Ninguém entregará Philippe, ou qualquer outro, aos vampiros. Nem hoje, nem nunca.

E então ele se virou para o rei, que estava atônito com o que ouvia.

– Majestade... – começou Petrus. – O menino que o senhor tanto despreza teve muito mais compaixão e honradez do que vossa alteza. As mãos dele estão limpas, enquanto as suas estão sujas do sangue do seu povo. E isso é um grande problema. Não podemos permitir no trono um rei que coloca qualquer outro povo antes do seu, que vende os seus por uma falsa sensação de segurança e que ordena que ataquem e queimem uma de suas próprias cidades. Não podemos aceitar um rei que ordena que vampiros ataquem os seus, sabendo

o que eles fazem e como são uma afronta à mãe natureza por caminharem, beberem e comerem sem ter um coração batendo dentro deles. Não podemos ter no trono um rei que fecha os olhos ao que acontece às crianças de seu reino, que não ouve lamentos de mães, de filhos, de pais que perderam os seus sem nunca saber o que lhes aconteceu. Não importa se são camponeses, fracos, doentes ou mestiços. São nossas crianças. E vossa majestade não só não os protegeu, mas os entregou para seus algozes em uma bandeja de ouro. E isso nós não podemos tolerar em qualquer lobo de qualquer clã, muito menos em um rei.

Ele fez uma pausa sem desviar os olhos do rei.

– Majestade, com o poder conferido ao Conselho dos Sábios, estamos destituindo seu título, seu poder e sua coroa.

Interjeições de surpresa encheram o local e o rei se levantou lentamente de sua cadeira dourada de veludo azul, incrédulo.

– Não podem fazer isso! – disse.

– O senhor pode nos entregar sua coroa agora, ou podemos pedir que os guardas a retirem – disse Honoré.

O rei olhou em volta, a perplexidade tomando todo o seu rosto e seus movimentos. Virou-se para as pessoas que o assistiam.

– Vocês vão permitir isso?

Ele esperava que aquelas pessoas que ele conhecia por serem de grande importância no reino ficassem do seu lado. Afinal, ele lhes concedera inúmeros favores. Mas ninguém se moveu.

Antoine os olhou com desprezo e ódio. E então retirou sua coroa de ouro com esmeraldas e a jogou no chão. O som metálico preencheu o salão. Ela deslizou no mármore perfeito e foi parar aos pés de Prateada. A moça então a pegou delicadamente, impressionada com sua beleza e a levou até Petrus, entregando-a com um sorriso. O homem sorriu e pegou a coroa.

– Obrigado, criança – disse ele, para que todos ouvissem. – Prometo que faremos de tudo para que a próxima pessoa que use isto seja digna.

O rei desceu de onde estava e foi para o meio do salão, fulminando Lamayer com os olhos negros.

– Vocês vão se arrepender quando virem suas cidades mergulhadas em sangue – disse em alto e bom som.

E então marchou para fora dali, dando as costas para todos e não olhando para trás.

– Duque das Vertentes – disse Petrus. – Nós estamos do seu lado. Se tivermos que ir à guerra, iremos. Mas gostaríamos de fazer uma última tentativa de acordo com os vampiros. O senhor concordaria em nos ajudar?

Lamayer teve sentimentos conflitantes, imaginando o que teriam que

fazer nesse acordo, mas, considerando tudo o que ouvira, acreditou que não seria nada antiético como o rei destituído faria. Então concordou com uma mesura de cabeça, colocando-se à disposição do Conselho para tentar mais uma vez impedir uma guerra que já parecia estar às suas portas.

Capítulo 42

O Voo dos Falcões

A comandante Sanadier apareceu ao lado do duque informando que eles deviam acompanhá-la. Enquanto isso, as pessoas que haviam assistido a audiência saíram lentamente, cochichando suas impressões. Um zumbido incompreensível de vozes se elevava pelo salão enquanto os visitantes caminharam, ainda atônitos, até a saída. Em poucos minutos, estavam fora do salão e seguiam por corredores desertos.

– Puxa! – disse Prateada, respirando fundo. – Isso foi intenso!

Ninguém discordou.

– O que acontece agora? – perguntou Philippe. – O trono fica vazio?

– Não, o Conselho assume o comando provisoriamente. Acontece quando um rei morre, adoece ou enlouquece. Ou é só incompetente, como Antoine.

Lamayer arqueou as sobrancelhas com anuência, espanto e uma pitada de prazer em saber que sua primeira impressão de Antoine estava certa. Era um boçal.

– Vocês devem estar com fome – disse Sanadier. – Seus aposentos serão preparados para que possam descansar, mas antes será servido um jantar.

– Desculpe – interrompeu Lamayer. – Mas eu preciso falar urgentemente sobre a situação do château com alguém do Conselho...

Nesse momento, Sanadier abriu uma porta de madeira.

– Então pode escolher com qual deles deseja falar – disse ela, deixando a vista livre para que pudessem ver o interior da sala.

Havia uma grande mesa de madeira com comida farta sendo servida por criados. Conversando e tomando vinho estavam Madame Margaux, Petrus Dion e Honoré Bouchet, sem as túnicas negras e agindo informalmente como velhos amigos.

Foi este último que com uma simpatia que não sabiam que ele possuía os convidou a entrar com um gesto de mão.

– Venham! Estamos ansiosos por ouvir suas histórias! Comam e bebam conosco!

Eles entraram, e mesmo Lamayer com toda a sua pompa parecia inseguro.

– Não sejam tímidos! – disse Madame Margaux. – A comida está ótima e vocês devem estar famintos.

Não sabiam que estavam até sentirem o aroma delicioso do pato assado com batatas servido com um creme de abóboras de cor divina.

– Que cheiro bom! – disse Prateada, sendo a primeira a se sentar.

Acomodaram-se em volta da mesa e logo um rapaz veio encher seus copos de vinho.

– Desculpem-me se estou sendo indelicado – disse Lamayer assim que terminaram de encher sua taça, – mas o Château das Vertentes está em seu terceiro dia de batalhas. Eu não tenho a menor ideia do que está acontecendo por lá, mas precisamos fazer alguma coisa!

– Calma, Jean! – sorriu Madame Margaux tocando gentilmente a mão dele. – Nós já fizemos! Assim que chegamos a um veredicto sobre seu caso, enviei três dos nossos falcões para o Château das Vertentes.

– Falcões? – perguntou Prateada.

– Falcões! – riu Petrus que parecia se divertir com os jovens. – O Conselho dos Sábios tem uma tradição de falcoaria que atravessa os séculos. Todos os que fazem parte da corte, dos militares à nobreza, como o duque aqui presente, sabem que quando um dos nossos falcões chega a um local, qualquer ação deve ser imediatamente suspensa até que se leia a mensagem que ele traz.

– Nossa! – espantou-se Philippe, comendo uma batata. – Isso é impressionante!

– Falcões são aves maravilhosas! – disse Honoré, que nutria especial amor por esses animais. – São inteligentes e leais! E muito determinados. Costumamos mandar um, mas devido à gravidade da situação, enviamos três. Assim, ninguém poderá alegar que cometeu um erro achando que era um pássaro comum, ou que a ave não chegou.

– Isso significa que eles já estão a caminho. É a forma mais rápida que temos de passar uma mensagem, mesmo que parem para descansar.

O duque deveria se sentir aliviado, mas ainda estava preocupado e tenso, imaginando que deveria estar fazendo algo naquele momento ao invés de comer confortavelmente em um palácio.

– Não há nada que você possa fazer pelo seu château agora, duque das Vertentes – disse Petrus com sua voz calma. – Então, relaxe e coma. Isso vale para todos vocês. Já fizeram a sua parte.

A ideia de que a missão deles havia terminado flutuou como um balão surreal acima da mesa. Depois de tantos obstáculos, tinham chegado ao

Conselho, exposto seu caso e tido uma vitória muito maior do que esperavam. Afinal, quem é que poderia prever o desfecho da forma como ocorreu?

– O que houve com vocês dois? – perguntou Honoré, percebendo o braço enfaixado de Prateada e o braço na tipoia de Philippe.

– Encontramos um monstro no caminho – respondeu Philippe sem perceber que suas palavras soaram como as de uma criança contando um pesadelo.

– Um monstro?... – perguntou Honoré, enquanto os outros franziam o cenho curiosos.

– Um monstro. Uma besta na floresta de Gévaudan – explicou Octavien. – Era enorme e tinha duas cabeças horrendas.

– Cruzes! – disse Madame Margaux com uma careta. – E de onde veio essa criatura?

– Eu acredito que ela seja fruto de experiências que os magos e a Igreja estão fazendo com a nossa espécie – respondeu Lamayer. – Já encontramos uma vez um lobisomem em uma lua minguante que ignorava o fogo e se comportava de maneira alucinada.

– Isso é grave – disse Petrus com ar sério. – Não é algo que podemos ignorar.

– Uma crise de cada vez – interrompeu Honoré. – Nesse momento, temos um reino sem rei e uma guerra às nossas portas. Vamos nos concentrar nisso primeiro. Duque das Vertentes, nós enviamos um emissário para o príncipe Lucien solicitando uma audiência com ele para falarmos de paz. Se ele aceitar, vamos propor que o acordo seja revisto, retirando a cláusula de venda de um lobo em qualquer circunstância.

Os outros mantinham um olhar interessado, esquecendo até de comer.

– Mas eles são orgulhosos – continuou Honoré. – Vão querer alguma compensação. Então, pensamos que você poderia fazer um pedido formal de desculpas.

Lamayer largou os talheres no prato sem perceber e tentou engolir a carne que se embolou na sua boca. Tomou um gole de vinho para empurrar e respirou fundo.

– Sabemos que não é fácil o que estamos pedindo – disse Madame Margaux. – Mas se demonstrarmos boa fé e boa vontade, há uma chance de retomarmos esse acordo e evitarmos uma nova Guerra das Sombras.

Lamayer pensou um pouco olhando para o nada. Então anuiu lentamente com a cabeça.

– Está bem. Eu farei o que me pedem.

Madame Margaux sorriu e propôs um brinde.

– Então, brindemos a um novo tempo de paz com um rei sábio no trono!

As taças tilintaram e todos beberam o vinho. Uma vez que aquele assunto havia sido tirado do caminho, a conversa fluiu mais facilmente e bem menos tensa. Mal viram as horas passarem, até que os olhos começaram a pesar. Os três conselheiros se levantaram e desejaram uma boa noite. Uma criada então acompanhou os visitantes para uma ala no palácio onde havia acomodações confortáveis utilizadas por juízes, defensores e promotores quando precisavam passar a noite ali, estudando ou montando casos.

Os quartos eram próximos e haviam sido preparados para eles. Octavien e Thomás estavam altos com as taças de vinho que serviram para acalmar a mente depois de dias tão tensos. Não demorou muito para que de seus quartos viesse apenas o silêncio de um sono profundo.

Prateada olhou para seu quarto e tirou lentamente o vestido, colocando a camisola que esperava por ela sobre a cama. Havia uma ânfora com água fresca e frutas em uma bandeja que enchiam o aposento com aroma de maçãs. Ela se sentiu solitária e, ao mesmo tempo, sentiu uma saudade incontrolável de Philippe. Abriu a porta e olhou o corredor vazio. Saiu de fininho com um cobertor e um travesseiro e bateu levemente na porta do quarto ao lado. O rapaz abriu a porta, já sabendo que era ela.

– Eu sei que Constance disse que uma moça não deveria dormir na cama de um rapaz – disse ela, – mas eu não vejo nada demais e não quero passar a noite sozinha hoje.

O rapaz sorriu e a deixou entrar. Eles passavam muito tempo juntos no chateau e nas viagens que fizeram na apresentação dela aos outros senhores e senhoras de castelo. Apesar de ambos terem sentido desejos que iam além dos beijos e toques, sempre se controlavam, pois sabiam que o que sentiam um pelo outro não seria bem recebido pelos lobos. De qualquer forma, quando o desejo começou a ficar maior do que suas vontades, Prateada foi mandada para o Chateau das Letras. Pouco depois, Philippe foi vendido aos vampiros. E desde então, nada mais foi como antes.

Philippe também estava com um camisolão que era comum à nobreza na hora de dormir. O quarto era muito parecido com o de Prateada, com tapetes no chão de madeira corrida, quadros nas paredes, cortinas pesadas nas janelas e uma cama grande arrumada com cobertores. A janela estava aberta e, depois de jogar suas coisas sobre a cama, a moça foi até lá para olhar a vista. Havia um jardim iluminado por postes com lâmpões e uma chuva fina começara a cair. Ela esfregou os próprios braços, sentindo um pouco de frio. O rapaz colocou sobre seus ombros uma manta que estava sobre uma poltrona e a abraçou com o braço

bom, ficando atrás dela e recostando o rosto na face dela.

– É aqui que eu vou ficar se virar rainha?

– Acho que ficará no palácio. Não fomos lá ainda, mas deve ser ainda mais luxuoso que aqui.

– Humm...

– Não gostou? – perguntou ele, percebendo que ela não parecia muito animada.

– Sinto saudades de casa... – disse ela.

E de repente, Philippe percebeu algo que o surpreendeu.

– Eu também...

Ela recostou a cabeça no ombro dele, aninhando-se no abraço terno.

– Espero que Diderot, Celine e Jacques estejam bem... – disse ela por fim.

– Eles são inteligentes. E fortes. Estão bem, sim... – ele não tinha certeza disso, mas gostaria de afastar a preocupação mórbida que se aproximava do coração dela. De que adiantaria pensar no pior naquele momento?

– Venha, está frio. Vamos dormir.

Ele fechou a janela e eles se aninharam na cama, por baixo da coberta pesada. Ficaram em silêncio por alguns instantes e Philippe achou que ela já estava dormindo quando ouviu sua voz.

– É verdade que nós derrubamos um rei hoje?

Ele riu.

– Acho que sim!... – respondeu. – Quem diria que um mestiço ainda iria derrubar um rei?...

Ela riu também e lhe deu um beijo no rosto. Eles se olharam longamente e o beijo foi para os lábios, mais quente, mais longo e mais doce. Quando se olharam de novo, perceberam que essa era a primeira vez em que o desejo os unia novamente desde que se reencontraram. Voltaram a se beijar e a mão dele tocou em sua cintura. Ela sentiu-se arrepiar e passou as mãos nos cabelos negros e macios dele. A mão dele começou a subir para os seios duros e ela desejou tanto aquilo que o puxou com força para ela.

Uma físgada horrível no ombro fez com que ele visse pontos brilhantes por toda a parte. Com um gemido alto, ele voltou a se deitar com a mão no ombro ferido que ela puxara de repente.

– Desculpe! – disse ela.

Ele fez uma careta de dor.

– Odeio muito aquele bicho de duas cabeças... – disse ele, de olhos fechados, sentindo as pontadas. – Mas agora odeio bem mais!

Ela riu. Ele sempre tivera uma visão do mundo peculiar e um senso de

humor que a alegrava. Esse brilho tinha se apagado e ela estava feliz por vê-lo de volta. Ele acabou rindo também. Quando abriu os olhos, viu Prateada inclinada para ele, olhando seus olhos como se bebesse de uma fonte mágica. Ela retirou umas mechas de cabelo do rosto dele.

– Eu amo você... – disse ela. – E nenhum rei, nenhuma guerra, nenhum vampiro e nenhum monstro de duas cabeças vai mudar isso.

Ele acariciou o rosto dela suavemente com as pontas dos dedos.

– Eu amo você mais do que tudo – disse ele. – E farei qualquer coisa por você. Qualquer coisa.

Eles se beijaram de novo como se selassem um acordo secreto, o mais importante de suas vidas. Então ela se aninhou no ombro bom dele. O cansaço os alcançou e em alguns minutos estavam adormecidos.

O palácio mergulhou em silêncio. Mal dava para saber que estava fortemente guardado, pois não se derruba um rei sem o risco de retaliação. Por mais que Antoine tivesse muitos inimigos, certamente ele ainda tinha amigos, fosse porque acreditassem que ele era um defensor da paz, fosse por causa de outros interesses em comum. De qualquer forma, eles tiveram um sono tranquilo, pesado e profundo, embalados pelo canto de grilos e uma eventual coruja, longe de qualquer preocupação com monarcas vingativos ou bestas de duas cabeças. Estavam cansados demais para isso.

Menos Lamayer. O duque das Vertentes ainda manteve os olhos abertos e a mente desperta por algum tempo, imaginando o desenrolar dos acontecimentos partir dali. Seu raciocínio era entrecortado pela dúvida do que encontraria quando voltasse ao château. Sua mente vagou por campos sombrios, antes de finalmente ser vencido pela exaustão e finalmente se render à escuridão envolvente e protetora da noite no palácio.

Capítulo 43

A Última Noite

– L evem os feridos daqui!

Diderot gritava ordens em um castelo completamente caótico. Com o uniforme manchado de sangue e um filete rubro escorrendo pela têmpora, ele abria caminho entre soldados e camponeses que lotavam o salão.

– Rápido! Movam-se! Movam-se! – gritava Alain, que tinha um ferimento no braço esquerdo mal enfaixado com um pano de condições precárias.

Celine levava algumas crianças junto com idosos quando encontrou Diderot.

– Me perdoe, capitão! Eu achei que as pessoas das casas mais próximas ficariam mais seguras aqui dentro!

Ele olhou para a moça que pouco lembrava a princesa dos dias de sol no chateau. Os vestidos finos foram substituídos por vestes mais simples, manchadas de sangue e fuligem. Os cabelos loiros sempre arrumados e enfeitados com laços de cetim se amontoavam desregradamente em um coque mal feito. O rosto trazia o medo de ter tomado as decisões erradas no momento mais importante do Chateau das Vertentes.

O capitão segurou a moça pelos ombros e olhou em seus olhos.

– Você fez bem, Celine! Essas pessoas não teriam chance lá fora. Você agiu muito bem!

Aliviada, ela deu um sorriso e a gratidão brilhava em seus olhos por trás dos fios de cabelo que caíam por cima do seu rosto. Ela continuou seu caminho levando as crianças e idosos para outras áreas mais protegidas do castelo. Os soldados ajudavam os feridos ou carregavam os que nem andar conseguiam. Jacques se aproximou de Diderot ainda confuso com o súbito caos que dominou o castelo em questão de segundos com a chegada inesperada dos soldados.

– O que aconteceu? – perguntou o garoto.

O capitão olhou em volta e Jacques pôde ver a derrota em seus olhos.

– Nós perdemos, Jacques... – disse, por fim. – Não pudemos mais resistir ao avanço dos lobos do rei.

O rapaz olhou em volta, o medo evidente em seus olhos.

– Só sobraram esses soldados?

– Não – respondeu calmamente Diderot. – A maior parte foi com

Sarrazin para o sul do château, onde a maioria das pessoas está.

– E por que você não está com eles?

O capitão lhe dirigiu um olhar triste que bastou para que Jacques compreendesse.

– Porque eles virão para cá primeiro... – deduziu Jacques, sentindo as palavras saindo de sua boca como uma sentença de morte.

– Vamos segurá-los enquanto pudermos e ganhar tempo para que retirem as pessoas da cidade – disse o capitão seriamente. – Mas não somos o bastante. O castelo vai cair, Jacques. Esteja preparado.

Jacques sentiu um frio invernal lhe percorrer as veias. O capitão lhe deu um tapinha no ombro e prosseguiu gritando ordens de urgência.

Eram altas horas da noite e a maioria das pessoas dormia em camas improvisadas no castelo. Espalhadas pelos grandes salões, onde os voluntários poderiam transitar mais facilmente para prestar atendimento médico ou levar água e comida, a maioria havia sido derrotada pelo cansaço e se deixou levar pelo sono. Quando os soldados chegaram, com correria e algazarra, elas acordaram em pânico. Crianças começaram a chorar e ninguém sabia o que fazer ou para onde ir. Em poucos minutos, Diderot deu ordens a Yve e François, dois criados que estavam no local, para que tirassem todos dali e os levassem para aposentos mais protegidos. Em poucos segundos, camponeses e soldados se esbarravam pelos salões como se o lugar estivesse em chamas.

Saindo do seu estupor, Jacques começou a ajudar na evacuação. Como salão de entrada, era ali que a primeira – e provavelmente última – batalha ocorreria. Assim que conseguiu encaminhar os últimos camponeses, Jacques se uniu ao Capitão e seus homens que reforçavam o portão de entrada com uma mesa que, partida, foi transformada em ripas fortes que eram pregadas às pressas.

No salão, apenas os soldados permaneceram. Seus rostos estavam sujos e cansados e alguns se sentaram para descansar. Chalise, Constance, Eponine e Yves percorriam o salão levando água e sopa para os homens exaustos e enfraquecidos pelas três noites de batalhas.

– O que posso fazer para ajudar, capitão?

Diderot se deparou com Celine diante dele, com ar resolutivo. Nesse momento, um estrondo assustou a todos. O som de trovão tinha vindo da porta da frente. O lugar mergulhou em silêncio e todos olhavam para o grande portão de madeira agora reforçado pelos pedaços da mesa.

Outro estrondo fez com que o portão estremecesse. Pó e areia começaram a cair das paredes que o sustentavam.

– Às armas! – gritou Diderot.

Um alvoroço de soldados entrando em formação com suas espadas iniciou-se. O capitão então puxou Celine para um lado e, segurando-a firmemente pelos ombros, olhou em seus olhos.

– Você se lembra do refúgio? – disse ele. – Onde tem a pintura da sua mãe?

Ela anuiu rapidamente com a cabeça.

– Pegue Jacques e vá pra lá.

O rapaz estava bem ao lado deles ouvindo e Diderot o puxou pela camisa.

– Tire a duquesa daqui e mantenha-a em segurança!

– Mas... Mas.. Eu... – gaguejou Celine.

– Celine! – gritou Diderot e então assumiu um tom mais baixo para que só eles pudessem ouvir. – Eles não estão poupando ninguém. Dimitri já avisou que não vão fazer prisioneiros.

Ele fez uma pausa enquanto a moça o olhava confusa sem parecer entender.

– Celine... – sussurrou ele. – Quando eles entrarem, todas essas pessoas aqui vão morrer. Você tem que sair daqui.

Outra pancada fez com que ele a empurrasse para Jacques e os dois começaram a correr. O capitão foi para a dianteira e com a espada em punho, ficou em posição, enquanto a porta de madeira resistia bravamente à tentativa violenta de invasão.

Jacques puxava Celine pela mão atravessando os salões seguintes, cheio de pessoas amedrontadas. Celine viu uma senhora de idade que vendia flores aos domingos agarrada ao seu cachorro. Viu uma menina com o rosto sujo de lágrimas e terra agarrada a uma boneca de pano. Viu uma jovem protegendo seus pais idosos. Viu a rechonchuda Chalise que cuidou dela a vida inteira dando um água para uma mulher grávida.

E então Celine subitamente parou. Sua mão se soltou da de Jacques e ele se virou para ela atônito.

– Vamos! – disse ele. – Não temos mais tempo!

– Não! – respondeu ela. – Esse é o meu lar! Se eles o querem, vão ter que tomá-lo de mim! Eu não vou fugir!

O rapaz se aproximou dela, os olhos verdes arregalados de surpresa.

– Você ficou maluca? Não podemos mais fazer nada! Nós perdemos!

Fim!

A moça empinou o rosto, desafiadora.

– Eu não vou sair da minha casa! Eu vou defendê-la! Como meu pai o faria. É a minha casa!

Jacques ficou alguns segundos paralisado pela perplexidade. Ela estava falando sério e que ninguém a faria mudar de ideia. Sua decisão estava tomada tanto quanto o destino do castelo estava definido e não havia nada que ele pudesse fazer.

O rapaz concordou lentamente com a cabeça. Seus olhos estavam brilhando com lágrimas que não caíam, mas ele parecia subitamente calmo. Assim como ela, ele aceitara o que não poderia mais ser mudado.

– Está bem... – disse ele com um sorriso triste. – Então eu ficarei com você.

Ela o olhou com surpresa e uma ternura que pareceu surgir como uma fonte que ela não sabia que existia e de repente começou a jorrar abundantemente. Sentiu-se amparada, apoiada e feliz dele estar ali, mesmo que aquele momento não parecesse ter nenhum motivo para lhe dar sequer uma gota de felicidade. Ela o abraçou e ele sentiu o coração dela batendo forte junto ao dele e seu corpo tremer levemente.

– Obrigada, Jacques... – disse ela, com a voz que quase não saiu enquanto lágrimas desciam pelo seu rosto.

A moça se afastou e o olhou nos olhos.

– Mas preciso que faça uma coisa por mim.

Ele recusou, relutou, discutiu. Mas ela finalmente venceu, enquanto as pancadas aumentavam de intensidade. Então, eles se afastaram, a certeza de que aquela era uma despedida amarga fazendo suas lágrimas desenharem seus últimos caminhos nos rostos tão jovens.

– Todos vocês! – gritou ela, limpando as lágrimas com as mãos e se dirigindo às pessoas que estavam ali. – Peguem suas coisas e vão com Jacques agora! Agora! Vamos!

As pessoas se levantaram e começaram a cercar o rapaz que deu alguns passos para trás, tentando manter a última imagem de Celine em sua memória.

– Venham comigo! Ajudem os que precisam!

Celine soluçou, sentindo um pranto nascer de dentro do coração. Soluçou, vendo o rapaz desaparecer pelos corredores amplos do castelo, enquanto camponeses com suas trouxas, suas crianças, seus idosos, seus cachorros, gatos, cabras e galinhas passavam correndo por ela. A moça respirou fundo e engoliu o resto do choro. Não havia mais tempo para lágrimas agora. Deu alguns passos para trás, vendo que mais pessoas de outros salões estavam se unindo à apressada procissão que se formou. Esperava que todos chegassem bem à porta secreta e saíssem em segurança no bosque. Deu as costas voltou pelo caminho que viera.

O portão tremeu e uma das ripas improvisadas rachou. Sentindo o

movimento de alguém se posicionando ao seu lado com uma espada, precisou olhar duas vezes para se certificar de quem era.

– Celine?! O que está fazendo aqui?!

A moça o olhou com uma serenidade inesperada até para ela.

– Defendendo meu lar – respondeu ela.

Outra pancada rompeu de vez a ripa rachada. Em questão de duas ou três pancadas, aquela porta não seria mais um empecilho para os invasores. O salão estava repleto de homens e mesmo assim não se ouvia um único sussurro. Até as respirações pareciam em suspenso, enquanto os olhos estavam grudados na porta que os separava do último confronto.

A batida seguinte destruiu as outras ripas e rachou a madeira principal que segurava o portão, que já estava cedendo. O coração esperou a última pancada. A última batida. O último som de trovão que abriria de vez a porta moribunda. Eram os últimos momentos antes do prometido banho de sangue. Os instantes se alongaram, como se estivessem brincando com eles. Se de dentro eles sabiam que era o fim, é claro de lá fora os soldados do rei também sabiam. Então, por que essa demora cruel? Por que estender essa agonia indefinidamente?

Eles aguardaram que o silêncio angustiante fosse quebrado pela explosão da última pancada que revelaria os inimigos impiedosos que cumpririam suas ordens. As espadas em riste, os corações em fogo, as mentes revendo suas vidas e antecipando a saudade do que deixariam para trás e do que não puderam viver.

E então...

Apenas silêncio.

Celine olhou para o capitão, desconfiada. Diderot também estava confuso, mas ordenou que mantivessem suas posições. Mais alguns segundos se passaram e nenhum som foi ouvido. Os homens começaram a se entreolhar e buscaram no capitão uma direção.

– Fique aqui, Celine!

Ele começou a caminhar lentamente, ainda esperando que aquela porta voasse pelos ares em mil farpas de repente. A cada passo, maior o risco. Se arrebatassem a porta com ele perto demais, não teria como se defender e seus homens ficariam sem comando. Não parecia uma atitude sábia, mas não iria mandar alguém morrer em seu lugar. Continuou se aproximando com cautela, tentando discernir algum movimento por trás da abertura de alguns poucos centímetros entre as duas abas da porta que só se mantinha de pé por milagre.

Aproximou-se e colocou o rosto na fresta. Os olhos buscaram algum movimento enquanto a mente procurava uma explicação para o que estava acontecendo. Ele retirou a tranca que já era inútil ante os olhos confusos dos

outros que ainda mantinham suas posições. E então ele abriu a porta, deixando a luz cinzenta da manhã entrar.

Com a porta aberta, ele saiu lentamente, sem compreender o que estava havendo. Celine e alguns dos homens vieram logo atrás dele, tão perplexos quanto o capitão. Diante deles havia apenas o vazio. Não havia soldados, nem cavalos, nem armas. A única prova de que alguém tentara invadir o castelo era um tronco envolto em cordas que estava sendo usado como aríete abandonado no chão. A frente deles, uma pontinha de sol começava a surgir entre as montanhas.

– O que aconteceu? – perguntou Celine.

O capitão apenas balançou a cabeça, sem ter nenhuma resposta.

Dimitri tinha o uniforme rasgado por cortes das espadas dos inimigos. Ele tinha poucos homens ao seu lado, mas eram os mais selvagens e bem treinados. Essa vantagem foi aproveitada e agora ele estava prestes a ter sua vitória. Seis homens fortes usavam o tronco para arrebentar a porta. Uma vez conquistado o castelo, não haveria mais resistência. A vitória era dele. E todos sabiam disso.

– Capitão!

Dimitri viu que o soldado que o chamara e outros ao lado dele apontavam para alguma coisa no alto do portão. Ele olhou na direção e seu sorriso de vitória se esmaeceu. Não um, mas três falcões pousaram um pouco acima do portão que estavam tentando arrombar. Os homens do tronco viram os pássaros e pararam sozinhos. Dimitri pediu ao soldado do lado que lhe desse o casaco, o que o homem fez prontamente. Enrolou o casaco no braço e ergueu-o no ar. Se fosse um falcão do Conselho, responderia a esse chamado.

Imediatamente os três desceram, mas só um conseguiu pousar. Seu imediato enrolou o casaco no braço e ao erguê-lo o segundo falcão também pousou. Um soldado foi o terceiro a dar a confirmação de que o terceiro falcão também era do conselho. Os três homens procuraram a mensagem na pata do pássaro e leram. Era a mesma mensagem. Dimitri sentiu que uma pilha de pedras havia caído sobre sua cabeça. Sua vitória era retirada de seu alcance, definitivamente. Com um movimento de mãos e uma ordem seca, retirou-se com seus soldados. Não suportaria ter que dar essa explicação para os defensores do chateau.

E foi assim que, naquela manhã cor de chumbo, os homens que contavam com a morte viram o sol nascer outra vez.

Capítulo 44

A Carta de Selo Rubro

– E estou muito impressionado!

O homem de cabelos ralos e curtos olhava atentamente os pontos que Thomás dera no ombro de Philippe.

– Excelente trabalho o que seu amigo fez aqui! Praticamente não vai ficar cicatriz.

Sem camisa e sem a bandagem, era possível ver a extensão dos danos da mordida da fera. O ombro do rapaz era uma mancha de vários tons de roxo e negro em volta dos cortes feitos pelas presas tortas. Apesar de ainda muito dolorido e da aparência não muito boa, não estava infeccionado e melhoraria com o tempo.

– Olhe o tamanho disso!

Petrus estava impressionado com o tamanho das dentadas. O médico pegou uma régua e mediu cuidadosamente.

– Esses dentes devem ter mais de 15 centímetros!

– E ele tinha um monte nas duas cabeças! – completou Prateada, ao lado do duque no aposento.

Depois de mais alguns exames, o médico terminou com Philippe, que vestiu a camisa com cuidado.

– Ainda vai levar algumas semanas para a dor passar – explicou o homem. – E você não deve forçar, ou pode abrir os pontos e vai piorar de novo. Mas eu vou lhe passar algumas ervas que podem ajudar. Você teve sorte da fera não ter pego nenhum osso. Teria quebrado, com certeza.

O médico, Dr. Arnaud, se despediu e deixou o quarto. Com o cansaço, todos dormiram até bem tarde, acordando na hora do almoço. O Conselho pediu que um médico examinasse os dois jovens. O ferimento de Prateada já estava bem melhor. Se não fosse prata encantada, teria sumido em algumas horas. Mas o encontro de Philippe com a besta de Gévaudan tinha sido bem mais traumático.

– Nenhuma notícia ainda? – perguntou Lamayer.

– Infelizmente, não – respondeu Petrus. – Mas tenho certeza de que logo os falcões vão retornar com notícias. Por que vocês não aproveitam para fazer como seus dois amigos e vão conhecer a cidade?

Apesar da boa noite de sono, estavam cansados e preocupados e um

passeio não pareceu animar nem mesmo Prateada. Por outro lado, ficar ali só estava estendendo as horas. Assim, acabaram por aceitar o convite. O capitão Lafayete os acompanhou a pedido do Conselho.

– E Antoine? – perguntou o duque, enquanto passeavam a cavalo pelas largas ruas de pedras.

– Retornou ao castelo e pegou algumas coisas – respondeu o capitão. – E então, desapareceu.

– Ele não me parece o tipo de homem que abre mão do poder tão facilmente... – continuou o outro.

– Não é a primeira vez que o Conselho afasta um rei – respondeu Lafayete. – O povo tem muita confiança nos anciões. Dificilmente ficariam contra eles, mesmo que o rei mandasse.

– O que é aquilo? – perguntou Prateada, apontando para um estabelecimento com vitrines atraentes.

– É nossa principal confeitaria! – respondeu Lafayete. – Vocês vão gostar de lá, têm os melhores bolos e o chocolate mais delicioso da cidade.

A tarde passou lenta e agradável e foi capaz até mesmo de afastar os pensamentos sombrios que às vezes os rondavam. Algumas pessoas na confeitaria cochichavam enquanto observavam os visitantes que pareciam alheios à atenção que despertavam.

– Estão perguntando muito sobre vocês – comentou o capitão, tomando um café.

Os três convidados ergueram curiosos os olhos de seus pratos.

– O mestiço que causou a confusão, o duque que declarou guerra ao rei e a loba que se transformou em humana – resumiu Lafayete. – Vocês são o assunto do dia, mas confesso que seriam o assunto do dia em qualquer outro lugar também.

Prateada e Philippe experimentaram folhados com mirtílios, enquanto o duque ficou com uma fatia de bolo de café. Conversaram sobre a cidade, a política e sobre o que poderia acontecer a partir de agora.

– A guarda do rei... – comentou Philippe. – Pelo que vi no château, são muito leais a ele. Não há nenhum risco de haver uma resistência por parte deles?

Lafayete recostou-se na elegante cadeira de madeira e estofamento de veludo enquanto pensava na resposta.

– Não é impossível – respondeu finalmente. – Mas é improvável. Antoine não é tão popular assim com sua guarda. Mesmo assim, nós temos homens dentro da guarda real que são leais ao Conselho e nos avisarão se houver algum movimento nesse sentido.

A cidade era realmente luxuosa. Por toda a parte, havia jardins bem

cuidados e esculturas imponentes de personagens importantes da história da Alcateia. O capitão os levou até o outro lado da cidade, onde um imenso lago azul refletia as montanhas ao redor.

– É lindo!... – Prateada estava encantada.

– Lindo e seguro! – explicou Lafayete. – Esse lugar é uma fortaleza natural. Ninguém pode nos surpreender pelos lados, pois as montanhas nos protegem. Por trás, temos um lago rico em peixes de onde veríamos qualquer embarcação chegar.

– Não é à toa que é o lar da realeza – comentou Philippe.

Retornaram ao fim da tarde e Madame Margaux acenou para eles assim que os avistou nos jardins do Palácio da Justiça.

– Temos notícias!

Eles correram até ela que, pelo grande sorriso, só poderia ter boas notícias.

– Os falcões voltaram! – disse ela. – Um deles com uma mensagem do Capitão Dimitri...

– Ah... Aquele amor de pessoa... – deixou escapar Philippe.

– Ele informou que recebeu a mensagem e cumpriu a ordem, se retirando da propriedade imediatamente.

Eles respiraram aliviados. Ainda não sabiam como encontrariam o chateau quando voltassem. Mas ao menos teriam um chateau para voltar.

Naquela noite, Octavien e Thomás se juntaram a eles no jantar, depois de passarem o dia inteiro fora. Mais uma vez, as três pessoas mais importantes da Alcateia estavam presentes, o que lhes dava uma noção do prestígio deles naquele novo contexto. O jantar foi longo e, sabendo que o ataque ao chateau havia sido suspenso, os visitantes estavam mais soltos. Especialmente depois de algumas taças de bom vinho.

Quando o cansaço se juntou a uma barriga cheia e o vinho fez os olhos pesarem, a mesa foi ficando vazia. Até que só restaram as duas pessoas que menos beberam naquela noite: Lamayer e o conselheiro Petrus Dion.

– Sobre o rei... – disse Lamayer. – É impressão minha ou já havia uma engrenagem em movimento antes de chegarmos?

Petrus olhou longamente o duque com um sorriso de admiração.

– É um homem muito perspicaz, duque das Vertentes!... – disse ele.

– Não me entenda mal! – corrigiu Lamayer. – Não estou reclamando do apoio recebido. Só gostaria de saber se...

– ...Se estamos usando você... – completou Petrus.

– Bem... Não era bem isso que eu ia perguntar, mas, já que tocou no

assunto... Estão?

Petrus riu e olhou um pouco o vinho brilhante e escuro em sua taça.

– Não tínhamos intenção de destituir Antoine – disse ele finalmente. – Mas ele já estava recebendo nossa atenção especial há algum tempo...

– Por causa dos vampiros?

– Não exatamente – respondeu Petrus, tomando um gole de vinho. – Imagino que você tenha notado que essa é uma cidade rica.

– É a cidade real – respondeu Lamayer. – É de se esperar. Todos os outros châteaux pagam tributos ao Château Real.

– Exatamente. Mas o luxo no castelo tem crescido muito nos últimos anos. Festas suntuosas, banquetes, tapetes persas, cristais finos, talheres de ouro e reformas desnecessárias. O castelo ganhou apenas em quatro anos mais duas alas completas.

– Mas não houve aumento dos tributos nos últimos anos... – comentou o duque.

– Eu sei – respondeu Petrus. – Então, de onde está vindo esse dinheiro?

Como Lamayer não tivesse uma resposta para isso, Petrus continuou.

– O Conselho pediu para ver as contas e o tesoureiro do rei misteriosamente foi enviado para um lugar distante para cuidar de negócios da família. Nós indicamos um tesoureiro de nossa confiança, um rapaz jovem como você, mas muito bom com números. E, pouco depois, ele morreu em um acidente misterioso.

– Ser tesoureiro parece um trabalho perigoso por aqui... – comentou o duque.

– Nós confrontamos o rei e perguntamos diversas vezes de onde todo esse dinheiro estava vindo. Ele respondia enviando presentes caros. Nós começamos a observar mais de perto suas ações. Não sabíamos sobre suas decisões em relação ao menino, ou ao seu château. E, se não fosse por Margaux, ninguém saberia até ser tarde demais.

– O que acha que estava acontecendo? – perguntou Lamayer.

– Não sei... Mas uma coisa eu lhe digo. Dinheiro não dá em árvores.

A manhã seguinte começou com uma bela mesa de café da manhã. Sentindo-se mais descansados, os visitantes estavam de bom humor e apetite aberto, apesar da farta janta na noite anterior.

– Se eu continuar comendo assim, não vou conseguir correr da besta de Gévaudan quando voltarmos! – riu Octavien.

– Rezemos para que os renegados tenham dado cabo daquela coisa de uma vez por todas – respondeu Thomás.

– E que eles tenham sido mortalmente feridos no processo e não incomodem mais também – disse Prateada, que demonstrava que sua boa natureza também tinha um lado bastante rancoroso.

Um soldado entrou na grande sala com expressão de que tinha más notícias. Foi até o duque e lhe disse algo no ouvido. Mesmo com os outros fazendo silêncio, não foi possível ouvir. Lamayer usou um guardanapo para limpar a boca e se levantou apressadamente.

– Lucien mandou uma resposta.

Sem hesitar, todos se levantaram da mesa e seguiram o guarda até uma sala onde os três conselheiros, o capitão Lafayete e a comandante Sanadier estavam reunidos em torno de uma mesa de madeira escura. Honoré tinha em mãos uma carta que lia com o cenho franzido. Sobre a mesa, um envelope com um selo rubro rompido.

– Então... – perguntou o duque. – O que o sanguessuga respondeu?

– Ele aceita se reunir conosco – respondeu Petrus. – Mas não aqui.

– Ele propõe um encontro em um castelo não muito longe – completou Madame Margaux.

Houve uma pausa. Foi Philippe quem transformou em palavras o que todos estavam pensando.

– Isso parece uma cilada – disse Philippe. – Eu sei, já caí em muitas.

– O menino tem razão – concordou Petrus.

– E não é só isso que eles querem – disse Sanadier. – Exigem que a pequena comitiva que acompanhou o duque até aqui também o acompanhe até lá. Incluindo o jovem mestiço.

– De jeito nenhum! – retrucou imediatamente o duque. Se é uma cilada, não vou arriscar mais ninguém nisso.

Honoré respirou fundo, colocando a carta sobre a mesa.

– Eu entendo... Mas se queremos um acordo, vamos ter que jogar o jogo deles.

Capítulo 45

A Paz é um Cristal Frágil

Houve discussão. Aquele não era um assunto que escaparia de uma discussão. O que Lucien pedia era uma prova de boa fé, segundo sua carta, para que tudo ficasse às claras de uma vez por todas. De outra forma, ele não teria outra alternativa a não ser declarar oficialmente o fim da paz entre os filhos da noite.

– Não podemos levar até eles justamente o que eles tanto querem – disse Petrus, apontando para Philippe. – Ainda mais quando não temos o benefício da Lua cheia.

– Mas recusar será uma declaração de guerra – comentou Lafayette.

– Entrar em um castelo, de noite, cheio de vampiros vingativos não parece algo muito sábio – disse Madame Margaux.

– Então iremos preparados – sugeriu a comandante Sanadier. – Uma pequena equipe de soldados bem treinados e armas.

– E temos Prateada! – lembrou Philippe. – Eles não sabem quem ela é. Como os renegados, acham que é só um soldado, como Thomás e Octavien. Se ela for como soldado de novo, teremos um elemento surpresa, se precisarmos.

Lamayer olhou para o rapaz por alguns instantes com os olhos semicerrados.

– Está cogitando ir? – perguntou sem acreditar.

– Nada me faria mais feliz do que fingir que eu nunca recebi essa informação e ficar em casa dormindo – respondeu o rapaz. – Mas agora que eu já sei, não posso “dis-saber”.

Todos ficaram em silêncio olhando para ele. Se havia alguém que teria muito a perder se desse tudo errado, esse alguém era ele. Philippe suspirou.

– Se há alguma chance de evitarmos essa guerra, temos que tentar.

A noite estava fria. No céu, blocos de nuvens cinzentas se movimentavam lentamente, desenhando a silhueta do velho castelo no alto da colina. Quanto mais se aproximavam, mais seus corações gelavam. Os cavalos seguiram por uma trilha e alguns archotes iluminavam a entrada. Assim que chegaram ao pátio, alguns criados finamente vestidos vieram pegar seus cavalos.

Philippe desmontou ainda abismado com a grande construção medieval. Era com certeza a maior que já vira. Suas paredes de pedras se elevavam a mais de quarenta metros na direção do céu. Um dos criados lhes mostrou o caminho.

Passaram por um antigo cemitério com lápides cobertas por visgo e mato. O vento frio sibilava, fazendo com que Prateada se encolhesse dentro do seu manto e lamentasse que seus longos cachos cor de aço estivessem presos dentro do chapéu para seu disfarce. Suas orelhas estavam geladas e ela estava a um passo de se transformar em uma loba e se enroscar em si mesma em algum canto para fugir do frio.

O criado chegou na imensa porta da frente e a abriu. A porta de madeira gemeu longamente e, lá de dentro, veio luz, música e calor. Eles entraram e criados vieram para pegar seus mantos enquanto olhavam espantados para a inesperada visão.

Todo o espírito sinistro de um castelo repleto de fantasmas do passado parecia não existir lá dentro. Havia muita luz com candelabros e velas no enorme salão onde músicos tocavam e cantavam antigas canções. As pessoas presentes estavam incrivelmente bem vestidas e eram muito bonitas. Homens garbosos que dançavam com mulheres impossíveis, de cabelos impecáveis e rostos de porcelana.

Lucien se levantou de seu trono na plataforma e bateu palmas.

– Vamos dar as boas-vindas aos nossos convidados de hoje!

Ele esticou o braço apresentando o pequeno grupo que estava agora no centro das atenções. A música parou e os casais se afastaram, colocando-os ainda mais em evidência. Acompanhando a pequena comitiva do duque das Vertentes, estavam a comandante Sanadier e dez de seus melhores homens e mulheres, impecavelmente vestidos em uniformes de gala. E com eles, um dos conselheiros, Honoré Bouchet, alto e imponente, mesmo com a idade avançada.

Prateada nunca havia visto Lucien e estava admirada. Era um jovem de traços finos e cabelos longos e brilhantes, não parecendo ter mais do que 25 anos. Esguio e elegante, ele se aproximou do grupo com um sorriso encantador.

– Fico feliz que tenham vindo! – disse ele. – Assim podemos resolver essa questão.

À contragosto, o duque fez uma mesura, que foi seguida pelos outros. Afinal, estavam diante da maior autoridade entre os vampiros.

– Por favor! Vinho para os convidados! – disse ele.

– Se possível – interrompeu o duque, – gostaríamos de terminar logo isso.

Lucien o olhou por um momento e então abriu os braços em uma inclinação de cabeça elegante.

– Como quiser, duque das Vertentes! Mas espero que possam ficar conosco depois para celebrar a paz – ele se virou para um grupo de quatro pessoas que pareciam destoar do resto do castelo. Eram dois homens e duas

mulheres de roupas sóbrias que estavam juntos em um canto, observando silenciosamente. Eram bem mais velhos e não pareciam muito felizes.

Philippe os observou, imaginando quem seriam e por que o príncipe estava olhando para eles, como se quisesse sua aprovação. Assustou-se quando Lucien apareceu de repente na sua frente.

– Aqueles senhores são representantes da nossa Corte dos Antepassados – explicou o vampiro. – São os mais antigos membros da nossa espécie. Eles estão aqui para terem certeza de que não vou jogar todos numa guerra por causa de um capricho adolescente. E você deve ser Philippe...

Lucien sorriu, analisando o rapaz de cima abaixo.

– Então é você quem causou toda essa confusão!...

Philippe não desviou os olhos, embora se sentisse desconfortável diante do príncipe que parecia analisá-lo como quem olha um prato de comida.

Lucien percebeu o juvenzinho de uniforme logo atrás de Philippe.

– Vocês, lobos, têm realmente os jovens mais bonitos! Esse aqui se parece com uma moça de tão delicado!

Sem se conter, Prateada mostrou-lhe a língua malcriadamente, fazendo com que o vampiro virasse a cabeça com expressão confusa. Foi o momento em que Honoré interveio, antes que Lucien percebesse que aquele soldado não era comum.

– Ficamos felizes em saber que vocês queiram manter a Trégua das Trevas – disse o homem, caminhando e ficando diante do príncipe, que ainda olhava intrigado para o soldado esquisito que lhe mostrara a língua.

– Mas nós sempre quisemos a paz! – disse Lucien com ar inocente e quase indignado. – Quem quebrou o acordo foi o duque das Vertentes, que tomou de volta uma propriedade comprada legitimamente e matou dezenas de nós no processo.

– E é sobre isso que precisamos conversar – tornou Honoré. – Se vamos manter esse acordo, algumas cláusulas precisam mudar.

– Falaremos disso depois! – interrompeu Lucien, virando-se nos calcanhares e voltando para seu trono. – Antes, eu quero a prova de boa vontade que pedi. Quero que o duque se desculpe formalmente pela matança que fez ao tomar o mestiço de Michel Decartier.

Havia algo de estranho naquele pedido. Lamayer e Honoré se entreolharam discretamente. Nunca houve acusação das mortes dos vampiros do ninho de Michel, provavelmente porque não havia provas. Mas, se Lamayer se desculpasse por isso agora... Isso seria uma confissão.

O duque se aproximou calmamente e se posicionou diante do trono. Então, fez uma reverência.

– Eu peço desculpas por todo mal que tenha causado ao seu povo.

Lucien pareceu incomodado.

– Não é o bastante!

Todos olharam para o príncipe. Ele estava com o rosto duro, perdendo o ar inocente que exibiu minutos antes.

– De joelhos!

Alguns cochichos se elevaram no salão. Os quatro membros da Corte dos Antepassados se empertigaram, parecendo tensos. Houve alguns segundos de silêncio enquanto todos aguardavam a reação de Lamayer, um homem orgulhoso que todos sabiam ser muito difícil de dobrar.

Mas lentamente ele se ajoelhou, gerando mais burburinho de surpresa entre os presentes.

– Eu peço desculpas por todo mal que eu tenha causado ao seu povo.

Lucien arranhou o braço aveludado do trono sem nada dizer. Lamayer permanecia apoiado em um dos joelhos, olhos fixos nos olhos do príncipe.

– Nós aceitamos suas desculpas!

Uma das mulheres da Corte dos Antepassados respondeu em nome de todos, atropelando o príncipe e deixando isso claro. O duque se levantou lentamente e Lucien, visivelmente irritado, o fulminou com os olhos que ganharam um brilho avermelhado ao refletir as velas do recinto. E então, como se uma nuvem tivesse saído da frente do Sol, ele voltou a sorrir.

– Sim, lobos! Nós aceitamos suas desculpas! Agora, vamos comer e depois discutiremos os termos do novo acordo de paz.

Ele fez um sinal com a mão e criados guiaram os convidados para um salão adjacente, onde uma enorme mesa estava posta repleta de comidas formidáveis. Coberta por uma fina toalha de linho branco, os talheres e pratos brilhavam, refletindo as chamas das velas no candelabro de cristal que flutuava acima deles. Havia arranjos de flores e guardanapos elegantemente dispostos sobre os pratos de porcelana. Ao longo da mesa, aves assadas, peixes, cremes e tortas diversas dando um belíssimo colorido que enchia os olhos enquanto o aroma delicioso aguçava os sentidos.

– Parecem surpresos! – riu Lucien ao ver as expressões dos lobos. – O que esperavam? Que servissemos criancinhas e virgens?

– Na verdade, era exatamente o que esperávamos – respondeu o duque, levando um cutucão discreto de Honoré.

– Lamento decepcioná-lo! – respondeu Lucien, com um sorriso que, diferente de um sorriso comum, não trazia nada de confortante ou cordial, mais parecendo um predador que lhe mostra os dentes antes de devorá-lo.

Criados os guiaram aos seus lugares. Lamayer e Philippe ficaram

próximos e, para sua surpresa, Lucien se sentou entre eles. O que seria considerado uma honra para a maioria, para eles soou como uma provocação. Era evidente que Lucien, ao contrário dos membros da Corte dos Antepassados, não estava muito feliz em ceder e manter a paz.

– É um prazer ter vocês dois ao meu lado hoje! – disse o belo rapaz com um elegante colete de brocado negro e vermelho sobre uma fina blusa de seda branca que destacava seus olhos e cabelos negros.

E então ele se ergueu com uma taça rubra na mão.

– Eu gostaria de fazer um brinde aos nossos aliados, os lobos! Que nossa aliança seja duradoura!

Todos ergueram as taças e acompanharam o brinde do príncipe. A comida começou a ser servida e os músicos, que tinham vindo da outra sala, começaram a tocar. Uma moça tocava harpa, dois rapazes, violino e uma bela mulher cantava. O clima tinha tudo para ser agradável e quase se podia esquecer que aquelas pessoas tão felizes e belas eram criaturas mortas capazes de trucidar alguém, se desejassem. E com certeza já tinham trucidado alguém. Talvez, naquela noite mesmo.

Philippe estava se contendo. Tentou ser corajoso. Mascarou o terror que sentiu ao se aproximar daquele castelo. Agradeceu por estar em um cavalo, pois teve certeza de que suas pernas não iam mais obedecê-lo se tivesse que ir por conta própria. Agora, sentado naquela mesa, sentia o cheiro forte de flores mortas. Ouvia as risadas e via os dentes brancos dos homens e mulheres de pele alva. As lembranças daquela noite começaram a invadir sua cabeça. Os risos dos vampiros que entrecortavam suas lágrimas. As promessas vazias que debochavam de sua dor, as presas rasgando sua pele, o toque gelado em seu corpo, a humilhação, a impotência, a escuridão que começava a envolvê-lo...

– Está se sentindo bem, rapaz? – perguntou Lucien. – Parece mais pálido do que nós.

A voz de Lucien veio distante, mas ele compreendeu o que ele disse.

– Estou bem – respondeu, enquanto passava o guardanapo nas têmporas, percebendo que estava suando frio.

– Talvez queira se deitar um pouco... Temos muitos quartos lá em cima.

A menção do quarto fez Philippe se sentir tão enjoado que precisou fechar os olhos por um momento para não vomitar.

– Deixe-o em paz – a ordem veio seca de Lamayer.

– Calma, duque das Vertentes... – sorriu Lucien, virando-se para ele. – Eu só estou tentando ajudar...

A resposta foi um olhar de soslaio mais frio do que a noite lá fora.

As conversas paralelas na mesa somadas ao tilintar de pratos, talheres e

copos se tornou um pano de fundo distrativo. Ninguém mais estava prestando atenção nas conversas uns dos outros. Lucien sorriu e começou a servir mais vinho para o duque.

– Sabe, achei muito interessante quando soube que Philippe era seu sobrinho!... – disse Lucien, percebendo que ninguém mais estava prestando atenção no que ele dizia. – Afinal, o sangue da sua família sempre teve um sabor muito tentador!

Lamayer o olhou de um jeito que qualquer um saberia que deveria parar de falar naquele exato instante. Mas Lucien colocou a jarra de vinho sobre a mesa e continuou sorrindo, enquanto falava descontraidamente.

– Porque sei que você deixou uma impressão e tanto! Falaram de você por muitos anos, sabia? Menos Sasha, que perdeu a cabeça naquela mesma noite, como eu soube.

Philippe tentava sair das memórias de pesadelo e respirar fundo. Comeu um pedaço de pato, ou peru, ou ganso, ou fosse lá o que fosse aquilo, esperando que o súbito mal estar fosse embora. Ouvia as palavras de Lucien e sabia que ele estava provocando o duque. Esperava que Jean tivesse sabedoria o bastante para não cair nessa armadilha tão óbvia.

Seus olhos se cruzaram com o de Honoré, ao lado de Prateada. O jovem compreendeu a mensagem sutil nos olhos do conselheiro. Estavam quase no fim. Mais um pouco de paciência e tudo estaria terminado. Lamayer tomou um gole do vinho.

– Não sei se o menino causou o mesmo impacto que você – tornou Lucien, bebendo também enquanto falava e recostando-se na cadeira displicentemente. – Impossível saber, já que você matou todo mundo que estava lá. Mas, com certeza, o menino deve ter feito sucesso naquela noite... Se for como seu pai, que também deixou boas lembranças!

Lamayer colocou a taça na mesa lentamente. Parou de ouvir todo o burburinho em volta da mesa, pois apenas o eco daquelas palavras continuava em sua mente.

– E desse eu posso falar, pois eu estava lá! Seu sangue era encorpado – continuou Lucien. – Era um homem bonito e muito resistente! Durou várias semanas! Valeu a pena esperar anos para colocarmos as mãos nele. Afinal, o tempo para nós é relativo.

Lamayer continuava petrificado olhando para a frente, até se virar friamente para o príncipe ao seu lado.

– Está mentindo.

Lucien riu e colocou a taça sobre a mesa com uma mão, pousando a outra sobre a mesa diante do duque. O príncipe se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

– Engraçado como coisas aparentemente insignificantes como o jovem mestiço aqui ao lado podem virar uma guerra. É como dizem... Os pequenos córregos podem virar grandes rios...

Ele retirou a mão, pousada como uma peça de cera sobre a mesa, deixando sobre a toalha de linho uma coisa brilhante. Lamayer arregalou os olhos e sua respiração se alterou. Pegou o anel de ouro com a pedra de rubi que ele não via há 20 anos. Sua mente racional gritava que era uma armadilha, que era apenas um anel parecido, coisa fácil de se conseguir nas altas rodas. Mas quando viu a inscrição, não houve mais espaço para nenhuma dúvida.

Quando o duque se levantou, copos e pratos caíram, chamando a atenção das outras pessoas da mesa. Ele avançou tão rápido para Lucien que lobos e vampiros mal conseguiram compreender o que estava acontecendo.

O príncipe saltou, afastando-se de seu agressor, mas o duque puxou a espada e com vários golpes furiosos e rápidos, tentou atingir seu inimigo. Lucien se esquivou e se afastou rapidamente e, mesmo assim, viu uma mecha de seus cabelos negros serem cortados pelo fio da espada do homem furioso.

O vampiro se esquivou e foi para atrás de uma torre com um belo arranjo de flores vermelhas e brancas, mas o vaso foi partido em pedaços com um golpe da espada do duque que continuava em seu encalço como se nada pudesse impedir que ele arrancasse seu coração. Lucien tropeçou em um tapete e perdeu o equilíbrio, o que foi o bastante para o duque atingi-lo com um grande corte no peito. O príncipe gritou e caiu de costas no chão. Lamayer, com o rosto transtornado de ódio, saltou com a espada em riste para o golpe final.

Lucien foi puxado para trás e protegido pelos seus, enquanto a espada do duque acertava o chão com um som metálico. Antes que ele se levantasse e partisse para um novo ataque, o duque também foi contido pelos guardas da comandante Sanadier.

– É assim que você quer um acordo de paz?! – berrou Lucien, com a mão sobre o peito ferido, enquanto outros vampiros o apoiavam perplexos.

Lamayer finalmente percebera que caíra no truque do príncipe. Parou de se debater. Vendo que ele tinha recuperado a sanidade, os soldados o soltaram. Com os cabelos claros caindo sobre o rosto e a espada ainda em punho, o duque das Vertentes quebrou o silêncio que se seguiu após a acusação do príncipe.

– Não pode haver paz entre nossos povos – disse o duque, com voz rouca. – Porque há uma guerra entre nós!

E então ele guardou a espada e saiu do salão. Os lobos o seguiram, sem ter mais o que fazer para salvar aquele acordo. Para trás, ficaram vampiros confusos e atônitos, o fim inexorável e indiscutível da Trégua das Trevas que durara quase 400 anos e um príncipe com sangue no peito e um sorriso nos

lábios.

Próximo e último livro da saga:

O Covil dos Condenados

Table of Contents

Capítulo 1

Naquele Quarto Frio

Capítulo 2

Uma Ausência Entre Nós

Capítulo 3

Na Escuridão do Calabouço

Capítulo 4

A Inesperada Companhia na Solidão

– Você sente que quebraram algo dentro de você e acredita que nunca mais se sentirá inteiro de novo. Mas não é verdade. Essa dor irá passar, como tudo passa na vida. Talvez demore, mas você vai se reerguer. Só precisa se afastar dessa melancolia que o puxa para baixo e compreender que há muito pelo que vale a pena viver.

Capítulo 5

Há 26 Anos...

Capítulo 6

Luto, Tristeza e uma Dose de Vingança

Capítulo 7

Crime e Castigo

Capítulo 8

Melhores Amigos

Capítulo 9

O Outro Lado do Rio

Capítulo 10

O Concílio das Lamentações

Capítulo 11

O Visitante da Noite

Capítulo 12

A Decisão

Capítulo 13

Diante do Rei

Capítulo 14

Mel, Flores e Nozes

Capítulo 15

Embate entre Irmãos

[Capítulo 16](#)

[Uma Fada Triste por Companhia](#)

[Capítulo 17](#)

[Protegendo a Cidade](#)

[Capítulo 18](#)

[Escura Noite](#)

[Capítulo 19](#)

[Garras Negras](#)

[Capítulo 20](#)

[Inimigos nas Sombras](#)

[Capítulo 21](#)

[Cobras no Jardim](#)

[Capítulo 22](#)

[O Refúgio](#)

[Capítulo 24](#)

[Dança com o Sol, Dança com a Lua](#)

[Capítulo 25](#)

[A Batalha](#)

[Capítulo 26](#)

[À Traição](#)

[Capítulo 27](#)

[Corpos que Caem](#)

[Capítulo 28](#)

[Em Pedacos](#)

[Capítulo 29](#)

[A Bruxa de Gévaudan](#)

[Capítulo 30](#)

[A Floresta de Lors](#)

[Capítulo 31](#)

[No Castelo das Vertentes](#)

[Capítulo 32](#)

[Uma Teoria Assustadora](#)

[Capítulo 33](#)

[Insanos](#)

[Capítulo 34](#)

[Um Chocolate Quente](#)

[Capítulo 35](#)

[Os Últimos Minutos do Dia](#)

[Capítulo 36](#)

[Vivendo no Abandono](#)

[Capítulo 38](#)

[O Lenço Vermelho](#)

[Capítulo 39](#)

[Confronto na Praça das Roseiras](#)

[Capítulo 40](#)

[A Hora da Verdade](#)

[Capítulo 41](#)

[A Coroa aos Seus Pés](#)

[Capítulo 43](#)

[A Última Noite](#)

[Capítulo 44](#)

[A Carta de Selo Rubro](#)

[Capítulo 45](#)

[A Paz é um Cristal Frágil](#)